

PUCRS

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

HELENO ROCHA NAZÁRIO

**NOTÍCIAS DA TRAVESSIA: O STATUS FRONTEIRIÇO NOS JORNAIS  
FOLHA DE SÃO BORJA (BR) E UNIÓN (AR)**

Porto Alegre  
2017

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

HELENO ROCHA NAZÁRIO

**NOTÍCIAS DA TRAVESSIA: O STATUS FRONTEIRIÇO NOS JORNAIS  
*FOLHA DE SÃO BORJA* (BR) E *UNIÓN* (AR)**

Porto Alegre  
2017

HELENO ROCHA NAZÁRIO

**NOTÍCIAS DA TRAVESSIA: O STATUS FRONTEIRIÇO NOS JORNAIS  
*FOLHA DE SÃO BORJA (BR) E UNIÓN (AR)***

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Beatriz Corrêa Pires Dornelles

Porto Alegre  
2017

## Ficha Catalográfica

N337n Nazário, Heleno Rocha

Notícias da travessia : o status fronteiriço nos jornais Folha de São Borja (BR) e Unión (AR) / Heleno Rocha Nazário . – 2017.

275 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Corrêa Pires Dornelles.

1. Comunicação Social. 2. Jornalismo. 3. Notícia. 4. Fronteira. 5. Imprensa interiorana. I. Dornelles, Beatriz Corrêa Pires. II. Título.

HELENO ROCHA NAZÁRIO

**NOTÍCIAS DA TRAVESSIA: O STATUS FRONTEIRIÇO NOS JORNAIS  
*FOLHA DE SÃO BORJA (BR) E UNIÓN (AR)***

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Beatriz Corrêa Pires Dornelles - PUCRS

---

Profa. Dra. Doris Fagundes Haussen - PUCRS

---

Profa. Dra. Aline Garcia Strelow - UFRGS

Porto Alegre  
2017

*Dedico esta dissertação a ti,  
Joseline Pippi, pelo amor e apoio,  
e pelo sorriso capaz de alegrar  
qualquer dia enevado.*

## AGRADECIMENTOS

A caminhada acadêmica materializada neste documento é plena de presenças, às quais agradeço com serena alegria.

Os colegas Christian Astigarraga Ordoque e Luciano Suminski, interlocutores mais frequentes, com trocas de ideias e incentivos, foram importantes companheiros da jornada do Mestrado. Nós criamos uma proximidade digna de colegas de longo tempo, e espero contar com vocês sempre. Ao Christian eu devo e agradeço muito as agradáveis e frutíferas conversas no bar da Famecos, a valiosa ajuda na entrega das vias da qualificação, quando eu já tinha me mudado para Itabuna, na Bahia, as trocas de ideias e os conselhos, a amizade oferecida e as risadas que demos juntos. Um baita abraço!

Meus colegas na turma que ingressou em 2015 foram me mostrando, ao mesmo tempo em que demonstravam a si próprios, que há muitos temas que importam em Comunicação Social e por vários motivos; talvez o principal deles seja o fato de estarmos imersos em tantos e distintos fluxos comunicacionais hoje, assim como estivemos em nossas infâncias e, sem dúvida, estaremos até o fim de nossas existências. Antônio Serpa Antunes, Bianca Garrido Dias, Bruna Atti Provenzano, Carine Simas, Daniela Seibt, Mariana Severo, Paula Viegas, Lana Baumgarten, Lino Negri, Andressa Fantoni, aquele abraço.

Um abraço também aos que conheci doutorandos: Marcel Neves Martins, Ângelo Müller, Camila Kieling, Fernanda Lopes Freitas, Luciana Reino, Letícia Cardoso, Patrícia Specht, Ranielle Moura, Francinete de Almeida, João Vicente Ribas, Roberta Simon, Paulo Pinheiro Jr., Aline Feijó Bianchini.

Os colegas do Grupo de Estudos sobre Imaginário, Sociedade e Cultura (“geiscos”, no apelido carinhoso dado pela generosa Fernanda Lopes Freitas), na rotina impulsionada pela Camila Garcia Kieling, trouxeram valiosas contribuições para um olhar ainda feliz e maravilhado por retornar ao espaço acadêmico. Tantos projetos e interesses e as diversas abordagens metodológicas ajudaram a enxergar possibilidades de novos caminhos e, também, outras maneiras de seguir por caminhos já bem percorridos.

A professora Doris Fagundes Haussen, minha primeira orientadora, é de generosidade e gentileza tão intensas quanto sua sabedoria acadêmica. Ao me incentivar a leituras e à produção de artigos para eventos durante o ano de 2015, fez com que

eu me aproximasse do meu assunto com outros olhares, outras curiosidades. A professora Doris ajudou-me a questionar as intenções e as dúvidas do projeto inicial e a ir construindo minhas novas questões, como a ideia de um indicador do status das relações fronteiriças na imprensa. Serei sempre grato a ela por sua companhia nessa caminhada inicial.

Como minha nova orientadora a partir do semestre 2015/2, a professora Beatriz Dornelles contribuiu com o interesse pela imprensa do interior, um dos seus temas de pesquisa e uma das convergências que estava lá no projeto inicial, em segundo ou terceiro plano. As leituras e indicações de autores ajudaram a fundamentar a proposta do status relacional fronteiriço na imprensa interiorana que se estuda nesta dissertação, inclusive como base para os estudos futuros que já estou desenhando. O novo foco dado ao estudo tem uma forte contribuição da professora Beatriz; os erros eventuais são inteiramente meus.

Devo um agradecimento ao professor Fábio Rodrigues Corniani, que muito me incentivou a ingressar no mestrado, primeiro enquanto coordenador da Assessoria de Comunicação Social (ACS) da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e depois enquanto assessor de Comunicação Social da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), onde hoje estou desempenhando minhas funções. A retomada do percurso acadêmico era sonho antigo; a ida para a “terra-mãe do Brasil” no início de 2016, algo que nunca pensara. A possibilidade de mudança de residência, um desafio adicional ao já representado pelo mestrado acadêmico, veio junto ao apoio em forma de tranquilidade nos ajustes de horários para comparecer e participar das atividades do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM). Aos colegas da UFSB Malu Silva Carvalho, Aquilino Souza e Luele Vésper, um abraço e obrigado pela paciência e apoio nesse período. Um abraço aos colegas da ACS da Unipampa, pelo apoio nas ausências durante 2015, na época das viagens semanais de São Borja a Porto Alegre: Francéli Couto, Aline Reinhardt, Fernando Cruz, Luan Zubarán, Fernando Siqueira, Márcio Rossarolla, Paulo Adriano de Matos Zanella. Um abraço especial ao professor Fernando Silva Santor, que ao assumir a coordenação da ACS da Unipampa em 2015 garantiu o apoio nos ajustes de horários para que eu pudesse estar na Famecos e aproveitar o rico ambiente que ali existe.

Agradeço aos meus pais, Jorge Nazário e Cledecí Bandeira Rocha, a vida, afeto e cuidados; sem eles, eu não estaria em condições de agradecer tanto e a tanta gente. Aos irmãos, Perla, Mariano e Shana (que depositou as vias para a defesa), a



convivência e a fraternidade. Sempre aprendo algo com vocês. Aos cunhados Jefferson e Kevin, por serem novos ramos viçosos da família e por cuidarem bem de minhas irmãs. À Gabi, por já demonstrar a rica pessoa que será, tendo hoje tão pouca idade.

O agradecimento especial eu dirijo à mulher da minha vida, Joseline Pippi, que soube e sabe sempre ser a companheira, a conselheira, a amiga e a esposa em cada momento. Dela partiram os incentivos mais eficazes, as palavras de apoio mais importantes, as críticas mais necessárias, os olhares mais incisivos, os melhores abraços. A ela devolvo, com a dedicatória deste trabalho, a minha eterna gratidão e a certeza de que todos os demais produtos futuros do meu labor acadêmico serão sempre temperados com a sua imagem, seu sorriso, seus comentários e seu perfume.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa parcial ao longo do curso. Isso permitiu a frequência ao PPGCOM da PUCRS e a retomada de uma caminhada acadêmica há muito esperada.

Finalizo agradecendo a Deus a vida, a sorte de ter nascido, a família em que nasci e o país no qual nasci. Isso é muita coisa boa. Espero que eu faça por merecer tantos créditos.

“– O brilhante tem numerosas facetas – acrescentou – e é possível que muitas religiões sejam moderadamente verdadeiras.

– Concordo consigo neste ponto – disse Barnard. – Nunca aprovei rivalidades sectárias. Tchang, você é um filósofo. Hei de guardar na lembrança essa sua frase: “Muitas religiões são moderadamente verdadeiras”. Imagino que vocês lá em cima devam ser uns grandes sábios, para terem descoberto tal coisa. E têm razão, disto estou absolutamente certo.

– Mas nós – respondeu Tchang com ar sonhador – estamos apenas *moderadamente certos*” (HILTON, 1974, p. 122).

“De algún modo se puede comparar el periodista con una especie de lector privilegiado de acontecimientos, a partir de los cuales va construyendo mundos posibles que luego transmitirá al auditorio.

El periodista es el autor de un mundo posible que se manifiesta en forma de noticia” (ALSINA, p 338, 2005).

## RESUMO

As formas como os jornais *Folha de São Borja*, circulante desde 1970 na cidade gaúcha de mesmo nome, e *Unión*, circulante de 1977 até 2010 na cidade argentina de Santo Tomé, noticiaram as mudanças na forma de travessia do rio Uruguai são os pontos de interesse desta pesquisa. Empregou-se a Análise de Conteúdo para o tratamento de recortes dos dois jornais nos períodos de 1982 (habilitação dos portos para importação e exportação) e 1997 (construção e inauguração da Ponte Internacional da Integração), tendo como conceito teórico central a Hipótese do Newsmaking, e entrevistas semiestruturadas com os editores dos dois periódicos para recuperação das condições de produção, rotinas e contextos relacionados aos períodos referidos. Com isso, buscou-se verificar como cada veículo cobriu esses advenços, que condições marcaram essas produções e, conseqüentemente, que diferentes relações a partir das cidades de fronteira foram apresentadas nas notícias analisadas. Dentre os resultados, constatou-se que houve diferença na visão sobre o papel da mudança da travessia para a fronteira, com o jornal brasileiro valorizando mais a dimensão econômica e negocial e o jornal argentino concedendo ênfase à proximidade cultural, sem esquecer as vantagens comerciais. As diferenças de porte empresarial entre os jornais analisados importaram não apenas na capacidade produtiva, mas na visão sobre a fronteira, mais voltada para as conexões entre as cidades de Santo Tomé e São Borja, segundo o jornal argentino, ou enfatizando a integração entre Brasil e Argentina, de acordo com o periódico brasileiro. Essa diferença de experiência da porosidade atribuída ao espaço limítrofe entre nações parece coadunar-se com os distintos tratamentos dados às notícias sobre as inovações na travessia. Além disso, notou-se predomínio de uso de lideranças políticas e empresariais como fontes, deixando o cidadão em segundo plano. Percebeu-se, também, que nos jornais analisados o porte empresarial foi pouco determinante para a circulação e comercialização de espaços publicitários na cidade vizinha. O conceito de status relacional fronteiriço serviu para demonstrar as similaridades e diferenças entre os dois jornais na abordagem da vivência na área limítrofe. Além da discussão dos resultados, o estudo apresenta propostas para apoio da imprensa aos processos locais de integração entre os municípios de fronteira e para futuros estudos nos âmbitos acadêmico e de mercado.

**Palavras-chave:** Comunicação Social. Jornalismo. Notícia. Fronteira. Imprensa interiorana.

## ABSTRACT

The ways in which the newspapers *Folha de São Borja*, existing since 1970 in the homonym Brazilian city, and *Unión*, that existed from 1977 until 2010 in the Argentinian city called Santo Tomé, announced the changes made to the crossing of Uruguai river are the main points of interest of this research. Content Analysis was used to treat the clipping of the newspapers about two periods (1982, when the two cities' ports were opened to export and import operations; and 1997, when the International Integration Bridge was constructed and opened to traffic). The Newsmaking hypothesis is a central theoretical concept, and semi-structured interviews were realized with both the publishers, to recover data about productive conditions, routines and contexts related to those periods. The researcher sought to verify how each newspaper covered those events, whose conditions conformed those productions and, therefore, what different relations were traced from the border cities and presented on the analyzed news. Among the results, it was verified that there was a difference between the newspapers concerning the vision each presented about the role of the changes in the crossing, with the Brazilian newspaper appraising the economic and business dimension, as the Argentinian emphasized the cultural proximity, without forgetting the commercial advantages. The different business size between those two newspapers were important not only in terms of sheer productive capacity, but also in the vision about the border, directed to the connections between the two cities of São Borja and Santo Tomé, or emphasizing the integration between Brazil and Argentina, according to the Brazilian newspaper. This difference on the experience of the porosity that is assigned to the adjoining space between nations seems to adjust itself with the distinct treatments each newspaper gave to the news about the crossing changes. On top of that, the study also registers predominance of use of entrepreneurial and political leaders as sources, leaving the citizen into the background. Also, the business size was of little to no relevance for issues and publicity sales on the neighbor city. Besides the discussion of the results, the study presents proposals about how the local press can offer support to local integration processes among the municipalities on the border, and to further research on academic and market levels, seeking to approximate both dimensions through applied research and mutual openness between university courses and the press on Brazil's hinterland.

**Keywords:** Social Communication. Journalism. News. Border. Hinterland Press.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Síntese das definições sobre a imprensa interiorana .....	67
Tabela 2 – Síntese dos achados .....	193

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Detalhe da capa de 29.07.1977 do jornal Folha de SãoBorja .....	90
Figura 2 – Capa de 29.07.1977 do jornal Folha de São Borja .....	91
Figura 3 – Capa de 06.08.1977 do jornal Folha de São Borja .....	92
Figura 4 – Capa de 15.01.1978 do jornal Unión .....	94
Figura 5 – edição de 15.01.1978 do Unión – anúncio Santa Rosa.....	98
Figura 6 – edição de 30.12.1997 do Unión – anúncios diversos .....	99
Figura 7 – edição de 10.02.1989 do Unión – Churrascaria em São Borja....	100
Figura 8 – Detalhe da coluna “Antenas Ligadas” - 31.12.1997 do jornal Folha de São Borja .....	106

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico1 – Distribuição dos artigos por edição do Intercom Nacional.....	29
(2001-2015) .....	29
Gráfico 2– Distribuição dos itens analisados .....	133
Gráfico 3 – Distribuição dos casos no período – Balsas .....	136
Gráfico 4 – Localização das notícias em páginas – Balsas .....	137
Gráfico 5 – Teor dos textos analisados – Balsas .....	139
Gráfico 6 – Tipos de Fontes Presentes - Balsas .....	141
Gráfico 7 – Valores-notícia - Geral - Balsas.....	143
Gráfico 8 – Valores-notícia constatados - Balsas.....	144
Gráfico 9 – Percepção do Status Relacional Fronteiriço – Balsas.....	146
Gráfico 10 - Distribuição notícias/mês - Ponte - Geral .....	149
Gráfico 11 – Distribuição dos textos por página – Ponte .....	151
Gráfico 12 – Teor dos textos – Ponte .....	152
Gráfico 13 – Tipos de fontes presentes nos textos – Ponte .....	153
Gráfico 14 – Valores-notícia observados – Ponte .....	157
Gráfico 15 – Valores-notícia percebidos – Ponte .....	159
Gráfico 16 – Status relacional fronteiriço – Ponte .....	161

## Sumário

1 INTRODUÇÃO .....	15
2 FRONTEIRAS .....	28
2.1 Estudos sobre mídia nas fronteiras brasileiras .....	28
2.2 O viés histórico .....	35
2.3 Relação com o estudo .....	38
2.4 Status relacional fronteiriço .....	43
3 O JORNALISMO EM CIDADES DE INTERIOR: NOTÍCIAS, LOCALISMO, PROXIMIDADE .....	46
3.1 A Hipótese do Newsmaking .....	46
3.2 Proximidade e localismo .....	53
3.3 Espaço e proximidade .....	57
3.4 A imprensa interiorana .....	61
3.5 A especificidade fronteiriça .....	68
3.6 Conexões .....	72
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	75
4.1 Objetos empíricos e seus contextos .....	75
4.1.1. De uma redução jesuítica a outra .....	75
4.1.2 Folha de São Borja e Unión – breve histórico .....	76
4.2 Entrevistas .....	80
4.3 Análise de Conteúdo .....	82
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	88
5.1 As experiências dos editores – análise das entrevistas .....	88
5.1.1 Histórico do jornal e do editor .....	88



5.1.2	Percepção sobre a travessia e a fronteira .....	106
5.1.3	Noticiabilidade e decisões editoriais .....	115
5.1.4	Discussão .....	126
5.1.5	Sobre o jornal Folha de São Borja.....	128
5.1.6	Sobre o jornal Unión .....	130
5.2	Análise de Conteúdo – resultados .....	133
5.2.1	A cobertura sobre a liberação dos portos de Santo Tomé e de São Borja para importação e exportação (balsas de alta capacidade).....	135
5.2.2	A Ponte da Integração .....	149
5.3	Discussão dos resultados.....	163
5.4	Propostas .....	174
5.4.1	Propostas genéricas.....	178
5.4.2	Propostas acerca da fronteira .....	181
5.4.3	Observações sobre as propostas .....	183
5.5	Considerações finais .....	185
	REFERÊNCIAS .....	197
	APÊNDICES .....	207
	APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas .....	207
	APÊNDICE B – Ficha de Análise de Conteúdo .....	212
	APÊNDICE C – Ficha de Codificação de AC.....	213
	APÊNDICE D – Lista de recortes coletados e analisados .....	217
	APÊNDICE E – Entrevista com Roque Auri Andres, editor do jornal Folha de São Borja.....	226
	APÊNDICE F – Entrevista com Carlos Segundo Zapata, editor do jornal Unión ..	253



# 1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre o jornalismo praticado neste momento histórico pode ser desdobrada em uma grande série de dúvidas, críticas e tentativas. A produção das notícias, ou do mundo possível com base nos mundos de referência e o “real”, como notou Alsina (2005), é um ramo de atividade que é cada vez mais percebido como permeado por diversas contingências. Pode-se anotar, como exemplo, desde a economia, o ambiente político e o clima cultural até a organização do espaço geográfico, os modelos empresariais, os preceitos éticos e profissionais, a história e a dimensão de cada empreendimento e os avanços tecnológicos, em especial os que alteram meios de comunicação já conhecidos e os que abrem caminhos para a criação de outros suportes midiáticos.

Como em outros campos da ação humana, pode-se ver na intrincada estruturação do Jornalismo enquanto atividade profissional e empresarial diversos processos complementares, dos quais se destacam agora dois. De um lado, um grau de standardização dos procedimentos produtivos para a notícia em cada tipo de suporte nas empresas dedicadas à produção e circulação de notícias. Nesse caso, por exemplo, veículos jornalísticos de referência<sup>1</sup> internacional e nacional tendem a influenciar empresas midiáticas interioranas brasileiras, incluindo-se aí a imprensa das cidades fronteiriças, em seus regimes produtivos, condutas empresariais e éticas, a identidade e os mitos profissionais que caracterizam o profissional jornalista em cada momento. De outro lado, em cada empresa jornalística opera a forte ligação com a localidade na qual está fazendo circular suas notícias e produtos. Essa conexão é um dos diferenciais entre as empresas que produzem os jornais de referência, ambientados que estão nas grandes cidades e zonas metropolitanas. Jornais que circulam em cidades de interior produzem e se conduzem de forma a conferir à localidade a principal razão de ser. Suas rotinas produtivas e suas decisões editoriais derivam de seu porte empresarial e das relações que firmam com a comunidade, com os órgãos públicos, com as instituições e com os detentores de poder na cidade.

---

<sup>1</sup> Veículos jornalísticos de referência conforme classificados por Zamin (2014).

Nesse sentido, convém notar uma continuidade em relação à imprensa interiorana e fronteiriça, o tema desta investigação. Alicerçadas em aparatos tradicionais de produção, as empresas midiáticas interioranas estão historicamente subjugadas a um complexo exercício de manutenção que determina suas características. Dificuldades na aquisição de receita publicitária, escolhas editoriais, custos de operação, logística, posicionamento no mercado de informações, gestão de pessoal e relacionamento com sua audiência são questões que adquirem aspecto desafiador nas cidades do interior e moldam o produto final entregue ao consumidor.

A leitura desse contexto deve considerar também as restrições econômicas adicionais impostas aos municípios brasileiros na linha e na faixa de fronteira. Com uma definição datada da época do regime militar brasileiro, as normas relacionadas à faixa de fronteira restringem a instalação de indústrias e outros empreendimentos nas cidades abrangidas, penalizando as economias locais e afetando as condições educacionais e, certamente, os hábitos de consumo de informações. Tais acondicionamentos econômicos, políticos, culturais e empresariais moldaram a intensidade e a qualidade da adoção de práticas produtivas e de recursos tecnológicos nesses estabelecimentos.

As empresas midiáticas interioranas fronteiriças e seus horizontes de cobertura empenham-se em visibilizar o local para o local, contribuindo em alguma medida para o diálogo interinstitucional e as discussões de relevância para a cidade. A pertinência dessa imprensa não deixa de existir diante da efervescência dos serviços de redes sociais pela Internet: por mais que esteja sujeita a problemas administrativos, financeiros e mesmo éticos, a função de informar as pessoas sobre temas que não devem ser ignorados, de interpretar a realidade daquele local e de provocar debates ainda é necessária. Se as redes sociais modernas estabelecem fluxos (nem sempre) recursivos de circulação de informações e opiniões com os sites jornalísticos, esses contatos também se verificam na escala de municípios, com os fatos locais sendo noticiados, compartilhados e comentados nesse trânsito informacional entre usuários e empresas.

Frente a tais transformações, alteraram-se também os vínculos entre as diferentes instâncias da esfera pública, que também foi impactada pelas novidades técnicas em sua mediação e pela crescente adoção da lógica midiática no âmbito político e econômico. Assim, soa oportuno investir no estudo dos processos produtivos

e da estrutura de veículos da imprensa fronteiriça, se possível em um viés histórico e comparativo. Afinal, as atuais mudanças nas práticas noticiosas são também alterações das rotinas que funcionaram em outras épocas.

É com o olhar de quem vive nesse cenário fugaz que se pode voltar a atenção para a prática jornalística de tempos pré-World Wide Web. Esta dissertação adiciona à análise sobre o jornalismo da imprensa de interior as circunstâncias peculiares das áreas de fronteira do Brasil, bastante afetadas por sua localização. Além de serem periféricas em relação aos seus centros políticos de poder nas esferas estadual e federal, estão ao lado de comunidades de outros países. Essa condição tem diversos efeitos na presença de órgãos do Estado nos municípios fronteiriços, número e porte de empresas, renda per capita, criminalidade, comércio, costumes de fala, de mesa, de vida cotidiana.

Antes de considerar os relatos noticiosos sobre as fronteiras a partir da imprensa local conforme escalas de positividade ou de qualidade, contudo, convém notar a sua diversidade de temas. São narrativas diferentes das verificadas no jornalismo de veículos metropolitanos (enfáticos nos relatos de alerta para a segurança dos limites territoriais da nação frente ao crime organizado e aos desastres), divergência que advém da escala de cobertura que a imprensa do interior é capaz de realizar e também da percepção, por parte dos profissionais da notícia, do quanto o fato de viver em uma área fronteiriça impacta no dia a dia dos habitantes da cidade e como isso pode repercutir na pauta do dia.

Deriva dessa relação causal o entendimento de que essa situação fronteiriça é relatada sob variadas formas na imprensa fronteiriça. Cabe a indagação do quanto e como estão registradas na produção noticiosa interiorana as gradações desse status relacional fronteiriço, pelo qual se designa o conjunto variável das conexões de dependência e interação a partir das instâncias das comunidades fronteiriças entre si, com seus respectivos centros de poder político e administrativo e com a organização estatal do país vizinho.

Estudos realizados sobre a comunicação e as áreas de fronteira do Brasil informam questões relevantes. Uma linha de investigações acompanha e analisa como a imprensa metropolitana escolhe os fatos e os ângulos para falar sobre as

idades fronteiriças.<sup>2</sup> Em suma, nesses veículos a fronteira tende a aparecer sob o prisma securitário (fronteiras invadidas, baixa presença de órgãos de segurança, contrabando, tráfico de drogas e armas, foragidos, terrorismo), como ponto de acesso a vantagens de preços devido às flutuações cambiais ou quando há desastres naturais. É a fronteira como periferia, local de perigo e de comércio aos olhos dos moradores dos grandes centros, em uma leitura providenciada pela imprensa metropolitana.

Outra linha aponta os papéis contrastantes e talvez até complementares desempenhados pela mídia fronteiriça junto às populações locais.<sup>3</sup> Articulação de sentimento de pertença nacional, convivência com os vizinhos estrangeiros, questionamento da qualidade e da conformação das interações dos cidadãos com a estrutura estatal de seus países e o Estado vizinho podem fazer parte do rol de missões assumidas pela imprensa desses municípios. Questões ligadas à identidade fronteiriça, forjada pela proximidade com o outro, o diferente tornado semelhante, e pela distância do centro de poder, podem ser contempladas nos estudos sobre a mídia fronteiriça.

Sobressai a importância da noção de travessia para explicar a fronteira, para além da noção de limite e no sentido do compartilhamento da condição fronteiriça. O risco e o interesse, em seus significados variados, podem ser encontrados através da ação de atravessar a linha limítrofe entre dois países, no trânsito pelo espaço construído pelas práticas cotidianas (CERTEAU, 2014). A travessia é consequência da fronteira, de forma recursiva (MORIN, 2011). Assim, qualquer mudança técnica e administrativa na travessia de uma linha fronteiriça depende, também, de uma modificação no status político-administrativo dessa fronteira e provoca como efeitos alterações no cotidiano daquela localidade.

Partindo do cenário exposto, buscou-se, através desta pesquisa, analisar as notícias que focalizam as mudanças na travessia da fronteira Brasil-Argentina nas cidades vizinhas de São Borja e Santo Tomé. Como arquivo de pesquisa, recorre-se aos jornais impressos *Folha de São Borja*, criado em 1970 na cidade gaúcha de São

---

<sup>2</sup> Como demonstram os trabalhos de Silveira (2011; 2014) e Brandalise (2002; 2005; 2006; 2009; 2012a; 2012b; 2014; 2015b).

<sup>3</sup> A exemplo dos estudos realizados por Brandalise (2012; 2015a), Müller (2001; 2003; 2004; 2007), Raddatz (2004; 2005; 2011), Silveira (2001; 2003), Ota e Linhares (2004), Ota (2009; 2011), Emerim e Pippi (2007) e Pippi (2014).

Borja, ainda em circulação no município, e *Unión* (1977-2010), da cidade de Santo Tomé, província argentina de Corrientes. O corpus a ser analisado é composto de notícias sobre as inovações empregadas no processo de travessia do rio Uruguai, demarcação natural entre Argentina e Brasil. Foram coletadas notícias de dois momentos históricos distintos: do início do serviço de barcas para transporte de caminhões, em maio de 1982; e da inauguração da Ponte Internacional da Integração, em dezembro de 1997. A Análise de Conteúdo e a entrevista semiestruturada foram escolhidas para a coleta de dados junto aos dois jornais e respectivos editores-proprietários. O foco é perceber as maneiras pelas quais essas mudanças foram noticiadas, tentando entender de que formas os jornais em questão anunciaram e explicaram os adventos.

Como a imprensa interiorana existente nas cidades fronteiriças aborda o que ocorre nessas fronteiras? Quais aspectos orientam as escolhas editoriais ao tratar das condições de travessia desses limites político-administrativos? No âmbito dos estudos comunicacionais brasileiros a respeito das fronteiras nacionais, as investigações sobre o jornalismo impresso fronteiriço geralmente oferecem contraponto às pesquisas que focalizam os veículos jornalísticos das regiões metropolitanas.

No recorte espacial considerado na pesquisa, a condição fronteiriça constitui e define o local. Por abordarem o local, os jornais constituintes do corpus podem ser considerados repositórios de acontecimentos e fatos sobre a fronteira, logo tornam-se fontes documentais sobre o cotidiano dos municípios onde circulam. Tanto a implantação do serviço de barcas como a construção da ponte internacional são também acontecimentos noticiosos, e o modo como foram abordadas reflete perspectivas relacionais entre os dois países— a partir de uma imprensa interiorana — que merecem ser estudadas com atenção. Da análise desse recorte espaço-temporal resultou um melhor entendimento sobre o processo de travessia e suas consequências na elaboração e afirmação de um status fronteiriço.

Cada alteração no processo de travessia suscita efeitos nos âmbitos político, econômico e cultural. As condições de transposição de uma linha fronteiriça englobam os procedimentos burocráticos das alfândegas, o policiamento, as taxas e os demais procedimentos que definem quem pode cruzar, em quais condições poderá fazê-lo e em quais tipos de sanções incorrem os infratores. Em suma, as inovações

na travessia da fronteira envolvem decisões de nível federal e internacional com impacto direto na vida cotidiana e nos negócios dos moradores das localidades limítrofes. Essa dimensão local da travessia é uma das fontes de fatos e temas a serem explorados pelos jornais e, por conseguinte, reflete como os jornais impressos fronteiriços abordam a circunstância de viver na fronteira. Os contextos temporais desses dois recortes, um deles durante os períodos ditatoriais em ambos os países e o outro na fase democrática, também deixaram marcas na construção dos relatos sobre as melhorias na travessia do rio Uruguai.

As pesquisas sobre comunicação e fronteira no Brasil, mais numerosas quando se trata da fronteira com a Argentina (NAZÁRIO, 2015), podem ser classificadas em diferentes categorias, sob risco de simplificação. A primeira categoria se interessa em estudar a produção midiática a respeito de populações e localidades das fronteiras brasileiras. Nessas investigações, que abrangem transmissões de jogos de futebol, teledramaturgia e telejornalismo, os emissores são veículos impressos, radiofônicos e televisivos de grande porte, situados em centros e metrópoles estaduais. Algumas dessas empresas integram conglomerados empresariais de audiência nacional. A fronteira e suas populações, nesses casos, são vistas de forma depreciativa; há produção de notícias que tendem para narrativas securitárias (SILVEIRA, 2011; 2014a) e estereotipadas (BRANDALISE, 2002; 2005; 2006; 2009; 2012a; 2012b; 2014; 2015b). A rivalidade entre Brasil e Argentina, elemento com origens cultural, econômica e política, é por vezes salientada em contraponto com a tendência fronteiriça à convivência ansiosa por fraternidade (BRANDALISE, 2012; 2015a; MÜLLER, 2001; 2003; 2004; RADDATZ, 2004; 2005; 2011).

Outra linha dedica-se à pesquisa da mídia na fronteira englobando tanto as empresas locais quanto as sucursais de redes regionais e nacionais de comunicação. As investigações abrangem preocupações como o mapeamento e a propriedade das empresas de comunicação (OTA; LINHARES, 2004; OTA, 2009; 2011), a formação histórica da malha de comunicação nas terras de fronteira da Região Sul do Brasil (SILVEIRA, 2001; 2003) e a produção jornalística (EMERIM; PIPPI, 2007), incluindo também a presença de diferentes etnias e idiomas em jornais impressos (MÜLLER, 2004; 2007) e mesmo de informações sobre ciência e tecnologia (PIPPI, 2014), o que serve para mais indagações a respeito do impacto que a conformação



dos municípios fronteiriços tem na estrutura e na produção das empresas jornalísticas locais.

Nesse contexto, o que permanece ainda em aberto é a construção de uma perspectiva integradora da imprensa fronteiriça. Existem ainda poucos estudos comparativos entre veículos jornalísticos impressos de municípios que constituem a fronteira, o que resulta em uma ênfase no sentido da fronteira como periferia nacional em detrimento de uma compreensão da circulação local de um sentido de fronteira como vizinhança, de contiguidade, de proximidade. Essa carência observa-se também, no âmbito acadêmico nacional, em uma baixa representação de registros históricos e sistemáticos da imprensa fronteiriça. Em adição ao valor interpretativo do passado, a recuperação da trajetória e da produção dos jornais dessas localidades forneceria meios de mapear continuidades e rupturas nas dimensões da prática jornalística e das temáticas relevantes para as comunidades, o que seria uma contribuição para futuras pesquisas e também para as novas iniciativas jornalísticas locais, independentemente do suporte midiático. Por fim, ainda há margem para conhecer mais sobre a produção noticiosa dos jornais interioranos e fronteiriços em diferentes pontos dos limites do território brasileiro com os países vizinhos. Entre os diversos questionamentos viáveis, estão os processos de organização das empresas e iniciativas jornalísticas nesses locais, o impacto da situação fronteiriça nas pautas e os vieses pelos quais a travessia da fronteira é noticiada, por exemplo.

A pesquisa aqui delineada buscou contribuir para o conhecimento sobre a imprensa interiorana fronteiriça ao explorar as notícias de dois jornais, o brasileiro *Folha de São Borja* (1970-), da cidade gaúcha da qual toma emprestado parte do nome, e o argentino *Unión* (1977-2010), da cidade argentina de Santo Tomé, a respeito de duas inovações na travessia do rio Uruguai, as barcas em 1982 e a ponte internacional em 1997. O tema (a mudança na forma de travessia) é empregado para explorar, de forma longitudinal, as escolhas editoriais dos dois periódicos acerca da situação de estar na fronteira: quais critérios de noticiabilidade importaram, quais fontes estiveram presentes nas notícias, quais pontos de vista foram veiculados. De forma concomitante, a investigação a respeito dos dois jornais visa oferecer registros sistematizados de ambas as publicações e compartilhar uma estratégia de abordagem em relação à fronteira a partir de veículos jornalísticos interioranos nela situados.

Ressalta-se a aderência do estudo à linha de pesquisa *Práticas Profissionais e Processos Sociopolíticos nas Mídias e na Comunicação das Organizações* do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social (PPGCOM) da PU-CRS. Ao se interessar pelas formas através das quais a visão sobre a fronteira e as relações com a população fronteiriça são expostas na produção dos dois jornais, atendeu-se a um dos focos da linha: “investigações nas quais entrem em foco os modos pelos quais são percebidas as práticas sociopolíticas que ocorrem no meio social e as maneiras pelas quais esses fenômenos conjunturais ou estruturais incidem sobre esses meios e campos, alterando suas rotinas, perspectivas, modos de produção e resultados”.<sup>4</sup> É com essa definição que se estudou como os dois jornais impressos, imersos e atuantes que são em suas comunidades, acompanharam e noticiaram essas duas mudanças nas condições de travessia fronteiriça no ponto São Borja-Santo Tomé.

A partir da problemática exposta, aventou-se como propósito geral da pesquisa analisar como e a partir de quais visões e relações desde a fronteira os jornais *Folha de São Borja* e *Unión* noticiaram as mudanças nas formas de travessia do rio Uruguai nos períodos delimitados e avaliar as conexões entre as práticas noticiosas dos dois periódicos, além de qualificar o que é aqui designado como status relacional fronteiriço, ou seja, o conjunto variável das conexões de dependência e interação individual e coletiva das comunidades fronteiriças entre si, com seus respectivos centros de poder político e administrativo e com a organização estatal do país vizinho.

Para atender ao objetivo geral, foi necessário cumprir as seguintes etapas:

- Recuperar e sistematizar dados sobre os dois jornais no que tange aos processos produtivos da notícia nos períodos analisados;
- Identificar e discutir os usos de critérios de noticiabilidade e de valores-notícia nos textos analisados sobre a abertura do serviço de barcas e a inauguração da ponte internacional dos dois jornais;

---

<sup>4</sup> Informação disponível em: <<http://www.pucrs.br/famecos/programa-de-pos-graduacao-em-comunicacao/linhas-e-estruturas-de-pesquisa/>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

- Propor, testar e refinar categorias que deem conta da complexidade nos relatos noticiosos a partir da fronteira entre São Borja e Santo Tomé, contemplando a ligação entre os conceitos de critérios de noticiabilidade e valores-notícia e de status relacional fronteiriço;
- Com base no diagnóstico proposto no item anterior, discutir a atuação dos dois jornais interioranos e fronteiriços em relação ao status relacional fronteiriço local e propor ajustes editoriais;
- Construir reflexão sobre o jornalismo interiorano enquanto dimensão da atividade jornalística e acerca da ligação entre empresa jornalística e localidade onde atua.

Este estudo concilia interesses intelectuais e profissionais – o jornalismo praticado na imprensa interiorana brasileira e a mídia de fronteira nas regiões limítrofes entre o Brasil e a Argentina – com a vivência de quase dez anos na cidade de São Borja, na fronteira com a cidade argentina de Santo Tomé, atuando em assessorias de comunicação de órgãos públicos.<sup>5</sup> Essa experiência do autor facilitou o contato com a equipe responsável pelo jornal *Folha de São Borja* e com o editor do periódico *Unión*, antes como integrante do ecossistema midiático e agora como pesquisador.

Em relação à experiência de comunicador e morador de cidade fronteiriça, pode-se dizer que a ideia da pesquisa suscitou uma nova curiosidade em relação ao modo de proceder na imprensa daquele ponto fronteiriço, que o autor conheceu em período mais recente. Estudar a produção noticiosa desses jornais em um passado próximo, mas anterior à atuação na cidade de São Borja, confere um certo distanciamento, que seria mais difícil se o recorte temporal fosse mais atual.

Quanto aos motivos acadêmicos para a realização da pesquisa, o primeiro deles diz respeito ao interesse em realizar um estudo com um viés comparativo sobre a imprensa fronteiriça, um tipo de pesquisa ainda pouco comum. Trata-se de dois jornais impressos de cidades que distam menos de dez quilômetros entre si, similares no que possuem de interioranos e fronteiriços e no que diz respeito à travessia,

---

<sup>5</sup> De agosto de 2006 a janeiro de 2010, no Departamento de Comunicação Social do Gabinete da Prefeitura Municipal de São Borja. De janeiro de 2010 a janeiro de 2016, na Assessoria de Comunicação Social da Universidade Federal do Pampa.

e diferentes em seus portes empresariais, idiomas, referências e mesmo em relação à sua utilização como objetos de pesquisa. Enquanto o jornal *Folha de São Borja* já recebeu atenção de acadêmicos brasileiros, busca correspondente em repositórios científicos argentinos e brasileiros constatou que o jornal *Unión* ainda não foi objeto de estudo em publicações de caráter científico, com exceção de artigos recentes desenvolvidos pelo autor desta proposta durante seu período no PPGCOM da PU-CRS.

As cidades de São Borja e Santo Tomé são historicamente ligadas desde a formação dos territórios nacionais de Brasil e Argentina, tendo o rio Uruguai como divisória natural e política, espaço a ser transposto na travessia. Se um dos apelos da fronteira é atravessá-la, interessa saber os motivos para que isso aconteça. Leituras sobre a fronteira a partir de periódicos metropolitanos restringem seus relatos aos acontecimentos mercadológicos e criminosos; outros estudos apontam para a diversificação da experiência em uma área limítrofe, viés mais próximo deste estudo.

Assume-se o interesse pelos jornais impressos interioranos, ou, mais especificamente, pelos produtos de empresas jornalísticas situadas em cidades de pequeno e médio portes, distantes das capitais, seja na parte interior do território, seja nas fronteiras. Fala-se de empresas cujos produtos, os jornais, circulam somente naquelas cidades ou nas microrregiões em que estão inseridas, a depender da sua estrutura produtiva empresarial e do seu contexto cultural, socioeconômico e político.<sup>6</sup> No contexto brasileiro, a maioria das cidades interioranas está nas faixas populacionais de municípios onde vivem até 100 mil pessoas.<sup>7</sup> Neste projeto, ao focar a imprensa das áreas fronteiriças, escolhem-se objetos dentro de um recorte ainda mais restrito.

Trata-se de uma definição de cunho geográfico, pertinente à abordagem espacial referida na pesquisa. A atribuição espacial do “interior” diz respeito à abrangência de circulação<sup>8</sup> e cobertura noticiosa de jornais impressos, restrita ao município de origem do veículo e/ou aos distritos mais próximos. A atribuição “local” indica

---

<sup>6</sup> A partir de Assis (2013), Beltrão (2013), Bueno (2013), Dornelles (2013) e Fernandes (2013).

<sup>7</sup> De acordo com a tabela de classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem oito faixas, de acordo com o tamanho populacional. As seis primeiras faixas englobam todos os municípios com até 100 mil habitantes e somam 94,61% dos 5.570 municípios brasileiros.

<sup>8</sup>Emprega-se esse conceito em face de se tratar de jornais impressos.

o foco da cobertura, o direcionamento dos recursos de produção de notícias.<sup>9</sup>

Compreende-se que jornais impressos<sup>10</sup> interioranos são os veículos que exercem as funções de registrar como as pessoas e os fatos foram avaliados em sua importância, apresentados e discutidos. Isso justifica a escolha pela Hipótese do Newsmaking como noção teórica dirigida à análise da produção noticiosa. Construção flexível e vinculada às escolhas operacionais de um veículo jornalístico, essa perspectiva favorece o entendimento das opções editoriais realizadas nos jornais *Folha de São Borja* e *Unión* para noticiar o processo de travessia do rio Uruguai nos recortes temporais delimitados.

No aspecto metodológico, porém, não é viável empregar abordagem etnográfica<sup>11</sup> para comparar as produções, tendo em vista que o jornal *Unión*, fundado em 1977, deixou de circular em 2010. Os exemplares impressos foram investigados através do método da Análise de Conteúdo. Entrevistas semiestruturadas foram realizadas com os proprietários-editores dos jornais *Folha de São Borja* e *Unión* pelo mesmo motivo. Se não é mais possível acompanhar as rotinas produtivas dos dois veículos *in loco*, a alternativa encontrada foi inquirir os empresários-jornalistas para recuperar impressões e informações a respeito da produção noticiosa nos anos de 1982 e 1997, suas opiniões sobre o que é notícia na fronteira, e mesmo se a situação fronteiriça ocupa lugar de relevo em suas decisões editoriais.

A pesquisa se justifica pelas seguintes razões: em primeiro lugar, apresenta contribuição no âmbito dos estudos brasileiros sobre a História da Imprensa, com dados comparativos sobre dois jornais fronteiriços, sistematizando informações e ampliando os temas possíveis de estudo. Ademais, busca colaborar com os estudos sobre mídia e comunicação nas fronteiras nacionais com três aportes: a) ao trazer dados e análises sobre veículos de imprensa de um ponto de fronteira conhecido na literatura, sob ponto de vista diverso; b) ao realizar estudo comparativo sobre dois veículos de imprensa, recuperando informações sobre suas práticas e analisando

---

<sup>9</sup> Compreende-se a definição de “local” como atribuição de natureza jornalística (editorial).

<sup>10</sup> Observadas as diferenças dos meios e das empresas, também as emissoras de rádio e os websites. No cenário brasileiro, poucas emissoras de televisão podem ser assim enquadradas.

<sup>11</sup> Como se recomenda para estudos filiados à Hipótese do Newsmaking.

suas respectivas produções; c) ao contemplar na análise uma proposta de visualização das relações entre povos fronteiriços e desses com os respectivos centros de poder, com base nos posicionamentos registrados nos textos publicados, a partir da noção de “status relacional fronteiriço”. Ainda, prima por refletir acerca do papel do jornalismo local no âmbito fronteiriço como organizador e veiculador de sentidos sobre a comunidade e suas relações com o país e a cidade vizinha.

Para tanto, o Capítulo 2, “Fronteiras”, dedica-se a uma breve recuperação de estudos brasileiros na área da Comunicação sobre as práticas, histórias e veículos comunicacionais, focalizando os trabalhos levados para os eventos nacionais da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar) e da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), dois dos mais representativos da área no Brasil, dentre outros eventos científicos nacionais. Os aspectos da distribuição dos estudos pelas áreas limítrofes do país e as contribuições de base histórica às investigações sobre Comunicação e Fronteira foram os tópicos que balizaram esse esforço. Como um resultado desse *review*, o conceito de status relacional fronteiriço é discutido e apresentado em sua aplicação metodológica, alinhada aos procedimentos da Análise de Conteúdo, como uma ferramenta adicional na compreensão de como os jornais *Folha de São Borja* e *Unión* noticiaram as mudanças na travessia do rio Uruguai em 1982 e 1997. Trata-se de incluir o aspecto relacional, evocado em diferentes estudos, agrupando os possíveis posicionamentos das populações fronteiriças frente aos seus vizinhos, aos respectivos centros de decisão e ao Estado estrangeiro, bem como as menções e definições acerca das relações entre Argentina e Brasil.

O Capítulo 3 aborda a Hipótese do Newsmaking como conceito teórico que norteia o estudo dos dois jornais. Tanto as referências mais clássicas quanto as reflexões recentes de pesquisadores brasileiros estão presentes. Com essa revisão, buscou-se o emprego adequado dos conceitos e a sua operacionalização em um contexto de pesquisa que estuda a produção passada de jornais interioranos situados nas bordas dos respectivos países. Os conceitos da hipótese são frequentemente correlacionados ao contexto do corpus, buscando refletir e, dentro da flexibilidade que uma hipótese permite, propor aplicações. Uma discussão sobre o conceito de imprensa de interior, localismo e proximidade também está contemplada no capítulo. A síntese do que conforma o jornalismo interiorano, as variáveis de proximidade

e a forma como os conceitos discutidos no capítulo podem ser conectados fecham essa etapa do texto.

No capítulo seguinte, as informações relevantes das cidades de São Borja e Santo Tomé e dos jornais *Folha de São Borja* e *Unión* são apresentadas. O entrelaçamento presente na origem dos dois povoamentos oferece recursos para a compreensão, ainda que superficial, das relações entre as duas cidades. Entende-se que as condições determinantes das relações internacionais entre quaisquer povos dependem de uma miríade de elementos, tarefa que supera o possível neste trabalho. Porém, o panorama breve fornece informações importantes para entender os contatos entre as pessoas e instituições dos dois municípios no que tange à produção jornalística feita pelos periódicos em análise, o que justifica a sua existência nesta dissertação.

No Capítulo 5, as escolhas metodológicas são explicadas com mais detalhe e vagar do que foi feito nesta introdução. O Capítulo 6 expõe os resultados obtidos em cada etapa da pesquisa de campo e discute os achados. Tanto em termos de similaridades e diferenças quanto em relação à possibilidade de uso de alguns conceitos em futuros estudos, o texto oferece uma reflexão que se reconhece provisória e comprometida em ser de alguma utilidade para outras pesquisas sobre a imprensa interiorana, em especial a que atua nas áreas de fronteira.

Como uma intenção de pesquisador em formação, e no intuito de retomar a caminhada acadêmica com novo ânimo, o sétimo e último capítulo apresenta propostas de outras investigações científicas e ideias dirigidas a empresas jornalísticas interioranas e a colegas estudantes da Comunicação. Embora o percurso até aqui não tenha envolvido a pesquisa aplicada nem tenha permitido, por diversas circunstâncias, a escolha por métodos favoráveis à colaboração entre a academia e o mercado, quer-se enfatizar o interesse por experimentos em parceria com empresas jornalísticas nas próximas incursões acadêmicas. Quis-se exercitar no capítulo a visão analítica e o movimento de projeção de ações e teste de soluções. Considera-se que a pesquisa em Comunicação no Brasil deve incorporar à capacidade de identificar os problemas e de criticá-los o desejo realista e esperançoso de ajudar a resolvê-los, na ação acadêmica e em parceria com o mercado, sem sectarismo e com vontade firme.

## 2 FRONTEIRAS

### 2.1 Estudos sobre mídia nas fronteiras brasileiras

A extensão da linha de fronteira da República Federativa do Brasil com os demais países da América Latina é de 15.735 quilômetros, correspondendo a 68% dos limites territoriais do país. Adjunta a essa linha existe a designação político-administrativa da faixa de fronteira, correspondente a uma faixa interna de 150 quilômetros de largura a partir das bordas terrestres, que abrange 588 municípios em três regiões do país: Norte, Centro-Oeste e Sul, sendo esta última a mais densamente povoada.

O desafio imposto pela polissemia da palavra “fronteira” e o interesse despertado pelos fenômenos ocorridos nas bordas do Brasil em pesquisadores de diversas áreas científicas instigam o questionamento acerca do tema nos estudos comunicacionais brasileiros. É preciso considerar os processos de povoamento sob os domínios espanhol e português, com as consequências de diferenciação em termos de desenvolvimento no território; as heranças da Doutrina de Segurança Nacional, das quais as restrições impostas aos municípios contidos na faixa de fronteira são as mais notáveis; e as conexões entre a Comunicação e áreas como a História, a Antropologia, a Sociologia e a Geografia como interfaces necessárias para dar conta das relações entre as mídias e os pontos fronteiriços no Brasil.

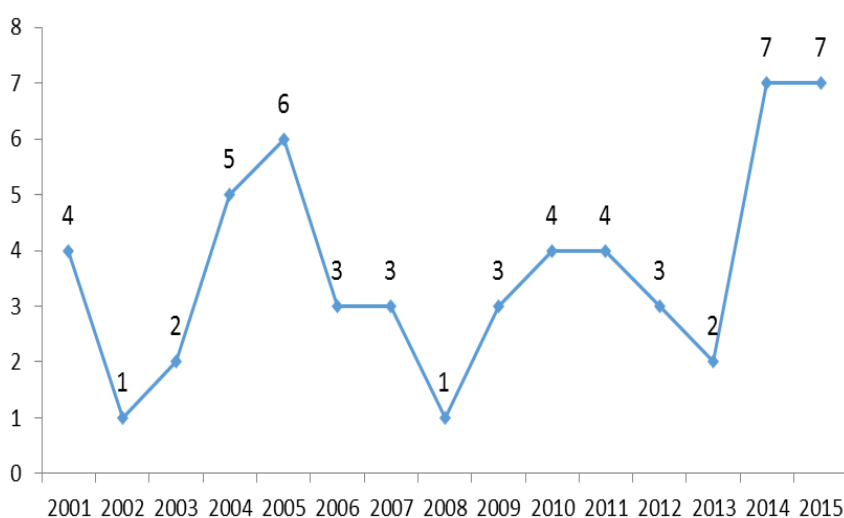
Entende-se “mídia de fronteira” como o termo utilizado para referir-se àqueles veículos atuantes e sediados em cidades da linha de fronteira e da faixa de fronteira. A localização geográfica é relevante. Ao estar imerso na realidade desses espaços em que a delimitação nacional não significa separação cultural absoluta entre nacionais de dois ou mais países, um veículo de comunicação se adapta às contingências e atua junto a um público diverso do que se pode encontrar em outros espaços do território nacional. Além da identificação cultural, por força da legislação sobre as áreas de segurança nacional, de onde deriva o conceito administrativo e legal de faixa de fronteira, há a aproximação da estrutura administrativa. Tais veículos certamente partilham de características empresariais comuns, dada a semelhança de seus ecossistemas midiáticos.



Sobre os veículos de comunicação situados nas fronteiras, pode-se traçar um panorama a partir de estudos que abordem fatos relacionados a esses espaços, além de perspectivas sobre suas formações sociais, históricas e culturais. São pesquisas que traçam linhas pelas quais se pode compreender a ordem do contexto fronteiriço pelo viés comunicacional. Exemplos podem ser verificados nos anais dos eventos anuais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em que a presença de estudos a respeito da temática “comunicação e fronteira” foi bastante irregular no período entre 2001 e 2015.<sup>12</sup>

Em 2014 verificou-se o compartilhamento de maior número de pesquisas voltadas para o tema, com sete trabalhos expostos em cada edição, como se nota no Gráfico 1.

**Gráfico1 – Distribuição dos artigos por edição do Intercom Nacional**



Fonte: o autor (2016).

A criação dos colóquios Brasil-Argentina, a partir de 2008, ajudou a fomentar a exposição de artigos que, por vezes, levam os participantes a considerar o espaço fronteiriço. É importante também ressaltar que o grupo de pesquisa Geografias da

<sup>12</sup> Período sobre o qual foi realizado mapeamento de publicações enfocando estudos de Comunicação nas fronteiras do país. Ressalta-se que foram alvo de mapeamento apenas os eventos de amplitude nacional e referendados como representativos da produção científica da área.

Comunicação, criado em 2007 junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para abrigar os trabalhos nos quais a Comunicação e a Geografia se conectam nas investigações sobre as interfaces das duas áreas, começa a receber comunicações abordando o tema fronteira a partir da 32ª edição do congresso Intercom. Antes, os artigos voltados para a temática estavam distribuídos em outros grupos de pesquisa, conforme o suporte ou processo comunicacional em análise.

A apresentação de resultados de pesquisa sobre as fronteiras brasileiras começa tímida, mas demonstra crescimento ao longo do tempo: dois artigos em 2009, um artigo em cada edição nos anos de 2011, 2012 e 2013, e três em cada edição nos anos de 2014 e 2015. A variedade de autores também aumentou no período, em compasso com os temas de pesquisa. Há uma tendência sutil, ainda a se confirmar, de formação de novos pesquisadores que se interessam pela riqueza de temas ligados à Comunicação nas áreas fronteiriças.

A fronteira aparece com certa regularidade nos estudos apresentados na Intercom. No início da série 2001-2015, há uma prevalência dos estudos sobre as fronteiras localizadas na Região Sul, com maior presença dos pontos Santana do Livramento/Rivera (Uruguai) e Uruguaiana/Paso de los Libres (Argentina), seguidos de perto por Foz do Iguaçu/Puerto Iguazu (Argentina)/Ciudad del Este (Paraguai). O espaço fronteiriço São Borja (RS, Brasil)/Santo Tomé (Corrientes, Argentina) passa a figurar nos estudos comunicacionais a partir da instalação dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda no campus local (São Borja) da Universidade Federal do Pampa (Unipampa).

A Região Sul também tem seus espaços de fronteira estudados há mais tempo. Imagina-se que a densidade populacional dessa fração da linha limítrofe nacional com os demais países, com a consequente riqueza de interações entre países e povoados fronteiriços, incluindo entre os resultados a identidade fronteiriça e a identidade gaúcha, fomentou mais curiosidade. Na série analisada, o primeiro trabalho sobre as mídias das fronteiras da Região Centro-Oeste foi apresentado em 2004 (OTA; LINHARES, 2004).. As fronteiras da Região Norte só foram aparecer em dois artigos apresentados no congresso Intercom uma década mais tarde (SILVEIRA, 2014), sobre como duas produções noticiosas desenvolvidas para a televisão expõem o espaço fronteiriço de Tabatinga, no estado do Amazonas, como fragilmente

protegido e disponível para o crime.

É especialmente relevante o conceito de “terras de fronteira do Brasil Meridional” (SILVEIRA, 2001; 2003; 2005), por relacionar a história da formação e ocupação do Rio Grande do Sul à criação de uma malha constituída pelos veículos de comunicação e às diferentes características que as empresas, tanto locais quanto sucursais de redes, conferem aos fluxos de informação. Os trabalhos de contextualização das terras de fronteira ajudam a situar temporal e espacialmente fenômenos como a circulação de programação televisiva massiva e nacional em uma região de encontro entre diferentes nações, a tendência entre os jornais impressos de assumir uma visão globalizada e a prática das emissoras de rádio de envergar o localismo e a territorialidade como diferenciais junto ao público.

A partir do desenvolvimento de sua percepção sobre como a comunicação a respeito das áreas fronteiriças reforça a condição de periferia para além dos indicadores geográficos, Silveira e colaboradores expandiram as investigações para entender os diferentes pontos de vista sobre o tema em locais e suportes midiáticos distintos: dos jornais impressos à Web e, mais recentemente, às produções telejornalísticas (SILVEIRA, 2006; 2011; 2014a; 2014b; SILVEIRA et al., 2007; SIMI; SILVEIRA, 2010). Entre suas preocupações estão as construções discursivas geradas pelos meios hegemônicos, pela imprensa de referência, sobre os espaços limítrofes do Brasil com outros países, e como tais falas contribuem para situações como a influência na cobertura dos jornais locais, a repetição dos vieses negativos nas notícias sobre as fronteiras a partir da televisão e o reforço ao preconceito e à invisibilidade da complexidade desses ambientes sociais.

Suas investigações podem ser conectadas, nesse sentido, às indagações feitas por Castells (2009, p. 376) sobre o influxo da política midiática com o intento de moldar a mente do público. Caberiam aí as perguntas: a quem interessam as questões de fronteira, para que sejam tão desconsideradas? A que propósitos servem os constantes esforços de “recapagem estereotípica” em relação aos povos vizinhos e aos espaços fronteiriços? Em que medida essa situação serve à política, às empresas de comunicação e ao empresariado em geral?

Nove artigos voltados para o impacto das redes estaduais e nacionais de televisão sobre o cotidiano fronteiriço evidenciam dois jogos que estão relacionados

de forma assimétrica. Agindo massivamente sobre o território nacional, a Rede Globo produz noticiário e dramaturgia plenos de estereótipos e discursos a respeito das memórias acerca dos povoamentos e costumes dos limites do Brasil com a Argentina e o Uruguai e dos povos “do lado de lá” das linhas do território pátrio, por meio de telenovelas, transmissões e comentários de jogos de futebol e reportagens (BRANDALISE, 2002; 2005; 2006; 2009; 2012a; 2012b; 2014; 2015a; 2015b). No segundo plano, o da recepção e circulação dos sentidos, os estereótipos positivos e negativos simplificam o entendimento sobre as relações entre o país e seus vizinhos e muitas vezes prejudicam a sociabilidade típica da fronteira sul.

O crime, o futebol, a publicidade e a política internacional são os assuntos mais influentes nos julgamentos negativos, enquanto alguns produtos televisivos como a reportagem, séries e novelas abrem espaço para a descrição positiva das diferenças. Em sua produção acadêmica sobre os sentidos que a televisão expõe sobre a fronteira para o Brasil e para as populações fronteiriças, Brandalise acaba por concluir que a produção televisiva da Rede Globo fomenta mais a tensão e o reforço das identidades nacionais que o entendimento e a troca, funções que Silveira (2003) identificou como conectadas à territorialidade do rádio. Raddatz (2005) descreve o rádio de fronteira, como instância que recebe elementos culturais do ambiente híbrido e a ele devolve com a programação noticiosa e musical.

As identidades fronteiriças e como essas definições dinâmicas influem e são retrabalhadas pela imprensa dos espaços “Uruguaiana-Paso de los Libres” e “Santana do Livramento-Rivera” expõem conceitos relevantes para este estudo. Um deles é a diferença de abordagens sobre os temas conexos à travessia dos limiares nacionais entre as fronteiras conurbadas (arranjo físico-socioeconômico em que as cidades gêmeas constituem um único complexo urbano) e as semiconurbadas (nas quais os centros urbanos estão separados, mas ainda assim bastante próximos) (MÜLLER, 2004). A presença de diferentes etnias, como a árabe-palestina, é também abordada do ponto de vista da integração nos fluxos comunicacionais dessas cidades. As experiências com conteúdo bilíngue nos veículos de comunicação fronteiriços, buscando atrair o leitor e o ouvinte de língua espanhola, também aparecem nos trabalhos como mescla de estratégia comercial e ação no ambiente de mestiçagem linguística (MÜLLER, 2008).

A influência dos processos de estereotipia na elaboração dos relatos sobre a vinda dos *hermanos*<sup>13</sup> e as dificuldades na integração também foram investigadas em notícias de jornais metropolitanos sobre o turista argentino no litoral sul-brasileiro no começo dos anos 2000 (JACKS; MÜLLER; MACHADO, 2001). Essa contribuição forma um contraponto básico para notar o quanto a diferença de espaços, no sentido certeuniano<sup>14</sup> do termo, conforma a percepção sobre o outro, o estrangeiro. É mais um dos casos em que se expõe a forma rápida e preconceituosa com que a imprensa metropolitana se refere a tudo o que difere da metrópole. Atribuíram-se as diferenças de tratamento em relação aos argentinos, em parte, às localizações dos jornais: enquanto os diários do Rio Grande do Sul abordavam o tema com um olhar menos duro em relação ao turismo, o jornal catarinense endossava as vozes de pessoas incomodadas com a presença de argentinos em condições de consumir folgadamente durante suas férias e as diferenças de hábitos dos estrangeiros em relação aos moradores das cidades litorâneas. Tal cenário leva a pensar na essencialidade dos contextos internacionais e também dos climas de opinião locais para entender as relações entre pessoas e instituições de diferentes países e, especificamente, como os acontecimentos relacionados são relatados pela imprensa.

A presença de estudos sobre a mídia de fronteira da Região Centro-Oeste, em especial sobre a atuação das emissoras de rádio na região fronteira do estado do Mato Grosso do Sul, embora outros meios de comunicação sejam também abordados, contribui para um panorama mais amplo. Entre suas contribuições estão a recuperação histórica da formação das fronteiras do estado (OTA, 2009) e o mapeamento da mídia sul-mato-grossense (OTA, 2011), que vai ser aprimorado em trabalho posterior (OTA; RODRIGUES FILHO, 2013).

Desse levantamento se constata que a caracterização da fronteira supera o caráter político-administrativo das demarcações e avança, em geral, para o entendimento de que essas áreas são, a um mesmo tempo, delimitações de poder a partir

---

<sup>13</sup>Expressão em espanhol usada em especial pela imprensa brasileira para se referir aos argentinos, nem sempre em um sentido fraterno, mas em uma sinalização irônica das diferenças e desentendimentos entre argentinos e brasileiros.

<sup>14</sup> O lugar corresponde ao ponto geográfico, material. As práticas humanas nesse lugar o tornam um espaço, ao mesmo tempo disposto estrategicamente pelo poder e preenchido pelas ações táticas do habitante. Ver Certeau (2014, p. 184).

dos Estados-nação vizinhos, zonas de comércio, convivência e mescla cultural, áreas de tensão entre a identidade nacional e a identidade fronteiriça, locais onde a sociabilidade flutua entre a aproximação e o afastamento pela própria conformação dos povoamentos e também de acordo com as notícias, a publicidade e outros temas de interesse comum. Essa noção de complexidade da fronteira é fundada nos trabalhos de pesquisadores de campos distintos, como Jesús Martín-Barbero, Nestor García Canclini, Michel de Certeau, Milton Santos e Stuart Hall, as fontes mais presentes nos artigos analisados.

A discussão parece proveitosa também para estudos em Comunicação: fenômenos como a multiplicação de modelos de entrega de conteúdo (vídeo, áudio, livros, jogos, notícias etc.) pela Internet, além de afetar as empresas de mídia tradicional (que precisam de altos custos para levar suas produções ao longo do território), também fomentam delimitações, e também pontos de encontro, no acesso e consumo de conteúdo. Nas áreas fronteiriças, que já respondem aos processos midiáticos convencionais e estão, aos poucos, sendo permeadas também pela infraestrutura de acesso à Internet, essa inovação também deve gerar efeitos dignos de estudo, como, por exemplo, as apropriações de serviços de rede social para a circulação de notícias, promoção de eventos e mesmo debates sobre acontecimentos, ou outras apropriações de ainda outros conteúdos.

Ainda está em aberto o espaço para mais estudos sobre as mediações digitais nas áreas de fronteira. O aspecto da conexão global aventado pelos serviços de comunicação via Internet parece ser a um turno o potencial inexplorado e o óbice para mais investigações sobre o que o fronteiriço fala de sua fronteira, como a descreve nas redes sociais, que aspectos de sua vivência transparecem nas suas marcas digitais. Outros fatores que parecem explicar o fato são o lento avanço da infraestrutura de acesso nessas regiões, o histórico recente da abertura da Internet comercial no Brasil, em 1995, as condições socioeconômicas das cidades fronteiriças em geral e o predomínio, ainda que decadente, das redes nacionais e regionais de comunicação.

## 2.2 O viés histórico

Por outro lado, em um sentido que este estudo também adota, a caracterização e análise das práticas comunicacionais nas áreas de fronteira encontram um vasto campo a explorar, descrever e interpretar em suas materializações, nos jornais impressos e nos depoimentos e registros de profissionais atuantes nessas áreas, na interface entre a Comunicação e a História. Há uma produção importante nesse sentido, nos últimos anos dirigida às edições do Encontro Nacional da História da Mídia, organizado pela Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar). Artigo recente sobre mídia de fronteira na Região Sul confirma essa preferência (NAZÁRIO, 2015), com variedade de análises a partir de fatos comunicacionais e períodos históricos. No entanto, com base nas observações feitas sobre fenômenos recentes, é possível investir em estudos longitudinais, que abranjam períodos mais extensos. Parece interessante também explorar o noticiário fronteiriço de épocas longínquas, na tentativa de estabelecer as conexões entre os estudos de fronteira e as investigações no ramo do jornalismo internacional, ou com a Hipótese do Newsmaking. O caso do noticiário sobre a Guerra das Malvinas em dois jornais interioranos, um de São Borja e outro de Santo Tomé (NAZÁRIO; HAUSSEN, 2015), é uma tentativa de entender como os jornais trabalhavam para equilibrar os temas de proximidade geográfica e cultural em uma espacialidade complexa.

Ao longo das edições do Alcar (exceto na primeira edição, de 2003), os processos e produtos comunicacionais na fronteira com a Argentina foram mais presentes. Essa produção se distingue no seu conjunto pelos suportes estudados, pelos períodos históricos, pela localização geográfica e também pelas abordagens em relação à caracterização de fronteira. Uma constante é a exploração do cenário midiático fronteiriço da outra margem do rio Uruguai de forma incidental.

A pesquisa sobre o surgimento das emissoras de televisão nas áreas de fronteira (SEIBT; SILVEIRA, 2004) contribui para o debate sobre a fronteira no estado do Rio Grande do Sul, nos seus aspectos político-administrativos e comunicacionais, e para os registros históricos da formação das redes de televisão. Há o relato que vai das primeiras concessões de emissoras locais, obtidas nos anos 60, até a progressiva formação da rede de sucursais da Rede Brasil Sul (RBS) durante os anos

80 e 90 do século XX, incluindo o histórico de criação da TV Imembuí na cidade gaúcha de Santa Maria, as dificuldades de manutenção do novo canal e o processo de aquisição pela crescente TV Gaúcha (futura RBS), negócio que reduziu o espaço para produtos locais e integrou a grade da emissora à programação de âmbito nacional e estadual.

O registro de criação e evolução da emissora Imembuí é contextualizado no cenário das terras de fronteira, que extrapolam a faixa de 150 quilômetros internos e paralelos à linha de fronteira em todo o Brasil, área de segurança nacional desde o regime ditatorial em 1979. Essa faixa inclui 588 municípios<sup>15</sup> submetidos a diversas restrições para a iniciativa privada, com rigoroso controle governamental. Essa definição é aperfeiçoada em artigo posterior sobre os antecedentes de integração do Mercosul e os adventos tecnológicos que favoreceram o surgimento da mídia de fronteira, no período de 1875 a 1930: as estradas de ferro, o telégrafo e as redes para transmissão de energia elétrica. Para Silveira (2005), as terras de fronteira correspondem àqueles territórios integrantes da fronteira sul-brasileira ao longo do processo histórico de expansão para oeste. São sociedades dotadas de uma memória fronteiriça independentemente do fato de estarem ou não abrangidas pela faixa de fronteira nacional. O conceito permite analisar os aspectos culturais de uma carga histórica de delimitação de territórios em locais que podem não estar abrangidos pela atual faixa de fronteira, como é o caso da cidade de Santa Maria.

Os estudos sobre as emissoras de rádio da região Noroeste do Rio Grande do Sul, espaço de forte presença identitária da cultura alemã e também área de fronteira com a Argentina, expõem clima cultural distinto do verificado na área de interesse do autor deste estudo. A região conta com a presença de descendentes de imigrantes europeus, em especial alemães, no leste argentino e no noroeste do Rio Grande do Sul. Essa diversidade, não encontrada no mesmo grau na área de São Borja-Santo Tomé, confere elementos específicos a essa parte da fronteira, como a música de “bandinhas”, de influência germânica, que expande a audiência na mar-

---

<sup>15</sup> Conforme lista dos municípios pertencentes à faixa de fronteira, compilada pelo Ministério da Integração Nacional. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/documents/10157/249589df-7183-47b2-bbaa-2244d1f64c26>>. Acesso em: 15 maio 2015.



gem argentina na área de Santo Cristo, como expõe o artigo *Memória do Rádio Regional na Fronteira Noroeste do Rio Grande do Sul* (RADDATZ, 2009).

As rádios da região Noroeste, ao lado de emissoras da Fronteira Oeste, também são abordadas em artigos apresentados em 2005 e 2006. O trabalho *A Rede da Legalidade no Interior gaúcho* (ZAMIN; RADDATZ, 2005) recupera a colaboração das emissoras interioranas à cadeia organizada em 1961 pelo governador Leonel de Moura Brizola em defesa da posse de João Goulart como presidente. As consequências dessas escolhas para as emissoras aparecem no paper *Anos de ditadura: a censura no rádio do Interior gaúcho* (ZAMIN; RADDATZ, 2005), que registra o cotidiano de radialistas sob vigilância do regime no período de 1968 a 1978 e inclui rádios das cidades de Alegrete e Uruguaiana. O artigo *“Projeto Fronteiras” recupera a memória do rádio regional* (CARNEIRO; RADDATZ, 2009) explicita nova etapa da pesquisa junto a emissoras da região Noroeste do estado, com atenção para as características identitárias fomentadas pelo rádio local, mesclando duas marcas culturais: a gaúcha com sotaque germânico e a marca cultural argentina.

A partir de 2008, a mídia da Fronteira Oeste passa a receber atenção, devido ao trabalho do Grupo de Pesquisa História da Mídia (GPHM), constituído na então recentemente criada Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e liderado pela pesquisadora Cárilda Emerim. A contribuição oferecida pelo GPHM sobre a mídia local de São Borja nas edições nacionais do Alcar registra dois artigos apresentados em 2008, sete em 2009 e quatro em 2011. Em 2013, outro grupo de pesquisa da mesma instituição, Comunicação, Ciência, Tecnologia e Sociedade (ComCTS), apresenta dois trabalhos com dados preliminares de investigação sobre a presença de informações científicas em um período de 11 anos de circulação do jornal *Folha de São Borja*.

Nesse conjunto de produção, o *Folha de São Borja* é o veículo cujas práticas, personagens e história são mais pesquisados. Do total de 15 estudos apresentados por pesquisadores da Unipampa nas edições nacionais do Alcar, 13 mencionam o veículo, e, destes, 11 abordam especificamente o jornal, com especial atenção aos temas do colunismo social, da história do periódico e da abordagem local de assuntos ligados à política durante a ditadura militar. Esses trabalhos se beneficiam de

pesquisa que resultou no livro *Memórias sobre a Imprensa em São Borja* (EMERIM; PIPPI, 2007).

Em 2008, um artigo apresentou o registro do fechamento da rádio Fronteira do Sul AM, em São Borja, em 1975. O fato é atribuído à perseguição do regime ao presidente deposto João Goulart – ato que deixou São Borja por cerca de dois anos sem uma emissora de rádio, até a criação da rádio Cultura AM, em 1977. Também em 2008, o artigo *Resgate da História da Publicidade e Propaganda na Região de São Borja – RS* (LISBOA FILHO et al., 2008) relatou as antigas práticas publicitárias na cidade. A publicidade a serviço do desenvolvimentismo no jornal *Folha de São Borja* foi o tema do artigo *O golpe da publicidade: as marcas discursivas da ideologia autoritária* (FRESINGHELLI; RIBEIRO, 2009). O artigo *Percursos históricos e modos de produção: uma análise sobre a emissora TV Uruguaiana no Rio Grande do Sul* (EMERIM; OLIVEIRA; SOLARES, 2011) recuperou o histórico de criação da TV Uruguaiana em 1974, sua aquisição pelo grupo empresarial TV Gaúcha, depois Rede Brasil Sul (RBS), e as mudanças quanto ao fazer jornalístico e ao espaço da programação local.

Um traço importante desses artigos para a pesquisa é a contextualização histórica do cenário local, e em especial do jornal *Folha de São Borja*, um dos objetos de investigação. No entanto, nenhum dos 22 artigos apresentados nas edições nacionais do evento expõe um estudo comparativo entre veículos de comunicação fronteiriços brasileiros e argentinos.

## 2.3 Relação com o estudo

A revisão antes descrita representa uma fração do estado da arte sobre as produções científicas da área de estudos da Comunicação que enfocam as relações entre Argentina e Brasil na mídia fronteira. Trata-se de um recorte especial por ter como ponto comum, além da localização geográfica, o olhar histórico de fatos, personalidades e veículos de comunicação. Essa compilação ajudou a situar a presente proposta.

Inicialmente, desejava-se verificar a existência e a configuração da relação dicotômica entre Argentina e Brasil em dois jornais fronteiriços: o brasileiro *Folha de*

*São Borja* (1970-), bissemanal, e o argentino *Unión* (1977-2010), quinzenal e circulante na cidade de Santo Tomé, província de Corrientes. O primeiro desenho da proposta estava fortemente influenciado pela relação “rivalidade versus fraternidade”, conforme retratado nas notícias dos jornais *Zero Hora*, *Correio do Povo* e *Diário Catarinense* sobre o veraneio dos argentinos nas praias do Sul em 2001 como uma marca das tensões entre as ideias de integração e de disputa entre a Argentina e o Brasil nos âmbitos político, diplomático, comercial e cultural (JACKS; MACHADO; MÜLLER, 2004). As representações da relação de rivalidade X fraternidade entre brasileiros e argentinos a partir de veículos de expressão estadual dialogam com pesquisas antropológicas a respeito da relação entre argentinos e brasileiros em diferentes contextos (FRIGERIO; RIBEIRO, 2002). Uma visão desse traço como uma relação pendular entre o polo de integração e o polo de oposição, como ocorre em estudos das Relações Internacionais na área diplomática (GRANATO, 2012; VISENTINI, 2004), permite imaginar, pela própria analogia do pêndulo, o aspecto histórico desse fenômeno.

As visadas acima descritas suscitaram alguns questionamentos: em um período de tempo um pouco mais extenso, ou em um recorte temático mais amplo, que marcas dessa relação “rivalidade versus fraternidade” poderiam ser encontradas? Essa relação pode ser detectada também em notícias de jornais fronteiriços dos dois países – periódicos esses também interioranos, periféricos em relação aos respectivos centros de poder nacionais? Essa relação pendular pode ser mais bem entendida como uma gradação ao invés de uma linha com apenas dois valores antagônicos? A proposta inicial foi, assim, repensada.

O principal motivo é a diferença de pontos de vista que necessariamente deve existir entre jornais metropolitanos e de grande porte e periódicos que ocupam status duplamente periférico (em relação aos respectivos centros de poder nacional e à localização fronteiriça). Como os jornais dos grandes centros tendem a exibir autonomia em relação às polêmicas imediatas verificadas no âmbito local (JACKS; MACHADO; MÜLLER, 2004), o jornalismo interiorano fronteiriço tende a se conectar aos movimentos da comunidade que atende e aos interesses políticos locais. Dornelles (2004) expõe que os jornais interioranos buscam não apenas informar a co-

munidade, mas participar da vida social, enfrentando, porém, os dilemas da proximidade com o público leitor, o que faz com que se redobre o cuidado com denúncias e se torne muito complicada a prática do jornalismo investigativo.

Assim, em vez de propor a verificação da existência dessa relação pendular “fraternidade versus rivalidade” em jornais fronteiriços, a pesquisa considerou essa dualidade como eventual modulação da presença da fronteira nas notícias. Torna-se essencial, primeiramente, constatar como se fala desse espaço e, em especial, os motivos pelos quais tais falas são retratadas a partir de um formato específico.

A condição de fronteira requer um pensamento capaz de apreender a complexidade dessa área e a rapidez das mudanças nas relações entre os povos que ali habitam (MÜLLER, 2001). Ao falar das fronteiras Uruguaiana-Paso de los Libres e Santana do Livramento-Rivera, Müller (2001) afirma que as cidades fronteiriças são espaços permeáveis e possuem em comum a situação de estarem distantes dos centros de decisão nacional.

São zonas isoladas e afastadas dos centros dinâmicos nacionais, com escasso e desigual desenvolvimento econômico em relação ao país a que pertencem, sem autonomia para tomar decisões locais e com recursos naturais pouco explorados e pouco conhecidos. Possuem deficientes vias de comunicação e acesso e estão próximas de áreas de países vizinhos de conformações humana e geográfica semelhantes (MÜLLER, 2001, p. 4).

Essa junção do distanciamento frente aos respectivos centros nacionais, com as dificuldades que isso gera, com a cercania do povo, da cultura, do idioma e da economia do país vizinho, faz com que as pessoas dessas zonas de fronteira criem um modo especial de conviver com os habitantes de outra nação. O comércio de bens é muitas vezes a melhor solução para um dos lados, ao sabor dos ritmos das economias nacionais; laços de família e amizade são comuns entre moradores das duas cidades, pouco importando a possibilidade de dupla cidadania (MÜLLER, 2001). Das opções musicais à mesa, as trocas culturais, econômicas e sociais expõem as possibilidades encontradas nas visitas e contatos com o outro país e formam uma cultura fronteiriça, que tende a se conjugar às culturas nacionais, como sugere Müller (2001).

Conforme Raddatz (2004), as fronteiras comportam a tensão dos indivíduos e dos povoamentos entre integrar e se distinguir:

A um só tempo, a fronteira é um lugar de integração e de separação. Naturalmente, um espaço de tensão, cercado de antagonismos e contrastes, o que, paradoxalmente, não impede a evidência de muitos traços de identidade, que se manifestam pela linguagem, pelo imaginário, memória, história e costumes (RADDATZ, 2004, p.11).

Os meios de comunicação que existem nesses pontos de contato (MÜLLER; RADDATZ, 2007) incorporam o cotidiano, as práticas diárias, e ampliam a sedimentação dessas relações fronteiriças, extrapolando a dimensão interpessoal pela sua capacidade de disseminar informações. A fronteira pode ser sintetizada também como “lugar de integração, espaço de tensão, zona de impacto e campo de vigília” (RADDATZ, 2009, p.15-16): é uma fórmula que traz os sentidos do limite nacional a ser protegido e vigiado, da convivência entre povos vizinhos, da imposição da ordem central para a manutenção do território e da tensão resultante entre o impulso de convivência e o imperativo de distinção das nacionalidades.

Apesar da presença de redes nacionais de comunicação nessas áreas, a pesquisa foca-se na imprensa interiorana fronteiriça, atuante e situada nas bordas do país. Os veículos jornalísticos locais estão em contato com o país vizinho, outra cultura, outro idioma, outro sistema administrativo, o que por vezes faz oscilar o tom do relacionamento à guisa de movimento pendular entre os polos da fraternidade e da rivalidade. Ao mesmo tempo em que a experiência internacional se torna algo cotidiano, essas localidades tendem a sofrer com a escassez de investimentos e o distanciamento político frente aos governos estaduais e federais, o que contribui para que sejam periferias em relação aos centros de poder nacional (MÜLLER, 2015). Ainda segundo Müller (2015), os jornais de fronteira são típicos jornais interioranos: organizações de pequeno porte com mão de obra não especializada, sujeitas às restrições impostas às fronteiras no Brasil, motivo pelo qual estão distantes de centros de fornecimento de insumos e serviços de impressão.

Por outro lado, como são estritamente veículos de imprensa de interior, suas conexões com as comunidades que atendem são fortes. É decorrente dessa ligação e das suas características que Müller (2015, p. 121) vai classificar a imprensa, dentre outras organizações locais, como atores que “influenciam e reforçam comportamentos e atitudes que, no caso específico, correspondem à(s) cultura(s) e identidade(s)

fronteiriças” devido aos seus modos e estratégias de operação.

A fronteira surge nos veículos fronteiriços vinculada a diversos temas, com variações no sentido desses tratamentos (MÜLLER, 2015). A conexão de forma branda ocorre com as coberturas de eventos culturais, sociais, esportivos, enquanto assuntos ligados à economia e ao comércio local são acionados de forma constante e factual. Uma vez que as cidades estão em áreas marginais dos territórios nacionais e, por isso, especialmente sujeitas às flutuações de moeda e câmbio, o acesso aos mercados vizinhos e as diferenças de preços integram constantemente as edições dos veículos estudados por Müller.

Também é importante nesse contexto a tensão entre o caráter internacional e a necessidade de reforçar a pertença a uma nacionalidade. Se é comum que se use a presença e a convivência com o outro país para dar caráter internacional a um evento ou ao próprio município, também é recorrente que os fronteiriços precisem, por diversos motivos, afirmar sua nacionalidade como distinção frente ao outro que pertence a outra comunidade nacional (MÜLLER, 2015). O modo como essa afirmação ocorre nos relatos jornalísticos, ou mesmo nos espaços de opinião, é uma das indagações que moveram esta pesquisa. Para além dos indícios de afirmação de pertença a um país, ou de fraternal semelhança entre fronteiriços, se quis também entender sob que prismas essas manifestações são apresentadas nos textos em análise.

Além da tensão entre a similaridade e a diferenciação, outros fatores destacados nos estudos são a escassa menção aos tratados, acordos e negociações diplomáticas referentes ao Mercosul e aos países vizinhos na imprensa fronteiriça (MÜLLER, 2003a; SILVEIRA, 2006) e as diferenças existentes nas relações entre fronteiriços, conforme a caracterização do ponto fronteiriço, desde o histórico da formação até a proximidade dos respectivos centros urbanos (MÜLLER, 2003b). Indaga-se como os aspectos já destacados se apresentam na comparação dos jornais *Folha de São Borja* e *Unión*, em um recorte longitudinal. Mudanças no ambiente político e nas estruturas e rotinas produtivas podem ser fatores influentes na organização das relações em cada ponto fronteiriço, de modo similar ao peso que a caracterização urbana das duas cidades tem nas condições de travessia de pessoas e bens. O histórico das duas cidades, com suas tensões e aproximações, também importa para compreender a forma como a condição fronteiriça é apresentada nos jornais.

## 2.4 Status relacional fronteiriço

As leituras sobre a comunicação e a imprensa na fronteira acabam, por vezes, sugerindo uma inclinação para análises relacionais. A ideia faz sentido: falar de fronteira exige contemplar o encontro de territórios – o que implica encontros culturais, para além da esfera jurídica, administrativa e governamental. As notícias, na função de registos construídos a partir da realidade, tornam-se objetos úteis para entender que temas e abordagens circulam em uma localidade. Além disso, interessa saber que relações se propõem nas notícias, por meio das fontes consultadas e das instâncias e pessoas citadas. É uma forma de relatar os acontecimentos ligando-os a incidentes, iniciativas, personalidades, demandas e mesmo outros relatos. A imprensa local fronteiriça, portanto, é relevante fonte de elementos para a investigação sobre quais motivos e valorações foram conferidos às mudanças na forma de travessia.

Porém, ao seguir a mesma lógica da alteridade que demanda que a fala sobre a fronteira contempla a relação entre dois ou mais entes nacionais, é necessário reconhecer o fato bastante claro e reproduzido no mundo: as regiões de fronteira de um país são também periferias em relação aos seus centros administrativos nacionais. As normas de segurança nacional do Brasil, derivadas como as linhas demarcatórias de processos históricos complexos, tornam precário o desenvolvimento econômico dessas regiões. As restrições afetam o processo de geração de riqueza, que também é conformado por modelos produtivos em geral ligados ao setor primário. Daí as demandas por apoio e melhorias na infraestrutura, na segurança e em outros âmbitos da administração pública.

Por vezes, a proximidade geográfica e cultural existente entre as populações fronteiriças alimenta o preconceito por parte da metrópole, e vice-versa. Pode ocorrer, como foi verificado nos jornais estudados para esta proposta, as menções à convivência produtiva e fraterna entre as cidades fronteiriças como exemplo a ser seguido pelos governos centrais no trato com os municípios “do interior” e com os visitantes do país vizinho.

Para os fins de exploração deste estudo, e à luz da literatura provisoriamente apresentada, pareceu ser útil construir uma categoria que ajude a identificar as relações traçadas nas notícias sobre a abertura dos portos para as barcas, em 1982, e o início do tráfego na Ponte Internacional da Integração, em 1997. Um requisito é que se possam identificar tanto as menções entre os povos fronteiriços quanto destes com seus governos centrais. Isso é pensado como uma forma de identificar e analisar as menções que enviesam o sentido da fronteira como periferia de uma nação (reivindicações, viés securitário) e como espaço compartilhado entre duas nações (convivência, cooperação, similaridades).

Nesse sentido, a categoria do status relacional fronteiriço indica o caráter **multiescalar** (desde a escala da cidade até a escala nacional) e **variável** (podendo variar da reação favorável à tendência de integração até a ausência de manifestação a respeito) que caracteriza as interações entre as populações locais de São Borja e Santo Tomé e delas com seus centros administrativos regionais e os centros nacionais de decisão. Essas relações, quando presentes no texto, podem ser classificadas como pendendo de modo gradativo entre a integração e o distanciamento.

De forma preliminar, considera-se necessário indicar as formas nas quais o status relacional fronteiriço pode ser registrado. As seguintes relações foram buscadas e analisadas, tendo em comum as gradações integração, distanciamento e ausência/indiferença:

a) população fronteiriça X centro regional de decisão – relação metrópole/periferia entre as capitais e as cidades fronteiriças: pode ir de pedido via projetos a reclamação e protestos, passando também pelo agradecimento e valorização da ação de autoridades e setores;

b) relacionamento entre populações fronteiriças: liga-se a registros de valorização de atitudes entre as cidades de São Borja e Santo Tomé. De modo análogo à compreensão de que a área de Relações Internacionais extrapola a dimensão diplomática, englobando as práticas de indivíduos no contato com nacionais de outros países, consideram-se aqui as manifestações vindas tanto dos representantes dos poderes públicos como de empresários e pessoas em geral;

c) população fronteiriça X autoridades estrangeiras: vai se tratar aqui do encontro do qual falou Grimson (2002) quando mencionou o contato do visitante da área fronteiriça com o ordenamento jurídico e político do outro país. Essa variável



visa dar conta da relação do indivíduo com o Estado do país vizinho;

d) relações Argentina e Brasil: as menções nas notícias que se referem a essa variável são as evocações das dificuldades e das soluções que Argentina e Brasil defrontam no trato de suas diferenças. Essa variável se deve à constatação de que qualquer modificação oficial no modo e nas normas de transposição de fronteiras depende do contexto momentâneo das conversações e debates entre representantes dos dois países.

A categoria do status relacional fronteiriço, portanto, é uma proposta para classificar minimamente as diferentes posições e os participantes dos relatos noticiosos sobre as modificações na travessia do rio Uruguai entre São Borja e Santo Tomé. Parte da premissa de que, nas notícias, as posições manifestadas também podem variar conforme o status de cada fonte. O intuito é visibilizar esses posicionamentos e concessões de importância com base na relação entre os posicionamentos como são relatados nas notícias, tendo em mente que as notícias são representações geradas pelas instituições (produzidas pelos jornalistas de veículos e assessores de imprensa), que partem da realidade social para ajudar a construir um “mundo possível” de ser abrangido pela cobertura jornalística e de ser apresentado nos formatos e ritmos da imprensa, e que sobre o trabalho noticioso operam processos de seleção, edição e veiculação muito peculiares.

## 3 O JORNALISMO EM CIDADES DE INTERIOR: NOTÍCIAS, LOCALISMO, PROXIMIDADE

### 3.1 A Hipótese do Newsmaking

Surgida no âmbito da *Communication Research* e tributária dos estudos sobre o *gatekeeping*, a Hipótese do Newsmaking, conforme Hohlfeldt (2001), liga-se aos estudos da sociologia das profissões e centra sua atenção no processo produtivo das notícias a partir dos acontecimentos cotidianos. Foco especial recai sobre o jornalista como emissor e intermediário entre o acontecimento e a notícia, a conformação da informação noticiosa e as fases da produção de informações. Dentro desse escopo, os estudos podem focalizar-se na observação das rotinas produtivas nas redações e comparar os dados obtidos via pesquisa participante com as informações levantadas por técnicas de análise sobre a produção da redação.

A Hipótese do Newsmaking traz a cultura profissional dos jornalistas e as rotinas produtivas na redação para o campo de estudo, englobando nessa visada os processos produtivos à luz de retóricas, estereótipos e normatizações que regulam a identidade profissional. O Jornalismo, em uma perspectiva cultural e sociológica, compreende componentes éticos, atitudinais e operacionais que formam um conceito comum de “ser jornalista” (TRAQUINA, 2005). Atender a tais requisitos faz com que o profissional da notícia se integre à redação pela conduta, com valores partilhados no que tange à realização do trabalho.

Uma das formas de manifestação dessa cultura profissional, oriunda da confluência entre as configurações técnicas do suporte midiático, da socialização da cultura institucional e do constructo ético-profissional que define como um jornalista deve agir, é o conceito de noticiabilidade, que define as condições que um acontecimento deve reunir para ser transformado em notícia, ou, ainda, “o conjunto de critérios que operacionalizam instrumentos segundo os quais os meios de comunicação de massa escolhem, dentre múltiplos fatos, aqueles que adquirirão o status da noticiabilidade” (HOHLFELDT, 2001, p. 208). Noticiar é, assim, um trabalho organizado que descontextualiza e recontextualiza o fato ao transformá-lo em narrativa jornalística.

A operação de julgar a noticiabilidade de um fato é, portanto, uma das marcas de pertencimento à comunidade jornalística. Compreende o uso de regras práticas conforme um arcabouço de conhecimento profissional e justifica de todas as formas os procedimentos dos órgãos de comunicação para extrair da torrente de acontecimentos diários a seleção do que vai existir no noticiário.

Silva (2014, p. 25), ao discutir a análise do que conforma a noticiabilidade, aponta para a grande quantidade de possibilidades de interpretação à questão “o que leva um acontecimento, em detrimento de outro, a receber o estatuto de notícia?”. São diversas miradas teóricas a se debruçar sobre os componentes do processo de produção noticiosa. Citando Gans (2004), Silva destaca quatro aproximações teóricas acerca do fenômeno: os estudos sobre o papel dos jornalistas na seleção de notícias; as pesquisas acerca das rotinas existentes nas empresas jornalísticas e dos requisitos de caráter organizacional; as investigações sobre as distintas naturezas dos acontecimentos noticiáveis, estas em franco descrédito pelo fato de suas premissas se ancorarem no paradigma da imparcialidade e das “teorias de espelho” (SILVA, 2014, p. 28); e os percursos teóricos acerca do papel de forças externas às organizações jornalísticas na seleção noticiosa. Silva reflete sobre o modo como o verbo “selecionar” e os substantivos “critério” e “valor” são conceitos teóricos que estão presentes nos quatro grandes grupos de teorias sobre a noticiabilidade.

Assim, em relação à seleção noticiosa, aos critérios de noticiabilidade e aos valores-notícia, cabe entendê-los como termos com definições próprias e não intercambiáveis, inter-relacionados entre si e fundamentais para “o entendimento dos processos intrínsecos na construção tanto da narrativa jornalística quanto da ideia mais ampla de noticiabilidade (SILVA, 2014, p. 30): a seleção noticiosa como parte de um processo no qual diferentes tipos de critérios são empregados para atribuir e reconhecer o valor de um fato ou tema para receber o estatuto de notícia, valor medido em “valores-notícia”.

Guerra (2014) propõe a distinção entre valor-notícia (indicador de um “ideal” de notícia, de acordo com uma previsão acerca da audiência) e critério organizacional (definidor da “notícia possível” em função da própria organização jornalística). Além disso, propõe distinguir entre valores-notícia “de referência”, vigentes nas redações, e “potenciais”, que indicam caminhos e ângulos inexplorados (GUERRA,

2014, p. 41). Valores-notícia de referência são aqueles que são adotados pela organização jornalística em face de se justificarem e se validarem perante as expectativas da audiência e de serem eficientemente operacionalizados pela empresa em sua atividade rotineira. Os valores-notícia potenciais, na proposição de Guerra, serão todos aqueles que ainda não foram explorados junto às audiências

Enquanto indicadores da expectativa de audiência que auxiliam a selecionar e tratar as informações que vão virar notícia, os valores-notícia ajudam a estabelecer um vínculo cognitivo, segundo Guerra (2014, p. 42), por meio da adaptação da produção noticiosa às competências da audiência. Guerra destaca que isso não é um parâmetro de qualidade jornalística, mas sim uma base para o relacionamento entre produtores e consumidores de informação jornalística.

O empenho dos produtores para se ajustar às competências da audiência e, portanto, atender às suas expectativas, volta-se para a construção de um vínculo cognitivo entre eles [...]. Não se pode pensar o jornalismo sem esse vínculo, pois o princípio geral que a[sic] estrutura em sua concepção moderna é a função mediadora que lhe cabe, isto é, operar uma oferta de informações sobre fatos da atualidade para os indivíduos (GUERRA, 2014, p. 42).

Assim, a antecipação da audiência real pelos valores-notícia, afirma Guerra (2014, p. 43), faz com que jornalistas e empresas do ramo se planejem e realizem seu trabalho, que deriva de uma combinação entre regras normatizadas pela instituição Jornalismo e possibilidades materializadas em um conjunto de recursos humanos e materiais dedicados a realizar o que é definido institucionalmente como jornalismo.

Guerra (2014) prossegue definindo que uma organização jornalística pode ser basicamente composta por três núcleos: administrativo, operacional e técnico. Os dois primeiros se ocupam da gestão e da logística do empreendimento jornalístico, e o nível técnico é formado pelos jornalistas e profissionais que trabalham na atividade-fim, a produção de notícias. É dentro dessa organização que se definem as rotinas produtivas, visando regular o trabalho dentro de prazos e padrões de apresentação do produto, e a eficiência desse fluxo das empresas jornalísticas tem relevância na garantia da circulação de informações nas sociedades atuais.

Mas, ao mesmo tempo em que essas rotinas potencializam o trabalho, causam limitações também. Aliás, é justamente esse o aspecto mais destacado nas inúmeras pesquisas do Newsmaking. O exemplo clássico dessas limitações são as coberturas de fontes e instituições oficiais do governo, que oferecem informações em grande quantidade e acessibilidade para os jornais, com regularidade, mas que comprometem a pluralidade e a diversidade do conteúdo (GUERRA, 2014, p. 44).

Os critérios organizacionais consistem, portanto, nos elementos próprios da empresa jornalística que a dotam de capacidade de implementar ou não os valores-notícia de referência que ela se dispõe a empregar na sua produção noticiosa, expõe Guerra (2014). Ao refletir sobre a proposta teórica de Guerra (2014) no âmbito do estudo pretendido, cabe discernir o importante papel dos critérios organizacionais presentes nos jornais *Folha de São Borja* e *Unión* enquanto jornais interioranos, aspecto que será apresentado na Seção 3.6. É razoável estimar que suas condições de produção, como dimensão da equipe produtiva, divisões de tarefas, recursos materiais (equipamentos, maquinário, instalações) e definições logísticas (área de circulação editorial e comercial, distribuição, tiragem, periodicidade), podem ser vistas como elementos definidores de sua capacidade de atender aos valores-notícia eleitos como referência em cada periódico, sem exclusão de outros não listados. Essas condições de produção provavelmente se encaixem ao potencial de compra e fruição de seu mercado consumidor, talvez de forma similar à função dos valores-notícia como expectativa de suas audiências.

Silva (2014, p. 51) discerne a noticiabilidade como a soma de conjuntos de critérios organizados em três instâncias: os critérios de noticiabilidade que operam na origem do fato (seleção primária/valores-notícia); critérios que operam no tratamento dos fatos, centrados na seleção hierárquica e na produção da notícia, incluindo condições organizacionais e materiais e cultura profissional; critérios que operam na dimensão da visão dos fatos, sob fundamentos ético-epistemológicos. A pesquisadora parte dessa concepção triádica sobre o processo de produção de notícias para destacar que essas instâncias agem concomitantemente nas atividades diárias, e avança na discussão de como ocorre essa relação, na qual os valores-notícia agem em duas das etapas, seleção e tratamento/produção da notícia:

Valores-notícia, as características do fato em si, em sua origem, são somente um subgrupo de fatores agindo juntamente com esse segundo conjunto de critérios de noticiabilidade, relacionados agora ao tratamento do fato. Estudar a seleção implica, inclusive, rastrear os julgamentos próprios de cada seletor, as influências organizacionais, sociais e culturais que este sofre ao fazer as suas escolhas, os diversos agentes dessas escolhas postados em diferentes cargos na redação, e até mesmo a participação das fontes e dos públicos nessas decisões (SILVA, 2014, p. 56).

Essa indicação de fatores de conformação do produto jornalístico, do veículo das notícias, como o formato, a linha editorial, bem como os outros “fatores organizacionais” mencionados rapidamente pela autora, serve como indicação dos pontos de encontro das engrenagens. Se é possível que determinados fatos possuam características que os valorizam para a seleção, isto é, se apresentam determinado número de valores-notícia que os qualificam para a fase de transformação, é nessa segunda instância que outros critérios de noticiabilidade, que Silva chama de fatores ligados ao tratamento, e que parecem englobar o que Guerra denomina de critérios organizacionais, entram em ação para conformar o trabalho.

Mais adiante, Silva pondera que os valores-notícia devem ser definidos como as qualidades dos eventos, e não como elementos da construção jornalística. “Eles participam ativamente da construção noticiosa, mas a produção da notícia e sua qualidade são resultados de muitos outros critérios ou fatores de noticiabilidade” (SILVA, 2014, p. 57). Selecionar quais fatos devem ser transformados em notícias, e segundo quais características desses fatos, é uma atividade que possui aspectos mais ou menos universais (em certo grau, os valores-notícia possuem algo de permanente na cultura profissional jornalística) e outros aspectos mais flexíveis, específicos ao veículo jornalístico, em sua conformação organizacional. Assim, um determinado fato possui valores-notícia mais destacados para um jornal metropolitano; esse mesmo fato pode ter os mesmos ou até outros valores-notícia que justifiquem sua transformação em notícia em um jornal interiorano, ou não ser relevante para este veículo; as condições organizacionais, porém, certamente são distintas entre as duas empresas, e, além das qualidades dos fatos e das condições produtivas dos veículos, outros fatores pesam nas respectivas decisões.

Assim, tem-se que os valores-notícia, enquanto qualidades próprias de fatos aos olhos especializados dos jornalistas, constituem

referências para a operacionalidade de análises de notícias, permitindo identificar similaridades e diferenciações na seleção ou hierarquização de acontecimentos em diversos veículos da imprensa e possibilitando percepções históricas e culturais sobre o processo produtivo das notícias (SILVA, 2014, p. 59).

Nesse sentido, analisar que qualidades fazem fatos serem percebidos como notícias em potencial é útil tanto para perceber padrões de escolha em vigência quanto para estudar acontecimentos noticiados. Para essa tarefa, emprega-se uma variedade de listas de valores-notícia, distintas entre si pelo número de elementos, ordem e aprofundamento das definições, conforme as sistematizações propostas por diferentes autores, como indicam as leituras de Santos e Castro (2013), Grimberg (2014) e Traquina (2005). O pesquisador português indica que os valores-notícia integram o ambiente de partilha que permite conceber a ideia de uma “tribo jornalística”, cujos membros estão espalhados pelos países e reunidos pela cultura profissional. Assim, “os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia” (TRAQUINA, 2005, p. 63).

Da formulação de valores-notícia por Galtung e Ruge (1965) a partir das notícias publicadas em jornais noruegueses sobre crises no Congo, Cuba e Chipre à estrutura de critérios comentada por Hohlfeldt (2001), as perspectivas em relação aos valores-notícia contemplam as ideias de constância (pois há valores-notícia que são tidos como de pouca variação e alta replicação em diferentes países) e flexibilidade, uma vez que há gradações possíveis em cada valor-notícia, além de se conceber a possibilidade de valores-notícia não descritos, e em número virtualmente infinito, e, finalmente, de haver fatores condicionados de forma diferente em cada cultura. Os valores-notícia “mudam no tempo” (WOLF, 1999, p. 198), apesar da relevante homogeneidade que apresentam dentro da cultura jornalística; além disso, o conjunto de valores-notícia de um veículo tende a se ajustar à estrutura do corpo editorial desse veículo de imprensa; conforme uma editoria se consolida, determinados critérios são ajustados em função dessa especialização temática (WOLF, 1999). Traquina (2005, p. 95) aponta que pode haver mudanças de conjuntos de critérios e de sensibilidades de uma época histórica a outra, de uma localidade a outra, de uma empresa a outra: “As definições do que é notícia estão inseridas historicamente”,

embora em seguida ressalte que as diferenças indicadas pela grande variedade de critérios podem esconder semelhanças profundas entre os produtos jornalísticos.

Hohlfeldt (2001) reforça a condição de hipótese da formulação do News-making. Trata-se de um sistema aberto, em construção, experimentação e teste de sua capacidade de traduzir a realidade percebida e gerar, com ela, conhecimento válido. Nesses aspectos, difere da teoria, que é um paradigma fechado a complementações pelo qual é possível explicar uma realidade conforme as normas de um modelo.

A ideia de que se pode organizar uma história dos critérios de noticiabilidade é explorada por Traquina (2005), que recupera dados de três momentos históricos: as primeiras décadas do século XVII, os anos 30-40 do século XIX e os anos 70 do século XX. Por um lado, se pode identificar uma permanência do insólito, do inesperado e do notório como elementos decisivos na escolha dos temas a serem expostos nas folhas volantes do século XVII, na *penny press* do século XIX e no jornalismo multimidiático dos anos 70 do século XX. Por outro, os assuntos de interesse local eram, em grande parte, desprezados como tema pelos autores das folhas volantes (TRAQUINA, 2005). A indicação do lugar onde o fato narrado ocorreu integrava o texto como informação, e um fato local só seria transformado em um tema das folhas volantes pelo que tivesse de bizarro ou de célebre.

Aparentemente, é a partir dos jornais publicados nas décadas de 1930 e 1940 que se pode identificar a progressiva expansão da relevância dos temas locais no noticiário. A valorização das ocorrências policiais como base para artigos em estilo humorístico, uma iniciativa do jornal *New York Sun*, pode ser entendida como marca de um novo jeito de fazer jornalismo, que dava espaço “às notícias locais, às histórias de interesse humano” (TRAQUINA, 2005, p. 67). É um indício do que mais tarde seria entendido como proximidade, no sentido da proximidade geográfica.

No já citado estudo de Galtung e Ruge, definido por Traquina (2005) como a primeira tentativa acadêmica de identificar os critérios influentes no trabalho jornalístico, há 12 valores-notícia indicados: a frequência, ou duração do acontecimento; a amplitude do evento; a clareza, ou falta de ambiguidade; a significância, que vai incluir as noções de proximidade cultural e a de impacto sobre o público como modulações; a consonância, ou adequação do novo em um esquema já conhecido que corresponda ao que se espera que aconteça; o inesperado; a continuidade, ou a continuação como notícia do que já foi noticiado; a composição, entendida como o



imperativo de compilar um conjunto equilibrado e diversificado de assuntos; a referência a nações de elite; a referência a pessoas de elite, célebres; a personalização, entendida como a referência a pessoas envolvidas; e a negatividade, indicando que fatos negativos são mais noticiáveis que fatos positivos.

É de se notar que as referências aos fatos locais não são abordadas no estudo de Galtung e Ruge pelo recorte adotado pelos pesquisadores, a saber: notícias publicadas em jornais noruegueses sobre conflitos deflagrados em outros países. Deriva daí que a proximidade geográfica em relação ao público ao qual se destina a notícia, ou a proximidade entendida como fator decisivo para o foco nos fatos locais, não é visível a partir da formulação por eles proposta.

Traquina (2005) apresenta uma lista de valores-notícia, dividida em dois grupos, os de seleção (subdividido em dois subgrupos: os critérios substantivos e os critérios contextuais) e os de construção, a partir de proposta de Mauro Wolf. Traquina posiciona a proximidade, desta vez com as modulações da localização geográfica e da identificação cultural, entre os critérios substantivos, que são as características dos fatos que fazem deles candidatos à transformação em notícia.

Os valores-notícia tendem a ser empregados em múltiplas combinações no cotidiano jornalístico, agindo em todas as fases da produção noticiosa (TRAQUINA, 2005; WOLF, 1999). Um valor-notícia em específico, o de proximidade, interessa pelas conexões possíveis com alguns conceitos de “espaço” com os quais se deseja trabalhar neste estudo.

## 3.2 Proximidade e localismo

De forma mais ampla e complementar ao processo interno de uma redação, na qual ocorre uma divisão de tarefas por setores e editorias (pontos entre os quais informações e conteúdo são deslocados e organizados) sob a pressão do deadline, é preciso considerar a inserção, física e comunicacional, de um veículo de imprensa em uma determinada confluência de tempo e localização espacial. Enquanto empresa jornalística, um jornal ou uma emissora existem em uma cidade ao longo do tempo. Além das dinâmicas internas da produção noticiosa, cabe imaginar que o entorno geográfico, temporal e cultural desse veículo também possa impactar nas

decisões editoriais e ajudar a conformar, mesmo que tacitamente, a lista de valores-notícia, as “lentes” de visada do cotidiano, e decidir o que será publicado.

Verifica-se que cada veículo de imprensa delimita sua área de abrangência de acordo com sua capacidade de investimento em jornalismo e que esses fatores influem na receita publicitária, em geral uma presunção estimada sobre o quanto da circulação da edição na qual está publicado o anúncio pode gerar de retorno ao anunciante. Sua atenção ao que se passa depende das escolhas feitas em face de sua capacidade produtiva instalada, da reputação construída junto ao seu público, da sua linha editorial e da sua escala de circulação. É o que se pode depreender do conceito objetivado de “jornalismo de referência” diante das variadas interpretações dadas ao termo e levando em conta os aspectos simbólico, institucional e empresarial: “[...] aquele que serve interna e externamente de referência – tanto para a elite formadora de opinião, como para os meios de comunicação – sobre uma parcela do mundo público, qual seja, o país ao qual se dirige” (ZAMIN, 2014, p. 939). É o jornal de prestígio nacional que é tido como referência tanto dentro como fora do país de origem. Um exemplo desse efeito é percebido no estudo realizado por Viana (2014) ao listar as fontes consultadas por jornais portugueses sobre as novidades brasileiras.

O jornalismo praticado pelos veículos interioranos no Rio Grande do Sul – categoria na qual se enquadra o jornal *Folha de São Borja*, um dos títulos em análise, e certamente também o *Unión*, de Santo Tomé – é voltado para as demandas locais, pretendendo, por isso, se designar como “comunitário”<sup>16</sup>; circula em uma área circunscrita a um município ou a uma região (DORNELLES, 2004). Pode-se, assim, falar em localismo como uma característica marcante do jornal interiorano que está produzindo notícias e outras informações para as pessoas de uma comunidade delimitada geograficamente, com a qual convive mais intensamente e da qual conhece tanto a ponto de poder usar uma linguagem mais “familiar” (DORNELLES, 2010).

O localismo é um conceito que Dornelles conecta ao sentido de proximidade,

---

<sup>16</sup> Embora os jornais de interior em geral se identifiquem como “comunitários”, adere-se aqui ao conceito evocado por Dornelles e Modena (2007) para definir como jornal comunitário o que é produzido pela própria comunidade. Da imprensa interiorana pode-se dizer, em sintonia com essa adesão teórica, que vincula sua linha editorial a demandas provindas da comunidade à qual se liga; porém, devido à sua característica empresarial, não é propriamente “comunitária”.

que, por sua vez, se relaciona ao valor-notícia de proximidade. Enquanto valor-notícia, a proximidade pode ser referir a uma contiguidade temática, geográfica ou cultural entre o acontecimento em avaliação e a audiência. A proximidade é um dos componentes ligados às categorias substantivas da noticiabilidade, neste caso classificada como um fator de avaliação da importância do acontecimento, segundo Hohlfeldt (2001). As categorias substantivas dizem respeito aos aspectos próprios do acontecimento a ser avaliado. A proximidade, para Dornelles (2010), significa tanto a cercania do jornal para com a sua comunidade em termos geográficos, físicos, quanto também de interesses comunais, agindo em prol da coesão social sem esquecer os preceitos éticos de respeito à diversidade, de tolerância, de dignidade e dos direitos das pessoas.

O território, o lugar geográfico, é um aspecto-chave para entender a imprensa interiorana, local, mas não é o único, pois a proximidade do “jornalismo microscópico” se expressa em função de espaços e identidades (DORNELLES, 2010). É também ligado ao momento atual, em que a aceleração do tempo e da circulação de notícias e informações torna o mundo mais similar no aspecto global, sem apagar as diferenças locais; a imprensa local constrói sua força na localização geográfica e na territorialização de seu conteúdo (DORNELLES, 2010). Valeria incluir aí que a atuação do jornal de interior em sua comunidade ao longo do tempo vai também gerar efeitos, de acordo com a duração de sua existência: a construção da reputação do veículo de imprensa; a eventual evolução empresarial e de capacidade produtiva; o reconhecimento dos profissionais que nela trabalham, do ponto de vista do veículo; a construção de acervos de memória da vida comunal por meio das notícias e das opiniões publicadas<sup>17</sup>; a interação com climas de opinião vigentes em determinados períodos, na dimensão de uma história da comunidade.

No entanto, cabe destacar que o viés do localismo e o valor-notícia de proximidade não devem ser interpretados como diferenciais da imprensa de interior. Pode ocorrer que um jornal de referência dedique algum espaço e atenção aos fatos de uma comunidade, mas em geral essa classe de veículo jornalístico opera como jornal “local” de uma área bastante relevante em termos de extensão e importância política

---

<sup>17</sup> Naturalmente, acervos que merecem a atenção do pesquisador para a leitura dos arquivos, conforme as recomendações de Darnton (2010) e Romancini (2007).

e econômica. A discussão sobre a imprensa interiorana será aprofundada na Seção 3.4.

Uma avaliação do valor-notícia de proximidade em contexto de imprensa de interior foi exposta por Santos e Castro (2013), que analisaram os valores-notícia propostos por Nilson Lage frente à realidade de um jornal local e interiorano. Os autores destacam a proximidade como interveniente nas etapas de seleção dos acontecimentos a noticiar e também na angulação escolhida. Assim, fatos que não ocorreram na cidade, mas cujos impactos e desdobramentos podem chegar ao público leitor, devem ser noticiados a partir de um ponto de vista local, contextualizado.

Naturalmente, a cultura institucional de um veículo de imprensa específico é também um conformador do trabalho que ali se realiza; integra o grupo de critérios organizacionais de noticiabilidade. Assim, um jornal interiorano vai abordar a categoria proximidade com um viés diverso do que fará um jornal de referência. Para compreender a produção de um jornal que, além de ser interiorano, também é fronteiro, deve-se adicionar a especificidade local dessa fronteira. Grimberg (2014) expõe essas diferenças ao estudar como as fronteiras brasileiras no estado do Rio Grande do Sul com a Argentina e o Uruguai são noticiadas em jornais de circulação nacional, regional (estadual) e local. À proximidade geográfica é preciso conectar a proximidade temática; assim como a amplitude é fator decisivo para a avaliação de um acontecimento para o jornal de escala nacional, a proximidade é essencial para a tomada de decisão em uma redação interiorana e fronteira.

O espaço fronteiro – espaço no sentido que Certeau dá ao termo, de ambiente construído pelas pessoas e suas relações em um determinado lugar – pode ser visto como integrador de duas coletividades, ponto de encontro, e, ao mesmo tempo, pode ser percebido como ponto onde a diferenciação é evocada como marca identitária. No caso das notícias acerca da fronteira e de sua travessia, como a noção de proximidade incide sobre esses locais? Existe a proximidade geográfica, e certamente há uma proximidade no sentido cultural, de costumes, palavras e significações que se partilham. Não se pode negar, porém, que há as marcas de diferença, que podem promover um certo distanciamento, não necessariamente gerador de um viés preconceituoso. Isso permite indagar se no espaço de fronteira pode haver diferentes formas de avaliar a proximidade enquanto aspecto de um fato potencialmente noticiável. Um jornal poderá avaliar que um fato na cidade vizinha é “próximo” o bastante

para interessar ao seu leitor, e outro não o fazer? É possível que dentro de uma mesma escala geográfica ocorram percepções distintas do que torna um fato “próximo” o suficiente para que possa ser considerado interessante, em termos de uma antecipação da reação da audiência?

O conceito de critérios organizacionais de noticiabilidade abre espaço para estimar que a resposta seja sim, se nesse conjunto de fatores for incluída a linha editorial e o quanto a vivência na fronteira importa para um veículo de imprensa. Uma vez que a conformação empresarial e a atuação jornalística se complementam na construção de um jornal, entende-se que o ponto de vista adotado acerca da convivência fronteiriça, das oportunidades e problemas decorrentes não apenas do encontro entre as populações vizinhas, mas das relações dessas comunidades com os respectivos governos regionais e nacionais, por meio de leis e decisões concernentes ao estabelecimento de possibilidades e interdições nesses territórios limítrofes, é um fator organizacional extra, e relevante para começar a compreender os critérios vigentes e as escolhas já realizadas durante a existência desse jornal.

### 3.3 Espaço e proximidade

No trabalho desenvolvido por Grimberg (2014), o espaço, tradicionalmente um termo ligado à Geografia, encontra-se na função de gênero de recorte, do qual local, regional, nacional e global são espécies, delimitações espaciais. O espaço é “físico” e sobre ele ocorrem relações, há a vida humana, fazendo com que esse espaço seja complexificado. Pode-se adicionar, em relação ao espaço, que nele se fazem as histórias das comunidades ali fixadas.

Barros (2005) relata o processo da emergência da Nova História, a transição da História de um saber dedicado ao estudo do passado humano ao campo especializado no estudo do ser humano no tempo, para integrar a coordenada do espaço. Palavra com diversas apropriações, “espaço” pode delimitar uma área de interesse ou de controle efetivo em mais de um domínio do conhecimento. A História como o estudo do ser humano no tempo e no espaço, como se define atualmente essa área do saber, possui forte conexão com a Geografia e com outras áreas, como a Literatura, a Psicanálise e a Semiótica (BARROS, 2005) – e também com o Jornalismo

(GRIMBERG, 2014). Afinal, a vida cotidiana e os fatos imprevistos e anormais se passam em um lugar, e o veículo de comunicação local trabalha com essa base territorial e temática ao longo de sua existência. Em se tratando de veículos de imprensa interioranos, a abrangência editorial e comercial de uma determinada área pode coincidir com a de uma cidade ou de uma microrregião, gerando registros de acontecimentos (os que foram transformados em notícia) e permitindo recuperar indícios e fazer inferências sobre o clima de opinião vigente naquelas coletividades onde circularam e ainda circulam, acumulando dados os mais diversos sobre a cidade ou a região na duração do tempo.

O espaço, originariamente na Geografia, indica “uma área indeterminada que existe previamente na materialidade física” (BARROS, 2005, p. 98). É a partir dessa noção que conceitos como “espaço imaginário”, “espaço social” e outros são construídos. A progressiva conexão entre as noções de tempo e espaço, derivada da interdisciplinaridade entre História e Geografia, faz com que a espacialidade seja vista também de acordo com os sentidos de espaço com os quais se trabalhe, como, por exemplo, os mais tradicionais: “[...] como lugar que se estabelece na materialidade física, como campo que é gerado através das relações sociais, ou como realidade que se vê estabelecida imaginariamente em resposta aos dois fatores anteriores” (BARROS, 2005, p. 97).

O critério da proximidade, além de evocar a cercania geográfica e a identificação temática entre o jornal e seu público, pode ser também conectado ao conceito de espaço proposto por Certeau (2014), de forma que se inclua a visão da espacialidade fronteiriça na percepção do que é próximo e interessante. Ao analisar as táticas pelas quais o indivíduo atua criativamente dentro dos limites estrategicamente impostos pelo poder, Certeau distingue duas dimensões do cenário onde ocorre a invenção das soluções do dia a dia: “lugar” corresponde à localização física, material, geométrica, enquanto “espaço” é o “lugar praticado”, indicando a dinâmica apropriação dos lugares pelas ações humanas. Como exemplo, a rua planejada e construída de forma estática é lugar, e torna-se espaço através do seu uso pelos pedestres.

A ponte internacional entre São Borja e Santo Tomé, localizada em um ponto do planeta, comporta o dinamismo das movimentações de carga, fiscalizações, vivência dos trabalhadores e dos que ali se encontram para atravessar os limites nacionais – assim como as barcas entre o Puerto Hormiguero e o Porto de São Borja

um dia fizeram. Assim, espacialidade indica o sentido existencial que resulta das ações de sujeitos históricos sobre os lugares, sentido esse firmado em relatos e práticas. Lugares tornam-se espaços: ruas percorridas por pedestres, salas preenchidas pelas discussões da aula. Espaços tornam-se, também, lugares: a cena de crime que se torna altar de culto popular. Relatar e praticar o espaço é operar essas transmutações; relatos “são feitura de espaço” (CERTEAU, 2014, p. 189). Notícias relatam, entre outros efeitos; e, ao relatar os fatos que se passam em uma localidade, contribuem para a geração de uma espacialidade. Essa feitura do espaço se dá no decorrer de dias, meses, anos e décadas; leva tempo para ser feita, vivida e lida.

Cada relato de espaço traz consigo a estranheza em relação ao que lhe é externo, que Certeau associa à relação entre fronteira e ponte. Os pontos de contato entre o espaço e a exterioridade são fronteiras (para Certeau, correspondem aos limites) e também pontes que conectam. Nenhum dos lados possui a fronteira, que se faz um “entre-lugar”, um “entre-dois”, um mediador:

Paradoxo da fronteira: criados por contatos, os pontos de diferenciação entre dois corpos também são pontos comuns. A junção e a disjunção são aí indissociáveis. Dos corpos em contato, qual deles possui a fronteira que os distingue? Nem um, nem o outro. Então, ninguém? (CERTEAU, 2014, p. 195).

Nesse sentido, o que é comum e que também propicia a diferenciação, ao ser visto como algo com sentido e existência próprios, engendra vivências e ações caracterizadas em função de e a partir de seu espaço e ao longo de sua temporalidade. Modos de falar, práticas cotidianas e visões sobre o espaço local, nacional e global ficam matizados pela existência nesse espaço.

Percebe-se confluência entre os conceitos anteriormente relacionados às fronteiras vivas de que fala Müller – a busca de soluções junto ao município vizinho, a convivência mais cordial, a condição de se estar submetido a uma ordem imposta à qual se tenta contrapor com sagacidade e inventividade – e o entendimento de uma espacialidade diferenciada. Estão presentes a junção e a disjunção; a integração e a reafirmação da diferença.

Com isso, entende-se que as áreas de fronteiras nacionais – e, certamente, mesmo as que ocorrem entre diferentes estados de um país – constituem, também

pelos relatos produzidos, diferentes visões sobre a sua espacialidade. Uma das instâncias nas quais os relatos sobre os espaços são produzidos é justamente o jornalismo. As notícias no jornal da cidade narram os acontecimentos e ajudam a formar os relatos que conformam o espaço, que dão conta do que compõe e de como existe uma dada espacialidade.

Essa espacialidade, na fronteira da qual fala Müller (2001; 2007; 2015), supera os aspectos geopolíticos e jurídicos estabelecidos nas delimitações de territórios nacionais, uma vez que a convivência cotidiana ocorre e articula práticas muito peculiares daqueles lugares dos quais é feito o que se pode chamar de espaço fronteiro. A característica da peculiaridade favorece o entendimento de que, embora possuam bases comuns<sup>18</sup>, as áreas de fronteiras constituem espaços muito próprios, talvez únicos, por conta das práticas culturais que ali conformam lugares em espaços e espaços em lugares.

Um prognóstico: cada fronteira é especial porque é espacial; e só é espacial por ter sido vivida e construída de uma ou outra forma ao longo da duração do tempo, processo sócio-histórico para o qual as notícias sobre esse espaço oferecem contribuições. Os acontecimentos selecionados para a transformação em notícias e o tratamento dado durante essa produção certamente estão mais fortemente influenciados pelos critérios de noticiabilidade de seleção e de tratamento e pelos fatores organizacionais; é lícito imaginar, em complemento, que os sentidos sobre a vivência nessas áreas de encontro e diferenciação possam ser, de alguma forma, percebidos nos relatos da espacialidade fronteira a partir dos jornais ali circulantes. Os jogos entre as negociações culturais e cotidianas feitas no âmbito local e as injunções vindas dos centros regionais e federais de governo, as dificuldades e possibilidades, os lances possíveis, como diria Certeau, talvez possam ser percebidos na atuação e na produção dos jornais interioranos fronteiros.

---

<sup>18</sup> Os aspectos das determinações e demarcações legais, jurídica e fisicamente postas para marcar as linhas limítrofes; para dar um exemplo.



### 3.4 A imprensa interiorana

O provável primeiro texto científico sobre jornais de interior com autoria de acadêmico brasileiro data do início da década de 1960 e versa sobre a realidade de periódicos de pequenas cidades da Região Nordeste do país (BELTRÃO, 2013). Então, alguns aspectos podem ser salientados: ênfase nas notícias de interesse das comunidades atendidas; envolvimento ativo nos assuntos comunais; estrutura de produção variando entre a réplica em escala reduzida das organizações responsáveis pelos jornais de referência e as equipes muito pequenas, incluindo aí o editor multitarefa; “estilo redacional [...] mais generoso e florido do que o jornal metropolitano” (BELTRÃO, 2013, p. 38).

Ao falar das funções exercidas pelos jornais de interior, Beltrão menciona as atuações que cimentam a comunidade, seja ao “ajudar poderosamente a opinião pública e analisar os atos humanos praticados pelos responsáveis pela direção da comunidade” (BELTRÃO, 2013, p. 34), ou ao exercer o “dever de defender, intransigentemente, os valores sociais, fundados na verdade, na liberdade e no bem comum”, por meio das funções política, cultural, econômica e moral (BELTRÃO, 2013, p. 35), em uma visão com tons otimistas e um tanto normativa. Nesse texto, a nomenclatura empregada inclui “diários e semanários locais”, “jornal regional”, “jornal do campo”, “jornal do interior”, indistintamente.

A definição do sentido que se dá ao termo “interior” na produção acadêmica sobre o Jornalismo é um ponto relevante de discussão (ASSIS, 2013). No conjunto dos estudos acerca do tema, predomina o enfoque nos meios de comunicação (e seus desdobramentos) de cidades de pequeno ou médio porte, distantes dos centros:

Podemos dizer, então, sem medo de cometer equívocos, que interior, na pesquisa acadêmica sobre a imprensa – e mesmo no chamado senso comum –, consiste em território que não o das capitais e o qual pode estar situado tanto na parte interna das unidades federativas, quanto no litoral e na fronteira entre estados (províncias, em alguns casos) ou na divisa entre países (ASSIS, 2013, p. 14).

A partir dessa definição, Assis questiona o uso dos termos “local” e “regional”

para falar da imprensa interiorana. Para ele, o jornalismo do interior é marcado pelas questões da localidade e da região, ou seja, termos como “jornalismo local” e “imprensa regional” não equivalem ao sentido da “imprensa interiorana”. Antes disso, tangenciam o sentido de interior.

Em outras palavras, questionamos, por exemplo, se o que ocorre em São Paulo, maior cidade brasileira, não seria também fato local. Ou, mais, se noticiários sobre Recife, considerada a maior capital do Nordeste, não se enquadrariam no conceito de regional, assim como pode se dar com acontecimentos de qualquer outra grande cidade nordestina, haja vista que temos por hábito associar aquele agrupamento de estados a um ambiente com marcas de regionalidade (ASSIS, 2013, p. 14-15).

A problematização exposta por Assis ressalta as diferentes nuances da conexão da atuação jornalística com a sua abrangência de cobertura e de circulação e faz pensar também em como a natureza dos acontecimentos noticiados, e a avaliação de sua noticiabilidade pelos critérios profissionais, pode romper essas barreiras. Um incêndio em uma cidade do interior, na maioria das vezes, pode no máximo chegar ao noticiário estadual; porém, a imprensa nacional e veículos de diversos países repercutiram informações sobre a tragédia da boate Kiss, em Santa Maria (RS), ocorrida na madrugada de 27 de janeiro de 2013.

Bueno (2013) propõe categorizar a imprensa do interior em tipos ideais que são definidos de acordo com três conjuntos de elementos: os relacionados ao jornal como empresa, os ligados ao jornal como produto e os referentes ao relacionamento entre o jornal e a comunidade. A solução, de inspiração weberiana, evita uma classificação excessiva diante da grande diversidade de jornais interioranos, repele a ideia de juízos de valor entre os tipos ideais de jornal e concebe que cada jornal interiorano apresenta traços identificáveis com cada tipo ideal. Entre os fatores da classificação, estão a relação entre a circunscrição geográfica de cobertura e abrangência, o nível de estruturação da empresa jornalística em termos de recursos humanos e capacidade produtiva, e o relacionamento do jornal (a empresa e o produto) com a comunidade na qual circula. São três os tipos ideais de jornais interioranos:

o jornal local “quase artesanal”, o jornal local estruturado e o jornal regional. Os dois primeiros têm como limite de circulação a cidade ou o município em que mantêm a sua sede, e o terceiro objetiva exercer a sua influência numa determinada região, abarcando, portanto, com sua circulação e cobertura algumas cidades e municípios. Neste texto, para evitar ambiguidades entre

os jornais locais, chamaremos o primeiro de “quase artesanal” e o segundo apenas de jornal local (consolidado, estruturado) (BUENO, 2013, p. 45).

Dentro dessa classificação, as empresas jornalísticas podem ser avaliadas como portadoras de características pertencentes a um ou outro dos três tipos ideais. Cada periódico pode ser categorizado de acordo com esses traços e conforme o predomínio de um ou outro tipo ideal. Isso implica conectar o status de cada empresa ao seu posicionamento e estrutura diante de seu contexto territorial, social, cultural, econômico e político.

A abrangência geográfica da imprensa interiorana é o principal traço de separação entre os tipos ideais na proposta de Bueno. A área de circulação e cobertura de um jornal é diretamente proporcional à sua musculatura empresarial. A localização e atuação geograficamente definidas se refletem na linha editorial desse periódico, que vai então focalizar os temas de interesse da comunidade à qual está ligado. Com isso, o jornal do interior é “um jornal comunitário” (BUENO, 2013, p. 58), por fornecer informações específicas da localidade para os moradores; ajudar a orientar o indivíduo no tempo e no espaço da comunidade local, gerando e alimentando tradições e identidades locais; modelar a integração do indivíduo na estrutura social; salientar os valores e interesses com elevado grau de consenso na comunidade.

Em relação à descrição da função da imprensa do interior por Bueno, observa-se de modo complementar que o relacionamento jornal/comunidade contém diversas variáveis a considerar, problematizando esse aspecto do funcionamento empresarial jornalístico e, por consequência, o jornal enquanto iniciativa empresarial e produto comunicacional. Por exemplo, em uma dada comunidade é possível avaliar quais as posições ocupadas na estrutura hierárquica local, quais grupos sociais estão presentes e atuantes, qual o nível de consumo de informações jornalísticas e diversos outros fatores de ordem política, social, cultural e econômica. Em relação ao grau de consenso de valores, ainda que se considere que há hábitos sociais relativamente universais, como o interesse por “focofocas” e a reprovação da população local ao envolvimento de seus integrantes em escândalos, é provável que essa percepção seja relacionada apenas aos leitores do jornal daquela comunidade, e não à comunidade em si.

A imprensa interiorana sofre bastante preconceito por parte do mercado, dos

governos e da própria academia (BUENO, 2013, p. 60-62). Acrescente-se a esta constatação de Bueno o apontamento de Dornelles (2016) acerca do preconceito de jornalistas sindicais, que julgam os jornais do interior, de forma genérica, como não-produtores de jornalismo, conforme entrevistas com representantes da Federação Nacional de Jornalistas e do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul, que preferem não se expor publicamente<sup>19</sup>.

Para que os jornais interioranos possam evoluir, além de as empresas deverem reforçar seu vínculo com o território, é preciso que os governos ajam para valorizar e fortalecer os veículos de suas comunidades, as agências de publicidade passem a investir nos jornais interioranos, enxergando neles parceiros importantes para a divulgação de bens e serviços, e os próprios jornalistas valorizem os jornais do interior.

É mais comum a crítica ao noticiário produzido no interior do que a proposição de soluções para os problemas desse tipo de jornalismo (DORNELLES, 2013, p. 67; 2016), em consequência do estereótipo aplicado às empresas jornalísticas interioranas. Os olhares tendem a criticar justamente um ponto forte desses veículos de comunicação, o localismo, agora fortalecido pela natureza da Internet, que ampliou a demanda por informações locais bem qualificadas (DORNELLES, 2013, p. 70).

O localismo é “a divulgação de fatos e acontecimentos de repercussão local, de interesse imediato dos moradores que residem no município-sede do jornal” (DORNELLES, 2013, p. 70). As contínuas experimentações no webjornalismo e as alterações no mercado têm levado até mesmo a grande imprensa a investir em informações locais, o que se traduz especialmente na cobertura de bairros das capitais. Dornelles observa, porém, que esse localismo nas capitais ainda é deficiente, por adotar critérios de noticiabilidade pré-Internet, como raridade, polêmicas, crimes e celebridades.

A atenção à pertença e identidade territoriais serviria como um norte mais adequado para as decisões que envolvem critérios de noticiabilidade, conformando-as a uma escala geograficamente restrita e comunitária, sem que isso represente uma limitação inescapável da audiência (DORNELLES, 2013, p. 71). É esse mecanismo, que nos jornais das grandes cidades não está desenvolvido, que conduz há

---

<sup>19</sup> Informação recebida via telefone em 7 de outubro de 2016 por Heleno Rocha Nazário

bastante tempo as linhas editoriais e comerciais das empresas jornalísticas interioranas. O jornal interiorano está irremediavelmente amarrado ao espaço geográfico de produção da cobertura noticiosa, da circulação do impresso e da ambiência econômica.

Dornelles aponta que, enquanto a circunscrição geográfica é determinante para caracterizar a informação local, a imprensa do interior exige o reconhecimento de outras marcas. Uma delas é a influência do localismo para além da seleção noticiosa, permeando a estrutura das editoriais e seções do periódico. Além disso, a imprensa interiorana atua em uma escala muito mais restrita que a imprensa metropolitana. Isso significa que o contato da empresa jornalística com instituições locais é mais contínuo e intenso, ou, em outros termos, o jornal de interior está sujeito a relações bem mais próximas e decisivas em decorrência de sua atuação.

Uma consequência importante dessa proximidade é a intensidade e o cuidado da relação entre o veículo e o poder público. Se o cenário visto nos primórdios da imprensa nacional, quando os partidos políticos criavam e mantinham seus jornais, era de dependência ideológica dos veículos em relação aos seus mantenedores, hoje a ligação mais provável é a econômica. O jornal interiorano em geral, ainda em 2016, possui receitas publicitárias condizentes com a pujança econômica da localidade, mas não dispensa a obtenção de uma parte dos recursos públicos destinados à veiculação de publicidade advinda de órgãos dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário presentes no município, ainda que muito pequena.

Cabe discernir, neste ponto, as duas variedades permitidas por lei: a publicidade legal, que tem caráter obrigatório para prefeituras e outros órgãos públicos, caracterizada na divulgação de editais, chamadas para licitações, notificações e documentos diversos cuja natureza jurídica exige a disseminação dessas informações em veículos que circulem na cidade; e a publicidade institucional, o tipo mais flexível de investimento em mídia previsto para a administração pública no Brasil. Nessa categoria se enquadram as rubricas para produção de veículos oficiais de informação e compras de espaço em rádio, impresso, Web e televisão, com a finalidade prevista de oferecer informações sobre as atividades do órgão ou instituição; não raro, esses investimentos acabam por servir para a construção de uma imagem positiva das gestões, motivo pelo qual as rubricas associadas a essa finalidade tendem

a ser regularmente dirigidas aos veículos de imprensa locais, por vezes representando uma receita relevante para a subsistência dos jornais impressos.

A “proximidade”, por sinal, indica também o principal critério de noticiabilidade nas redações interioranas, pois é o elemento decisivo na seleção dos fatos a serem divulgados (DORNELLES, 2013, p. 74). Como elemento decisivo do trabalho jornalístico em uma cidade de pequeno porte ou em uma região de alguns municípios, a proximidade é um critério polissêmico. Se o sentido geográfico, físico, é o mais notável, é preciso considerar também as modulações da proximidade cultural e ideológica.

Como já apontaram outros autores (BELTRÃO, 2013; BUENO, 2013), o editor de um jornal interiorano tende a adequar a linha de seu jornal em sintonia com o sistema de valores, a mentalidade comunal, como forma de obter reconhecimento e retorno necessário à subsistência da empresa. A particularidade da imprensa do interior (seja local ou regional) é a sua interlocução com os integrantes de uma comunidade geográfica delimitada, dos quais é possível conhecer algumas características, como mentalidades, hábitos, modos de viver, níveis de vida, preocupações culturais e sociais dominantes.

Podemos, assim, sustentar que a imprensa do interior, caracterizada especialmente pelo localismo, funciona em um espaço mais ou menos limitado, por seleção do tipo de informação, por identificação com o público, pelo partilhamento dos fatos, dos interesses, das necessidades, das reivindicações políticas, etc. O jornal necessita servir aos interesses nobres da comunidade a que deve sua existência e seu sustento (DORNELLES, 2013, p. 77).

A definição do jornal do interior também envolve a questão da propriedade da empresa, além da linha editorial voltada para os assuntos da cidade ou da região. A vinculação do jornal interiorano ao seu território faz com que a proximidade geográfica seja um fator até mesmo de criação de laços afetivos e de confiança da população para com a empresa jornalística:

Como imprensa do interior, definiremos aquela cuja abrangência esteja circunscrita ao âmbito municipal ou microrregional, que não seja de propriedade de instituições, como partidos políticos, igrejas, associações de moradores, escolas, entre outras; que seja de propriedade privada; que publique notícias de âmbito geral relativas ao município-sede da empresa jornalística e de municípios próximos (FERNANDES, 2013, p. 112).

Ao orientar sua produção editorial, e mesmo seus processos de seleção e aproveitamento de *press releases*, o jornal do interior reorganiza práticas profissionais, recomendações de manuais para as “boas práticas” de produção e apresentação da notícia, muitas vezes desenvolvidos no contexto dos veículos de imprensa de grande porte. Nesse processo, o periódico adapta essas regras da comunidade jornalística conforme suas circunstâncias, em uma atitude que relativiza a definição do que é notícia em prol da existência e subsistência no seu município ou região.

Os elementos que constituem a natureza da notícia são condicionados pelo contexto sociopolítico, econômico e cultural em que cada veículo de informação está inserido. Nesse processo, também influem os interesses da organização jornalística, os critérios dos produtores da notícia e os interesses e as expectativas dos leitores. Daí a dificuldade em se definir o que é notícia (FERNANDES, 2013, p. 130).

Deriva dessa variabilidade contextual da notícia a compreensão de que em um jornal interiorano a seleção dos acontecimentos é bastante pressionada pela proximidade geográfica, devido à sua escala de atuação empresarial e sua capacidade instalada, por um lado, e em face das relações afetivas e de confiança estabelecidas entre os leitores, o editor e os jornalistas e o jornal, por outro. Isso significa que ocorrem “inversões de prioridades determinadas pelo fator proximidade, pelo localismo onde o pequeno jornal está inserido” (FERNANDES, 2013, p. 114-115).

Os principais aspectos da imprensa interiorana podem ser organizados de acordo com a sua definição sintética, os aspectos mais notados de seu funcionamento, o porte empresarial e a relação com o público e o conceito de proximidade:

**Tabela 1 – Síntese das definições sobre a imprensa interiorana**

<b>Definição</b>	<b>Funcionamento</b>	<b>Quanto ao porte empresarial (tipos ideais das empresas)*</b>	<b>Relação com o público e a proximidade</b>
Empresas jornalísticas situadas em cidades de pequeno e médio portes, distantes das capitais, seja na parte interior do território ou nas fronteiras.	Postura em prol da comunidade, defendendo demandas e valores que sejam percebidos como tendo alto grau de consenso.	<b>Quase artesanal:</b> jornal com estrutura enxuta, baixa agressividade na busca de receitas publicitárias; acúmulo de funções; fraca ou inexistente estrutura empresarial. Baixa capacidade de gestão de conteúdo (editorial	Acontecimentos locais têm prevalência, podendo ocupar todo ou a maior parte do noticiário, conforme o porte da empresa (proximidade geográfica).

Definição	Funcionamento	Quanto ao porte empresarial (tipos ideais das empresas)*	Relação com o público e a proximidade
São empresas cujos produtos, os jornais, circulam somente naquelas cidades ou nas microrregiões em que estão inseridas, a depender da sua estrutura produtiva empresarial e do seu contexto cultural, socioeconômico e político.	<p>Tendência a replicar práticas de produção da imprensa dos grandes centros (imprensa de referência).</p> <p>Foco nos acontecimentos da comunidade que busca atender (cidade ou região), dando visibilidade a fatos e temas que a imprensa dos grandes centros não cobre.</p>	<p>e publicitário). Periodicidade entre o trissemanal e periodicidades mais espaçadas (bissemanal, semanal, quinzenal). Noticiário exclusivamente local. Circula somente na cidade-sede da empresa.</p> <p><b>Jornal local:</b> pode ser pouco estruturado ou já consolidado. Partilha características com os jornais quase artesanais e os jornais regionais, conforme seu grau de organização. Circula somente na cidade-sede da empresa.</p> <p><b>Jornal regional:</b> o mais estruturado, com circulação diária em um conjunto de cidades de uma região, bom nível de captação de receita, inserção on-line, atinência às regras de produção jornalística, noticiário local com presença de informações nacionais e internacionais.</p>	<p>Alto grau de envolvimento com a comunidade, com suas demandas, com sua cultura e história (proximidade temática).</p> <p>Atenção para com a imagem que a cidade, por meio de seus integrantes, deve manter e expor para si mesma.</p> <p>Comunidade tende a valorizar e interagir com as empresas, colaborando e cobrando correções; tendência é defender, com pouca carga crítica.</p>

Fonte: compilação do autor a partir de Assis (2013), Beltrão (2013), Bueno (2013), Dornelles (2013) e Fernandes (2013).

\*Conforme definição de Bueno (2013).

### 3.5 A especificidade fronteiriça

O contexto social, cultural, econômico e político das cidades de fronteira entre o Brasil e a Argentina, especificamente entre o estado do Rio Grande do Sul e as províncias de Corrientes e Misiones, possui aspectos mais evidentes, como o bucolismo, similaridade de costumes, como o chimarrão e a música, e o compartilhamento do bioma Pampa, além do atrativo de tais cidades serem pontos de passagem de um país ao outro. Há outras questões que merecem ser consideradas. O principal motivo que permite considerar a imprensa fronteiriça como uma subcategoria dentro



da categoria “imprensa interiorana” é a sua localização em municípios de pequeno e médio porte que estão distantes de suas respectivas capitais estaduais e situados nas divisas entre países, em consonância com a proposta de Assis (2013) para o sentido de “interior” na pesquisa em Jornalismo.

As regiões fronteiriças tendem a ser as menos desenvolvidas, por conta do isolamento em relação às capitais estaduais e federais, baixa representatividade política e econômica, dependência do setor primário, geralmente monocultor (CORRÊA; OLIVEIRA, 2012), fatores que se podem conectar às políticas históricas de segurança nacional que visavam, em suma, evitar que ativos valiosos ficassem em áreas mais expostas a conflitos regionais. Devido à tendência para ciclos econômicos de exploração de *commodities* do setor agropecuário, são regiões com desenvolvimento em geral bastante lento. Suas populações passaram por períodos de migrações, com muitas pessoas partindo para outras regiões em busca de condições mais favoráveis, o que agrava ciclicamente esses problemas.

No entanto, a história recente dessas populações fronteiriças aponta para uma convivência bastante pacífica, sem tensões relevantes. A ocorrência de uniões matrimoniais entre indivíduos dos dois lados do rio Uruguai é algo comum, bem como a travessia da divisa para comprar itens de uso cotidiano, provar da gastronomia da cidade vizinha ou passear. A convivência com outro idioma e uma cultura muito similar são elementos marcantes dessas localidades.

A tendência para uma relação distanciada entre as cidades fronteiriças e seus respectivos centros de decisão é outro ponto relevante:

As linhas divisórias ali demarcadas são fronteiras vivas, as relações entre os povos são dinâmicas, as interações são constantes, muito embora pareça não existir uma integração completa, mas sim várias formas de cooperação e entrelaçamento entre os campos sociais presentes. As necessidades de um lado são sanadas pela participação do outro, as brechas de um são preenchidas pela ação do outro [...]. As bordas naquelas localidades são ultrapassadas. Tornaram-se, graças à ação do próprio homem, porosas, onde os limites impostos a partir de definições provenientes dos centros de decisão são distantes e, muitas vezes, elaborados por desconhecidos da realidade dos povos que habitam regiões limítrofes dos territórios nacionais (MÜLLER, 2002, p. 230-231).

Em relação a um dos pontos fronteiriços mais representados nos estudos brasileiros sobre a comunicação nas regiões limítrofes do Brasil com países vizinhos,

as cidades conurbadas Santana do Livramento e Rivera, do Uruguai, e as cidades gaúchas na fronteira com a Argentina diferenciam-se por dependerem de barcas ou de pontes para o transporte até o outro lado do rio Uruguai. Essa configuração muda substancialmente o cenário de trocas culturais cotidianas.

Diferentemente da imbricação dos centros urbanos, que torna o convívio de nacionais de dois países algo intensamente banal, como ocorre na famosa “Fronteira da Amizade” entre Livramento e Rivera, os pontos de encontro entre cidades gaúchas e argentinas envolvem o recurso a prestadores de serviços (lanchas, balsas, barcas) ou a obras binacionais que permitam a mobilidade de pessoas e veículos. Em qualquer dos casos, outro fator provoca efeitos pela ausência ou pela presença atuante: os órgãos dos Estados nacionais, para controle de segurança e regulação fiscal e fazendária.

Esse enlace entre dados relacionados à cultura e ao desenvolvimento socioeconômico das cidades fronteiriças é relevante para analisar o jornalismo produzido ali em relação ao temário dos periódicos interioranos e fronteiriços. Entende-se que as marcas culturais e identitárias características da fronteira, já percebidas em estudos anteriores sobre a imprensa desses locais, tendem a se refletir nos estilos redacionais, na estrutura dos periódicos, na forma de se tratar dos temas fronteiriços e na interação do leitor com os seus jornais locais (MÜLLER, 2001; 2003a; 2003b; 2015; MÜLLER; OLIVEIRA, 2005). Os veículos de comunicação fronteiriços, embora em geral manifestem características da imprensa do interior, por vezes tendem a replicar visões da imprensa metropolitana sobre as áreas de fronteira a partir de um viés securitário (SILVEIRA, 2005; 2006; 2011; SIMI; SILVEIRA, 2010; SEIBT; SILVEIRA, 2004), alternando essa postura com a luta pelas demandas da comunidade, como se entende que seja uma das funções da imprensa interiorana. A diferença de escala de veículos da imprensa tende a ser um fator importante para explicar as distintas visões sobre as áreas limítrofes do território nacional, como no caso do Rio Grande do Sul (GRIMBERG, 2014). Em situações especiais, fatos que pertencem à escala internacional, como conflitos entre países, podem repercutir nos jornais de fronteira, a partir de um enfoque local, como apontamos em pesquisa anterior (NAZÁRIO; HAUSSEN, 2015).

As especificidades das áreas de fronteira em relação às mesclas de cultura podem ser, ou melhor, precisam ser afetadas pelo critério de proximidade para sua

manifestação. Em complemento a esses fatos, propõe-se que a modulação do impacto da proximidade entre os veículos fronteiriços se deva à configuração da travessia, como elemento que age recursivamente na relação entre as populações e instituições das cidades fronteiriças. Essa modulação se apresenta no âmbito da produção noticiosa, referente aos tipos de acontecimentos e temas que podem virar notícias nos jornais e à composição de seções e editoriais, e no âmbito empresarial, em relação à circulação e cobertura dos periódicos. Enquanto pode haver jornais com seções redigidas em outros idiomas em um ponto fronteiriço conurbado, como é o caso de Livramento e Rivera, essa opção pode não ser praticada em um outro ponto fronteiriço semiconurbado, simplesmente porque a produção e circulação dos exemplares envolveriam mais custos; talvez, porque, além do investimento financeiro, isso represente romper com um histórico de relação com os vizinhos estrangeiros.

Assumindo a importância da configuração da travessia das fronteiras nas relações internacionais e, por conseguinte, na organização das empresas e das produções jornalísticas fronteiriças, propõe-se que as mudanças nas formas de trânsito (de pessoas e de bens) pelas fronteiras são ao mesmo tempo acontecimentos notáveis e oportunidades de analisar como os jornais interioranos fronteiriços percebem e relatam os acontecimentos e costumes locais.

As alterações na travessia são fatos relevantes para o jornalismo interiorano fronteiriço porque: **a)** são obras binacionais, dependentes de negociações em diversos níveis (portanto, demoradas) e, em geral, anunciadas com grande antecedência pela classe política (portanto, ansiosamente esperadas pelas populações diretamente atendidas e pelos veículos de comunicação atuantes nas localidades); **b)** impactam a economia e a política das localidades fronteiriças, com novos empregos e fontes de receita fiscal e com o aumento da presença estatal, por meio dos órgãos e servidores ali instalados; **c)** não raro, são oriundas de demandas históricas das comunidades fronteiriças, desejosas de melhorar o trânsito cotidiano entre os municípios por diversos motivos (comércio, lazer, convívio); e **d)** modificam a infraestrutura e os procedimentos requeridos para a travessia, alterando práticas, fechando algumas possibilidades e abrindo outras no cotidiano fronteiriço. Todos esses fatores re-

lacionam-se diretamente com as cidades fronteiriças, o que torna esse tema da travessia um tópico de interesse de diferentes escalas da sociedade (em graus distintos, imagina-se), da localidade interiorana limítrofe ao governo nacional de cada país.

Pelos motivos recém-descritos, entende-se que o noticiário desses jornais sobre as inovações na travessia das fronteiras oportuniza a verificação de como os periódicos abordaram esses fatos de alto impacto comunal. Imagina-se, por exemplo, que seja possível notar as motivações mais presentes (se são os negócios, o lazer, a cultura, por exemplo); qual o grau de interação do jornal com autoridades e cidadãos do país vizinho; como os jornais acompanham essas novidades, quem são as fontes, quais os enfoques. Em suma, avalia-se que os jornais fronteiriços, enquanto empresas jornalísticas interioranas situadas nas áreas limítrofes do território nacional, incluem em suas coberturas noticiosas sobre inovações na travessia as suas percepções sobre como as respectivas comunidades percebem, valorizam e enfatizam os relacionamentos com as populações e instituições do país vizinho.

### 3.6 Conexões

Compreender o critério “proximidade” como importante para os jornais interioranos, tidos como atuantes em um espaço determinado, permite esboçar perguntas: quando e como a fronteira aparece nos jornais fronteiriços? Como a sua espacialidade é retratada? Mais especificamente para esta pesquisa: quais os critérios usados para noticiar e dar enfoque às inovações na travessia do rio Uruguai? Que aspectos são evidenciados, quais fontes são acionadas para construir os relatos? Qual a importância dada para as barcas e a ponte internacional nas notícias de *Folha de São Borja e Unión*?

A noção de espaço proposta por Certeau leva em conta as trocas, a atividade humana de convívio, de comunicação, de movimentação humana que empresta vida e dinamismo aos lugares, essencialmente estáticos. Fala-se de um espaço fronteiro que ultrapassa a noção de fronteira político-administrativa, estrategicamente determinada em acordos internacionais e leis.

A inclusão da noção de espaço como apresentada atualmente pela História, de forma complementar, traz nova compreensão sobre a realidade fronteira. As

relações existentes naquele espaço foram engendradas ao longo do tempo pelos seres humanos que ali habitam, e os jornais, emissoras de rádio e de televisão e os sites locais contribuíram para fazer e narrar essas construções e mudanças, por meio dos relatos que ainda produzem e fazem circular. A ligação com a comunicação se dá no sentido de que, se a História é o estudo do homem no tempo e no espaço, e se o Jornalismo, através das notícias, constrói narrativas do real, essas narrações estão essencialmente ligadas a um momento e abarcam acontecimentos em uma área delimitada temporal e geograficamente.

É então que outro ponto de contato ajuda a ligar a espacialidade no sentido certauniano ao critério jornalístico de “proximidade” – de forma mais ampla, na verdade, AA Hipótese de Newsmaking e à própria atividade jornalística: é o fato de os relatos narrarem e simultaneamente conformarem os espaços. Embora seja certo que os veículos de imprensa não são os únicos atores capazes de construir relatos – ainda mais diante das possibilidades trazidas pelas TICs –, certamente detêm relevância no cenário local para firmar sua construção noticiosa na agenda pública. Em períodos anteriores à existência da Internet comercial<sup>20</sup>, certamente a imprensa local ainda detinha quase toda a capacidade de definir o que seria noticiado e de que forma, sem que houvesse a geração de relatos em outras instâncias, independentes de sua ação.

Ao traçar essas conexões conceituais, pretende-se gerar explicações sobre o trabalho jornalístico de relato da espacialidade fronteiriça feito pelos jornais *Folha de São Borja* e *Unión* na fronteira São Borja-Santo Tomé. Reforça-se a questão da peculiaridade de cada espaço, ainda que imerso nos traços comuns de uma identidade fronteiriça, como justificativa para o estudo. O histórico das duas cidades, em comparação com outros povoamentos fronteiriços entre Brasil e Argentina, guarda a sua dimensão comum, dentro dos grandes processos de definição de territórios nacionais, em compasso com os acontecimentos específicos que marcam a espacialidade com matizes muito próprios.

Destaca-se ainda outra possibilidade gerada no âmbito da espacialidade, da vivência cotidiana dos lugares: o consumo dos veículos de comunicação da nação e

---

<sup>20</sup> Como em 1982, e logo no início da expansão das conexões da Internet comercial no Brasil, em 1995.

da cidade vizinha, pelo acesso além-fronteira aos produtos jornalísticos, com maior confirmação para o rádio (RADDATZ, 2009) e apenas potencial para os jornais impressos, que são o foco desta pesquisa. Por fim, a perspectiva histórica evidencia a coordenada temporal necessária para o entendimento das ações dos homens na duração a partir das notícias e da atividade jornalística.

A própria aplicação do critério de proximidade pode comportar modulações conforme a natureza dos fatos e o contexto espaço-temporal em que se produz a notícia. Por exemplo, as matérias sobre os processos de mudança da travessia do rio Uruguai comportam desde o acompanhamento das obras *in loco* até as informações vindas de instâncias envolvidas em cada caso.<sup>21</sup>

Essas possibilidades são importantes porque, no caso dos jornais *Folha de São Borja* e *Unión*, o estudo considera como as relações fronteiriças aparecem nas notícias a partir de escolhas sobre os recortes temporais e temáticos. Foi preciso olhar para os itens em análise como produções noticiosas que circularam em um espaço e em um tempo e construíram fragmentos do real naquelas coordenadas. No caso do ponto fronteiro São Borja-Santo Tomé, fala-se dos relatos ligados à travessia de uma linha limítrofe (uma marca do lugar) em um “entre-lugares”, o espaço gerado pela vida das populações nas duas cidades e entre elas.

---

<sup>21</sup> Em ambos os casos, trata-se de obras conjuntas que envolveram órgãos públicos e interesses privados dos dois países, além das instâncias locais. Isso já adiciona alguns níveis de articulação apenas se consideradas as interações entre os poderes públicos.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 4.1 Objetos empíricos e seus contextos

#### 4.1.1. De uma redução jesuítica a outra

A cidade gaúcha de São Borja e a cidade de Santo Tomé, na margem argentina do rio Uruguai, integram uma faixa fronteiriça entre o Brasil e a Argentina de mais de 1.263 quilômetros de extensão. A maior parte dessa fronteira liga o estado do Rio Grande do Sul às províncias argentinas de Misiones e de Corrientes. Separadas, e também unidas, pela barreira fluvial e conectadas desde 1997 pela Ponte Internacional da Integração, São Borja e Santo Tomé têm suas origens no período jesuítico e integram, portanto, a etapa histórica de definição de limites entre os territórios nacionais, que resultou, no caso da relação Argentina-Brasil, na barreira física do rio Uruguai como linha delimitadora.

Flôres (2012) situa a fundação da Redução de São Francisco de Borja, origem da atual cidade gaúcha de São Borja, em 1682, a partir do deslocamento de uma fração da população residente na Redução de *Santo Tomás Apóstol*, que daria origem ao povoamento da cidade de Santo Tomé. As reduções indígenas integravam o projeto de evangelização acordado entre a Igreja e o Estado espanhol, a cargo da Companhia de Jesus, segundo Flôres (2012). A data de fundação da Redução de São Francisco de Borja pelo jesuíta Francisco Garcia é tema ainda em debate, pois há historiadores que indicam o ano de 1690, como Colvero e Maurer (2011). O que fica fora de controvérsia é a fundação do núcleo originário de uma das cidades a partir da outra, laço histórico entre São Borja e Santo Tomé. Desde a travessia do rio Uruguai por meio de canoas, depois balsas e finalmente por meio da Ponte da Integração, as cidades e suas populações conviveram, a exemplo de outras áreas de fronteira.

Existindo em uma área urbana de fronteira semiconurbada, os jornais *Folha de São Borja* e *Unión* podem conter informações sobre como o espaço fronteiriço é visto e em quais situações esse olhar é visibilizado nas notícias, que integram os

fluxos de alimentação do imaginário.

Os antigos laços entre os municípios de São Borja e Santo Tomé surgem da vivência cotidiana da travessia, do comércio intenso, da existência de ligações familiares entre pessoas dos dois países, do convívio facilitado pelo “portunhol”<sup>22</sup>, entre outros aspectos notáveis, por exemplo. Porém, a separação física imposta pelo rio Uruguai parece conferir a esse ponto fronteiro uma diferença relevante em relação ao que se verifica no ponto Santana do Livramento-Rivera. Müller (2007) explica que as duas cidades, cujo limite é uma avenida que conecta os dois centros urbanos, formam uma fronteira conurbada, isto é, as duas cidades se apresentam unidas, como que fundidas entre si. Seguindo essa mesma categorização, tem-se que a fronteira São Borja e Santo Tomé se caracteriza como semiconurbada, com seus centros urbanos geograficamente separados um do outro pelo rio Uruguai e unidos por uma ponte internacional, aproximando-se, nesse aspecto e no encontro das nacionalidades brasileira e argentina, da fronteira Uruguaiana-Paso de los Libres.<sup>23</sup>

#### 4.1.2 Folha de São Borja e Unión – breve histórico

A imprensa fronteira entre o Brasil e a Argentina, a exemplo de qualquer outra estrutura midiática em área limítrofe entre países, traz em sua constituição os reflexos dessa conformação político-territorial. Entende-se que suas características editoriais e modos de produção derivam em parte do contexto espaço-temporal próprio de cada cidade. É por esse raciocínio que se propõe buscar registros de como os jornais *Folha de São Borja* e *Unión* caracterizaram o estar e viver na fronteira e por meio de quais critérios deram importância às inovações no percurso de travessia entre os dois países.

Ambos os jornais, contemporâneos durante 33 anos, podem ser qualificados, num primeiro momento, como interioranos, locais e fronteiriços. O mais antigo e

---

<sup>22</sup> Em sentido lato, é a mescla do português com as variantes do idioma espanhol, no contato verbal interpessoal entre lusófonos e hispanófonos.

<sup>23</sup> Para fins de comparação, e considerando a distância rodoviária, Uruguaiana dista 631 quilômetros da capital do Rio Grande do Sul, e São Borja está a 583,6 quilômetros de Porto Alegre. A cidade uruguaiana de Rivera, capital do departamento de mesmo nome, fica a 505,5 quilômetros de distância de Montevidéu, enquanto Santo Tomé está a 390 quilômetros da capital do departamento de Corrientes e a 848 quilômetros da cidade autônoma de Buenos Aires. (As distâncias aqui informadas foram obtidas por meio do Google Maps.)



ainda em circulação é o periódico bissetimanal *Folha de São Borja*, fundado em 1970 por José Grisólia e posteriormente adquirido pelos irmãos Renato e Roque Andres. Constituiu-se desde o início como uma empresa jornalística estruturada para o trabalho coletivo. Hoje o jornal conta com um site<sup>24</sup> e integra o grupo empresarial formado ainda pelas emissoras radiofônicas Fronteira FM e Cultura AM. Um fato relevante para a pesquisa é a conservação das edições antigas, todas catalogadas, encadernadas com capa dura e acomodadas em uma sala específica para a consulta ao acervo. O outro é o quinzenal *Unión*, fundado em 1977 por Carlos Zapata, tendo circulado até 2010, ano da aposentadoria de seu proprietário. O jornal santo-tomeño apresentava estrutura produtiva reduzida, com Zapata exercendo as funções de diretor e editor. Não chegou a gerar uma contraparte webjornalística. Possui acervo disposto em dois suportes: o impresso, com tomos encadernados, e a versão digitalizada.

O período de coexistência dos dois periódicos traz complexidade e riqueza de possibilidades ao projeto. Nesse período, os jornais *Folha de São Borja* e *Unión* circularam enquanto os dois países viviam sob regimes ditatoriais e, ao longo das respectivas transições para sistemas políticos democráticos, registraram as alterações na travessia da fronteira – em especial a partir de 9 de dezembro de 1997, quando foi inaugurada a Ponte da Integração entre Santo Tomé e São Borja. Para além do contexto histórico, cabe também se indagar sobre os editores dos dois periódicos, cada um em suas circunstâncias: afinal, esses gestores e jornalistas decidiram os aspectos das notícias que foram publicadas, ajudaram a firmar imagens e sentidos sobre as inovações e as consequências e potencialidades que elas trariam para suas cidades.

Dentre tantos temas possíveis, as formas de atravessar a fronteira emergiram em nosso entendimento como assunto especialmente propício. O limite possui uma conformação que, no caso de uma fronteira entre nações, envolve os meios técnicos para a transposição, a estrutura burocrática para o controle, a interação plena de complexidades (cultura, idioma, história, economia) entre as populações fronteiriças,

---

<sup>24</sup> Acessível em: <[www.folhadesaoborja.com.br](http://www.folhadesaoborja.com.br)>.

as relações internacionais. Sejam barcas, aduanas, pontes, todas as formas de organizar a circulação de pessoas em uma linha divisória impactam no cotidiano dessas localidades e possuem uma relevância para os negócios e a vida cotidiana dos moradores.

Grimson (2002), ao discutir resultados de pesquisa etnográfica nas cidades de Uruguiana e de Paso de los Libres, aponta que o cotidiano fronteiriço é em geral imaginado nas metrópoles como povoado por tipos exóticos, em uma área na qual o Estado é ausente e a travessia dos limites nacionais alimenta expectativas. Ele explica que as fronteiras são, ao contrário de áreas sem lei, pontos de crescente presença estatal, o que provoca diferentes percepções do “outro”.

A principal prática das zonas de fronteira, a própria travessia, torna-se a forma pela qual é experimentada a alteridade. É tida como experiência peculiar já que o “outro” não é somente de diferente nacionalidade para o estrangeiro, mas também é o lugar por excelência do poder da “nação”: é o Estado. É o Estado encarnado em um de seus funcionários, exercendo o seu poder de policiamento, de controle de território. Em outras palavras, os atores da fronteira vivenciam a relação com o Estado como alteridade. Essa vivência provoca a produção de imaginários coletivos sobre a nacionalidade, no caso dos brasileiros, e sobre a relação Estado/sociedade, no caso dos argentinos. Esses imaginários são constitutivos dos vínculos criados entre ambas partes [sic], na medida em que reestruturam efetivamente as próprias experiências do espaço (GRIMSON, 2002, p. 166).

Em uma proposta de ponto de vista a partir de Grimson (2002), o cotidiano fronteiriço pode ser visto, então, como a materialização amalgamada de (a) políticas, estereótipos, disputas, colaborações e todas as manifestações que configuram as relações entre duas nações com (b) a vida nas pequenas cidades de dois (ou mais) países vizinhos, com todas as implicações que essa mescla produz. Essa construção do imaginário a partir da vida na fronteira entre nações pode impactar a presença dessa alteridade na imprensa local fronteiriça<sup>25</sup>, conferindo ao registro noticioso sobre fatos que envolvam o país e a cidade vizinha uma visão distinta da que um periódico de referência apresentaria.

Além de fronteiriços, ambos os jornais são interioranos e localizados em cidades de pequeno porte populacional e diferentes portes econômicos. Nessa condição, os periódicos estão sujeitos a determinadas condições culturais e empresariais de

---

<sup>25</sup> Entende-se que isso ocorra em um processo recursivo, no sentido que Morin (2011) confere ao termo.

produção, circulação e receita que ajudam a conformar suas práticas jornalísticas, expostas em suas notícias. Dornelles (2004) indica que o foco editorial e a qualidade dos periódicos estão condicionados pelo envolvimento com os temas de interesse local, pelas condições socioeconômicas da população e pela capacidade de investimento da empresa, entre outros fatores.

A definição proposta por Alsina (2005, p.17) para a notícia, “uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente que se manifesta na construção de um mundo possível”, sugere reflexão sobre as empresas que produziram os jornais analisados. A composição das equipes, fluxos de recursos financeiros e pressões internas e externas geradas a partir da circulação das edições no ambiente interiorano incidem na capacidade de produção noticiosa. O jornal *Folha de São Borja* é bissetimanal e apresenta estrutura empresarial – é integrante, hoje, de um grupo de empresas de comunicação e possui uma equipe destacada para produzi-lo. Em contrapartida, o jornalista Carlos Zapata exercia as funções de editor-chefe, repórter e vendedor de anúncios para manter a circulação quinzenal.

Se a notícia não é um espelho de alta fidelidade do acontecimento, mas sim um relato construído a partir do acontecido, então suas informações devem ser analisadas com distanciamento que permita o ceticismo. Ao defender a posição de que a informação é e sempre foi instável, Darnton (2010, p. 45) aponta para as notícias como registros de interpretação dos fatos, e não como relatos integralmente fiéis:

Por ter aprendido a produzir notícias, agora desconfio de jornais como fontes de informação. Muitas vezes, fico surpreso com historiadores que os utilizam como fontes primárias para descobrir o que realmente aconteceu. Na minha opinião, jornais devem ser lidos em busca de informações a respeito de como os acontecimentos eram interpretados pelas pessoas da época, em vez de representarem fontes confiáveis dos fatos em si.

Romancini (2007) alerta para o risco de anacronismo provocado pelo uso de categorias ligadas ao modelo evolucionista-positivista de historiografia, ou História tradicional. Esse modelo, já superado no respectivo campo científico, caracteriza-se pela ênfase em documentos oficiais, com acumulação de grande quantidade de dados e descrições e baixo viés analítico, na premissa de que a documentação estudada traz informações verdadeiras sobre os fatos. O alerta de Romancini (2007) é

algo próximo de um eco da recomendação de Darnton: é preciso refletir, desconfiar e criticar a documentação consultada, situando-a em um contexto histórico, econômico, político, social e cultural.

O método escolhido para o processamento dos recortes dos jornais *Folha de São Borja* e *Unión* foi a Análise de Conteúdo. A decisão se deve à variedade de formas de aplicação do método e à capacidade de se gerar inferências com base nos dados quantitativos. A intenção foi obter, a partir dos recortes, informações que permitissem inferir a respeito dos valores-notícia de seleção empregados em cada veículo para divulgar o serviço de barcas e a Ponte da Integração, a configuração dos textos quanto à localização no jornal, os tipos e as quantidades de fontes de informações citadas nos textos, bem como verificar as modulações do status relacional fronteiro em cada texto sobre as inovações na travessia.

Para a coleta de dados junto ao editor do jornal *Folha de São Borja*, Roque Auri Andres, e ao ex-editor do jornal *Unión*, Carlos Segundo Zapata, aposentado e residente em Santo Tomé, optou-se pela técnica de entrevista semiestruturada. Os objetivos dessa etapa são levantar dados históricos da criação e da atuação desses jornais; entender o processo produtivo de cada publicação ao longo do tempo, incluindo, em especial, os dois períodos estudados (1982 e 1997); identificar as estruturas de pessoal e equipamentos; e saber quais os critérios organizacionais (SILVA, 2014) que condicionaram as coberturas de cada jornal sobre as mudanças na travessia do rio Uruguai (barcas, ponte internacional), sob o ponto de vista dos editores.

## 4.2 Entrevistas

O trabalho de campo se iniciou com a aplicação do roteiro de perguntas da entrevista semiestruturada aos editores dos dois jornais (Roque Auri Andres, do *Folha de São Borja*, e Carlos Zapata, do *Unión*).

A entrevista semiestruturada confere flexibilidade na condução das perguntas, “permitindo ao entrevistado construir suas respostas sem ficar preso a um nível mais rigoroso de diretividade e mediação por parte do entrevistador”, conforme Oliveira, Martins e Vasconcelos (2012, p. 1), ao contrário do que ocorre com outras modalidades de entrevista, como a estruturada ou por questionário. Essa escolha também

se dá em função de prever o aproveitamento de oportunidades para perguntas elucidativas, evitando a um só tempo a quebra de rigor na aplicação da técnica e a perda de informações que emergem durante o diálogo.

Entre as vantagens, está a possibilidade de enriquecimento da coleta de dados, devido à flexibilidade de “sair e voltar” do roteiro conforme as respostas suscitem exploração; um certo grau de comparabilidade por meio do uso de um roteiro em uma sequência de entrevistas; e a liberdade expressiva do entrevistado, que não está preso a um roteiro rígido e, por isso, pode se exprimir de acordo com seus próprios ritmos e termos. Entre as desvantagens dessa técnica, citam-se a possibilidade de problemas na ligação entre as questões da pesquisa e a formulação do roteiro, o modo de expressão do entrevistado e o risco de aplicação burocrática do roteiro de entrevista, que remete ao equilíbrio entre a flexibilidade na exploração e a orientação para os objetivos da pesquisa (OLIVEIRA; MARTINS; VASCONCELOS, 2012).

Para a realização das entrevistas, formulou-se um roteiro com perguntas básicas, a partir de dados de identificação do veículo, sobre o processo de decisões editoriais, o interesse editorial pelos assuntos da cidade vizinha, os anseios e as ideias sobre o estado atual da relação entre as duas cidades (entre os governos, entre os setores econômicos e culturais, entre os indivíduos) e o papel que imaginavam para seus jornais na época dos acontecimentos.

Devido ao encerramento das atividades do jornal *Unión* em 2010, por ocasião da aposentadoria do seu editor, o jornalista Carlos Zapata, não se tem a possibilidade de acompanhar as rotinas produtivas daquele periódico. Tem-se, nesse caso, uma situação na qual outras abordagens se tornam necessárias para contextualizar o trabalho de decisão e produção noticiosa: como eles avaliam suas experiências e decisões na condução dos respectivos periódicos, como consideram que seus jornais abordaram assuntos relacionados ao convívio na fronteira e quais funções eles acreditam que seus jornais desempenharam ao cobrir os acontecimentos em suas cidades e em relação à travessia da fronteira.

As entrevistas foram presenciais, com registro em gravador de áudio, nos locais planejados, porém com os ajustes eventuais que esse tipo de trabalho presume.

As diferenças de agenda dos entrevistados foram contempladas. No caso do jornalista Roque Andres, atendendo ao pedido do editor para acesso prévio ao roteiro de entrevistas com o intuito de organizar uma busca nos arquivos, a entrevista foi realizada no dia 20 de setembro, à tarde, no escritório da redação do jornal, durante o feriado da Revolução Farroupilha, após o entrevistado ter oferecido respostas por escrito. As respostas por escrito foram então empregadas durante a gravação da entrevista presencial como fonte de pedido de esclarecimento e de novas e mais aprofundadas perguntas diante de dados inesperados e de silêncios e respostas lacônicas. O editor ainda comanda a produção do jornal e também da programação das emissoras de rádio, bem como outros assuntos de família, o que motivou algumas remarcações de datas para a conversa.

No caso do entrevistado Carlos Zapata, foram realizadas três visitas no período de coleta de dados na fronteira, nos dias 16, 19 e 20 de dezembro, sempre no turno matutino, na casa do editor, com a primeira visita dedicada a explicar novamente o intuito da entrevista, expor o roteiro de perguntas e agendar as datas. O contexto encontrado foi diferente. Zapata, aposentado desde 2010 do jornalismo, dedica os dias a cuidar da esposa, que requer atenção intensiva devido a um acidente vascular cerebral.

### 4.3 Análise de Conteúdo

Após a realização das entrevistas, foi feita a coleta de recortes em ambos os jornais, para posterior aplicação do método de Análise de Conteúdo (AC), com base na seleção dos textos, segundo proposta de Bardin (2011). A coleta de recortes se referiu aos dois acontecimentos relevantes, indicados anteriormente: a abertura do serviço de barcas capazes de transportar caminhões de carga (1982) e a inauguração e abertura da Ponte da Integração, entre São Borja e Santo Tomé (1997). Foram computados todos os textos jornalísticos que tratassem daqueles temas a partir dos quais fossem apresentados novos dados, análises ou posicionamentos.

Em mapeamento prévio foi constatado que ambos os temas foram bastante abordados pelos periódicos durante a fase prévia ao acontecimento. As barcas e a ponte foram adventos originados em movimentos da economia, da política e da vida

cotidiana; são incrementos planejados nas paisagens locais e, por isso, foram acompanhadas com interesse. Essas inovações dependeram de muitos anos de tratativas políticas e administrativas, de muitas requisições e debates. Os jornais salientaram os temas junto aos respectivos leitores. Era de se esperar que essas etapas fossem temas muito presentes no noticiário local ao longo dos anos. Sobre a ponte internacional, por exemplo, encontraram-se notícias e artigos de opinião em edições dos anos de 1991, 1992, 1995 (quando da confirmação de licitação para a construção da ponte) e 1996 (quando a terceira chamada da licitação teve um consórcio ganhador, após as duas primeiras chamadas terem resultado desertas<sup>26</sup>), para mencionar apenas o que foi percebido nos anos 1990 em ambos os jornais.

A leitura flutuante dos jornais, como etapa integrante do método da AC, resultou no interesse em observar edições ao longo de um ano antes das datas das respectivas solenidades de inauguração e início do uso desses serviços. Adotou-se a data de 9 de dezembro de 1997, quando da inauguração da ponte internacional, como marco temporal a partir do qual se fez a busca retroativa em edições de até um ano anterior nos dois jornais.

Em relação ao serviço de exportação e importação entre os portos, com as balsas de alta capacidade, escolheu-se a data de 26 de maio de 1982 – quando autoridades argentinas e brasileiras celebraram a abertura dos portos de São Borja e Santo Tomé para balsas de alta capacidade – para coleta de recortes nos jornais *Unión e Folha de São Borja*. Contemplou-se, quando necessário, a inclusão de alguma edição próxima, devido às diferenças de periodicidade entre os dois jornais.

No processo de busca dos recortes, teve-se em conta a disponibilidade, por parte do autor, de cópia do acervo digital do jornal *Unión*, obtida junto ao jornalista Carlos Zapata em período anterior ao ingresso no PPGCOM da Famecos. Porém, como exposto no projeto de qualificação, havia lacunas no acervo digital, motivando a consulta ao arquivo impresso em Santo Tomé. Em relação ao jornal *Folha de São Borja*, uma coleta prévia abrangia apenas parte do período definido, gerando outro motivo para o deslocamento até a fronteira, que de resto já era uma etapa obrigatória

---

<sup>26</sup> Nos dois primeiros editais, não houve concorrentes, devido ao modelo de contratação previsto, entre outros problemas. O terceiro edital, lançado em 1995, contemplou a concessão da exploração do pedágio por 25 anos pelo vencedor da licitação e o investimento partilhado dos dois governos com a empresa ou consórcio vencedor para a concretização da obra.

devido às entrevistas semiestruturadas com os editores dos dois jornais.

A aplicação do formulário foi feita no aplicativo *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS). Isso permitiu agilizar o processo de coleta e organização dos dados de cada recorte. Cada item foi convertido em um “caso” dentro do formulário, já configurado para refletir as variáveis definidas para a etapa de AC. As variáveis e suas categorias receberam codificações numéricas para agilizar o preenchimento das entradas no arquivo eletrônico, como consta na ficha de codificação (Apêndice C). Cada recorte foi identificado de acordo com uma codificação e, à medida que foi analisado conforme as categorias, seus dados passaram a constar ao longo de uma série horizontal. Isso simplificou a contagem e a verificação das categorias, a correção de eventuais falhas no preenchimento e a descrição dos resultados.

As definições de unidade de registro e análise, de unidades de contexto e de regra de enumeração são as que seguem:

- Unidade de registro e análise: o texto jornalístico que se relacione a um dos acontecimentos definidos como marcos temporais. Tal texto pode variar em gênero (informativo, opinativo, interpretativo, de serviço), tamanho e enfoque;
- Unidades de contexto: informações sobre os acontecimentos estabelecidos como marcos temporais: abertura do serviço de barcas (maio de 1982) e inauguração da ponte internacional (dezembro de 1997);
- Regra de enumeração: presença e ausência.

A preparação do formulário foi precedida de uma experiência prévia, na qual recortes dos dois jornais foram processados segundo o método da AC. Os textos em questão se referiam à Guerra das Malvinas, de 2 de abril a 14 de junho de 1982. Na ocasião, além do interesse em testar a aplicação de uma lista de valores-notícia, foi possível experimentar a categorização das relações a partir da fronteira, uma dúvida originada a partir da literatura referente à comunicação e cultura dessas áreas limítrofes.

A partir daquela experiência, um pré-teste foi realizado para aprimorar o formulário, incluindo dois recortes do período de 1996-1997, totalizando quatro recortes, dois de cada jornal. Esses recortes foram desconsiderados na aplicação da AC, como recomenda o método.

Os textos analisados no pré-teste foram assim identificados:



- fsb01 - *Folha de São Borja* - 28.04.1982 - Malvinas não mudam o porto;
- fsb02 - *Folha de São Borja* - 30.04.1997 - Lançadas as primeiras vigas da ponte;
- un01 - *Unión* - 20.05.1981 - Soja por Puerto Hormiguero;
- un02 - *Unión* - 07.06.1997 - Puente de la Amistad.

O formulário a seguir reflete as melhorias apontadas a partir do pré-teste. A base original é o formulário proposto por Silva (2014, p. 65-66), aplicado naquele estudo:

- Impacto (nº de pessoas envolvidas no fato, nº de pessoas afetadas pelo fato; grandes quantias (\$));
- Proeminência (notoriedade; celebridade; posição hierárquica; elite [indivíduo, instituição, país]; sucesso/herói);
- Conflito (guerra; rivalidade; disputa; briga; greve; reivindicação);
- Tragédia/Drama (catástrofe; acidente; risco de morte e morte; violência/crime; suspense; emoção; interesse humano);
- Proximidade (geográfica; cultural);
- Raridade (incomum; original; inusitado);
- Surpresa (inesperado);
- Governo (interesse nacional; decisões e medidas; inaugurações; eleições; viagens; pronunciamentos);
- Polêmica (controvérsia; escândalo);
- Justiça (julgamentos; denúncias; investigações; apreensões; decisões judiciais; crimes);
- Entretenimento/Curiosidade (aventura; divertimento; esporte; comemoração);
- Conhecimento/Cultura (descobertas; invenções; pesquisas; progresso; atividades e valores culturais; religião).

Entre as melhorias apontadas no estudo está a inclusão de uma categoria de notícia relacionada à Economia. O comércio, em qualquer das escalas, é afetado pela fronteira: câmbios monetários, taxas, normas alfandegárias, costumes de consumo, contrabando, trânsito de cargas. É um dos motivos mais fortes para a travessia fronteiriça, ao lado da curiosidade cultural, da criminalidade e da afetividade; por

esse fato, entende-se que qualquer análise de valores-notícia precisa conter uma categoria voltada para a avaliação da dimensão econômica no julgamento de noticiabilidade.

Refletindo sobre a leitura flutuante realizada dos jornais em questão e a experiência de quase dez anos como morador da cidade de São Borja, a proposta da categoria relativa à Economia busca contemplar os tópicos que se entendem como úteis para essa avaliação:

- Economia (vantagem cambial; lucros; perdas; geração de empregos; desemprego; normas alfandegárias; investimentos; balanço de travessia de cargas).

Na preparação do formulário para aplicação no SPSS, é possível definir que tipo de informações se deseja inserir em cada caso – que é como se vai chamar cada item que se analisa no âmbito do aplicativo. É possível criar variáveis para informação de textos, e é possível também ajustar livremente a extensão em caracteres de cada campo. Desta forma se pode salvar para um item a manchete da notícia, nomear as fontes e cargos presentes no texto e outras informações que não possam ser codificadas.

A identificação dos jornais foi codificada, visando à correspondência de nomes entre os casos e os itens digitais. Os casos-itens coletados do jornal *Folha de São Borja* e do jornal *Unión* foram codificados com siglas seguidas de números, para fins de ordenação. Portanto, obtiveram-se os itens “fsb01” e “fsb02” para o periódico bissemanal brasileiro e “un01” e “un02” para o quinzenal argentino.

No caso da lista de valores-notícia, por exemplo, pode-se criar uma codificação numérica que abranja cada valor-notícia e cada modulação daquele valor-notícia, conforme previsto na listagem. Por exemplo, para a proximidade, se pode atribuir o algarismo “5”; as suas modulações recebem um algarismo após a vírgula. Assim, a proximidade geográfica pode ser rapidamente informada com o valor “5,1” e a proximidade cultural, com o valor “5,2”. Uma ficha de codificação permite o preenchimento e a recuperação dos dados de cada caso e do total de casos analisados de forma eficiente. Optou-se por prever até quatro campos de valor-notícia, pelo entendimento de que esses elementos constitutivos podem ser percebidos como incidentes nas fases de seleção, apuração e edição das notícias, em uma potencial sobreposição de motivos.

Outro tópico, derivado da consulta à literatura sobre comunicação e fronteira, trata do que se chama, neste estudo, de *status relacional fronteiriço*. Essa expressão quer indicar exposição de posicionamentos derivados da *natureza multiescalar e mutável das relações entrecruzadas dos povos fronteiriços e deles com seus centros administrativos regionais e com os centros nacionais de decisão*. Essas relações, quando presentes no texto, podem ser classificadas como pendendo entre os polos da integração, do distanciamento e da indiferença, a ausência de marca relacional. Essa classificação reflete a analogia da relação pendular entre os dois países, porém a torna mais complexa ao replicar essa oscilação em escalas menos abrangentes que a internacional. Foi cogitado, também, que textos relativos aos temas possam não expor nenhuma das tendências, e por isso se previu a opção da ausência de relação.

As questões relacionadas a esse interesse são assim apresentadas:

- População fronteiriça X centro regional/federal de decisão (integração; distanciamento)
- Relacionamento entre populações fronteiriças (integração; distanciamento);
- População fronteiriça X autoridades estrangeiras (integração; distanciamento);
- Relações entre Argentina e Brasil (integração; distanciamento);
- Relação ausente.

Com esse breve histórico, chegou-se ao formulário proposto para aplicação (Apêndice B) e à correspondente ficha de codificação (Apêndice C).

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 As experiências dos editores – análise das entrevistas

A etapa de entrevistas semiestruturadas com os editores dos jornais *Folha de São Borja* e *Unión* foi realizada durante estadia na cidade de São Borja, Rio Grande do Sul, entre os dias 14 e 23 de setembro de 2016.<sup>27</sup> Nesse período, foram coletados os recortes de jornais requeridos para a Análise de Conteúdo e agendados os encontros com os editores.

Para tornar a análise das entrevistas mais fluida, as respostas aqui apresentadas foram comentadas seguindo a divisão de temas proposta no roteiro. Algumas das informações referentes aos históricos dos jornais já constam do Capítulo 4, “Objetos empíricos e seus contextos”; mesmo assim, serão retomadas para fluidez da leitura. Nesta análise, o foco recaiu sobre os processos de decisão editorial e as visões que os editores-proprietários apresentaram acerca da proximidade na região fronteiriça, da imprensa de interior e das relações entre as duas cidades. Por meio das entrevistas, foi possível inferir alguns dos fatores que conformaram os noticiários dos dois jornais em referência às mudanças na travessia da ponte: as perspectivas de cada editor sobre os adventos, os modos como orientaram ou realizaram a cobertura e os meios disponíveis a cada um para produzir seus jornais. Ou, em termos acadêmicos, pôde-se distinguir parte dos critérios organizacionais, ligados às condições estruturais do veículo jornalístico (GUERRA, 2014), dos critérios de noticiabilidade (seleção e valores-notícia) e dos critérios concernentes ao tratamento dos fatos, conforme descritos por Silva (2014).

#### 5.1.1 Histórico do jornal e do editor

Nas entrevistas, destacaram-se alguns pontos em comum entre os editores,

---

<sup>27</sup> Entrevistas com Carlos Zapata nos dias 19 e 20 de setembro; entrevista com Roque Andres no dia 20 de setembro.

além da carreira na imprensa interiorana: o nascimento em outras cidades, a formação empírica no jornalismo, a mudança de ramo de atividade e o desejo de empreender. O período em que os dois editores passam a atuar com seus jornais no ponto fronteiriço também é próximo: ambos no segundo semestre de 1977.

Roque Auri Andres nasceu em 20 de abril de 1946, na cidade gaúcha de Caibaté. É um dos filhos de Alfredo Arno Andres, empreendedor que atuou em áreas como o transporte público e a agricultura, tendo participado de sociedades em Canoas e Santa Rosa e cultivado trigo em Santo Ângelo e arroz em São Borja. Foi em Santo Ângelo que Roque Andres obteve a graduação em Administração de Empresas e, em 1969, ingressou na imprensa com o irmão, Valdir Andres, na criação do jornal *Tribuna de Santo Ângelo*. Mais tarde, juntou-se ao pai, Alfredo, nas atividades que ele desenvolvia na orizicultura. O período junto ao jornal *Tribuna* foi uma fase de bastante aprendizado:

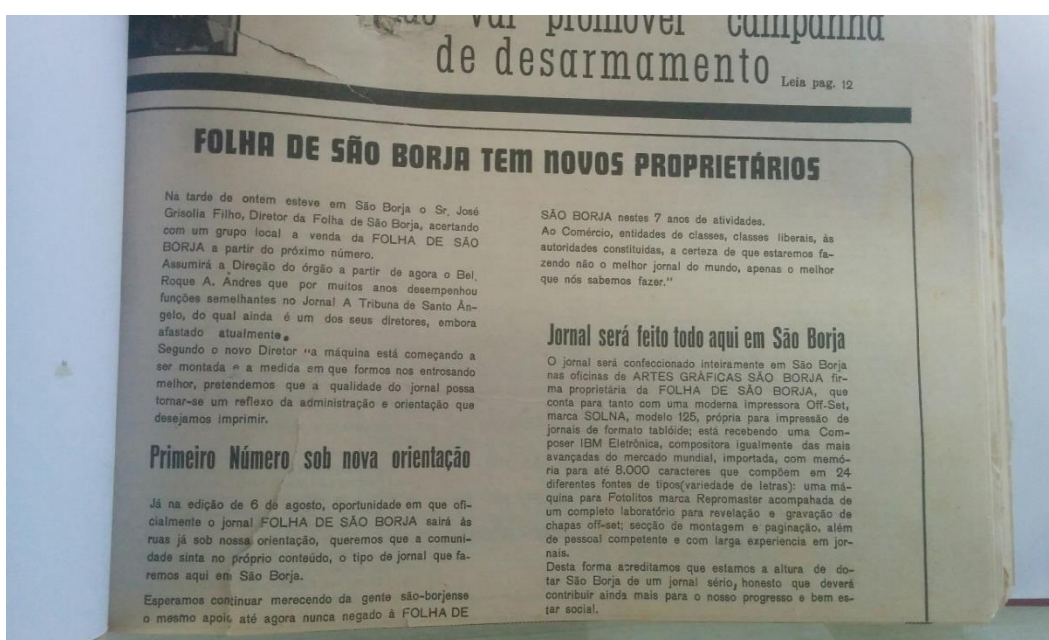
Lá eu fazia como todo mundo faz em um jornal do interior: de tudo um pouco. Eu redigia, tinha duas colunas que eu produzia, fazia matéria, reportagem, ia para a rua, vendia assinatura, auxiliava na correção do jornal, enfim [...] só não entregava jornal, o resto fazia de tudo. Pagamento de duplicata, controle de caixa (ANDRES, 2016).

Conforme Roque Andres, em 1977, o empresário José Grisólia, fundador de jornais como o *Folha de São Borja* e *A Notícia*, de São Luiz Gonzaga, ofereceu-lhe a oportunidade de negócio. Com o investimento da família, Roque adquiriu o jornal de São Borja e também implantou uma gráfica com equipamentos comprados de uma firma da cidade de Três de Maio. O *Folha de São Borja*, até então impresso em São Luiz Gonzaga, conforme lembrança de Roque Andres, passava a ser produzido inteiramente na cidade. O primeiro número do jornal sob a nova direção foi publicado em 6 de agosto de 1977. O anúncio da venda do jornal foi publicado na capa da edição de 29 de julho do mesmo ano, incluindo a descrição dos equipamentos para a produção local do periódico: uma impressora offset Solna; uma *composer* eletrônica da IBM; uma máquina de fotolitos Repromaster, acompanhada de um laboratório para gravação e revelação de chapas offset, seção de montagem e paginação. Além disso, o novo diretor anunciava a contratação de pessoal capacitado para operar o maquinário.

Mais tarde, ainda em 1977, entraria em funcionamento a emissora Cultura AM, cuja licitação foi vencida em 13 de julho de 1976. A direção coube à Empresa São-Borjense de Comunicações Ltda., que tinha como sócios os agricultores Ulrich Arns e Alfredo Arno Andres; o pecuarista Bernardino Lopes Ferreira; o agricultor e comerciante Francisco Carlos Banderó; o contabilista Carlos Ney Azambuja Brites; os comerciantes Silvino Nicolli e Sary Azambuja Amilíbia; o advogado Arnaldo Matter; e o administrador de empresas Roque Auri Andres.

Na ocasião, a cidade estava sem emissora de rádio, devido ao fechamento da emissora Fronteira Sul, pertencente à família do ex-presidente da república João Goulart, em 1975. Com isso, a família Andres passava a editar os principais veículos de imprensa da cidade, iniciando a criação de um grupo empresarial de comunicação.

Figura 1 – Detalhe da capa de 29.07.1977 do jornal *Folha de São Borja*



Fonte: Acervo do jornal Folha de São Borja.

Figura 2 – Capa de 29.07.1977 do jornal *Folha de São Borja*

Fonte: Acervo do jornal Folha de São Borja.

A primeira edição já trazia como diretores Roque Auri Andres e Luiz Valdir Andres e um novo endereço da redação e gráfica. Começava uma segunda fase do jornal, criado em 1970. A produção do jornal seria feita em São Borja até 1992, quando o então diretor do jornal Renato Andres vendeu a gráfica e transferiu a impressão para a mesma gráfica do jornal *A Tribuna de Santo Ângelo*. O jornal também foi impresso na gráfica do jornal *Zero Hora*, que possui oficinas gráficas distribuídas no estado para acelerar a distribuição diária de seus exemplares.

Figura 3 – Capa de 06.08.1977 do jornal *Folha de São Borja*



Fonte: Acervo do jornal *Folha de São Borja*.



Ao todo, a direção e a redação do jornal *Folha de São Borja* já ocuparam seis sedes na cidade, até a última mudança para o endereço atual, na rua General Osório, 2341.

Carlos Segundo Zapata nasceu em 20 de dezembro de 1935, no departamento de Paraná, província de Entre Ríos, na Argentina. Graduou-se como técnico agrícola e atuou como professor em escolas na província de Misiones, no período entre 1967 e 1971, quando começou a colaborar com um jornal em Posadas, cidade a cerca de 150 quilômetros de Santo Tomé. Em 1972, Zapata mudou-se com a família para Santo Tomé, colaborando como correspondente de notícias e de publicidade para o jornal diário *El Litoral*, da capital da província de Corrientes. Com essas experiências, aprendeu as diversas funções produtivas de um empreendimento jornalístico em uma cidade interiorana, saberes úteis para a criação do *Unión*:

Então, estive ali oito anos trabalhando no Litoral, um jornal grande da província. E ali aprendi, como vou dizer, como se ganhava dinheiro. Ali havia uma agência que atendia Santo Tomé e toda a região, então fazia publicidade e matéria jornalística. E aí comecei a fazer, até que no ano de 1977 eu disse: "Não, vou fazer um para mim, que se chamará *Unión*". E então, em 24 de setembro, agora, de 1977, nasce o jornal *Unión*. E vai abranger toda a região próxima da província de Corrientes (ZAPATA, 2016).<sup>28</sup>

O jornal foi inicialmente impresso em uma gráfica de Corrientes, depois em outra empresa de Posadas. Na primeira metade dos anos 1980, a impressão passou a ser feita no Brasil. O trabalho era feito na oficina do jornal *Folha de São Borja*; quando a família Andres vendeu o maquinário e se desfez da gráfica, Zapata começou a imprimir o *Unión* na gráfica do jornal *A Tribuna de Santo Ângelo*. Em meados de 1999, Zapata transferiu a atividade de impressão para a gráfica *El Tío Impresos*, da cidade de Paso de los Libres, a 202 quilômetros de distância, até o encerramento do periódico, em 2010. O custo de impressão no Brasil, com o câmbio da época, tornara-se impeditivo.

---

<sup>28</sup> No original: "Entonces, estuve allí ocho años trabajando en el Litoral, un periódico grande de la provincia. Y allí aprendí, como voy a decir, como se ganaba dinero. Allí tenía una agencia que atendía a Santo Tomé y a toda la región, hacia publicidad y materia periodística. Y entonces empecé a hacerlo, hasta que en el año 1977 yo dije "no, voy a hacer uno mío, que lo llamaré *Unión*". Y entonces, en 24 de septiembre, ahora, de 1977, nace el jornal *Unión*. Y va a abranger toda la región cercana de la provincia de Corrientes".

O nome *Unión* foi escolhido por Zapata para simbolizar o esforço de agregar a comunidade, que ele percebia desunida. Com o tempo, a família se envolve na produção do jornal, com a esposa, Evy, ajudando na venda de publicidade, ou o filho Walter, acompanhando e fotografando os fatos.

O investimento inicial para começar a produção do jornal, que do início ao fim foi produzido na residência da família Zapata, na rua Rivadavia, 850, incluiu a aquisição de um automóvel novo. Com isso, o jornalista tinha maior mobilidade para acompanhar as pautas que exigissem deslocamento. A periodicidade era quinzenal, viável naquele modelo para a condução de todas as atividades necessárias, venda

Figura 4 – Capa de 15.01.1978 do jornal *Unión*



Fonte: Acervo do jornal *Unión*.

de espaços publicitários, preparação de anúncios, prospecção e seleção de notícias, entrevistas, evitando custos com funcionários. Terceirizando a impressão, ele reduzia custos com equipamentos e insumos, uma estratégia que viabilizou a iniciativa. Por não ser filiado a nenhum partido político, Zapata afirma que era respeitado enquanto jornalista pelas lideranças das agremiações partidárias e pelos chefes militares. Isso e a conduta de isonomia aos partidos políticos foram fatores que auxiliaram o *Unión* a persistir no período ditatorial argentino.

Na ocasião em que Zapata criou o jornal, não havia outro periódico circulante na cidade, até que em 2 de setembro de 1981 o jornalista Carlos Cortés abre o semanário *Región*, que circulou até o final de 1983. Em termos de rádio, Santo Tomé já contava com a emissora L7 19 Municipal e a rádio LRA 12 Nacional, que foi inaugurada em 27 de agosto de 1964. Em 1981, foi inaugurado o canal de televisão 10 “Juan Pablo”, repetindo o sinal do canal 7 de Buenos Aires, como informa um trabalho datilografado intitulado *História de Santo Tomé*— disponível na Biblioteca Municipal de Santo Tomé —, que identifica o conteúdo como originalmente publicado no semanário *Región*, nas edições 89 (27.08.1983), 90 (12.09.1983) e 91 (23.10.1983).

O trabalho de produção dos dois jornais, em termos de equipamentos da redação, era similar: máquinas de escrever e telefone. A gráfica instalada em São Borja operava com equipamentos para impressão offset, e atendeu aos dois jornais por um bom tempo. O jornal *Unión* também foi impresso durante um tempo em Santo Ângelo, até que a situação cambial e os custos do papel se tornaram altos demais; foi então que Zapata passou a imprimir em Paso de los Libres.

Algumas diferenças de abordagem aparecem nos relatos quando se fala da venda de publicidade, distribuição e evolução das tiragens. No caso do *Folha de São Borja*, Roque Andres comenta que em 1977 a tiragem variava entre 800 e mil exemplares (tiragem equivalente a 0,51% da população de 41.599 habitantes em 1980), que incluíam os assinantes e a venda avulsa, realizada por meio de bancas e especialmente por meninos que anunciavam o jornal pelas ruas da cidade. Naquela época, entre 500 e 600 pessoas assinavam o jornal, e cerca de 250-300 exemplares eram vendidos na cidade. Com os ganhos de prestígio que o *Folha de São Borja* obteve com as décadas de existência, as tiragens foram aos poucos sendo aumentadas. Andres explica que entre 1996 e 1997 as edições tinham entre mil e 1.200

exemplares (tiragem equivalente a 0,47% da população da cidade em 2000, de 57.273 habitantes), e o interesse pelo *Folha de São Borja* (e, provavelmente, a melhoria de condições socioeconômicas do país nas décadas seguintes) fez com que a demanda gerasse o patamar atual de impressão de 3,5 mil exemplares nas edições das quartas-feiras e de 4 mil para as edições de sábado. Cerca de 1.800 assinantes recebem os seus exemplares em suas casas ou locais de trabalho.

Para o jornal *Unión*, Zapata iniciou com tiragens de 300 exemplares (tiragem equivalente a 2,09% da população de 14.352 pessoas em 1980), vendidas em bancas e entregues aos assinantes. Mais tarde, com o aumento da demanda, que fazia com que exemplares seguissem para outras províncias argentinas e para São Borja, a produção subiu para 500 exemplares por edição (tiragem de 2,47% em relação aos 20.166 habitantes de Santo Tomé em 2001, conforme dados da CEPAL<sup>29</sup>) e assim permaneceu até próximo do final da existência do periódico.

A circulação do *Folha de São Borja* incluiu também as cidades de Itaqui e Santo Antônio, e por meio de assinantes também chegou a outros pontos do território nacional. No entanto, a empresa não tomou como prioridade fazer circular o jornal na cidade vizinha. A má receptividade da ideia de venda de publicidade para firmas argentinas para a emissora de rádio teve influência nessa decisão.

Na visão do editor, um parâmetro do prestígio do jornal é que para muitas instituições e empresas locais é importante estar presente nas páginas, seja pelas notícias, pelos anúncios ou pelos convites feitos à direção para reuniões oficiais ou festivas. Atualmente, o jornal está presente em todos os momentos importantes de São Borja, participando ativamente das discussões que movimentam a cidade. Nem sempre foi assim, como relembra Andres: com a tiragem reduzida, ele supõe que as lideranças da cidade não davam importância ao periódico.

O aumento gradual da circulação é algo que o editor considera como determinante para o atual prestígio do *Folha de São Borja*:

Hoje, de uma tiragem de 4 mil jornais, e segundo uma média mundial, um jornal atinge sete, oito pessoas... então já são 30 mil pessoas, praticamente

---

<sup>29</sup> A Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), órgão da Organização das Nações Unidas (ONU), mantém dados estatísticos com diversos indicadores dos países da América Latina e do Caribe. Os dados sobre São Borja e Santo Tomé foram consultados no Boletim Demográfico nº 75, divulgado em janeiro de 2005 e acessível em: <<http://www.cepal.org/cgi-bin/getProd.asp?xml=/publicaciones/xml/6/21806/P21806.xml&xsl=/celade/tpl/p9f.xsl&base=/tpl/top-bottom.xslt>>.

metade da cidade. Então, uma nota que saia no jornal tem uma repercussão. Isso é fundamental, talvez por isso antes as próprias instituições não dessem muita importância, como dão hoje (ANDRES, 2016).

No caso do *Unión*, Zapata não apenas entregava os jornais para cerca de 40 assinantes no lado brasileiro da fronteira, entre residências e casas comerciais, como vendia publicidade para firmas são-borjenses, que anunciavam com regularidade no quinzenal *santo-tomenho*: “Era firme. Vinha às casas e às lojas. [...] um intercâmbio bom, muito bom” (ZAPATA, 2016).<sup>30</sup> Aproveitando a necessidade de cruzar o rio na balsa para levar as páginas montadas para fazer os fotolitos e a impressão, o editor argentino fazia as entregas para os assinantes brasileiros. Em consulta ao acervo, documentos registram a venda de anúncios a empresas de São Borja. De supermercados a oficinas mecânicas, de lojas de artesanato a roupas, os anúncios promovem os serviços de firmas brasileiras, com os textos em espanhol e, de vez em quando, em português. É frequente encontrar, nas consultas ao acervo digital do *Unión*, cartas enviadas por assinantes de outras províncias da Argentina, saudando o editor e agradecendo pelo jornal. Zapata recordou de pessoas que enviaram o jornal a parentes distantes: “Diziam alguns *santo-tomenhos*: ‘Ao invés de escrever uma carta aos filhos, envio o *Unión*’. Então, isso me dizia o quão importante era para eles. Já não escreviam, mandavam o *Unión*” (ZAPATA, 2016).<sup>31</sup>

As figuras 5, 6 e 7 mostram os anúncios de empresas são-borjenses nas páginas do jornal *Unión*, em diferentes períodos. Convém observar que, ainda que não fossem presença constante em todos os números do periódico, ainda assim não é difícil encontra-los em uma leitura flutuante. Faz sentido imaginar que determinados acontecimentos locais, como a liberação dos portos em 1982 e a inauguração da ponte internacional em 1997 facilitavam o contato para venda de anúncios, isolados ou em conjunto. Com efeito, nesses anos a quantidade de anúncios é maior, acompanhando de alguma forma a cobertura noticiosa. Mesmo assim, é notável o trânsito de Carlos Zapata para a apresentação de seu jornal e venda de espaços publicitários. Outro aspecto curioso é que somente empresas locais, fundadas em São Borja,

---

<sup>30</sup> No original: “Era firme. Venía a las casas y a los talleres [...] un intercambio muy bueno, muy bueno”.

<sup>31</sup> No original: “Decían algunos santotomeños, ‘al contrario de escribir a los hijos, mando *Unión*’. Entonces, eso me decía lo importante que era para ellos. Ya no escribían, mandaban el *Unión*”.

constam como anunciantes. Isso pode ser atribuído ao maior grau de autonomia de firmas locais para investir dinheiro em um veículo argentino em comparação com sucursais de grandes empresas, e em algum grau ao costume de atender os santomenhos em seu ramo de atuação, o que pode estimular os anúncios na imprensa do país vizinho.

Figura 5 – edição de 15.01.1978 do *Unión* – anúncio Santa Rosa



**Entrevistas en Puerto Hormiguero**

Doctor Arturo García, Secretario de Planeamiento de la Municipalidad de San Jorge (Brasil), con los señores Alberto Hübner, director de la empresa brasileña y también la comercializadora de nuestra soja.

**UN RIESGO HECHO REALIDAD**

Diego Barzani, gerente general de la Cooperativa de Oleaginosos, en un lugar a dúctil por fundamental de este histórico acontecimiento, en el foro céntrico de la población para la inauguración del primer puerto de soja, en el Puerto Hormiguero de San Jorge. Los señores Hübner y Barzani son facilitados con fotos.

"Totalmente es un hecho hecho realidad. Este es el inicio de toda una etapa que realmente dará un empujón y trabajo con amor a tierra en el puerto total. Esto nos llevó a trabajar contra viento y marea para llegar a este momento. Si no me equivoco es la parte decisiva, los trámites y gestiones para el trabajo de exportación. Desde la llegada hasta hoy nos a nivel de gobierno provincial y municipal, así me comprendo las etapas a este momento de culminación más allá y puede observar los primeros trabajos con embarques de soja argentina, por nuestro puerto puerto soja, esperando que de esta forma se respalde como el inicio en los puertos de la inauguración, la única actividad que nuestra puerto en otros puertos, desde nuestros puertos y abastos nacionales al campo de nuestra ciudad".

**RÍO DE ALGUION**

Registramos una fecha porque significamos que se inaugurará lo que nuestros países habrán hecho, será en este lugar una actividad hace 60 años y seremos, los días que verdaderamente este oleaginoso histórico momento para que continúe no solamente el puerto por orgullo, sino por orgullo de saber que uno ha sido hijo de orgullo. Queremos Puerto Hormiguero". Palabras de la señorita Yvonne López, hija de Vladimir Peter López. La escuela No. 588 está situada a pocos metros del Puerto Hormiguero a realizado por nuestro Gobierno Argentino, gracias a inauguración.

**LOS BRASILEÑOS ESTAMOS SOLIDARIOS**

Alfred Hübner, gerente de la firma exportadora e importadora del mismo nombre, con asiento en Porto Alegre y se destaca un discurso cálido, amor en San Jorge, para la inauguración de la zona de comercialización, siendo el representante de la comercialización por nuestro puerto. El señor Hübner, fue el que tomó el toro por los años, a suaves palabras, gestiones y burocracia se presentaba, pero luego a todos reserbas de la habilitación y comercialización de puerto se debe agradecer como a Brasil. En una palabra, nobleza y seriedad, fueron los valores de Hübner. Aquí dijo sencillamente: "El objetivo fundamental de esta fecha, es para comercializar la producción de soja que hasta la producción de esta zona está exportada a Brasil, además vamos a exportar 100 mil toneladas de soja para ser exportadas a través de el Puerto de Rio Grande y 100 mil toneladas a Estados Unidos, lo que será utilizado para el trabajo de nuestra ciudad. Como esta actividad, por el momento, el puerto de Rio Grande, los señores Hübner y Barzani, desde el inicio de la actividad, hasta el fin de agosto aprisa maduraron".

**CASA CENTENARIA**  
Compre para vender ALGO en el R. G.

**Empresa SANTA ROSA**

TRANSPORTE - RÁPIDO Y SEGURIDAD  
35 AÑOS DE EXPERIENCIA EN EL RAMO  
CON FLOTA PROPIA

CASA MATRIZ:  
FREDERICO MENTZ Nº 888 - Porto Alegre, Rio Grande do Sul  
y São Paulo en todo el país  
EN SAN ROSA:  
RUA DOS ANDRADES Nº 1948 - TEL. 34 - 68

SAN ROSA (BRASIL) Y SANTO TOMÉ (ARGENTINA) SE INICIARON COMERCIALMENTE EL 26 DE MAYO DE 1982. NUESTRA FLOTA DE TRANSPORTE, HISTÓRICAMENTE ES LA PRIMERA EN CRUZAR EL RÍO URUGUAY, CON SOJA ARGENTINA, POR INTERMEDIO DE LA COOPERATIVA DE OLEAGINOSOS.

Figura 6 – edição de 30.12.1997 do *Unión* – anúncios diversos

PÁGINA 9

**unión**

SANTO TOMÉ (Ctes.) Diciembre 30 de 1997

## "Ayudamos a seguir viviendo..."

"Donar órganos es donar esperanzas..." lema el cual el Centro Único Coordinador de Ablaciones e Implantes de Corrientes o CUCAICOR creado por decreto Nº 1.086/94 y posteriormente Ley Provincial Nº 4.956 organiza el trabajo médico de Procuración en la Provincia y en varias oportunidades a través del Ministerio de Salud Pública, se pusieron en contacto dice el Director del Organismo Dr. Di Bernardo, con algunas terapias intensivas (todas fueron invitadas, pero hubieron muchas ausentes) pues es de suma importancia dialogar sobre las distintas etapas de un operativo, tema sobre el cual la gente pregunta mucho, tratando de identificar las posibilidades y limitaciones de cada una, a pesar de todo algunas participan actualmente de la actividad.

El CUCAICOR es un organismo que actúa en el ámbito del Ministerio de Salud Pública de la Provincia como autoridad de aplicación de la Ley Nac. nº 24.193 (a la que adhiere Corrientes en su Ley 4.956) tiene su sede en el Hospital Escuela Gral. San Martín y está trabajando a nivel provincial en el ordenamiento de listas de espera y en la habilitación de Centros y equipos de implantes, como lo hace el INCUCAI a nivel Nacional.

No ha permanecido impávido ante un hecho de trascendental importancia en la vida y en la muerte de los hombres el Superior Tribunal de Justicia de la Provincia, que el 03/11/95 ha firmado un Convenio de Cooperación en Materia de Donación y transplante de Órganos (el primero en el país), con el CUCAICOR.

Todo médico que diagnosticar a un paciente una enfermedad que requiera un transplante debe denunciar el hecho a la autoridad de control (Art. 8º). Todo médico que comprare el fallecimiento de un paciente deberá notificarlo al director del establecimiento y ambos denunciarlo a la autoridad de control (Art. 26º).

Toda persona mayor de 18 años podrá autorizar para después de su muerte la ablación de órganos de su cuerpo (Art. 19º).

El art. 23 de la Ley 24.193 contempla todas las pruebas necesarias para diagnosticar el fallecimiento de una persona. Es importante el tema instalado en el seno del hogar, porque "donar órganos es una decisión personal, pero nuestra familia debe conocerla y respetarla".

Lamentablemente en los umbrales del siglo XXI todavía hay gente que no quiere hablar del tema, encasillados en arcaicos conceptos que no marchan al compás de los adelantos científicos y técnicos, entonces sigamos repitiendo, formando y concientizando los alcances de la Ley 24.193, dejen de caminar a ciegas por la vida, sujetos a tabúes y miedos, actitud que paraliza y no permite atenuar la desesperanza de los que esperan la donación de órganos para seguir viviendo.

**Festejo internacional**

Vinieron de la localidad de Santa Rosa, muy cerca de Corrientes, un grupo de docentes encabezada por la directora de la Escuela Nº 648, para festejar el cumpleaños Nº 40 y pico de la compañera Fidelia de Dejesús que por razones de trabajo su esposo fue trasladado a Santo Tomé y fue motivo especial el cumpleaños para cruzar el Puente de la Integración y reunirse especialmente en la churrasquería Central de San Borja y gozar en la exquisitez en variedades de platos y espeto corrido.

El grupo estuvo integrado por: Graciela, Valericha, Rosita, Carmen, Miriam, Eduardo, Estela, Juan, Jorge, Norma, Ana Alicia, Juana, Raquel, Tomasa y la santotomeña, doctora Irma Sosa.

**Casa Centeno. Adhesivo "Klaukol" \$ 14,00 la bolsa. Tel. 20036**

**CHURRASQUERIA CENTRAL**  
De Francisco Fragoso  
Espeto Corrido  
Almuerzo y Cena  
Fiestas, Aniversarios y Casamientos  
El lugar para el santotomeño  
Tel. 431-3537  
Calle Aparicio Mariense 1874 - San Borja

**Cambio y Turismo en San Borja**  
**FRONT**  
CÁMBIO E TURISMO **THOUR**  
EMBRATUR Nº 14178 00 41 0  
Calle Eddle Freire Nunes, 1775 - Sala 01 - Fone 431-3521 - San Borja

Un año 98 de mayor integración es el que todos nosotros de la empresa Zeca Moda Deportiva deseamos.  
**Zeca**  
moda deportiva  
Confecção própria e serigrafia  
Calle Candido Falcao 486 - San Borja

**CASINOS DEL LITORAL - SANTO TOMÉ**  
PRESENTA  
**"EL GRAN SHOW de LA SUERTE"**  
Todos los LUNES después de la medianoche SORTEAMOS  
**UN TELEVISOR COLOR**  
ENTRE LOS ASISTENTES A NUESTRA SALA de JUEGOS  
OBTenga SUS CUPONES, PARTICIPE y GANE  
RECUERDE: VIERNES y SABADOS MUSICA EN VIVO EN NUESTRA CONFITERIA  
ABIERTO desde las 10 HORAS  
CASINOS DEL LITORAL - SANTO TOMÉ - UN ESPECTÁCULO APARTE


Fonte: Acervo do jornal *Unión*.

Figura 7 – edição de 10.02.1989 do *Unión* – Churrascaria em São Borja

# Convención: Unión Cívica Radical

La unidad quedó a salvo? Siempre se trata de unir, y siempre se trata de unir, y siempre se trata de unir...

## Por todo ... Un abrazo de palabras



Los jóvenes miembros del Comité Directivo se reunieron por primera vez...

Un abrazo de palabras...

Churrascuería UNION

DE JUNIOR Y JUNIOR LTDA.  
 ATENDEMOS FIESTAS DE CASAMENTO  
 RESERVAMOS COMIDAS TÍPICAS LOS DOMINGOS  
 TEL. 021248  
 CALLE ALVARO CABALLERA, 119 - SAN BORJA - RS  
 Reservados todos los derechos. No se permite la explotación económica ni la transformación de esta obra. Queda permitida la impresión en su totalidad.

Fonte: Acervo do jornal *Unión*.

Como o *Unión* sempre foi impresso em máquinas "alugadas", como afirma



Zapata, e por alguns anos a mesma gráfica imprimiu os dois jornais, as modificações nos processos de composição dos jornais podem ser verificadas nos relatos de Roque Andres. Com a compra da *composer* IBM, foi possível “aposentar” a linotipia para a composição. Mais tarde, em 1994, as máquinas de datilografia foram substituídas pelos primeiros computadores, antes da abertura da Internet comercial no Brasil. Houve um treinamento para o uso do novo equipamento, então empregado apenas para a redação e a produção de arte para publicidade. Segundo Andres, na ocasião apenas a *composer* da IBM foi substituída. Com a venda da impressora, ainda era necessário montar os fotolitos e levá-los de automóvel até Santo Ângelo, esperar a impressão e retornar com os exemplares. A composição e diagramação via computador geraram novas dinâmicas produtivas e consequente obsolescência de determinadas especialidades, como linotipistas e montadores.

Sobre a produção das notícias, os períodos ditatoriais em cidades interioranas naturalmente deixaram marcas. Conforme os relatos dos editores, era preciso ter cuidado com o que se escrevia. No caso do *Folha de São Borja*, Andres revelou que por um bom tempo sentiu a desconfiança de parte da população quanto ao jornal. Seu irmão, Valdir Andres, havia iniciado a carreira política no partido situacionista, a Arena, e posteriormente prosseguiu em outros mandatos em partidos situados à direita no espectro político. Devido a essa proximidade, comenta, havia quem fizesse uma associação direta:

Então o pessoal da Arena me tratava muito bem. Já o pessoal do MDB tinha uma desconfiança comigo. E tiveram por muito tempo. Hoje eu acho que um ou outro ainda tenha, mas não sei se tem. Acho que hoje me aceitam um pouco mais, tanto situação quanto oposição me aceitam como tendo uma postura independente. Durante muito tempo, a ideia era de que eu fosse vinculado a determinados partidos (ANDRES, 2016).

Durante a coleta de recortes do jornal *Folha de São Borja*, pôde-se inferir que, se alguma vez no espaço de opinião o editor transpareceu posicionamento político-partidário, no espaço noticioso houve um esforço para contemplar todos os partidos existentes à época. Em 1982, por exemplo, o processo de formação do diretório do Partido dos Trabalhadores recebeu espaço em diversas ocasiões. Recorrendo à memória do período em que atuou como assessor de imprensa na cidade, entre 2006

e 2016, o autor recorda que o jornal *Folha de São Borja* sempre manteve abertura para pautas sobre a política municipal, por meio de temas desenvolvidos pela redação e da publicação de *press releases* enviados por partidos, detentores de cargos e instituições, não importando o partido ou a orientação política. Assim, ao menos não se pode acusar o jornal de bloquear acesso de algum partido à visibilidade em suas páginas.

Há a intenção de dispensar atenção aos políticos e suas agendas, mas o limite do *Folha de São Borja* é a sua capacidade produtiva. Na maior parte do tempo, é impossível deslocar o redator para que acompanhe *in loco* uma pauta ou uma visita de um deputado estadual, por exemplo.

Foi sempre uma preocupação nossa: não privilegiar. Eventualmente tu és obrigado a privilegiar porque um determinado acontecimento [...] agora, se aquela pessoa pertence a um partido, paciência. Às vezes, pode ter algum privilégio. Mas o foco, a orientação do jornal é o mesmo espaço para todo mundo, ou não negar espaços. Um deputado chegou aqui, nos visitou, nós vamos tirar foto e tal e coisa. Um deputado vem, não aparece, não vai a parte nenhuma, às vezes [a redação] não fica nem sabendo, não vai ter cobertura. Porque nós temos um problema de pessoal (ANDRES, 2016).

A postura editorial e a proximidade com um político da Arena talvez tenham sido fatores combinantes para que o período de 1976 a 1985 tenha passado para o *Folha de São Borja* sem interferências de representantes do regime militar na seleção de notícias ou censura: “Nada, zero. [Os censores] Nunca pediram para olhar nada, nunca me chamaram para conversar”, relatou Andres (2016).

Antes de cogitar alinhamento ao regime por parte do jornal, considera-se que em 1976 o país estava no rumo da redemocratização, ainda que a caminhada fosse “lenta, gradual e segura”.<sup>32</sup> Esse contexto e a postura adotada pelo *Folha de São Borja* foram aos poucos ajudando a dar conta da cobertura das correntes políticas que se formaram após a liberação do pluripartidarismo, em 1979 (Lei Federal nº 6.767, de 20 de dezembro de 1979). Cabe lembrar, ainda, que São Borja é a terra natal de Getúlio Vargas e de João Goulart, que foi deposto pelo golpe de 1964 e

---

<sup>32</sup> Fórmula mais conhecida da fala do presidente e general Ernesto Geisel em discurso proferido no dia 29 de agosto de 1974, no qual anunciava a agenda de promover a distensão política e a devolução do poder à sociedade civil por meio de um “processo de lenta, gradativa e segura distensão”. Informação disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/ernesto-geisel-pai-da-distensao-lenta-gradual-segura-da-ditadura-militar-20071730>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

morreu no exílio, só retornando ao Brasil para ser sepultado.

Do outro lado do rio Uruguai, Carlos Zapata conduzia o seu jornal em pleno Processo de Reorganização Nacional, “*El Proceso*”, como a população apelidou o regime ditatorial militar que vigorou entre 24 de março de 1976, com a deposição de Isabelita Perón, e 10 de dezembro de 1983, meses após a derrota argentina na Guerra das Malvinas. Zapata parece ter empregado uma tática similar à de Andres na condução editorial: a prudência, ou autocensura. Considerando que ambos os editores iniciaram suas carreiras jornalísticas sob governos de exceção, não é de se estranhar a perspicácia de que lançavam mão para continuar trabalhando em seus jornais. Outro fator, já mencionado, era a não afiliação de Zapata a nenhum partido político, o que sinalizava a abertura para conversar com lideranças e pedir informações a todas as agremiações vigentes na época.

Zapata contou que sempre manteve um relacionamento tranquilo com o poder público, no período ditatorial e no retorno da democracia, segundo seu próprio julgamento. O autor se deparou com diversas notícias sobre reuniões e atividades dos partidos políticos que existiam na Argentina em 1982, especialmente a *Unión Cívica Radical*, o *Partido Justicialista* e o partido *Demócrata Cristiano*, ao longo da leitura flutuante do jornal *Unión*. A cobertura da política da cidade está presente no jornal santo-tomenho: pedidos, acompanhamento e entregas de obras públicas; polêmicas entre o *Concejo Deliberante* (poder legislativo equivalente às câmaras de vereadores brasileiras) e a *Intendencia*; atividades e mensagens do governo provincial (equivalente ao governo estadual); manifestações de cidadãos acerca dos assuntos locais.

Isso não significa que o *Unión* não teve contratempos. Por exemplo, em relação a releases enviados pela Intendência de Santo Tomé, Zapata evitava publicá-los durante o período do *Proceso*, preferindo realizar uma entrevista. Mas o que ele negava ao intendente, concedia aos chefes militares estacionados em Santo Tomé:

No período da democracia me mandavam material pronto, e eu aceitava e publicava. Antes, na época dos militares, não o intendente, mas os militares me mandavam material pronto. E eu publicava tal qual vinha. Os militares não estavam preparados para publicar jornal, e era aí que dava fuzilamento, matavam todos. Então, eu publicava. Senão poderiam me castigar, eu teria um problema, porque a um jornalista ninguém defendia. O governo militar mandava “faça tal coisa”, se fazia. Os chefes militares mandavam material

pronto e eu publicava. Eu colocava “comunicado oficial”. Colocava na manchete, em fonte pequena, “comunicado oficial pelo chefe fulano de tal”. O que mandavam dizer ali, publicava (ZAPATA, 2016).<sup>33</sup>

Essas concessões, ainda que se considerando o momento político de então, podem ser discutíveis em termos éticos. Mas é preciso ter algum grau de compreensão, lembrando que as escolhas feitas naquele contexto foram, por vezes, para garantir a existência do jornal. Parece que, nesse aspecto, ambos os jornais precisaram se movimentar taticamente<sup>34</sup> em espaços interioranos contidos em territórios estrategicamente conformados pelas respectivas ditaduras. Uma outra observação é que os dois jornais estavam sujeitos a riscos diferentes.

O jornal *Folha de São Borja*, pelos motivos antes comentados, tinha boa relação com o partido da situação e sofria desconfiança por parte da oposição, mas em 1982, ano em que se abriu o trânsito de cargas entre os portos de Santo Tomé e São Borja, o clima político parecia se encaminhar para a redemocratização e a restituição do Estado de Direito, a se levar em conta os apontamentos de Visentini (2004) sobre os governos Geisel e Figueiredo, tidos como integrantes da linha castelista, e a contínua luta popular pelo retorno do poder aos civis. A desconfiança de parte da população e dos partidos de oposição aos militares em relação ao jornal gerava riscos que, ao fim e ao cabo, poderiam repercutir na viabilidade financeira do jornal. O esforço para realizar e demonstrar uma cobertura tão igual quanto possível para os partidos políticos se devia, talvez, ao interesse em desvincular o *Folha de São Borja* daquela associação atribuída ao seu editor, além de ser uma medida útil para uma empresa que pretendia ampliar a circulação de seu produto. Isso equivale a ponderar que os riscos que o *Folha de São Borja* corria eram comerciais, como uma eventual rejeição popular ou setorial.

Os prejuízos que o jornal *Unión* poderia sofrer eram potencialmente mais amplos, dada a ferocidade da junta militar do Processo de Reorganização Nacional com

---

<sup>33</sup> No original: “ En el periodo de la democracia me mandaban material pronto, e yo aceptaba y publicaba. Antes, en la época de los militares, no el intendente, pero los militares me mandaban material pronto. Y yo publicaba tal como se presentaba. Los militares no estaban preparados para publicar jornal, y era por eso que se daban los fusilamientos, mataban a todos. Entonces, decían ‘eso tiene que publicar’, yo publicaba. Si no yo tendría un problema, pues que a un periodista nadie defendía. El gobierno militar mandaba ‘haga tal cosa’, se hacía. Los jefes militares mandaban material pronto e yo publicaba. Yo ponía la titular, en fonte pequeña, ‘comunicado oficial del jefe fulano’. Lo que mandaban decir allí, publicaba”.

<sup>34</sup> No sentido da oposição tática X estratégia, apresentada por Certeau (2014).

a oposição e as organizações guerrilheiras. Isso permite entender o cuidado de Zapata em manter uma relação calma com os comandantes militares. Essa cautela não indica, porém, total subserviência. As atitudes de um oficial, responsável pela organização dos festejos do Carnaval, foram criticadas no jornal:

Sim, é verdade. Era um carnaval, porque deixavam entrar pessoas que não tinham motivo para passar como grandes senhores, entravam sem pagar a entrada. Eu via isso e escrevia a respeito. E aí, um [militar] saiu contra mim, mas quando os chefes superiores se inteiraram do fato, o fizeram pedir desculpas a mim porque tinha se equivocado. Eu nunca os atacava, sempre dizia algo com altura, classe (ZAPATA, 2016).<sup>35</sup>

Outro fator que pode ter contribuído para o êxito de Zapata nesses episódios, além da condução editorial focalizada na comunidade, moderada nas críticas e com abertura para situação e oposição nas notícias e opiniões políticas, era o fato de o *Unión* ser um jornal mais alinhado com o tipo-ideal “quase artesanal”, como proposto por Bueno (2013), o que significava que não se poderia tomar nenhuma atitude drástica sem que toda a cidade ficasse sabendo. Sendo uma pessoa com fácil trânsito na cidade e na região e editor do jornal mais duradouro até então, a ausência de Zapata seria sentida.

Primeiramente, vou dizer que era paixão. Eu tinha paixão, gostava, adorava. Lhe dedicava horas, dias. Em primeiro lugar estava o jornal. Eu ia, saía, ficava um dia, outro. Não tinha hora de regresso. De sair, sim, mas de regresso não sabia se voltava hoje ou amanhã. Trabalhei muito, gostava muito, e a gente me respeitava e me conhecia muito, era muito conhecido, era o único que andava na região. Eu não fazia nenhuma distinção. Se era uma sociedade rural, se era uma banca, se um armazém pequeno ou um supermercado, para mim era o mesmo, eu dava-lhes a mesma atenção. Era amigo de todos, a tal ponto, que... bom, observaste, fiz uma galeria de recordações, e ali estão todos, políticos, desportistas, gente da cultura, escolas, estão todos (ZAPATA, 2016).<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> No original: “Sí, es verdad. Era un carnaval, y porque dejaban entrar personas que no tenían motivo para pasar por grandes señores, entraban sin pagar la entrada. Yo ví eso y escribí a respecto. Y entonces, uno salió contra mí, pero cuando los jefes superiores si enteraron del facto, lo hicieron me pedir perdón porque se tenía equivocado. Yo nunca los atacaba, siempre decía algo con altura, clase”.

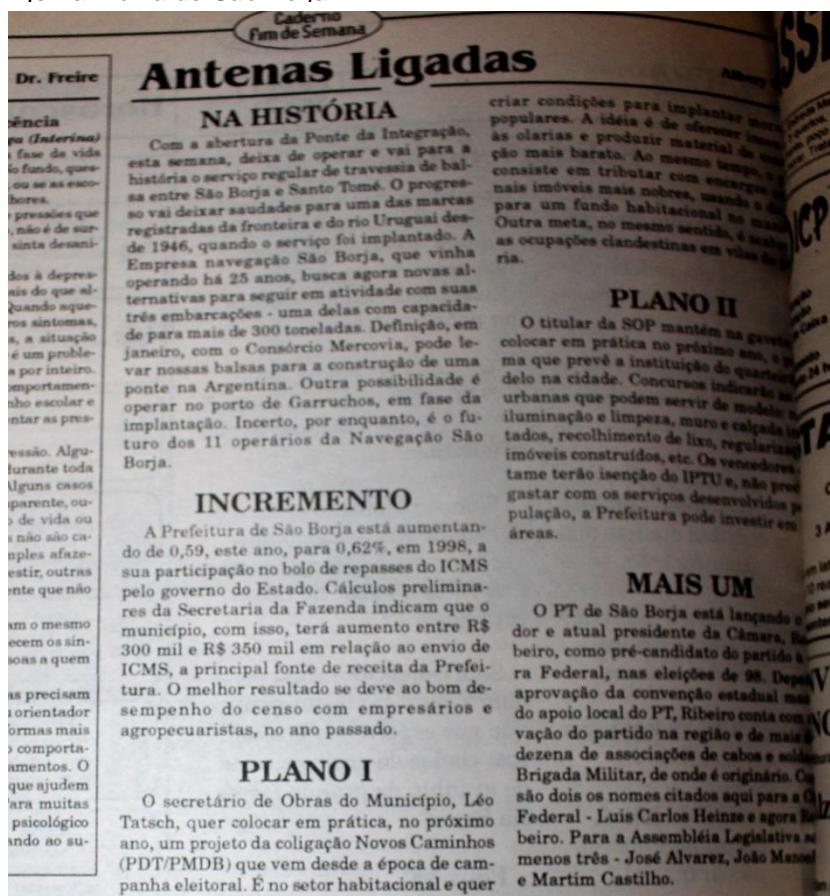
<sup>36</sup> No original: “Por primero, voy a decir que era pasión. Yo tenía pasión, gustaba, adoraba. Le dedicaba horas, días. En primer lugar estaba el jornal. Yo iba, salía, quedaba un día, otro. No tenía hora de regreso. De salir, sí, pero de regreso no sabía si volteaba hoy o mañana. Trabajé mucho, gustaba mucho, y la gente me respetaba y me conocía mucho, era muy conocido, era el único que andaba en la región. Yo no hacía ninguna distinción. Si era para una sociedad rural, si era una banca, si una tienda pequeña o un mercado, para mí era lo mismo, yo les daba la misma atención. Era amigo de todos, hasta tal punto que...bueno, observaste, hice una galería de recuerdos, y allí están todos, políticos, deportistas, gente de la cultura, escuelas, están todos”.

## 5.1.2 Percepção sobre a travessia e a fronteira

Nos contatos com os editores, observaram-se algumas diferenças de abordagem em relação à fronteira. Entende-se que essas percepções derivam das experiências de cada um no comando de seus empreendimentos. Porém, se as duas iniciativas jornalísticas tiveram resultados diferentes em relação aos contatos comerciais com os vizinhos, seus diretores convergem na avaliação de como as relações mudaram a partir da inauguração da ponte internacional.

Em 1982, no período de preparativos dos portos de Santo Tomé e de São Borja, havia já uma vivência de décadas no uso de balsas para atravessar o rio Uruguai. A empresa Navegação São Borja era a prestadora de serviço na época, empregando balsas em viagens regulares entre os dois atracadouros desde 1946, a se considerar como indício a nota “Na História” (Figura 8), recorte da coluna Antenas Ligadas, a cargo do jornalista Albery Cogo, no jornal *Folha de São Borja* de 31 de

Figura 8 – Detalhe da coluna “Antenas Ligadas” - 31.12.1997 do jornal *Folha de São Borja*



Fonte: Acervo do jornal *Folha de São Borja*.

dezembro de 1997. Com capacidade para levar automóveis de passeio, a balsa tinha horários fixos de partida e chegada, sendo interrompida apenas durante as enchentes no rio Uruguai.

Segundo Zapata, embora o serviço encurtasse caminhos, a alta demanda elevava os incômodos, tanto que a implantação das balsas para transporte de caminhões, que posteriormente eram usadas para ampliar o atendimento ao público em geral, melhorou o atendimento. Como atravessar o rio Uruguai era parte constante de seu empreendimento, para imprimir os exemplares, vender e cobrar anúncios e entregar jornais aos assinantes, Carlos Zapata usava com regularidade esse serviço, percebendo essa mudança qualitativa.

O que mudou é que antes se ocupava minimamente, se podia ir e vir em meio dia, porque iam e vinham tantos argentinos e brasileiros que a barca ia cheia. Tinha [partida de balsa] às 8, às 9, às 10 horas, e não podíamos nem sequer dizer que horas voltaríamos. Era meio dia de viagem, primeiro que eram duas horas de viagem. A primeira barca saía às 8h, então tinha que estar às 6 horas, duas horas antes, para poder passar... e, para voltar, a mesma coisa, estar lá duas horas antes, e tinha fila, fila, fila. Era muito incômodo. E muitos ficavam lá para dormir, porque às 6 horas da tarde fechavam [o serviço de transporte]. Diziam “às seis é a última”, e não importava se alguém havia ficado (ZAPATA, 2016).<sup>37</sup>

No caso do jornal *Folha de São Borja*, a interação com a cidade vizinha era mais distante. Em parte, isso se deveu a algumas experiências negativas. Talvez por isso, a percepção sobre a implantação das balsas e a ponte internacional foi mais dirigida pela modificação na economia que esses adventos representavam para a cidade e pela facilidade de acesso ao município vizinho. Para ele, a novidade foi “a possibilidade de intercâmbio com a vizinha cidade, mas que, na verdade, quase se resumiu apenas no comércio entre ambas” (ANDRES, 2016). A localização em uma cidade fronteiriça também é pouco diferente de uma outra cidade interiorana de

---

<sup>37</sup> No original: “Lo que cambió fue que antes se ocupaba mínimamente, se podía ir y venir en medio día, porque iban y venían tantos argentinos y brasileños que la barca iba llena. Tenía a las ocho, a las nueve, a las diez, y no podíamos ni siquiera decir que hora regresaríamos, era medio día de viaje, de primero que eran dos horas de viaje. La primera barca salía a las ocho, entonces tenía que estar a las seis, dos horas antes, para poder pasar... y para volver, la misma cosa, estar las dos horas antes, y hacía cola, cola, cola. Era muy incómodo. Y muchos se quedaban allá para dormir, porque a las seis cerraban. Decían ‘a las seis es la última’, y no les importaba si tenía quedado”.

mesma dimensão: “Diria que, fora o fato de que há um potencial que pode ser explorado no futuro, na medida em que avance a desburocratização, de resto é igual a qualquer cidade de nosso porte” (ANDRES, 2016).

As experiências que provocaram essas opiniões são exemplares para mostrar a complexidade interna das relações Santo Tomé-São Borja. Andres não sabe se há leitores do seu jornal em Santo Tomé e receia não ser bem recebido. Além disso, sabe que precisaria aumentar o custo de produção para levar um produto adequado ao público de Santo Tomé. Outro problema apontado pelo editor é a possível reação negativa dos anunciantes de São Borja a uma iniciativa desse tipo, que abriria a oportunidade de uma empresa de Santo Tomé anunciar no *Folha de São Borja*. Um episódio ocorrido com as emissoras de rádio Fronteira FM e Cultura AM, de propriedade de Andres, ajuda a entender esse cuidado:

Na rádio, quando [o câmbio] estava bom para o brasileiro ir lá, algumas firmas [de Santo Tomé] me procuraram aqui para anunciar, e algumas anunciaram. E os empresários [são-borjenses] reagiram muito negativamente. E eu suspendi, não vendi mais propaganda para lá. Fizem uma reunião, na associação comercial, e deram esse sinal. Daí eu parei de vender, não aceitei mais propaganda. Só aceito do Cassino porque não tem concorrência. Mas de empresas eu parei de aceitar (ANDRES, 2016).

A outra tentativa de aproveitar a localização geográfica e promover o jornal em Santo Tomé foi ligada ao aniversário da cidade, em 27 de agosto, aludindo à refundação da cidade em 1863. Andres comentou que a iniciativa não foi positiva. Um caderno especial foi preparado e teve os espaços publicitários vendidos, afirma, mas o maior anunciante, a Intendência de Santo Tomé, não pagou o espaço por motivos burocráticos:

No aniversário da cidade [de Santo Tomé], eu fiz uma edição. Eles [a Intendência] compraram duas páginas, vendi para o prefeito, tudo direitinho. Mas quando fui receber me disseram “olha, não sei, não temos como pagar, não dá para aprovar isso, não podemos gastar no exterior, a prefeitura não pode gastar”. E olha, a prefeitura era o maior anunciante, comprou duas ou quatro páginas. Talvez devesse ignorar isso, mas não dá para ignorar isso. O que que vou vender lá, 5% do faturamento, e vou arriscar a receita aqui? (ANDRES, 2016).

Esses episódios são importantes para lembrar que o jornalismo tem a sua



dimensão empresarial da mesma forma que exige uma atitude profissional e um posicionamento ético. Em um cenário como o do interior gaúcho, especialmente na metade sul do Estado, uma região reconhecidamente menos desenvolvida em termos socioeconômicos, as tentativas inovadoras podem não ser bem recebidas ou bem-sucedidas por motivos até prosaicos, mas decisivos. Esses relatos denotam também uma tensão que pode passar despercebida ao analista que enfatiza noções idealizadas de integração. Em um ponto fronteiriço semiconurbado, como é o de Santo Tomé-São Borja, e como ocorre com tantas outras localidades nas fronteiras brasileiras, é preciso refletir sobre como o mercado de anunciantes avalia a facilidade de trânsito e de comércio, especialmente nos casos em que a balança cambial está muito vantajosa para uma das localidades.

Esse problema parece não ter afetado os negócios de Zapata, que conseguia manter anúncios das duas cidades em seu periódico, com assinantes também do lado brasileiro. Ele atribuiu isso ao seu modo de trabalhar. Por conta do *Unión* e do seu trânsito em Santo Tomé e em São Borja, ele tinha consciência de que era também lido por brasileiros. Além dos assinantes são-borjenses, ele enviava o jornal para Buenos Aires, Entre Rios, Santo Ângelo e até São Paulo, para conhecidos.

Eu tinha, por meio do *Unión*, contato com clubes sociais, desportivos, bochófilos, pecuaristas, comerciantes. Era amigo deles. E os brasileiros me chamavam “Don Carlos”, e eu nunca fiz distinção, ao ponto que passavam anos em que eu ia com minha senhora e meus filhos, depois quando tive netos os filhos foram para a capital, ficamos os dois sós... e íamos a São Borja, passávamos um fim de semana lá, e eles vinham passar um fim de semana aqui, eles dormiam em minha casa, e dormíamos na casa deles. Me chamavam “Don Carlos”, então eu tinha que me cuidar (ZAPATA, 2016).<sup>38</sup>

Outro aspecto a considerar é a permanente possibilidade de formação de famílias entre brasileiros e argentinos. Dentre tantos efeitos possíveis, essas forma-

---

<sup>38</sup> No original: “Yo tenía, por medio del *Unión*, contacto con clubes sociales, deportivos, bochófilos, ganaderos, comerciantes. Era amigo de ellos. Y los brasileños me llamaban Don Carlos, y yo nunca hice distinción, al punto que me iba con mi señora y mis hijos, después cuando tuve nietos los hijos se fueron a vivir en la capital, nos quedamos los dos solos... y nos íbamos a San Borja, pasábamos un fin de semana allá, y ellos venían a pasar un fin de semana acá, ellos dormían en mi casa, y nos dormíamos en casa de ellos... me llamaban Don Carlos, entonces yo tenía que me cuidar”.

ções familiares mesclam culturas, histórias e interesses, o que potencialmente incluiria o desejo de saber o que se passa na cidade natal. Zapata baseia sua opinião sobre as possibilidades de um jornal binacional nesse fenômeno mais comum nas áreas de fronteira – e na experiência com o *Unión*. Ao mencionar a existência de programas especiais dedicados a músicas brasileiras na emissora Sol FM, ele revelou a presença de radialistas brasileiros no cenário comunicacional de Santo Tomé. Ele afirma que há, na cidade, muitas famílias formadas por argentinos e brasileiros, de modo que considera factível a circulação de um jornal de São Borja em Santo Tomé, devido à presença de falantes de português:

Sobre o negócio, não sei o comércio, mas pelas famílias lhe digo que sim, porque há muitos brasileiros que vieram adultos para Santo Tomé, com filhos e netos em Santo Tomé, com 60, 70 anos. Não creio que recebam jornal de São Borja. E eu fazia isso com o *Unión* e me acertava (ZAPATA, 2016).<sup>39</sup>

Trata-se de uma perspectiva mais positiva, devido ao modelo de negócio que Zapata construiu e ao ritmo que imprimiu no seu trabalho. Sobre a existência de famílias de origem brasileira em Santo Tomé, e vice-versa, é algo que este estudo não buscou verificar, mas que parece um tema bastante válido para pesquisas posteriores. Os laços familiares binacionais podem fornecer algumas pistas, mas convém não se esquecer dos fatores que reforçam a nacionalidade, como o consumo de produtos midiáticos desenvolvidos desde os centros de decisão nacional ou regional, e também as diferenças geracionais no consumo de determinados meios e no interesse por diferentes temas.

Em 1982, a viagem pelo rio era demorada e incômoda; em 1997, a ponte fazia do obstáculo uma paisagem. Uma elusiva diferença entre as iniciativas da liberação dos portos para trânsito de cargas e a construção da Ponte da Integração era o alcance desta na modificação de um contato fronteiriço que era, de certa forma, ritmado pelos horários das balsas. Zapata contou que se surpreendeu com a grande modificação que a construção da ponte promoveu. Novas e melhores instalações,

---

<sup>39</sup> No original: “Sobre el negocio, no sé sobre el comercio, pero por las familias le digo que sí, porque hay muchos brasileños que vinieron adultos para Santo Tome, con hijos y nietos en Santo Tome, con 60, 70 años. No creo que reciban jornal de San Borja. Y yo hacía eso con el *Unión* y me acertaba”.

mais serviços de segurança e fiscalização, tudo isso era bastante diferente para as populações acostumadas com a travessia por balsa ou lancha:

Agora já não se respeitava mais a água do rio, a água foi superada pela ponte. Por exemplo, para o Carnaval vêm brasileiros em quantidade, porque vêm e se vão, têm como voltar. E antes não podiam vir, porque teriam que dormir aqui, teriam que ter dinheiro. Assim que eu não tinha essa imaginação de que seria tão importante e de tantos ganhos econômicos para a nação e para os vizinhos, ainda que estejamos um pouco apertados. Se quer comprar dois quilos de batata, mas só pode levar um, essas pequenezas.... Mas, em grande escala, cada país pôs um banco [no centro de fronteira]. Se colocam um banco, é porque há ganho. Assim que mudou totalmente (ZAPATA, 2016).<sup>40</sup>

Há convergência entre Andres e Zapata na avaliação das relações entre as duas cidades após a conclusão da Ponte da Integração. A praticidade, a segurança e a qualidade do serviço e do tratamento dispensado pelos servidores aos transeuntes fazem parte de um avanço que favoreceu mais as visitas com intuito comercial, em detrimento das interações sociais, na leitura dos editores.

Não é a mesma integração de antes, que faziam o Rotary, o Lions, os clubes de futebol, o exército, que me convidavam muito, como jornalista, e andava muito por aí. Havia mais integração. E agora não, não sei o motivo. Mas com a ponte, se fez mais fácil, se vai e se vem. Mas essa parte de partilhar, de festa familiar grande, me parece que parou um pouco. [...] Mudou a mentalidade. Antes eram mais unidos, tinha mais sentimento, essa necessidade, essa curiosidade e o fato de ter que respeitar a hora da barca. Eu digo, há mais amizade, mas não há participação, não vejo que seja como antes, antes era mais frequente e mais amplo. E essa é a palavra, “mais fria”, que define o agora (ZAPATA, 2016).<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup>No original: “Ahora ya no se respetaba el agua del rio, el agua fue superada por el puente. Por ejemplo, para el carnaval vienen brasileños en cantidad, porque vienen y se van, tienen como volver. Y antes no se podía, porque tendrían que dormir acá, tendrían que tener dinero. Así que el puente, no creo... yo no tenía esa imaginación de decir que sería tan importante y de tanto gaños económicos para la nación y para los vecinos, aunque estejamos un poco apretados. Si quiere comprar dos kilos de papas, pero solo lleva uno, esas pequeñeces...Pero en gran escala, cada país puso un banco. Si colocan un banco, es porque hay gaño. Así que cambió totalmente”.

<sup>41</sup> No original: “No es la misma integración de antes, que hacían el Rotary, el Lions, los clubes de futbol, el ejército, que me invitaban mucho, como periodista, y andaba mucho por allí. Había más integración. Y ahora, no, no sé el motivo. Pero con el puente, se hace más fácil, se va y se viene. Pero esa parte de compartir, de fiesta familiar grande, me parece que paró un poco. [...] Cambió la mentalidad. Antes eran más unidos, tenía más sentimiento, esa necesidad, esa curiosidad y el facto de tener de respetar la hora de la barca. Yo digo, hay más amistad, pero no hay participación, no veo que sea como antes, antes era más frecuente y más amplio. Y esa es la palabra, ‘más fría’, que define el ahora”.

Andres considera que nunca houve muita interação, exceto em torno desses adventos na travessia do rio Uruguai. Perguntado sobre sua avaliação a respeito das relações entre as duas cidades, o editor do *Folha de São Borja* percebe também um esfriamento:

Nunca teve uma aproximação. A maior aproximação foi durante a ponte. Ali as pessoas se visitavam... tudo isso falando do pessoal da comissão da ponte. Depois disso, deve ter um resquício de amizade do seu Ibrahim com o seu Laponte, com não sei quem, que era o presidente de lá. Mas da população eu vejo muito pouco (ANDRES, 2016).

Zapata contou que houve uma época, nos anos 1980, em que as duas cidades contavam com “cônsules honorários”, cidadãos que promoviam o contato entre instituições, associações e ajudavam a criar oportunidades de conagração de são-borjenses e santo-tomenhos, como eventos festivos. Em Santo Tomé, o cônsul era Miguel Centeno, de uma família de brasileiros que teria se mudado para a Argentina para ajudar a refundar a cidade, destruída por tropas portuguesas em 1817. No Brasil, o cônsul honorário de Santo Tomé era Fan Sanchez, de acordo com a lembrança de Zapata. A atividade de Miguel Centeno era importante, no julgamento do jornalista, por organizar o contato entre as duas cidades, especialmente por meio de festas. O “esfriamento” das relações parece estar relacionado à morte do cônsul honorário do Brasil em Santo Tomé:

Faleceu o senhor cônsul, e também se freou, se esfriou, como dizia. Os pais dele, que vieram para Santo Tomé, pois Santo Tomé foi fundada quase por brasileiros, eram um braço de São Borja que vieram para cá, esses Centeno. [...] Era uma pessoa dada, tinha fazenda e tudo em Santo Tomé, tinha muito dinheiro. E gostava de fazer união. Então, que ocorria? As festas de Brasil se festejavam em Santo Tomé porque tinha um consulado. E o cônsul era uma pessoa aberta, que gostava da festa, da união (ZAPATA, 2016).<sup>42</sup>

Sanchez, conta Carlos Zapata, abandonara uma firma em Santo Tomé para lançar-se na política, e foi nomeado pelo governo de então, nos anos 1980, como

---

<sup>42</sup> No original: “Falleció el señor cónsul, y se frenó, se enfrió, como se decía. Fueron sus padres que vinieron para Santo Tome. Pues Santo Tome fue fundada casi que por brasileños, eran un brazo de San Borja que vinieron acá, eses Centeno. [...] Era una persona muy dada, tenía hacienda y todo en Santo Tomé, tenía mucha plata. Y gustaba de hacer unión. ¿Entonces, que pasaba? Las fiestas de Brasil se festejaban en Santo Tomé porque tenía un consulado. Y el cónsul era una persona abierta, que le gustaba la fiesta, la unión”.

cônsul honorário em São Borja. Cabe anotar que havia, desde aquele período, consulados oficiais em Uruguaiana e Paso de los Libres. Andres (2016) comentou que lhe parece que os consulados honorários eram mantidos pelas prefeituras, algo a se confirmar em estudos posteriores.

O fato é que foram encontradas em recortes do *Unión* de 1981 e 1982 pequenas notas sobre as atividades do cônsul honorário Miguel Centeno. Na leitura flutuante realizada pelo autor e na etapa de coleta de itens para análise nos dois jornais, não se encontrou alguma informação do cônsul honorário Sanchez. Andres não se recordou de Sanchez, mas já ouvira falar do cônsul Centeno: “Esse Léo [sic] Centeno eu não conheci, mas se diz que era um sujeito formidável, amigo, que levava as pessoas para lá, para cá. Esse Sanchez eu não conheci, mas o Centeno, dizem que era um cara espetacular” (ANDRES, 2016).

Essa atuação dos consulados honorários parece ter facilitado muitas oportunidades de interação entre associações e lideranças das duas cidades. Esporte e festas também receberam um influxo positivo, talvez devido ao aspecto diplomático, ainda que semioficial, do cargo. As lembranças de Zapata sobre o período apontam para uma quebra no clima de integração entre as cidades com a morte do cônsul Miguel Centeno, e para uma retomada quando é formada a comissão pró-ponte, em 1995. Depois, na visão dele, se seguiu novo “esfriamento”:

Para mim, o mais importante, e que já se passou, [foi] quando se uniu a comissão pró-ponte. Quatro pessoas de São Borja, quatro de Santo Tomé. Isso se teria que fazer na parte desportiva. Antes vinha o Internacional, vinha o Grêmio, vinham todos estes. Agora, não vêm mais. Não sei o que ocorreu. Antes tinha outras reuniões, 27 de agosto, que é o aniversário de Santo Tomé, vinham muitos brasileiros, agora não vêm (ZAPATA, 2016).<sup>43</sup>

Sendo os entrevistados dois observadores dos respectivos cenários municipais e das movimentações no espaço fronteiriço, é significativo que ambos os edito-

---

<sup>43</sup> No original: “Z: Para mí, lo más importante, y que ya pasó, [fue] cuando se unió la comisión propuente. Cuatro personas de San Borja, cuatro de Santo Tome. Eso se tendría que hacer en la parte deportiva. Antes venía el Internacional, venía el Gremio, venían todos estos. Ahora, no vienen más. No sé lo que pasó. Antes tenía otras reuniones, 27 de agosto, que es la data de Santo Tome, venían muchos brasileños, ahora no vienen”.

res considerem que houve um “esfriamento” na relação entre as populações, as instituições e os poderes públicos das duas cidades. Diante da expectativa de que a ponte fosse aprimorar o intercâmbio em todas as dimensões, pode parecer que apenas o aspecto comercial se beneficiou dessa inovação. Há que se considerar, porém, a conformação das duas cidades e o histórico de fomento à convivência.

Como um ponto fronteiriço com centros fisicamente separados, Santo Tomé e São Borja mantiveram o contato por diversos motivos, mas não foi possível uma mescla similar à que se verifica no ponto Santana do Livramento-Rivera. É uma limitação de ordem geográfica que, conseqüentemente, implica uma travessia, um contato diferenciado com o Estado do país vizinho e os motivos para visitar a cidade do outro lado do rio. São cotidianos que se aproximam e, por vezes, podem se mesclar, como mostra o cotidiano de santanenses e riverenses. Nesses casos, a simplicidade no cruzamento da fronteira Brasil-Uruguai não se verifica na passagem do Brasil à Argentina – muito embora as origens desses povoamentos mostrem que houve intercâmbios diversos, nos dois pontos de encontro de territórios nacionais.

A partir dessa conformação geográfica, o histórico de convivência entre São Borja e Santo Tomé também se erigiu de forma diversa da verificada em Santana do Livramento-Rivera (MÜLLER, 2001). Da migração do excedente populacional da redução de *Santo Tomás Apóstol* para a margem oposta do rio Uruguai, em 1682, à refundação de Santo Tomé em 1863 com a presença de famílias brasileiras entre os fundadores; do comércio “formiga” composto de lanchas, canoas e balsas ao contrabando e abigeato; do trânsito de cargas entre os portos à abertura, finalmente, da ponte internacional, o rio Uruguai foi marca da separação e do encontro entre esses dois povoamentos.

Uma das suposições que os relatos sugerem é que a travessia para o comércio, se não é uma dimensão suficiente para considerar a integração, ao menos favorece a subsistência, por meio da aquisição de itens com preços mais baixos, e a movimentação de recursos de uma cidade à outra. É uma dimensão da integração, porém, que parece dotada de uma mecânica ativadora mais prosaica, ligada a necessidades diárias ou desejos de consumo, uma lógica mais imediata. Já a integração em sua dimensão cultural parece depender de estímulos, de esforço organizado e constante, legitimado tanto pela iniciativa privada quanto pelo poder público.

Em 1982, foi criado em São Borja um Centro Cultural, cujas atividades incluíam a promoção de encontros técnicos e atividades conjuntas com escolas e instituições de Santo Tomé. O Centro Cultural hoje tem atuação bastante restrita. Os consulados honorários, que também promoveram contatos e atividades diversas, ao que parece não sobreviveram às mortes dos ocupantes dos cargos. Isso não significa que encontros, reuniões e ações conjuntas deixaram de ocorrer, ou que a ponte não ajudou nesse sentido. A questão que parece emanar dos relatos é dupla: por um lado, expectativas elevadas foram depositadas no novo meio de travessia de fronteira; por outro, a integração foi pouco buscada enquanto elemento dos planejamentos políticos em ambas as cidades, de forma complexa e constante.

A facilidade de trânsito, porém, permitiu encontros e intercâmbios dentro de ramos de atividade, para a presença de uma relevante quantidade de brasileiros que estudam na faculdade de Medicina H. Barceló, instalada em Santo Tomé. Com a recente abertura de vagas para argentinos fronteiriços nos cursos de graduação da Universidade Federal do Pampa, jovens santo-tomenhos poderão acessar os cursos superiores em São Borja, o que pode ser novo catalisador de encontros e de trabalho em prol do convívio entre as duas cidades.

### 5.1.3 Noticiabilidade e decisões editoriais

Em termos de seleção de notícias, entende-se que uma consequência dessa escolha teórica para estudar por que as notícias são como são é entender os valores-notícia como uma expectativa da audiência, “idealizações do espectador real”, como propõe Guerra (2014, p. 43). São critérios e categorias que permitem escolher com rapidez a matéria-prima e o tratamento a ser dado em cada caso.

Alinhando esse raciocínio ao caso dos dois jornais em análise, pode-se estimar que, na falta de métricas exatas, alguns indícios como a venda de exemplares e as manifestações dos leitores servem como indicativos que ajudam a ajustar essas expectativas, diminuindo riscos na produção diária do jornal. Nesse sentido, as perguntas finais do questionário tratavam das escolhas dos editores, especialmente em relação à cidade vizinha. Indagados sobre quem compunha seu público, cada editor

indicou o seu auditório.

Zapata considerava que seu jornal era lido por todos: “humilde, rico, peão, pobre, era de todos”. Como por um bom tempo foi o único jornal impresso circulando em Santo Tomé, o *Unión* tinha que ser aberto, para ouvir e registrar todas as demandas, e isento, para poder cobrar das autoridades:

Era o único [jornal], então tinha que ter a responsabilidade de que era um para todos. Então, da mesma forma que trato a você, tinha que tratar ao prefeito, ao estabelecimento, ao peão, ao que varria a rua, tinha que abraçar a todos, porque todos eram leitores do *Unión* (ZAPATA, 2016).<sup>44</sup>

Andres definiu o leitor do *Folha de São Borja* como sendo alguém que “gosta de se manter informado sobre a cidade; preferencialmente na classe mais privilegiada financeira e culturalmente, podendo ser aposentado, comerciante, profissional liberal” (ANDRES, 2016).

Eu acredito que nós estamos situados dentro dessa faixa aí, 80%. Claro que temos outros tipos de leitores, mas o nosso leitor é mais ou menos isso, é o cara que tem profissão definida, professor, aposentado, empresário, bancário. Eu acho que é por aí. A pessoa tem que estar mais ou menos estabilizada para ler o jornal. Não é um aventureiro. Esse cara que não tem estabilidade funcional ou financeira, ele é um cara que eventualmente lê o jornal ali na banca, vai ali e dá uma olhadinha, é um leitor eventual, mas não é um leitor cativo nosso (ANDRES, 2016).

A notável diferença de expectativa de público aponta para diferentes aspectos a considerar acerca das formas de conduzir o jornal. *Unión*, a julgar pelo relato de Zapata, seria um produto mais acessível, devido ao preço de capa e à periodicidade bimensal (ou quinzenal), à tiragem mais reduzida e ao modelo mais enxuto de produção, por vezes contando com a mão de obra familiar. Talvez a diferença educacional e cultural, que pode levar a um consumo diferenciado de jornais entre santotomenhos e brasileiros, possa existir e explicar essa compreensão de Zapata sobre o *Unión* ser um jornal de todos.

No caso do *Folha de São Borja*, a periodicidade bissemanal e a estrutura de equipamentos e recursos humanos para a produção já apontam para uma condução

---

<sup>44</sup> No original: “Era el único, entonces tenía que tener la responsabilidad de que era uno para todos. Entonces, en la misma forma que trato a usted, tenía que tratar al intendente, al establecimiento, al peón, al que barre la calle, tenía que abrazar a todos, porque todos eran lectores del *Unión*”.



mais pragmática. A concepção de que seu jornal é mais consumido pela classe mais privilegiada indica quem compõe o auditório idealizado pelo editor. Provavelmente essa ideia possa estar baseada no cadastro de assinantes e nas métricas ainda empregadas pelos jornais impressos (tiragem menos circulação, percentual de vendas em bancas e ambulantes), refletindo antes uma realidade do consumo de mídia da cidade (e, por extensão, uma corroboração de padrões de consumo de mídia no Brasil) que algum tipo de preconceito de classe. Considere-se ainda que, em geral, os anunciantes estão na classe mais privilegiada, e que se fala de um jornal interiorano, fortemente ligado aos interesses comunais, atuante em um cenário de intensas e próximas relações entre instituições e empresas.

Outra hipótese é a de que são os leitores mais bem situados financeira e socialmente que fazem chegar à redação do *Folha de São Borja* as suas impressões sobre o produto, enquanto no modelo do *Unión Zapata* atuava de forma itinerante; era o editor-jornalista-administrador que estava mais acessível, indo e vindo pelas *calles* de Santo Tomé e adjacências, o que poderia facilitar o contato direto com autoridades, trabalhadores e donas de casa.

Em uma análise sobre as escolhas de noticiabilidade, talvez seja produtivo avaliar também a modelagem de negócios empregada. A capacidade de obter receita parece recursivamente conectada às seleções de temas e tratamentos, à periodicidade e aos custos de produção, de modo que há que sopesar o que houver de ideológico nas escolhas percebidas. No *Folha de São Borja*, Andres considera que o foco principal na cidade é o grande diferencial do jornal de interior, e que algum acontecimento de destaque nas cidades vizinhas pode ser noticiado, mas sem ser prioridade. É mais fácil, segundo o editor, alguma informação relacionada a cidades gaúchas do entorno ser aproveitada em alguma editoria do que uma informação relativa a Santo Tomé.

A não ser que tenha alguma coisa aqui na ponte, quando prendem um carro de Santo Tome ali na ponte, com maconha. Quando tem repercussão local aqui, a gente dá cobertura. Agora, ir lá cobrir alguma coisa deles, não (ANDRES, 2016).

Zapata apresenta uma postura mais itinerante para o localismo de seu jornal. Jogos, reuniões festivas, além de fatos jornalisticamente relevantes, entravam na lista de assuntos aptos a serem noticiados. Ele considera que o fato mais relevante dos últimos anos foi mesmo a formação da comissão pró-ponte, e todo o processo de construção. Nesse período, a integração era mais intensa, “vinham muitos brasileiros” (ZAPATA, 2016).

Dois elementos sobressaem nessas respostas. O primeiro é a restrição do valor-notícia de proximidade pela tendência ao localismo. Se a marca do jornal interiorano é o foco na cidade, a relação com a cidade vizinha, de outro país, pode receber pouca ou nenhuma atenção, ou fazer parte da pauta regular.

O segundo elemento é justamente a intensidade das relações internacionais entre as cidades. Se por relações internacionais se entender todas as trocas, atividades conjuntas e interações promovidas pelas populações de duas cidades de países diferentes, extrapolando o conceito de relações oficiais, diplomáticas, entende-se a evocação que Zapata faz aos esportes e ao setor agropecuário. Eram dois dos pontos de contato entre associações e pessoas das duas cidades, independentes de autorização ou estímulo das embaixadas ou dos ministérios de Relações Exteriores. Esses fatos geravam momentos de aproximação entre vizinhos de nacionalidades diferentes – de certa forma, uma ruptura no cotidiano local – e, por isso, também eram mais prováveis de serem noticiados nos dois jornais.

Um aspecto contíguo à expectativa da audiência é a definição dos temas que o jornal vai abordar obrigatoriamente. Não há muitas diferenças entre os dois relatos. Para Andres, política e polícia são fundamentais na organização das pautas:

E, claro, eu tenho que mostrar o que está acontecendo na cidade, o que a prefeitura está fazendo, o que os órgãos públicos estão fazendo, essas coisas têm que ter. Futebol o pessoal gosta também, essas coisas assim que não diferem muito de outras cidades. Se você pegar uma cidade e perguntar o que que interessa aqui na cidade, o cara vai te dizer a mesma coisa que eu estou te dizendo: polícia, política, futebol... a mesma coisa, não muda muito o perfil (ANDRES, 2016).

Zapata apontou que a educação recebia uma boa atenção do *Unión*:

As notícias eram gerais... Comércio, economia, porque cada um tinha seu espaço. No caso da literatura, eu tinha literatos que colaboravam... tinha docentes, e escola, e eram bilíngues, que se fazia antes porque tinha docentes que eram de São Borja e vinham a Santo Tomé, também cobriam as

matérias. Todas as políticas, de pecuária, econômica, industrial, tudo (ZAPATA, 2016).<sup>45</sup>

Tendo em vista o interesse praticamente comum por informações sobre a política e a economia local, cada jornal criou suas lógicas de produção e de seleção de temas. Apesar de não haver menção às notícias de ocorrências policiais, o *Unión* publicava os acontecimentos da última quinzena, de acordo com os registros da Polícia. Futebol e outros esportes também integravam as pautas do jornal. No processo de produção, em ambos os casos os jornais receberam sugestões, de *releases* às tentativas de plantar notas com fins ocultos.

O tratamento conferido pelos editores a *releases* e sugestões diferia um pouco, mas em geral tinha a proximidade como valor-notícia principal, uma escolha comum aos jornais interioranos. Nas respostas, porém, se nota a diferença de processos entre um “jornal quase artesanal” e de um jornal da imprensa “local consolidada”. Zapata conseguia circular pela cidade e apurar pessoalmente os fatos mais amiúde, por conta da periodicidade quinzenal.

Alguém mais próximo de mim me dizia “veja, em Virasoro ocorreu tal coisa”. Me passavam os dados, e se a coisa era muito brava, já tinha todos os fios comigo. Se era [pauta] policial, chamava a polícia; se era comercial, chamava um comerciante; se era de esportes, chamava um desportista. Me davam o fio para puxar a meada, para desenvolver tudo. Me avisavam, tinham muita confiança em mim. Isso eu ganhei com o tempo (ZAPATA, 2016).<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> No original: “Las noticias eran generales... Comercio, economía, porque cada uno tiene su espacio. En el caso de la literatura, yo tenía literatos que colaboraban... tenía docentes, y escuela, y eran bilingües, que se hacía antes, pues había docentes que eran de San Borja y venían a Santo Tome... también cubría las materias. Todas las políticas, de ganaderos, económica, industrial, todo, yo no hacía diferencia con nadie, para mí era todo”.

<sup>46</sup> No original: “E: ¿Los materiales que llegaban para el señor publicar en el Unión, venían dactilografados, venían por teléfono, por correo, las sugerencias y los materiales prontos?”

Z: Eso sería un grado de amistad que tendríamos. Por teléfono, sería un amigo que diría “está pasando algo”...”

E: Un amigo, alguien más cercano...

Z: Alguien más cercano de mí, como periodista, no un pariente. Decía ‘mira, en Virasoro pasó tal cosa’. Me pasaban los datos, y se la cosa era muy brava, ya tenía todos los hilos conmigo. Si era policial, llamaba la Policía; si era comercial, llamaba un comerciante; si era de deportes, llamaba un deportista. Me daban el hilo para deshacer la maraña, para desenvolver todo.

E: Daban el inicio para desenvolver todo...

Z: Así empezaba. Me avisaban, tenían mucha confianza en mí, me avisaban. Eso lo gañe con el tiempo. Con el tiempo, y por eso decía, yo no tengo enemigos. Yo no soy enemigo de nadie, hay quien sea enemigo mío, pero yo no soy enemigo”.

Andres, ao considerar o período dos anos 1980, com a equipe um pouco maior, lembra que os repórteres por vezes tinham de sair à rua para sanar dúvidas ou apurar os fatos, até mesmo porque a infraestrutura de telecomunicações de então era precária. Hoje, a equipe é pequena para dar conta das demandas, e isso influi no tratamento de sugestões de pauta:

Vamos supor que o sujeito liga lá do [bairro do] Passo e diz “seguinte, a gente viu umas famílias aqui juntando pedaços de lixo, com criança e tal”. É uma matéria que a gente acata. Vamos fazer essa matéria. Às vezes, não dá tempo. Às vezes ligam da vila, estourou um bueiro, [a água] está invadindo umas casas, vamos lá. Virou uma carreta perto da rodoviária, aí a guria da polícia manda vir uma moto, vai lá, tira umas fotos e tal. É esse tipo de coisa, de sugestão. Mas não é qualquer tipo de sugestão, né? Sugestão de que tem um buraco lá no Passo, não vamos fazer isso. Então, por isso que eu disse, não são todas que se acata. Por importância, né?(ANDRES, 2016).

Sobre a oferta de releases por órgãos públicos, Andres comenta que, quando é possível aproveitar as informações, isso é feito pensando na utilidade dos dados para a comunidade:

Normalmente, ia tudo para o lixo. Dava uma olhadinha assim, só algumas manchetes, e punha tudo para o lixo. Até hoje, a gente faz isso, porque do governo recebe bastante, mas se utiliza pouco. Até porque aquilo que interessa eles não divulgam, que é às vezes a notícia polêmica, e a notícia polêmica não vem por eles, vem pelos jornais, pela Internet. Quando eles mandam alguma coisa, já mandam assim, maquiada. [...] Agora, a gente usa também quando tem interesse para a sede, como alguma verba para a saúde. Tem coisas que nos interessam, a gente publica (ANDRES, 2016).

Cabe anotar aqui que, enquanto Zapata era o responsável pelos textos, controle das colaborações e outras demandas produtivas, contando com a ajuda de pessoas da família e, eventualmente, de colaboradores pagos, no *Folha de São Borja* havia uma equipe fixa composta por dois redatores, duas assistentes administrativas, uma repórter de polícia, um de esportes (compartilhado com a emissora Cultura AM, do mesmo grupo) e uma diagramadora, além do diretor, Roque Andres, bem como colunistas e articulistas. Ainda que fosse uma equipe enxuta, já existia uma distribuição de tarefas e um consequente processo de socialização das regras de seleção.

A periodicidade é um ponto a analisar. No caso do *Unión*, que saía a cada quinze dias, o foco de Zapata era produzir com calma e análise:

O que ocorre é que os jornalistas de diário fazem a matéria de hoje. E os periódicos que têm a semana para pensar a fazem mais ampla. É como uma revista, é mais ampla, a notícia se dá com mais exatidão, é mais exato o que estão fazendo. [...] O diário dá notícia do que ocorreu hoje. E o jornalismo de semana faz isso e mais o agregado, o porquê, onde e como ocorreu isso que virou notícia (ZAPATA, 2016).<sup>47</sup>

Com isso, Zapata podia buscar mais detalhes e providenciar uma cobertura mais ampla, menos apressada. A periodicidade quinzenal e a estrutura produtiva requeriam, certamente, que controlasse eventual aflição por não dar todas as notícias logo após os fatos. Por outro lado, eventualmente era possível flexibilizar essa lógica diante de fatos de grande repercussão, ou diante de temas com altos valores de importância e proximidade. Assim é que, por exemplo, a cobertura da repercussão da tomada das Ilhas Malvinas pelas forças armadas argentinas, em 2 de abril de 1982, um dia após a primeira edição do *Unión* daquele mês, só foi repercutida em edição do dia 20 de abril, com o lema “*Las Malvinas fueran, son y serán Argentinas*”. Porém, em 1997, produziu três edições do *Unión*, uma delas especialmente dedicada à inauguração da Ponte da Integração.

Para Roque Andres, com um jornal mais ágil, a atualidade é um fator mais presente, de modo que o impacto da notícia sobre o público se sobressai. Se uma notícia for relevante e tiver potencial de provocar impacto, ele admite alongar um pouco o fechamento de uma edição. “Tem que ter impacto, ajudar, ou esclarecer alguma coisa” (ANDRES, 2016).

Os processos de seleção são descritos pelos editores como conjuntos de critérios mais ou menos permanentes na duração do tempo, conectados com uma paixão profissional e uma compreensão de que escrevem para seus públicos. A res-

---

<sup>47</sup> No original: “Lo que pasa es que los periodistas de diario hacen la materia de hoy. Y los periódicos que tienen la semana para pensar la hacen más amplia. Es como una revista, es más amplia, la noticia se la da con más precisión, es más exacto lo que están haciendo. [...] El diario da la noticia del que pasó hoy. Y el periodismo de semana hace eso y más el agregado, el porqué, donde y como pasó eso que se convirtió en noticia”.

posta de Andres parece apontar para as práticas e costumes dos jornalistas enquanto “integrantes de uma tribo transnacional” (TRAQUINA, 2005). A gama de assuntos que adquiriram relevância jornalística é o que lhe parece algo inovador em termos de notícias.

O editor do jornal *Folha de São Borja* pondera que a lógica da escolha do que vai virar notícia permanece a mesma: empatia com o leitor, saber (ou intuir bem) sobre o que ele quer se informar. O que pode ter mudado é o surgimento de novos temas que atraem o interesse das pessoas:

Eu diria que há mais assuntos para serem discutidos. Quer dizer, hoje o lançamento de um game aí, que atinge milhões de pessoas, é um fato que há 20 anos atrás não existia. Mas a seleção, o processo de seleção ainda é o mesmo, né? O game é notícia porque ele atingiu pessoas e causou um impacto, quer dizer, muda o assunto, mas ainda a seleção é o mesmo processo, pela importância (ANDRES, 2016).

Carlos Zapata, por sua vez, afirma que sua paixão pelo *Unión* e um desejo de imprimir uma marca sua o moviam a fazer o jornal do seu jeito. A experiência como correspondente para o jornal *O Litoral*, da capital da província de Corrientes, o levou a buscar oferecer a informação mais completa que pudesse:

Em 91 já tinha 20 anos de experiência, e, quando comecei, era correspondente de outros jornais. Eu lhes mandava a notícia, e cortavam isso e aquilo outro. Às vezes ficava mal, porque enviava uma notícia de 10 centímetros e saía uma de 3 centímetros. Tudo isso eu fui aprendendo. Então dava a notícia e depois o porquê da notícia. Estive seis, sete anos trabalhando em jornais grandes, e o porquê da notícia sempre cortavam. E eu não. Dizia o onde, o porquê, o quando, a fazia completa (ZAPATA, 2016).<sup>48</sup>

Os editores também discutiram o impacto da Internet, ainda que as experiências de cada um sejam diversas a respeito. O *Unión* encerrou as atividades em 2010, sem ter gerado uma versão para a Web. O jornal *Folha de São Borja* investiu em um site na segunda metade dos anos 2000, mas ainda hoje segue um modelo de trans-

---

<sup>48</sup> No original: “En 91 ya tenía 20 años de experiencia, y cuando empecé, era corresponsal de otros periódicos. Yo les mandaba la noticia y cortaban eso y aquel otro. A veces quedaba malo, porque enviaba una noticia de 10 centímetros y salía una de 3 centímetros. Todo eso fue aprendiendo. Entonces daba la noticia y después el porqué de la noticia. Estuve seis, siete años trabajando en periódicos grandes, y el porqué de la noticia siempre la cortaban. Y yo no. Decía el dónde, el porqué, el cuándo, la hacía completa”.

posição do conteúdo desenvolvido para a versão impressa ao meio digital, com pequenos avanços sendo registrados na integração do site com as redes sociais. Persiste a valorização da edição impressa em detrimento do site, devido à receita publicitária ainda ser dirigida ao jornal de papel e ao enxuto quadro de pessoal. O principal redator, Edson Arce, é também locutor na emissora Cultura AM, conduzindo o programa *Gente é Notícia*, o principal produto jornalístico na grade.

Por ser a equipe pequena e sobrecarregada com muitas demandas, segundo justificativa de Andres, o noticiário fica bastante ligado aos releases:

O Arce faz a redação, capta notícia. Hoje eu acho que ele está captando pouco porque está meio sem tempo, então a gente está dependendo muito das assessorias de imprensa. Hoje todo mundo tem, associação comercial, Acisb, Câmara, INSS, Caixa Federal, essas áreas educacionais, regionais, de saúde. Então, na realidade, o serviço dele hoje é mais de coletar informações. [...] E se tem algum assunto ali que repercute na cidade, como uma resolução do INSS sobre, sei lá, aposentadoria... daí ele liga, pergunta qual a repercussão que nós vamos ter aqui na cidade, quantos vão ser atendidos, ele dá uma localizada na notícia (ANDRES, 2016).

A contratação de novos integrantes para a equipe é algo que está entre as preocupações de Andres. Por um lado, porque é preciso preparar reforços e conquistar espaço e receita no ambiente Web, algo que ele reconhece que o jornal não está conseguindo fazer; por outro, devido ao custo estimado para a contratação de um jornalista diplomado, ainda mais para uma empresa que em 2016, segundo Andres, não conseguiu fechar as contas um único mês sem ter prejuízo. O contato com a Universidade Federal do Pampa já havia sido solicitado pelo editor a um de seus funcionários e, até o momento da entrevista, ainda não havia gerado algum retorno.

A necessidade dos próximos passos para o jornal rumo a uma digitalização é clara para o editor. É quando os dilemas dos grandes jornais de referência afligem também a imprensa interiorana:

Duas coisas que eu preciso aqui: uma pessoa na Internet, alguém que administre a Internet, que diga assim: “Eu também vou ganhar dinheiro com a Internet. Eu vou ajeitar o site da *Folha*, vou organizar isso, com as colunas, com fóruns, não sei o que”, que eu entendo muito pouco de Internet. “Vou organizar, vamos organizar a parte comercial, vamos vender, eu quero, sei lá, 30%, 40%, mas eu vou administrar tudo”, me faz uma proposta, “te serve?” “Me serve, então vamos fazer”. [...] E mais alguém como redator (ANDRES, 2016).

A preocupação é com um novo público que já consome mais notícias no smartphone ou no computador, que se inteira dos fatos recentes pelas redes sociais ou nos portais de notícias. Há a consciência de que é preciso captar uma nova geração de leitores, ou consumidores de notícias locais. E há o receio de desvalorizar o canal para o qual já existe uma carteira de anunciantes. Andres comenta que não sabe como lidar com um público mais jovem, que pode vir a ser, ou não, um leitor do seu jornal. Daí o seu interesse em preparar a empresa para um eventual futuro no qual o *Folha de São Borja* seja somente um canal on-line, sem a versão impressa. A marca e a história de um periódico, em sua visão, podem ser uma vantagem: “Um jornal tem uma vantagem sobre um sujeito que coloca uma página na Internet, um site: um jornal já tem uma credibilidade” (ANDRES, 2016).

Na avaliação do jornalismo on-line, incluindo o produzido nas cidades, há alguma convergência de opinião, embora os editores mesquem por vezes alguns canais entre si. Zapata desconfia da qualidade do jornalismo feito para a Web e para a televisão. Andres considera a mídia on-line, em geral, pouco confiável. A aceleração do tempo provocada pela digitalização apertou os prazos já reduzidos de produção noticiosa nas redações.

Por outro lado, as dinâmicas sociais desenvolvidas nas redes estabelecidas na Internet são muito distintas das realidades que esses editores conheceram em suas atividades jornalísticas. A intensa circulação de boatos, muitas vezes tomados como notícias, fez com que o editor do *Folha de São Borja* considere a Internet um meio “muito instável, inconstante às vezes”, e que precisa ainda se tornar “um veículo confiável” (ANDRES, 2016).

Zapata afirma não acompanhar o jornalismo digital produzido hoje em Santo Tomé. No entanto, não se furtou de comentar a produção de notícias na Argentina como sendo descolada da realidade, dando a impressão de que “tudo é uma coisa fictícia” (ZAPATA, 2016).

Em ambos os casos, a desconfiança parece advir do desconcerto com a multiplicidade de opiniões e de fontes de informação, dos boatos e das polêmicas que a Web permite, por meio de blogs e perfis em redes sociais. É um cenário complexo já para os pesquisadores e para os indivíduos que navegam nessas correntes; para quem se acostumou a consumir os meios mais tradicionais, trata-se de uma escolha



entre o efeito de credibilidade de um telejornal de uma emissora já conhecida e o de um blog de quem não se tenha ouvido falar. No caso de Zapata, há um contexto doméstico e mesmo geracional que amplia o distanciamento; no caso de Andres, a atuação como editor nesse período de ascensão das redes sociais na Internet lhe dá pontos específicos para a crítica. Ao mesmo tempo, a perspectiva de continuidade do empreendimento provoca a sua atenção para o meio digital e para a forma de nele criar uma presença do jornal.

A ideia de que a “marca” de um produto jornalístico, o conjunto de atributos que se confere ao trabalho de uma empresa, seja um fator a mais para o sucesso no ambiente digital parece fazer com que o diretor do jornal *Folha de São Borja* se incline a investir no site e em uma nova forma de atuar, mas dentro dos limites de investimento. Essa direção parece mais clara e proveitosa do que propor algum canal ou produto voltado para aproveitar o potencial fronteiriço, que envolveria serviços de lazer, cultura e turismo.

Andres e Zapata convergem para o entendimento de que houve um “esfriamento” nas relações entre as cidades. Para o editor argentino, apesar da facilidade que a Ponte da Integração conferiu à travessia do rio Uruguai, a “relação se esfriou quase que totalmente”, embora julgue que persiste “um bom conceito da gente, da indústria, de progresso total, social, esportivo, comercial de São Borja” (ZAPATA, 2016). Andres reafirmou que percebe pouco movimento atual em busca de integração, e considera que as autoridades e as lideranças locais deveriam se mobilizar em torno desse objetivo. No momento, percebe que os são-borjenses falam pouco sobre Santo Tomé e tendem a se interessar em termos de opções de consumo, variação cambial. “O foco ficou assim, muito comercial, pouco de convivência, pouco de cultural” (ANDRES, 2016). Ele considera também a possibilidade de intercâmbio para soluções administrativas, com a troca de experiências entre os poderes públicos. Um exemplo é o fato de a Intendência de Santo Tomé ter pavimentado diversas ruas com cimento: “É mais barato? Mais caro? Podemos trazer o cimento deles?” (ANDRES, 2016).

Andres concorda que a imprensa interiorana tem capacidade de apoiar e estimular as iniciativas integradoras, mas defende que o poder público e a iniciativa privada tomem a frente. Se a ideia é promover a integração, é preciso planejamento

e recursos destinados a essas ideias:

Eu acredito que possa dentro daquilo que é a nossa missão. Servir de veículo. Nós não podemos é provocar a coisa. Até poderia com um esforço maior provocar, se eu me dispusesse a liderar uma comissão, como aquela da ponte e tal, se o veículo se dispusesse. Mas não é o nosso papel, nosso papel é servir de veículo. Então, criaram a comissão da ponte? Vamos criar a comissão de integração dos dois municípios. Aí o veículo pode ajudar a fomentar isso, evidentemente que pode. Como que se diz... criando na comunidade uma mentalidade nesse sentido (ANDRES, 2016).

Ele menciona que mesmo um investimento para gerar um caderno ou suplemento em espanhol, com o foco nos temas de interesse comum, dependeria de aporte externo, tendo em vista as condições financeiras do jornal, que “vive com muita dificuldade” (ANDRES, 2016).

Zapata afirma que acredita que a imprensa possa fomentar a integração, mas isso depende de esforço não apenas dos veículos de comunicação. Pela sua experiência, o editor argentino fala em realizar a integração por meio do próprio veículo, sem prejuízo de outras iniciativas. A emissora de rádio Sol, de Santo Tomé, é elencada por ele como outro exemplo. Durante muitos anos, conta Zapata, a emissora contava com radialistas brasileiros que conduziam programas especiais. A proximidade cultural e laços familiares podem servir como pontos de apoio.

Que nomeiem um correspondente, que venda [exemplares] da *Folha*, que traga a Santo Tomé 15, 20 jornais. Há brasileiros de boa posição econômica, e não perdem a língua, pois nasceram com o português, dominam bem. Assim que de lá para cá pode ser importante, assim como era de cá para lá. Eu sabia que tinha 40 assinantes, comércio e casas. E aí, chega no comércio daqui, faz a publicidade. Tudo depende de uma condução comercial (ZAPATA, 2016).<sup>49</sup>

#### 5.1.4 Discussão

---

<sup>49</sup> No original: “Que nombren un corresponsal, que venda la *Folha*, que traga a Santo Tomé 15, 20 jornales. Hay brasileños de buena posición económica, y no pierden la lengua, pues nacieron con el portugués, nacieron y se crearon con el portugués, dominan bien el idioma. Así que de allá para acá puede ser importante, así como era de acá para allá, sabía que tenía 40 suscriptores, comercio y casas, yo llevaba. Y entonces llega en el comercio de aquí, haz la publicidad. Todo depende de una conducción comercial”.

As entrevistas, enquanto uma das técnicas aplicáveis neste estudo, favoreceram a coleta de dados por igual, mas encontraram algumas restrições.

Como o jornal *Unión* deixou de circular em 2010, não é mais possível realizar uma abordagem etnográfica para presenciar e avaliar as rotinas e decisões em ambos os periódicos, o que certamente forneceria muitos dados contextuais. Com as entrevistas, se conseguiram declarações e pontos de vista que ajudam a entender as escolhas editoriais realizadas. Os editores falaram sobre a condução dos seus jornais durante os períodos ditatoriais e aspectos dos seus modelos de negócio e das seleções de temas. Esses dados permitem captar algo dos processos produtivos em cada periódico nas épocas de interesse da pesquisa

Entre os fatores limitantes, apontam-se a disponibilidade de tempo para as entrevistas em função das situações pessoais em que cada editor se encontrava, por vezes com imprevistos e outras questões impedindo a reflexão mais calma e mesmo a consulta aos arquivos pessoais, e o distanciamento temporal entre os fatos analisados na AC, que compuseram parte relevante do roteiro de perguntas, e o momento das entrevistas.

Durante as entrevistas, cada editor estava particularmente envolvido com decisões e situações difíceis. Zapata atualmente tem 81 anos de idade e dedica os dias ao cuidado intensivo da esposa, Evy, por motivos de saúde. Roque Andres, na casa dos 70, prepara a sucessão familiar nos negócios e gerencia o prejuízo mensal do jornal, preocupado com a transição para a Web e as receitas, que em 2016 não foram suficientes para cobrir o custo de produção em nenhum mês. Esses contextos por certo afetaram algumas lembranças e avaliações dos editores, felizmente sem impedir que buscassem memórias e analisassem fatos atuais e passados a partir de suas experiências.

Naturalmente, será preciso considerar que as entrevistas ocorreram décadas após os jornais terem realizado as coberturas, o que no mínimo confere matizes às falas, seja pelo clima que se estabelece em uma entrevista, pelo esforço e cuidado na elaboração das memórias ou pelo contexto que circunda os participantes no momento da entrevista. É bastante provável que os editores, ao recordarem os fatos e responderem às perguntas constantes do roteiro e às indagações surgidas durante as conversas, tenham recuperado suas memórias destacando alguns aspectos em

detrimento de outros. Tudo isso foi considerado quando da análise das respostas, evocando, quando possível, a produção de cada jornal, e na comparação dos relatos com os recortes analisados na etapa de AC.

Há ainda o distanciamento, no tempo e no espaço, por parte do autor em face dos fatos em análise, o que sempre resulta em um afastamento do pesquisador em relação ao tema das conversas, privando-o de detalhes muito específicos daqueles contextos históricos, por melhor que seja sua preparação prévia. Leva-se em consideração que a proposta da entrevista semi-estruturada ou em profundidade como técnica de pesquisa, é também permitir o equilíbrio entre uma organização básica, materializada em um roteiro composto pelo pesquisador, e um grau de flexibilidade na exploração de temas e mesmo a descoberta de informações relativas a aspectos que não haviam sido previamente considerados relevantes no planejamento das entrevistas. No caso das entrevistas realizadas nesta pesquisa, pode-se afirmar que essa possibilidade de aprofundamento e de ampliação de informações enriqueceu a análise.

Passa-se a discutir o que resulta de cada entrevista, em comparação com os dados informais prévios.

### 5.1.5 Sobre o jornal *Folha de São Borja*

O mais antigo dos dois periódicos em análise. As entrevistas por escrito e presencial indicam que seu foco é mais localizado na cidade de São Borja em si que em um espaço fronteiriço. Afirma-se “comunitário” e delimita a comunidade que atende ao município em que circula. Sua estrutura, ainda que enxuta, é profissionalizada e se alinha em um ponto próximo ao tipo-ideal da imprensa local consolidada, em especial por manter uma equipe com divisão de tarefas e integrar um grupo empresarial, somando o jornal a duas emissoras de rádio (Cultura AM e Fronteira FM). Ao localizar sua ênfase na cidade de São Borja, o jornal define sua linha editorial em prol do desenvolvimento municipal e da informação que entende que a comunidade deseja. Esse direcionamento também define as estratégias comerciais, com venda avulsa sendo feita em bancas, supermercados e por ambulantes; captação de anún-

cios de empresas locais, regionais e, por vezes, nacionais; contratos lícitos de publicidade legal e institucional com o poder público local; confecção e comercialização de cadernos temáticos (saúde, construção civil, entre outros); e publicação anual de um guia telefônico da cidade, o Nosso Guia.

Os relatos sobre experiências negativas, como a comercialização de caderno temático sobre o aniversário de Santo Tomé e a recepção dos comerciantes são-borjenses à entrada de comerciais de firmas de Santo Tomé nas emissoras de rádio locais, apontam para duas questões a resolver. A primeira tem a ver com o clima de negócios de uma cidade com a outra. Para que experiências futuras no ramo comunicacional sejam mais bem recebidas, convém articular essa discussão entre os respectivos mercados anunciantes, formados principalmente pelas empresas integrantes das associações comerciais.

As variações no câmbio entre o peso e o real e as realidades inflacionárias da Argentina e do Brasil são variáveis na busca do consumo a preços vantajosos, dos itens da cesta básica aos almoços e jantares de fim de semana. A divulgação comercial de oportunidades, a realidade do consumo em cada cidade e as estratégias para conciliar anunciantes e veículos são tópicos que escapam às intenções deste estudo, mas parecem ser relevantes objetos para investigações de outras áreas. Isso porque se entende, pessoalmente, que uma parte dos investimentos necessários para a construção, ou para a evolução, de sentidos de espaço fronteiriço a partir dos meios locais depende dos recursos financeiros e humanos capacitados disponíveis. A outra parte consistiria no esforço coordenado entre poderes públicos e associações da iniciativa privada para criar oportunidades de aproximação para além da dimensão do consumo.

A segunda questão diz respeito à orientação da empresa, em sua atual constituição de recursos humanos, em relação ao espaço fronteiriço. As pautas que se relacionam ao outro lado em geral são relacionadas aos balanços periódicos que o consórcio Mercovia divulga para a imprensa das duas cidades, a eventuais reuniões entre os órgãos públicos das duas cidades sobre algum tema em comum (saúde, sanidade animal, entre outros) e a eventuais crimes associados à travessia (abigeato, contrabando, tráfico diversos). Notou-se uma mudança na atenção aos fatos relacionados à cidade vizinha durante os períodos de preparativos para as inovações

da balsa e da ponte: eleições de intendente, andamento de obras, fatos políticos e sociais. Essa atenção era imediatamente relacionada às obras e inovações, os verdadeiros “ganchos” para essas notícias.

O jornal é aberto à divulgação de atividades com instituições da cidade vizinha, mas não produz ou explora pautas relacionadas às trocas diversas que ocorrem, ocorreram ou podem ocorrer no cotidiano local, devido à falta de capacidade produtiva, segundo justificou o empresário.

Qualquer sugestão de pauta que envolva um olhar diferenciado para outros fatos do cotidiano fronteiriço, porém, deverá vir conjugada a soluções comercial, financeira e de gestão de pessoas para que se possa ampliar a capacidade de produção noticiosa do jornal. Com apenas um redator, que acumula a função de locutor em uma emissora do grupo e colunista, o jornal hoje depende bastante de assessorias de imprensa, e acumula um longo período sem realizar lucros mensais (ANDRES, 2016).

A organização empresarial faz com que o jornal sobreviva em períodos de baixa lucratividade graças ao lucro das emissoras de rádio. Daí a ressalva de que mudanças e adições na linha editorial necessariamente devem ser conectadas a ajustes na gestão de pessoas e soluções nas áreas financeira e comercial. Isso pode conferir flexibilidade ao jornal bissemanal, abrindo margem para decisões sobre ampliação do escopo noticioso ou ajuste na periodicidade.

### 5.1.6 Sobre o jornal *Unión*

Criado em 1977 e fechado em 2010, o jornal *Unión* manteve uma estrutura altamente enxuta em sua existência, com o editor Carlos Zapata acumulando várias outras funções, ou contando com a ajuda de familiares e colaboradores eventuais. O modelo de negócios envolveu baixo custo de pessoal, ampliação da carteira de assinantes e anunciantes com as incursões em São Borja, tiragem bastante ajustada à demanda (início com 300 exemplares e aumento gradativo de até 500 exemplares por edição) e periodicidade quinzenal, podendo variar para mensal, em alguns casos, ou até ter três edições por mês, como no caso de dezembro de 1997, em função da inauguração da ponte. Seu estilo de escrita era mais pessoal, algo que em parte

pode ser atribuído à tradição jornalística espanhola, e talvez também ao caráter de “faz-tudo” de sua produção.

Essas características o situam em um ponto mais próximo do tipo-ideal da “imprensa quase-artesanal”, no contínuo proposto por Bueno (2013). O modelo de produção é menos dispendioso em termos de custos financeiros, mas é muito dependente de apenas uma pessoa, o que pode atrasar ou mesmo determinar o encerramento do jornal, como ocorreu com a aposentadoria de Carlos Zapata.

Outra diferença importante é a permeabilidade que o *Unión* teve para circular e obter receita de publicidade em São Borja. Da existência de cerca de 40 assinaturas durante muitos anos, incluindo residências e estabelecimentos comerciais na cidade gaúcha, tem-se o depoimento de Zapata. O caso dos anúncios é diferente: em períodos diversos é possível encontrar anúncios de empresas são-borjenses no jornal, confirmando o constante investimento de anunciantes brasileiros no periódico argentino. Quase sempre em espanhol, os comerciais não diferem essencialmente em formatação ou diagramação dos anúncios de Santo Tomé. A obtenção de anúncios em São Borja confere ao menos um reforço à expectativa de encontrar assinantes do *Unión* na cidade brasileira.

Esses indícios ajudam a imaginar que é possível conceber algo próximo de jornal binacional, ao menos comercialmente. Interessante observar a diferença de atitude entre esse êxito do *Unión* em vender anúncios para brasileiros ao longo de sua existência e o episódio em que comerciantes de São Borja repudiaram a veiculação de spots de rádio promovendo firmas de Santo Tomé nas rádios Cultura AM e Fronteira FM. Pode-se estimar que talvez para os empresários, integrantes que são da comunidade interiorana, a grande audiência do meio rádio provocou mais receios de uma debandada da clientela para o outro lado do rio. A diferença de acessibilidade e exigência entre os meios rádio e jornal é inegável.

A abordagem do cotidiano fronteiriço pelo *Unión* é mais frequente, no conjunto da obra, e mais temperada com referências às origens das duas cidades, ativando o imaginário da fronteira fraterna e com um padrão que oscila entre a irmandade entre os povoamentos e a reafirmação da argentinidade. A polêmica instalada em 1997 sobre o nome a ser dado à ponte internacional é um caso notável; a notícia da ocupação das Ilhas Malvinas, em abril de 1982, consiste em um exemplo extremo. No

entanto, encontra-se nas respostas de Zapata uma compreensão da fronteira como espaço de encontro. A busca de recursos e assinantes também em São Borja, inclusive durante a vigência dos períodos ditatoriais, evidencia um comportamento tático, na definição que Certeau conferiu ao termo. É a ação cotidiana do indivíduo que explora as brechas do sistema estrategicamente disposto (as medidas protetivas das fronteiras, adotadas por Argentina e Brasil; a diferença de idiomas; tensões variadas etc.), sem necessariamente ingressar na ilicitude, e lançando mão dos recursos disponíveis (a proximidade das duas cidades, os históricos entrelaçados; as mesclas e os compartilhamentos de costumes, ritmos e sabores das culturas). Ao vender anúncios e assinaturas do *Unión* em São Borja em plena época de ditaduras nos dois países, Zapata fazia seus lances e se movimentava no espaço fronteiro, tensionado entre a convivência e a desconfiança. Agia taticamente nas áreas de segurança, contando com as brechas informais nos controles limítrofes.

Cabe anotar que, em relação aos regimes militares então instalados em 1982, na época da liberação de trânsito de cargas pelos portos de Santo Tomé e São Borja por meio das balsas de grande capacidade, *Folha de São Borja* e *Unión* elegeram atitudes táticas que excluíram a resistência aberta aos governos ditatoriais. O autor entende que essas medidas diferiam na essência e na motivação. Uma, por conta de uma associação imediata com o partido de situação por parte dos políticos de oposição na cidade, e de uma linha editorial voltada para o aumento da circulação e da receita, enfatizando o perfil de jornal de informação geral, apartidário, resultou em uma passagem incólume da publicação por um ambiente político que se encaminhava para a abertura e a redemocratização. A outra, sob um regime violento e decadente, escolhia com cuidado suas brigas, cedendo a pedidos razoáveis e se esforçando ao máximo para delimitar o espaço de influência de associações e autoridades sobre o jornal. Nesse tocante, estudos mais aprofundados poderão iluminar esses posicionamentos, tocados na superfície pela presente pesquisa.

A experiência do *Unión*, que é também a de Zapata, proprietário e único repórter, é a de uma fronteira permeável, com problemas e encantos no encontro. Nos relatos e nas edições do jornal transparece a presença no território brasileiro e dos brasileiros no solo argentino. Resulta disso a visão do editor sobre as iniciativas comunicacionais e jornalísticas como sendo viáveis nas áreas de fronteira; é preciso ver como trabalhar e como contornar as diferenças que se iniciam na fala, passam



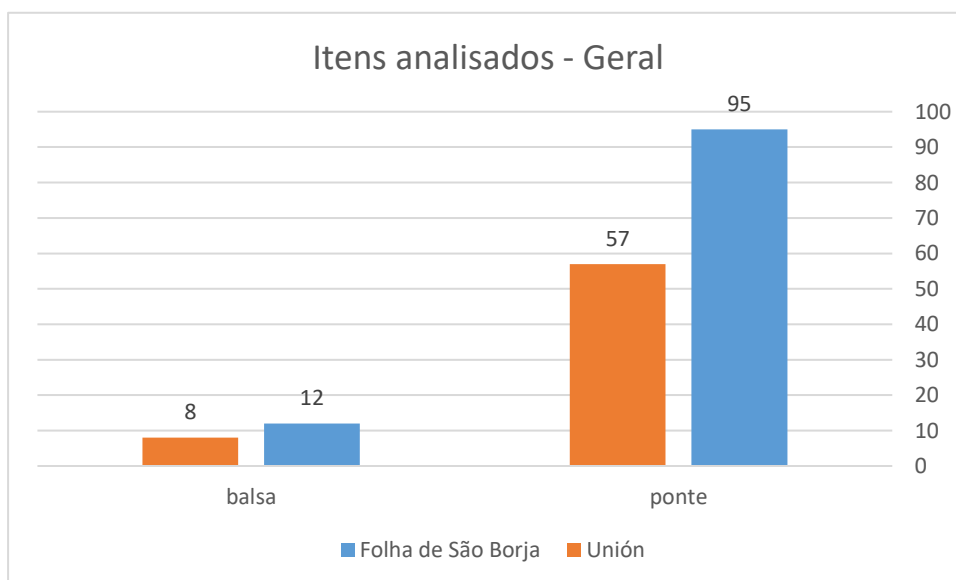
pela moeda e englobam a visão do espaço, se compartilhado ou dividido.

## 5.2 Análise de Conteúdo – resultados

Após a coleta dos recortes, procedeu-se à identificação dos itens considerados pertinentes. Em seguida, foram categorizados de acordo com o formulário preparado no aplicativo SPSS. Essa etapa envolveu a aplicação das categorias definidas para a Análise de Conteúdo dos recortes, como descrito na seção anterior.

O primeiro ponto verificado é a diferença de cobertura, nos dois jornais, entre a liberação dos portos para trânsito de cargas, em 1982, e a construção, inauguração e liberação da Ponte da Integração, em 1997, como apontado no Gráfico 2. Em relação às balsas, no período de junho de 1981 a junho de 1982, apenas 20 textos foram encontrados por meio de busca censitária, sendo 12 textos no jornal *Folha de São Borja* e 8 no jornal *Unión*. Já no período de dezembro de 1996 a dezembro de 1997, ao todo 152 textos foram catalogados como pertinentes: 95 deles no jornal *Folha de São Borja* e 57 no jornal *Unión*.

**Gráfico 2– Distribuição dos itens analisados**



Fonte: o autor (2016).

A diferença de cobertura deve ser avaliada em função das proporções de cada acontecimento, das personagens envolvidas e do grau de inovação na travessia do rio Uruguai, barreira aquosa entre os dois municípios, sem se esquecer da periodicidade diferenciada de cada um dos periódicos.

A inovação no ano de 1982 consistiu na ampliação de um serviço já existente desde 1946. As implicações principais foram econômicas, uma vez que a função primeira das balsas de alta capacidade era transportar caminhões com grãos e outros tipos de bens de um lado a outro. O benefício extra seria o uso dessas balsas para ampliar o serviço prestado a cidadãos nos períodos de baixo trânsito de cargas. Os portos receberam alguma melhoria nos respectivos atracadouros e em termos de recursos humanos para a fiscalização e liberação de cargas, pelo que consta nas notícias. No processo de melhoria e liberação dos portos, as lideranças municipais eram as fontes de informação aos jornais locais sobre o status do trabalho, os obstáculos burocráticos a vencer e as etapas seguintes. O investimento foi significativamente baixo comparado ao da ponte, e os governos regionais e nacionais tiveram de participar como autorizadores e organizadores dos serviços burocráticos ligados aos trâmites aduaneiros.

A construção da Ponte da Integração e do Centro Integrado de Fronteira representou um investimento, à época, de US\$ 36 milhões, em um processo licitatório no qual os governos nacionais da Argentina e do Brasil contrataram um consórcio de empresas que se ressarciria do investimento com a exploração do pedágio ao longo de 25 anos. Já dentro dos marcos iniciais do Mercado Comum do Sul (Mercosul), a obra envolveu muitas pessoas e instituições e contou, inclusive, com uma comissão mista de delegados dos governos argentino e brasileiro (Comissão Mista Argentina-Brasil – COMAB), encarregada de fiscalizar a construção. Não apenas o tempo de travessia foi reduzido consideravelmente<sup>50</sup>, como a qualidade da infraestrutura e dos serviços aduaneiros e correlatos teve melhoras consideráveis, incluindo a informatização dos dados de migração de pessoas e de tráfego de cargas.

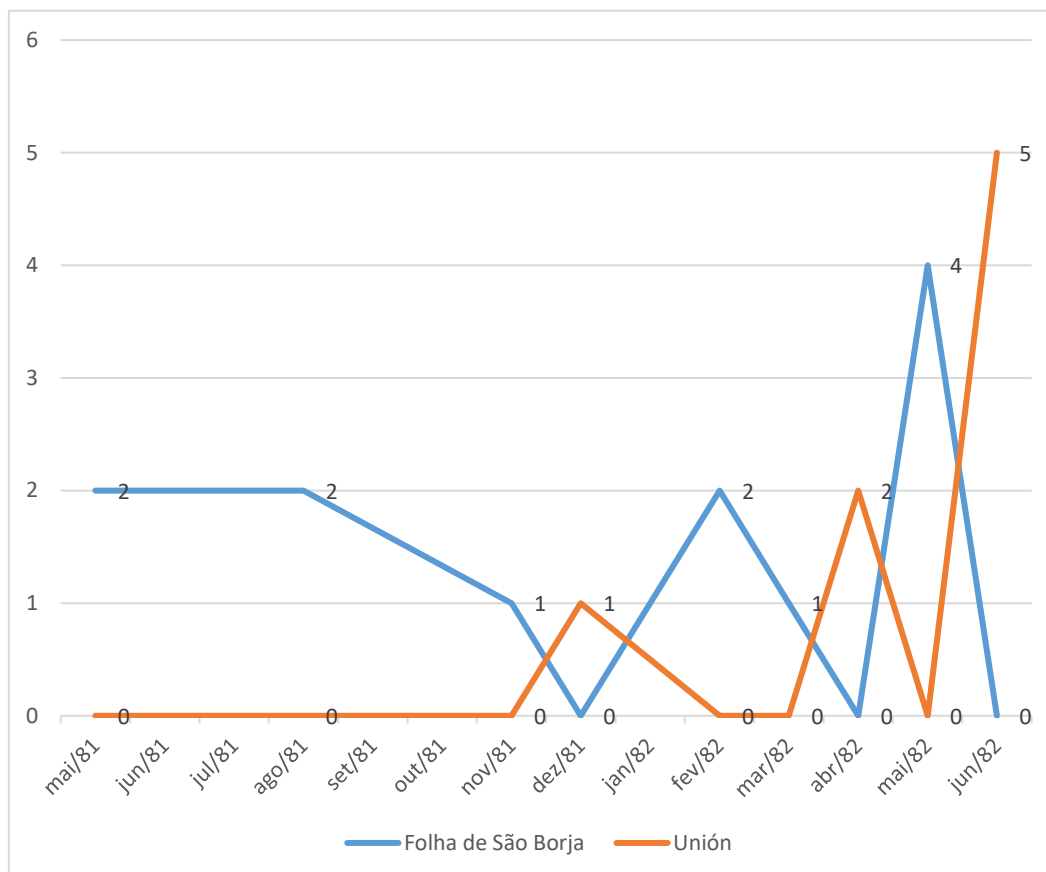
---

<sup>50</sup> Considera-se que, além do tempo de viagem pelas balsas entre os portos, que durava algo em torno de 15 minutos, segundo o balseiro Rui Alberto Jesker (SCHMIDT; MORAIS, 2011), havia o período de filas para quem ia atravessar com o seu automóvel – como era o caso de Zapata, por conta da sua rotina produtiva. O tempo de travessia pela ponte é bem menor, e mesmo os trâmites burocráticos estão mais simplificados.

A quantidade de notícias em cada jornal, além de se ligar aos fatores condicionantes de ordem estrutural, como o tamanho da equipe produtora, a periodicidade e os recursos materiais disponíveis para o trabalho, por exemplo, depende também das características de cada acontecimento. Para situar a discussão relativa a cada cobertura, os achados serão primeiro apresentados em seções específicas e depois discutidos em uma síntese relacionada à Análise de Conteúdo.

### 5.2.1 A cobertura sobre a liberação dos portos de Santo Tomé e de São Borja para importação e exportação (balsas de alta capacidade)

Dos 20 textos encontrados nos jornais *Folha de São Borja* e *Unión* sobre os preparativos para a habilitação e liberação dos portos de Santo Tomé e de São Borja, 12 constam do periódico gaúcho e 8 do jornal argentino, em um total de 13 edições entre maio de 1981 e junho de 1982, como apontado no Gráfico 3.

**Gráfico 3 – Distribuição dos casos no período – Balsas**

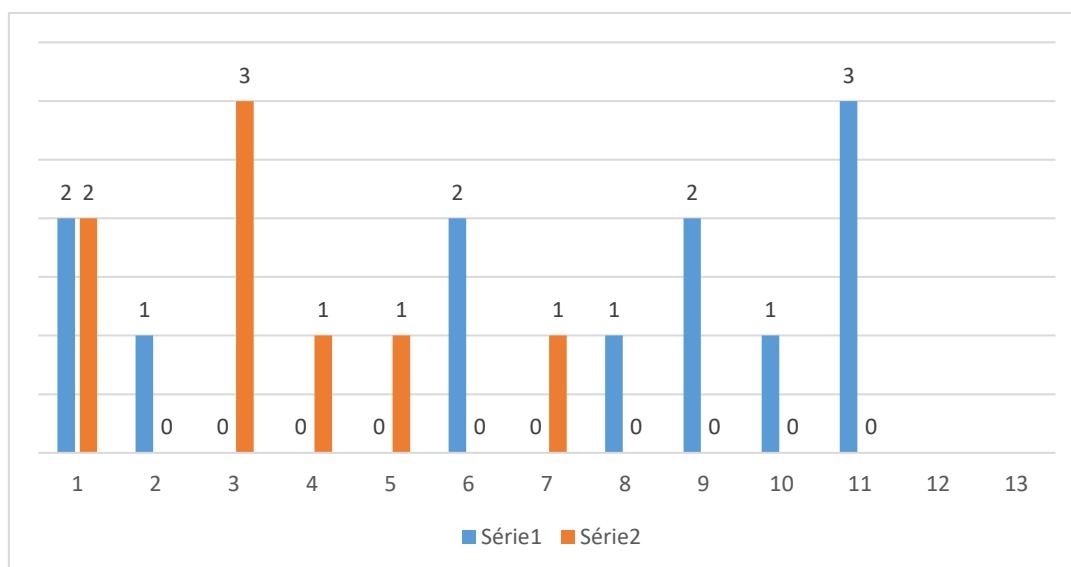
Fonte: o autor (2016).

A concentração da maior parte das notícias no mês e nos dias imediatamente anteriores e posteriores ao acontecimento é resultado da preparação de cada periódico para registrar o fato e suas repercussões, em um procedimento normal de jornais de todos os portes.

Para compreender nessa coleta a produção do jornal *Unión* sobre a inauguração do serviço, igualmente pertinente para os fins da pesquisa, foi preciso adicionar a edição de 5 junho de 1982, quando o fato foi registrado e analisado. A periodicidade quinzenal não foi interrompida, e o desencontro temporal entre o momento do fato e a sua notícia no jornal argentino fica evidente.

O jornal *Folha de São Borja*, por sua vez, cobriu o fato com menos tempo decorrido entre o acontecimento e a notícia, graças à sua periodicidade bissemanal. Cabe notar que esse período de preparativos com reformas nos atracadouros dos dois portos, construção das balsas para transporte de caminhões e trâmites burocráticos entre os dois países para organizar os serviços aduaneiros já existentes para a nova função coincide com o início, desenvolvimento e desenlace da Guerra das Malvinas (2 de abril a 14 de junho de 1982). A preocupação dos são-borjenses com a continuidade do processo durante o conflito bélico foi manifestada em uma nota de capa em 28 de abril de 1982, “Malvinas não mudam o porto”, na qual o delegado da Polícia Federal brasileira Nilson Oliveira assegurou que o trabalho de habilitação e as travessias cotidianas prosseguiriam em normalidade. Como indicado no Gráfico 4, o tema recebeu espaços nobres em ambos os jornais.

**Gráfico 4 – Localização das notícias em páginas –**



Fonte: o autor (2016).

No jornal *Folha de São Borja*, notícias foram publicadas na capa por duas vezes e na contracapa em três ocasiões (naquele período, era identificada apenas como a página 16 nas edições de quarta-feira), totalizando oito de suas 12 notícias em espaços valorizados. O jornal *Unión* divulgou novidades sobre a abertura dos portos para exportações e importações entre Brasil e Argentina na capa em duas

oportunidades e na página 3 em três edições, colocando sete das suas oito notícias em espaços valorizados.

A presença do tema com destaque, em espaços valorizados das edições com as páginas ímpares, a página de opinião e as capas, indica a relevância atribuída às pautas relacionadas à abertura dos portos para exportação e importação, certamente devido ao envolvimento de lideranças dos setores produtivos e do poder público nas duas cidades para a concretização da mudança. Além do óbvio impacto econômico positivo, com a redução de fretes e encurtamento de viagens, não foram apontadas outras possibilidades de uso das novas e maiores balsas. A melhoria de condições econômicas e o aumento do tráfego de veículos e cargas pelo ponto Santo Tomé-São Borja, porém, fortaleciam politicamente a demanda antiga da ponte; esse pode ter sido um argumento não expresso nas notícias do período pesquisado, e talvez um fator extra a realçar o tema. É o que se entende a partir de notícias relacionadas à busca por condições de instalação de uma câmara de comércio exterior na cidade, associada à habilitação e liberação dos portos para exportar e importar, tema bastante explorado pelo *Folha de São Borja* no período.

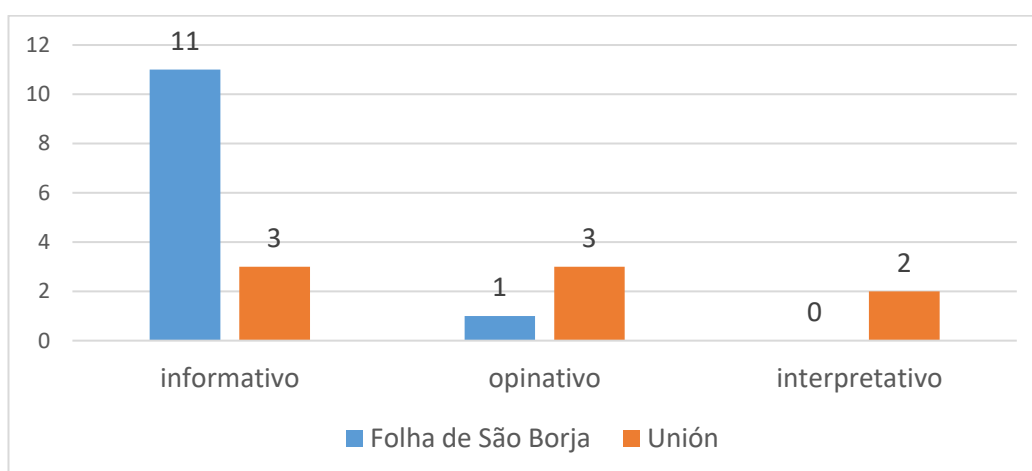
Outro ponto talvez esteja relacionado ao caráter “internacional” dessa abertura de portos, ampliando um processo de trocas comerciais que se fazia por outros pontos fronteiriços, como Uruguiana-Libres, e empregando um mesmo canal já intensamente usado pelas populações são-borjense e santo-tomenha. Não é à toa que os portos eram relacionados ao “comércio formigueiro”, dada a quantidade de pequenas embarcações e o fluxo de pessoas de uma margem à outra, diariamente.

A valorização do assunto nas edições dos dois jornais, a se considerar o penhor do jornalismo para o que rompe a normalidade, aponta para o quanto a variação de qualidade no processo de atravessar a linha fronteira se destacou aos olhos dos editores. A percepção de uma alteração no cotidiano parece ter recebido impulso pelo envolvimento de lideranças políticas e econômicas, merecendo assim o destaque. Como este estudo já preveniu, não se trata aqui de utilizar ou concatenar classificações de gêneros e formatos jornalísticos, o que é um desafio que merece pesquisa à parte. Os textos encontrados foram majoritariamente classificados como tendo teor informativo no jornal *Folha de São Borja*, com 11 ocorrências. O jornal argentino teve distribuição mais diversa, com equilíbrio entre textos informativos e opinativos, com três casos cada.

A classificação foi bastante simplificada, uma vez que se trata de jornais de diferentes países e, conseqüentemente, com distintos formatos textuais. Além disso, mesmo dentro da discussão acadêmica brasileira sobre gêneros e formatos jornalísticos não há um consenso em torno de uma tipologia.

O Gráfico 5 mostra a distribuição dos textos na classificação proposta.

**Gráfico 5 – Teor dos textos analisados – Balsas**



Fonte: o autor (2016).

A classificação se deu pelo teor geral dos textos. Cabe notar que o editor do *Unión*, Carlos Zapata, adota estilo mais livre, com mais adjetivos e figuras de linguagem, enquanto os textos do jornal *Folha de São Borja* podem ser classificados de acordo com os conceitos de jornalismo informativo e jornalismo opinativo, definidos por Marques de Melo (2010). Esse apontamento serve para indicar que se tem consciência de algumas das diferenças entre as tradições argentina e brasileira, herdeiras que são de padrões diferenciados de gêneros e formatos textuais jornalísticos (certamente o espanhol, no caso argentino, e o norte-americano, no caso brasileiro).

Outro fator que pode ter influenciado nessa diferença é a distinta organização de cada uma das empresas. O estilo mais contido e organizado dos textos do *Folha de São Borja* reflete também uma atenção aos outros jornais de porte empresarial, ou, dito de outra maneira, que se situam em algum ponto no contínuo mais próximo do tipo-ideal “imprensa interiorana consolidada”. Há uma clareza de distribuição de funções, já a partir do expediente, permitindo presumir que as normas de produção

estão hierarquicamente postas e são reforçadas de forma a socializar os integrantes a respeito de como o texto deve ser redigido em cada formato, de acordo com os espaços editoriais.

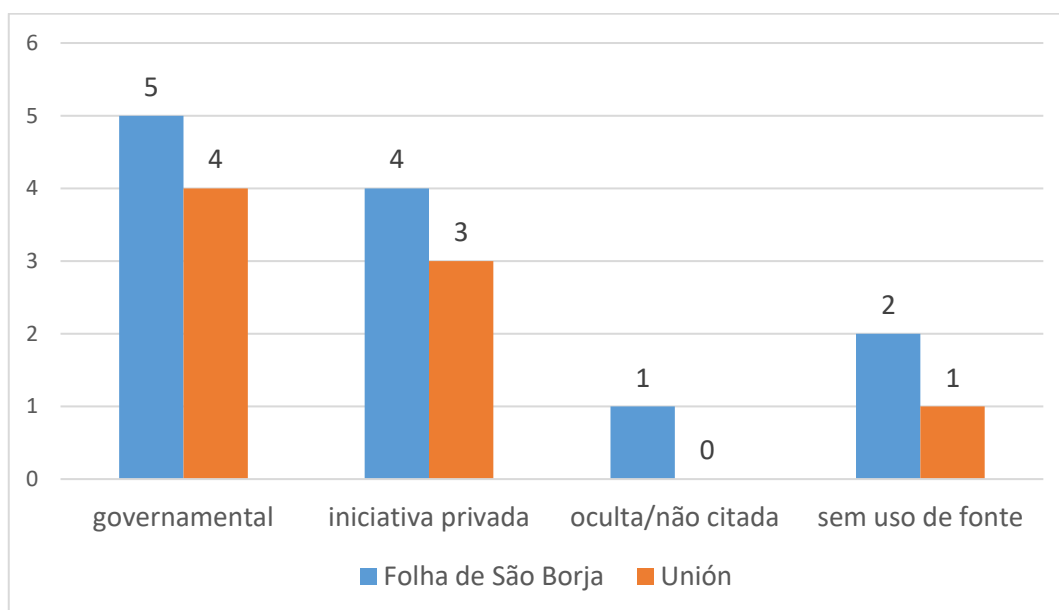
A diferença do número de casos se deve, particularmente, à periodicidade bissetimanal; a ênfase no teor informativo, estima-se, é devida à sua orientação empresarial. Talvez se possa creditar isso a um dos critérios organizacionais influentes no *Folha de São Borja*, a capacidade produtiva da equipe existente no momento. Ainda que houvesse uma equipe com tarefas especializadas, é importante considerar o ritmo de produção exigido para fazer circular duas edições por semana.

O jornal *Unión*, pela sua estrutura produtiva muito reduzida e devido ao papel multitarefa de seu editor, diretor comercial e repórter, apresenta maior liberdade não apenas em relação ao estilo redacional, mas também no que tange à distribuição de conteúdo específico em espaços constantes. Mesmo o editorial não mantém uma rigidez de disposição na página nem de extensão do texto. Isso abre margem para outros arranjos, e, no que se refere aos textos, reflete-se na variedade de abordagens e no forte toque pessoal que Zapata imprimiu ao noticiário de seu jornal.

Outro aspecto que pode ter influenciado na distribuição de casos entre os teores informativo e opinativo é a sua experiência prévia com jornais de maior porte como correspondente. Considerando os critérios organizacionais influentes no *Unión*, em termos da capacidade produtiva existente, o editor era multitarefa, porém detinha um ritmo de produção desenhado para lançar uma nova edição a cada 15 dias. Como o dono do jornal afirmou em entrevista, possuía tempo para produzir os textos com calma, o que certamente contribuiu para a variedade.

As escolhas das fontes em cada jornal constam do Gráfico 6.



**Gráfico 6 – Tipos de Fontes Presentes - Balsas**

Fonte: o autor (2016).

A diferença de proporção de casos não afetaria essa tendência, que parece típica no jornalismo e especialmente forte nos jornais interioranos. Esse fato não desmerece a cobertura por si só, uma vez que se tratou de obra que demandou decisões e ações de diferentes esferas da administração pública. Uma vez que também demandaram politicamente e atuaram em prol da inovação associações como a Cooperativa de Oleaginosas de Santo Tomé, a Associação Comercial, Industrial e de Serviços de São Borja e a empresa A. Heberle, contratada publicamente para conduzir o processo de preparação dos portos e da habilitação para importações e exportações, é também de se esperar que representantes da iniciativa privada estejam presentes.

Restaria criticar a falta de consulta a cidadãos para saber as opiniões a respeito, talvez por meio de uma enquete, se não fosse o contexto histórico de restrição de diversas liberdades civis nos dois países, então sob as respectivas ditaduras. Além disso, o caráter inicialmente restrito do uso das balsas maiores para o comércio exterior pode ter restringido a avaliação dos jornais sobre outros usos possíveis para essas balsas.

Se o contexto político, jurídico e social interfere no funcionamento da imprensa, na livre circulação de ideias e na manifestação pessoal, é razoável imaginar que nem o cidadão nas ruas de Santo Tomé e de São Borja, nem os jornalistas interioranos estavam acostumados a franquear suas opiniões sobre política em público em 1982. No que se refere ao emprego primeiro das balsas, a iniciativa privada foi importante motor local, mas é preciso considerar que a entrada de soja da Argentina e do Paraguai, na época, atendia a diversos interesses: aproveitamento do parque industrial gaúcho para beneficiamento, redução do custo dos fretes entre o Brasil e os países vizinhos da Bacia do Prata, ampliação das receitas com o comércio exterior, novas fontes de receitas para os dois municípios, entre outros.

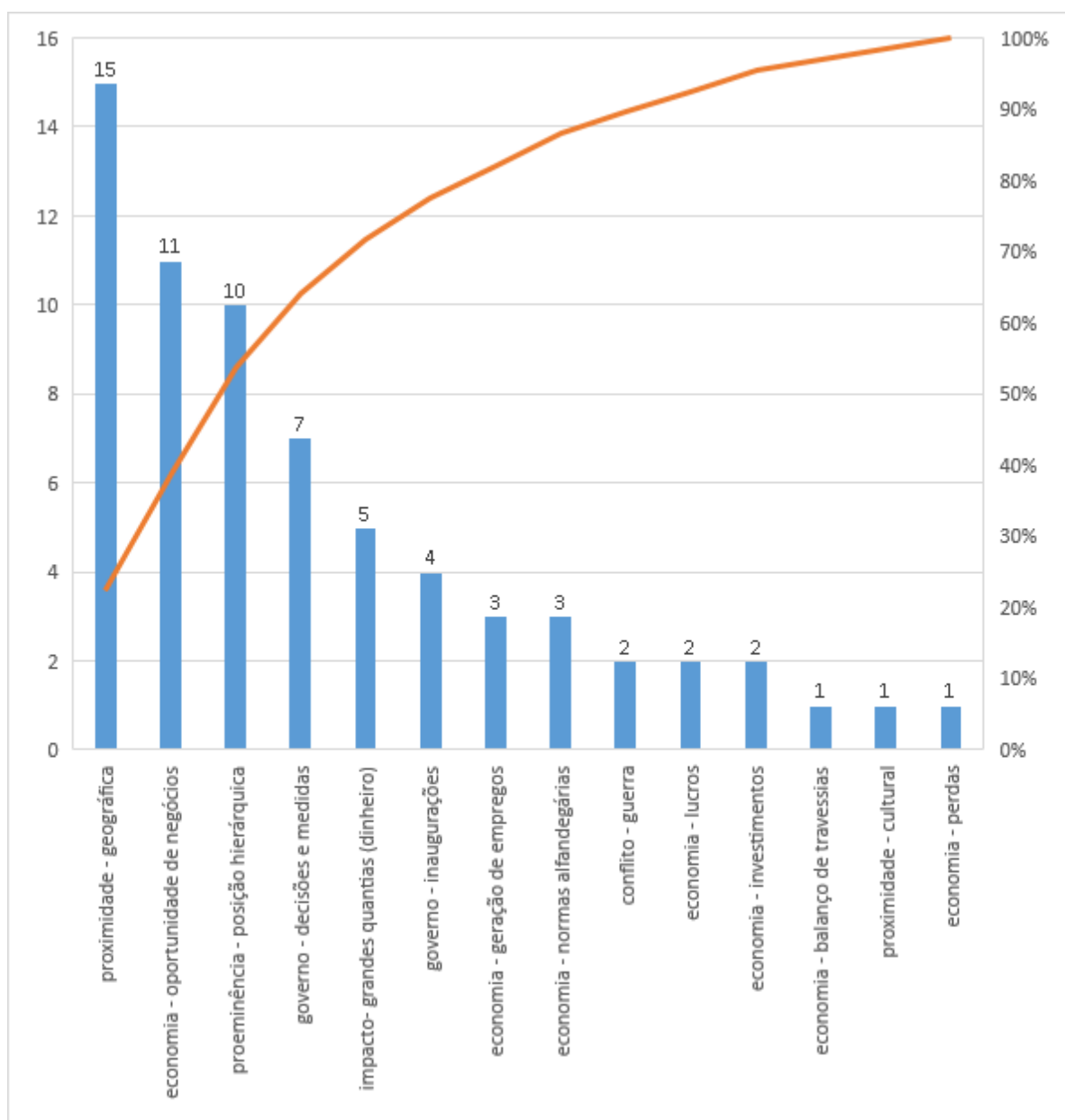
Em notícias alguns anos depois, foi possível notar que a balsa destinada aos caminhões, com capacidade de transportar mais de 200 toneladas, algumas vezes foi empregada para dar vazão ao trânsito de carros de passeio, amenizando a experiência de aguardar nas filas para passar à cidade vizinha. Isso significou um aumento do uso das balsas, uma argentina e outra brasileira, nos períodos de redução do tráfego de cargas, evitando a ociosidade. Essa possibilidade de melhoria qualitativa na travessia por balsas para cidadãos não foi apresentada nas notícias da época, provavelmente por ser uma saída eventual nos períodos de baixa demanda no transporte de grãos e outras cargas.

A etapa de AC sobre os 20 textos selecionados a respeito do período 1981-1982 encontrou 66 valores-notícia aplicados aos textos, com a distribuição apontada nos gráficos 7 e 8. Os valores-notícia de “proximidade – geográfica”, “economia – oportunidade de negócios” e “proeminência – posição hierárquica” respondem por 50% das ocorrências. Isso marca uma tendência à busca de informações com representantes de governo ou líderes de associações, ou direção de empresas, que em geral assumem a frente quando se trata de anúncios sobre iniciativas das quais participam; uma referência mais frequente à outra cidade como integrante do espaço de abrangência das ações relatadas; e uma ênfase no aspecto econômico da liberação dos portos para o trânsito de cargas.

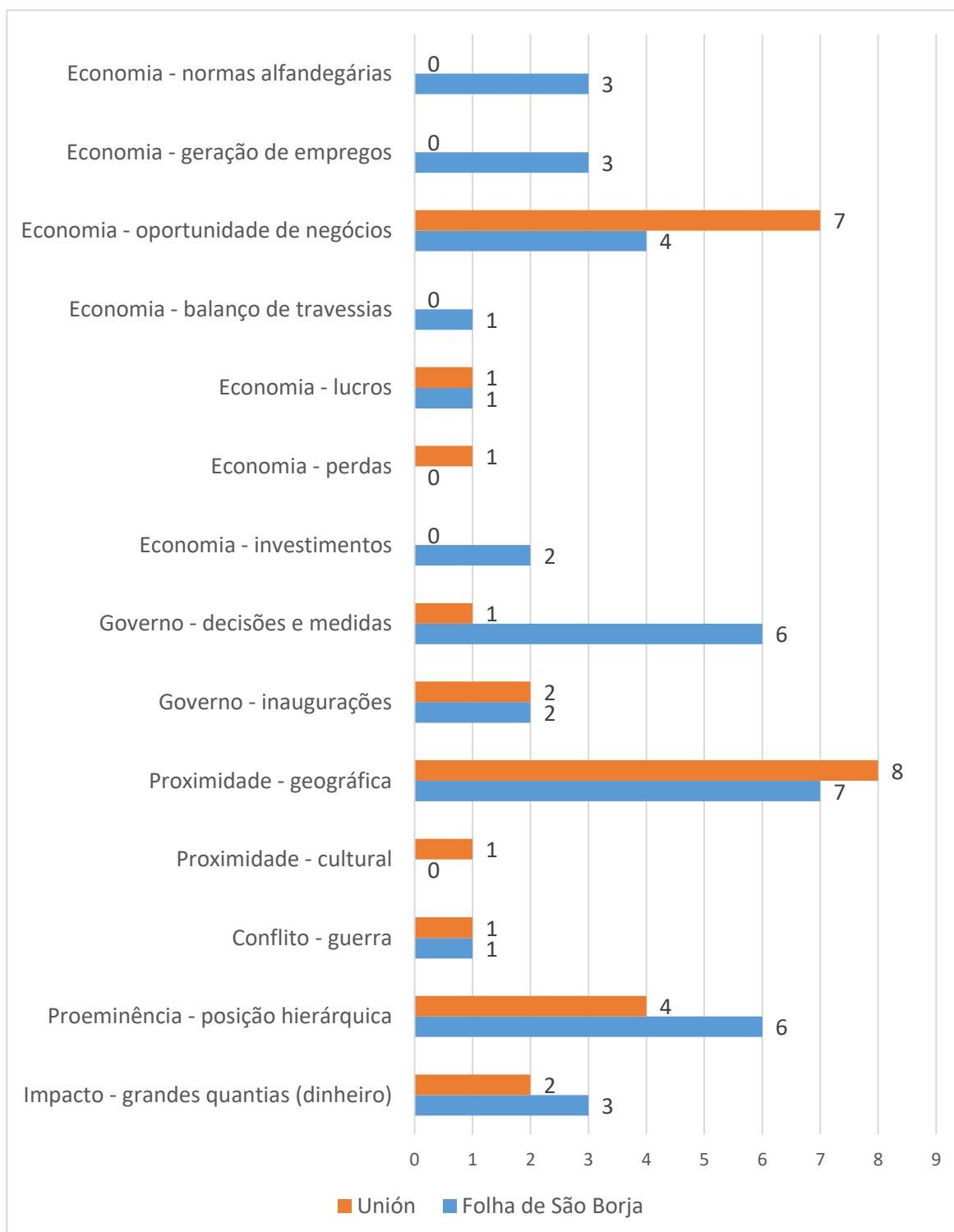
O valor-notícia de “proximidade – geográfica”, por se tratar de um estudo sobre jornais interioranos, a princípio seria quase que onipresente nos textos em análise, e, por isso, teria de ser visto como a norma. Para contemplar a ideia de que a fronteira se constitui em um espaço, optou-se por anotar esse valor-notícia quando

houvesse menção em um texto a repercussões ou ações paralelas na cidade vizinha: a proximidade cultural, por seu turno, foi anotada nos textos em que se falou retrospectivamente na herança compartilhada entre as duas populações fronteiriças, nos intercâmbios que ocorriam na época analisada ou mesmo em perspectivas futuras que seriam concretizadas após as inovações na travessia chegarem à sua conclusão.

**Gráfico 7 – Valores-notícia - Geral - Balsas**



Fonte: o autor (2016).

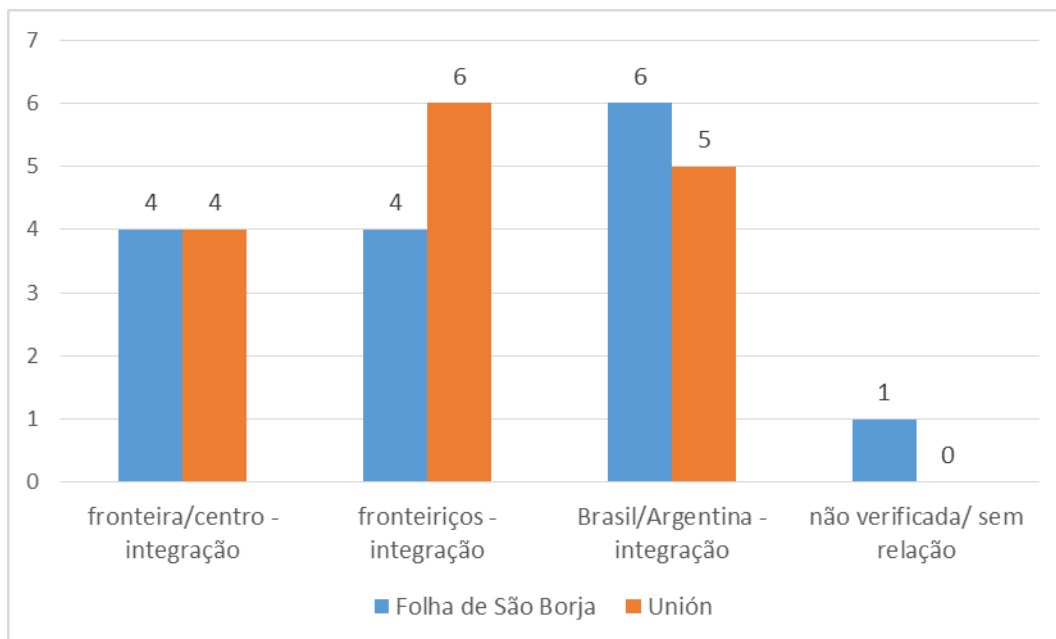
**Gráfico 8 – Valores-notícia constatados - Balsas**

Fonte: o autor (2016).

A forte característica empresarial dessa inovação, ao se considerar a percepção dos editores no geral, fica mais realçada quando o valor-notícia “proximidade cultural” aparece como motivador em apenas um texto, intitulado “Elevados conceptos del Ing. Pont Verges”, na edição de 5 de junho de 1982 do jornal *Unión*. Nele, o engenheiro Pont Verges, na condição de vice-presidente da Cooperativa de Oleaginosas de Santo Tomé, avalia a nova via de intercâmbio comercial também pelo ponto de vista da unidade latino-americana e da cooperação entre “nações irmãs” por meio da complementação internacional, em uma aliança contra os países imperialistas. No momento da veiculação daquele texto, a Guerra das Malvinas estava chegando perto do desenlace, e Verges enxergava no novo ponto de intercâmbio comercial uma via para fortalecer outros aspectos de uma parceria entre Argentina e Brasil, e em especial entre os povoados vizinhos, frente às demandas do pós-guerra.

Em meio a uma notícia positiva, a única menção a problemas na economia, com o valor-notícia “economia – perdas”, deve-se a uma análise do gerente da Cooperativa de Oleaginosas de Santo Tomé sobre os prejuízos da estiagem para as culturas de soja e sorgo naquele ano, que seriam de alguma forma amenizados com a redução no custo do transporte para o Brasil pelos portos de Santo Tomé e São Borja. A ocorrência do valor-notícia “conflito–guerra” consta de um artigo assinado pelo governador da província de Corrientes, General Alberto Pita, ao avaliar a relevância de um novo canal com o Brasil e a contribuição dos portos de Santo Tomé e São Borja para melhorar a integração econômica com os “irmãos ibero-americanos” em meio ao difícil momento enfrentado pelas forças armadas argentinas no conflito do Atlântico Sul.

A indicação do status relacional fronteiriço (Gráfico 9), como indicado no capítulo sobre os procedimentos metodológicos, resulta de uma avaliação que conjuga as menções feitas no texto com o contexto fornecido pelos demais recortes e pela leitura flutuante. É uma tentativa de discernir em cada texto os posicionamentos a partir do espaço fronteiriço na produção analisada, considerando as nuances culturais, políticas, econômicas e sociais dessas conexões. Assim, avaliam-se as exposições de posicionamentos gerados a partir da natureza multiescalar e mutável das relações entrecruzadas dos povos fronteiriços, seus centros administrativos regionais e os centros nacionais de decisão.

**Gráfico 9 – Percepção do Status Relacional Fronteiriço – Balsas**

Fonte: o autor (2016).

No conjunto de recortes sobre a liberação dos portos e o serviço de balsas de alta capacidade, notou-se a valorização dos laços entre Brasil e Argentina, com as menções ao potencial de melhoria do comércio entre os dois países, marcando a dimensão nacional das negociações acerca do trânsito sobre o espaço limítrofe. Ambos os periódicos tiveram a mesma quantidade de menções às boas relações dos centros regionais e nacionais de decisão para com as áreas limítrofes nesse aspecto, e isso se traduziu em atendimento de demandas no período analisado.

O jornal *Unión*, apesar de apresentar uma produção menor no mesmo período em relação à *Folha de São Borja*, manifestou em seus textos mais ligações positivas entre os povoados vizinhos, com uma diferença de 50% em relação ao jornal brasileiro. O jornal gaúcho, por sua vez, teve mais apontamentos do status “Brasil/Argentina – integração”. Nesse período, porém, a diferença é bastante pequena.

No jornal *Folha de São Borja*, a ligação positiva entre a cidade de São Borja e os centros de governo regional e nacional se deve ao acompanhamento de viagens e relatos de representantes da prefeitura junto ao governo do Estado e ao Planalto para a habilitação do porto da cidade, com as notícias positivas do atendimento de demandas como a liberação de um concurso para selecionar funcionários para a aduana brasileira e o envio de um técnico do Ministério da Agricultura para preparar

e conduzir a fiscalização das cargas vindas de Santo Tomé. Isso se pode conectar ao fato de a política ser um grande tema para os jornais interioranos, ainda mais quando se trata de obras públicas ou inovações nos serviços prestados. Há o reconhecimento da importância da convivência entre cidades vizinhas, mas o destaque é dado ao estreitamento das relações binacionais na produção do jornal gaúcho.

Alguns fatores que podem explicar a maior quantidade de anotações do status “fronteiriços – integração” no jornal *Unión* é a conjugação de um tom mais pessoal e livre de Zapata, as declarações de entrevistados argentinos e brasileiros no dia da inauguração do serviço de cargas entre os portos de Santo Tomé e São Borja, em 26 de maio de 1982, e uma tendência a evocar laços de fraternidade entre os povos vizinhos e entre o Brasil e a Argentina. Um dos casos em que esse status foi marcado é uma notícia de dezembro de 1981, na qual o Ministério de Obras e Serviços Públicos da Argentina teria emitido autorização para incorporar o transporte de cargas pelos portos, facilitando os preparativos do lado argentino para o início do serviço das balsas de alta capacidade.

De forma geral, essa inovação recebeu cobertura jornalística bem menor (quase a oitava parte) que a ponte. Isso pode se explicar, em termos jornalísticos, pelos custos de tempo e de dinheiro consideravelmente menores para habilitar os portos, reduzindo o interesse em acompanhar com muita frequência as novidades e mesmo o acúmulo de novos fatos que gerassem mais notícias e opiniões; pelo fato de não ser uma inovação de ruptura no modo de atravessar o rio Uruguai, também não chamou tanto a atenção para outros aspectos do cotidiano fronteiriço, como a convivência familiar e atividades culturais, por exemplo.

Por isso, pode-se concluir provisoriamente que os recortes pertinentes publicados em ambos os jornais nesse período retrataram posicionamentos pró-integração entre os países e entre as cidades limítrofes. Há ênfase na perspectiva de melhora econômica por meio do comércio exterior e do tráfego aumentado. Em geral, essa leitura parte de pessoas com mandatos eletivos ou delegados, condição na qual falavam sobre o assunto.

No que se refere à diferença de ênfases entre os dois jornais, com o jornal gaúcho dando ligeira ênfase à integração em âmbito internacional e o periódico

santo-tomenho valorizando a ligação entre as duas cidades, isso constitui uma tendência de cada jornal, e é possível notar o funcionamento de alguns mecanismos de identificação cultural já apontados em estudos anteriores (MÜLLER, 2001; 2015; RADDATZ, 2004; SILVEIRA, 2001; 2003; 2005). Parece que, na sua produção, o jornal *Folha de São Borja* realça a condição de jornal brasileiro na fronteira, sem perder de vista a convivência com o vizinho estrangeiro. Há leve tendência à distinção nacional no período analisado.

Essa direção se reforça, possivelmente, na estrutura produtiva da equipe, nos recursos humanos existentes e no ritmo de produção, o que tende a facilitar o emprego de modelos e pontos de vista que agilizem e deem coerência à produção noticiosa. Na visão empresarial adotada pelo *Folha de São Borja*, a se basear na entrevista com o editor, talvez a importância da novidade para a economia do município, tendo a condição denexo para tráfego de cargas no comércio exterior como fator de desenvolvimento da cidade, seja mais relevante que o contexto de interações com Santo Tomé.

No *Unión*, a tendência é talvez mais conectada à valorização dos laços tecidos na vivência local, ao cotidiano ali vivido, matizando a percepção da integração binacional. A presença de alusões à *hermandad* entre são-borjenses e santo-tomenhos que se vê aí difere muito do sentido jocoso do termo usado pela imprensa catariense em 2000, conforme o estudo de Jacks, Machado e Müller (2004). A abertura dos portos e a inserção das balsas de alta capacidade nas rotas entre São Borja e Santo Tomé são valorizadas por contemplarem uma demanda das duas cidades, por desafogarem os demais pontos fronteiriços de passagem de cargas e por consistirem em um esforço conjunto de produtores e governantes dos dois países, em todas as esferas de decisão, para que esses portos fossem abertos.

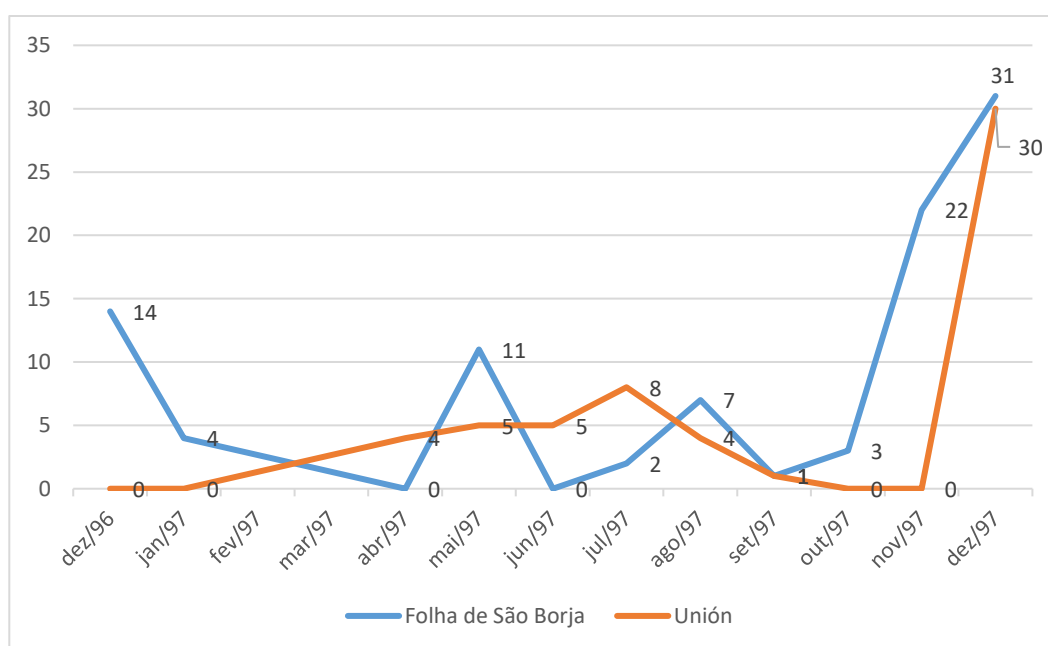
Essa tendência ainda aparece de modo superficial no período analisado, por conta da relativamente baixa quantidade de casos pertinentes, em comparação com os casos relativos à construção e inauguração da Ponte da Integração, que serão analisados a seguir. Entende-se que a abertura dos portos interessou inicialmente aos setores produtivos, sem um benefício imediato para a população local. Ainda assim, a valorização da medida indica a aprovação do contato e da melhoria no acesso à cidade vizinha.



## 5.2.2 A Ponte da Integração

A preparação da Ponte da Integração durou alguns anos desde a definição da licitação para a obra, em 1994. Esse prazo era normal, dentro dos padrões para obras daquele porte. Porém, se a espera pela obra binacional fosse contada desde a época de uma declaração de Getúlio Vargas durante uma visita oficial ao então presidente da Argentina, Agustín Justo, na década de 1930, em prol da construção de uma ponte entre Santo Tomé e São Borja, a demanda já somava mais de 60 anos no final da década de 1990, um fato lembrado pelos presidentes Carlos Saul Menem e Fernando Henrique Cardoso durante o almoço festivo pós-evento. O Gráfico 10 informa a distribuição de textos ao longo do período de dezembro de 1996 a dezembro de 1997, nos dois jornais.

**Gráfico 10 - Distribuição notícias/mês - Ponte - Geral**



Fonte: o autor (2016).

Esse fato por si só serve para explicar a grande diferença quantitativa de recortes pertinentes coletados no período de dezembro de 1996 a dezembro de 1997, somando 152 textos. Cabe notar que a definição do recorte temporal se deveu também ao tempo disponível para a realização da pesquisa. Se fosse o escopo do projeto avaliar o noticiário desde o início da década de 1990, o universo total de recortes

em ambos os jornais seria certamente maior; para se ter uma ideia, ao longo das décadas de 1970 e 1980, o tema da ponte internacional voltava periodicamente à tona no noticiário dos dois jornais analisados.

De forma análoga ao observado no período relativo às balsas, o noticiário sobre a construção e inauguração da ponte internacional teve seu momento de concentração de textos imediatamente antes, durante e depois do evento. Ao contrário do que se notou em 1982, porém, o acompanhamento das novidades teve um primeiro pico de atenção em dezembro de 1996, devido a um encarte especial que o jornal *Folha de São Borja* produziu para marcar o primeiro ano da assinatura do contrato e a iminência do trabalho de construção no lado brasileiro, que se iniciou meses depois do começo das construções em Santo Tomé. O trabalho resultou em uma recuperação de diversos dados técnicos sobre a obra, do histórico do contrato e de dados das empresas que compunham o consórcio Mercovia e em uma atualização do andamento da obra.

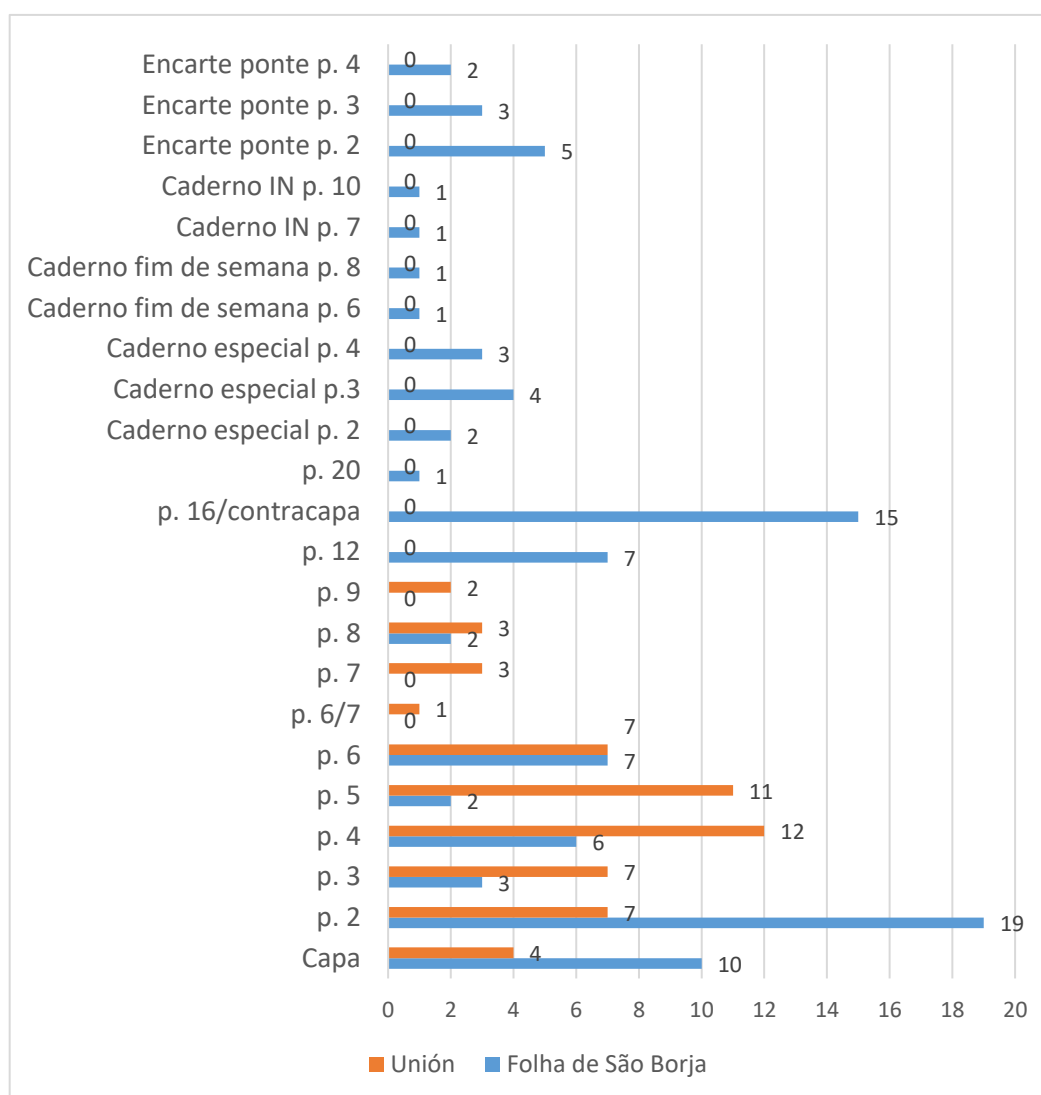
Um segundo ponto de concentração de recortes é igualmente devido a outro encarte do jornal *Folha de São Borja*, alusivo à ponte e ao trabalho realizado, publicado em 3 de maio de 1997. Ali, além de uma recuperação histórica, o “gancho” foi o assentamento das primeiras vigas de concreto armado da ponte, após a fixação dos pilares nas duas margens e no leito do rio Uruguai. O momento de assentamento das vigas foi motivo de uma solenidade festiva, como a comemorar e ao mesmo tempo prestar contas às duas comunidades. Cada uma das vigas pesava cerca de 120 toneladas, e seriam 99 vigas a dispor para completar o 1,4 quilômetro de vão da ponte. As empresas que compunham o consórcio Mercovia anunciavam a conclusão das obras em dezembro de 1997, o que interessava especialmente ao prefeito de São Borja, Paulo Maurer, e à intendente de Santo Tomé, Beatriz Farizano, cujos mandatos se encerravam naquele ano.

No caso do jornal *Unión*, o mês com mais casos anotados é o de julho de 1997, com oito itens coletados. No mês de outubro, quando o jornal *Unión* circulou apenas uma vez, não houve menção à ponte. O mês de novembro de 1997 também contou com uma edição, que não foi encontrada no acervo digital nem no arquivo do editor, motivo pelo qual o registro indica zero casos. Em dezembro de 1997, os dois jornais chegam ao ponto máximo de produção a respeito da inauguração, em 9 de dezembro, e das primeiras repercussões da liberação da ponte, em 21 do mesmo

mês. Como a Mercovia estava instalando o sistema de cobrança de pedágio, do dia 21 de dezembro de 1997 até os primeiros dias de janeiro de 1998 os visitantes passaram pela ponte sem pagar a taxa, o que foi um motivo extra para intensificar o tráfego de veículos de passeio e de carga entre as duas cidades.

No Gráfico 11 se pode observar a distribuição dos casos por páginas, permitindo apreciar a valorização espacial do tema nos dois jornais.

**Gráfico 11 – Distribuição dos textos por página – Ponte**



Fonte: o autor (2016).

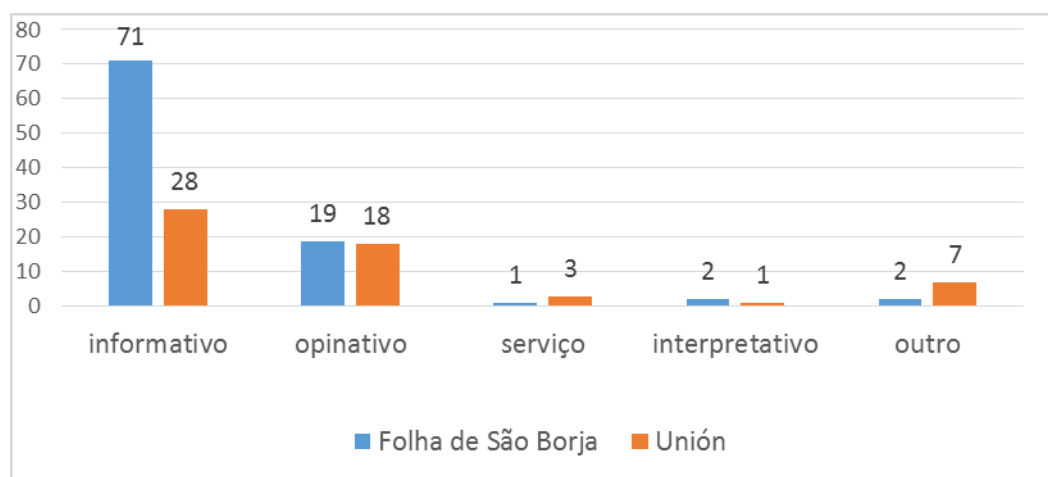
Considerando o volume de textos pertinentes, é notável que a maioria dos casos ocupou a página 2, normalmente destinada à opinião (e a ponte fomentou bem

mais opiniões que a balsa, por diversos motivos), com 26 casos; a página 4, com 18 ocorrências; a página 16, que muitas vezes era a contracapa do jornal *Folha de São Borja*, em geral nas edições de meio da semana (quartas-feiras), com 15 casos; a página 6 e a capa, empatadas em 14 ocorrências; e a página 5, com 13 casos. Seguindo uma prática comum no jornalismo impresso e considerando as páginas ímpares e os espaços de opinião como locais nobres, pode-se considerar que o tema da ponte recebeu boa localização ao longo do tempo.

Enquanto o jornal *Folha de São Borja* reservou mais espaço nas capas para o assunto, o *Unión* dedicou mais espaço nas páginas internas. Descontando os dois encartes produzidos pelo jornal *Folha de São Borja* no período analisado, o *Unión* apostou mais vezes em textos analíticos, pois nem sempre a periodicidade quinzenal favorecia a publicação imediata. Como Zapata afirmou, um material menos urgente era a opção que tocava ao jornal.

Os encartes produzidos pelo jornal *Folha de São Borja* traziam mais dados técnicos e históricos, revelando a consulta a arquivos do próprio jornal e a outras fontes. Havia ali também textos e informações voltados para perspectivas futuras. Duas grandes preocupações eram o prazo de conclusão das obras e a data de inauguração da ponte, seguidos pela definição da vinda ou não dos presidentes da Argentina e do Brasil. Era uma constante naqueles encartes a valorização de políticos e lideranças empresariais na consecução da obra tão esperada pelas comunidades de São Borja e Santo Tomé. O Gráfico 12 apresenta a distribuição de casos por teor dos textos.

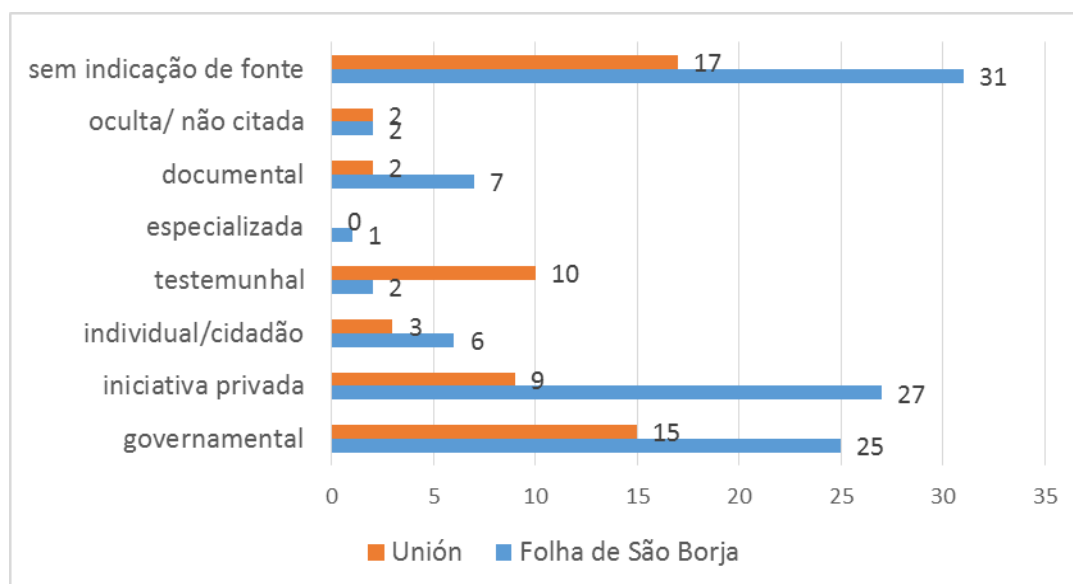
**Gráfico 12 – Teor dos textos – Ponte**



Fonte: o autor (2016).

A proporção de textos opinativos se ampliou muito nos recortes do período de 1996-1997, com 37 casos. O predomínio de textos informativos ficou reforçado no período pela inclusão dos textos dos dois encartes que o jornal *Folha de São Borja* produziu, em dezembro de 1996 e maio de 1997, que somam 19 casos, e foi também o teor mais presente no jornal *Unión*. Alguns textos do jornal argentino tiveram de ser categorizados como tendo “outro” tipo de teor por mesclarem apelos publicitários ao espaço noticioso; outros, como os três casos anotados na edição de 30 de dezembro de 1997, por constituírem textos mais alinhados com uma função anedótica ou diversional. Os itens tratavam dos primeiros momentos de travessia de santotomenhos e são-borjenses pela Ponte da Integração, os primeiros contatos com os novos serviços disponíveis e a chegada de mais funcionários de diversos órgãos argentinos e brasileiros para trabalhar na aduana. Este último texto informava também a substituição de instalações precárias nos dois portos, a partir dali desativados, por salas e recursos melhores, qualificando o ambiente de trabalho. No Gráfico 13, é possível notar os tipos de fontes presentes nos jornais.

**Gráfico 13 – Tipos de fontes presentes nos textos – Ponte**



Fonte: o autor (2016).

A tendência de valorização de representantes dos governos e da iniciativa privada, como no caso dos representantes do consórcio Mercovia enquanto origem

de informações, permaneceu. Um pouco mais de variedade ocorreu na presença de cidadãos como fontes de opinião, e uma polêmica surgida no segundo semestre de 1997 foi responsável por parte desse aumento.

Em julho, a intendente de Santo Tomé, Beatriz Farizano, informa Zapata da chegada de uma correspondência do tradicionalista gaúcho Nico Fagundes, então ocupando cargo ligado ao Instituto Gaúcho de Folclore e, por extensão, à Secretaria Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul. O tema da carta é apresentar a sugestão de batizar a ponte internacional com o nome de Andrés Guacurarí Artigas, ou Andresito Artigas, índio nascido na região das duas cidades<sup>51</sup> que viria a ser um líder militar e político, filho adotado pelo caudilho uruguaio José Gervasio Artigas, a quem seguia, e que atualmente é considerado herói nacional argentino, promovido a general *post mortem*.<sup>52</sup> A ideia é bem aceita por Farizano, mas provoca sentimento contrário em São Borja. Uns alegam que Andresito Artigas não poderia significar um bom nome para uma ponte que unia, pois havia combatido as forças luso-brasileiras, chegando a invadir e conquistar São Francisco de Borja em 1817. Outros preferem homenagear o presidente deposto, e filho da terra, João Goulart, em uma proposta que adquire adesões de diversos políticos vinculados ao trabalhismo. O prefeito Paulo Maurer não se manifesta, mas viaja a Porto Alegre em novembro de 1997 para tratar desse tema e de muitos outros, entre tantos que urgem. O problema não parece ter chegado a provocar cisões entre as duas cidades e é sanado com a decisão salomônica da Comissão Mista Argentina-Brasil de nomear a obra binacional como Ponte da Integração. Há quem desprove a ideia, mas a decisão não é contestada pelos jornais nem pelos governos municipais.

Além de ser o único ponto de toda a cobertura pela ponte que marca um distanciamento entre povoados fronteiriços – embora os jornais não cheguem a consultar moradores da cidade vizinha a respeito –, a polêmica pelo nome da ponte é um indício de questões históricas que devem ser abordadas com cautela quando se trata de relações fronteiriças. O discurso da irmandade latino-americana não ganha substância sem que os relatos históricos sejam postos em perspectiva e também integrados a uma cultura de fraternidade, uma irmandade com memória.

---

<sup>51</sup> Não se tem consenso sobre o local de nascimento: redução de São Francisco de Borja (origem da atual cidade gaúcha) ou redução de Santo Tomás Apóstol (Santo Tomé).

<sup>52</sup> De acordo com a Ley Nacional nº 27.116.

O jornal *Unión* teve mais registros claramente indicados como sendo testemunhais devido ao tom pessoal de Carlos Zapata ao relatar reuniões para as quais foi convidado enquanto jornalista, dando a impressão de descontração em determinadas entrevistas. Também são textos nos quais deixa claro que presenciou os acontecimentos. Em um ambiente jornalístico interiorano no qual as notícias nunca são assinadas pelo repórter ou pelo redator, Zapata deixava mais explícita a sua condição de testemunha de acontecimentos.

Um alto número de textos foi categorizado como não possuindo indicação de fontes, dando a sugerir que pudessem ser *press releases*. O hábito interiorano<sup>53</sup> de não assinar as matérias e, por vezes, de apagar textualmente as marcas da origem das informações pode explicar o fato. É possível também que alguns dos textos se originem de cobertura presencial de alguns fatos, o que faria com que pudessem ser classificados como testemunhais; para isso, seria preciso que os textos tivessem marcas mais claras de presença do repórter no momento e no local dos fatos, o que não pôde ser confirmado nesses casos.

Considere-se que nos anos 1990 a prática dos *press releases* já era corrente, guardadas as devidas diferenças de tecnologias e práticas daquela época para o período atual. Outro fator que apoiou esse entendimento é a constatação da exígua estrutura de pessoal de redação em ambos os jornais, o que pode diminuir o efeito positivo de periodicidades mais espaçadas que a diária, tornando-se uma das circunstâncias determinantes para o uso das informações enviadas por instituições e órgãos públicos.

Periodicidade e recursos humanos são integrantes do conjunto de definições que Guerra (2014, p. 47) vai chamar de critérios organizacionais, interferentes na capacidade produtiva do veículo de comunicação. Diferentemente dos critérios de noticiabilidade, que retiram suas justificativas da instituição jornalística e das expectativas formuladas acerca da audiência, os critérios organizacionais apontam definições da estrutura de trabalho da empresa jornalística. Essas configurações determinam as condições de produção dos jornais. No caso do jornal *Folha de São Borja*, ainda que exista uma equipe e divisão de tarefas, ela sempre teve poucos redatores

---

<sup>53</sup> O que não impede de notar a prática em jornais de referência.

e repórteres em cada momento, o que intensifica o esforço feito para concluir duas edições por semana. O jornal *Unión* possuía outras determinações organizacionais, mas igualmente estava bastante exposto ao material informacional preparado por assessorias e gabinetes.

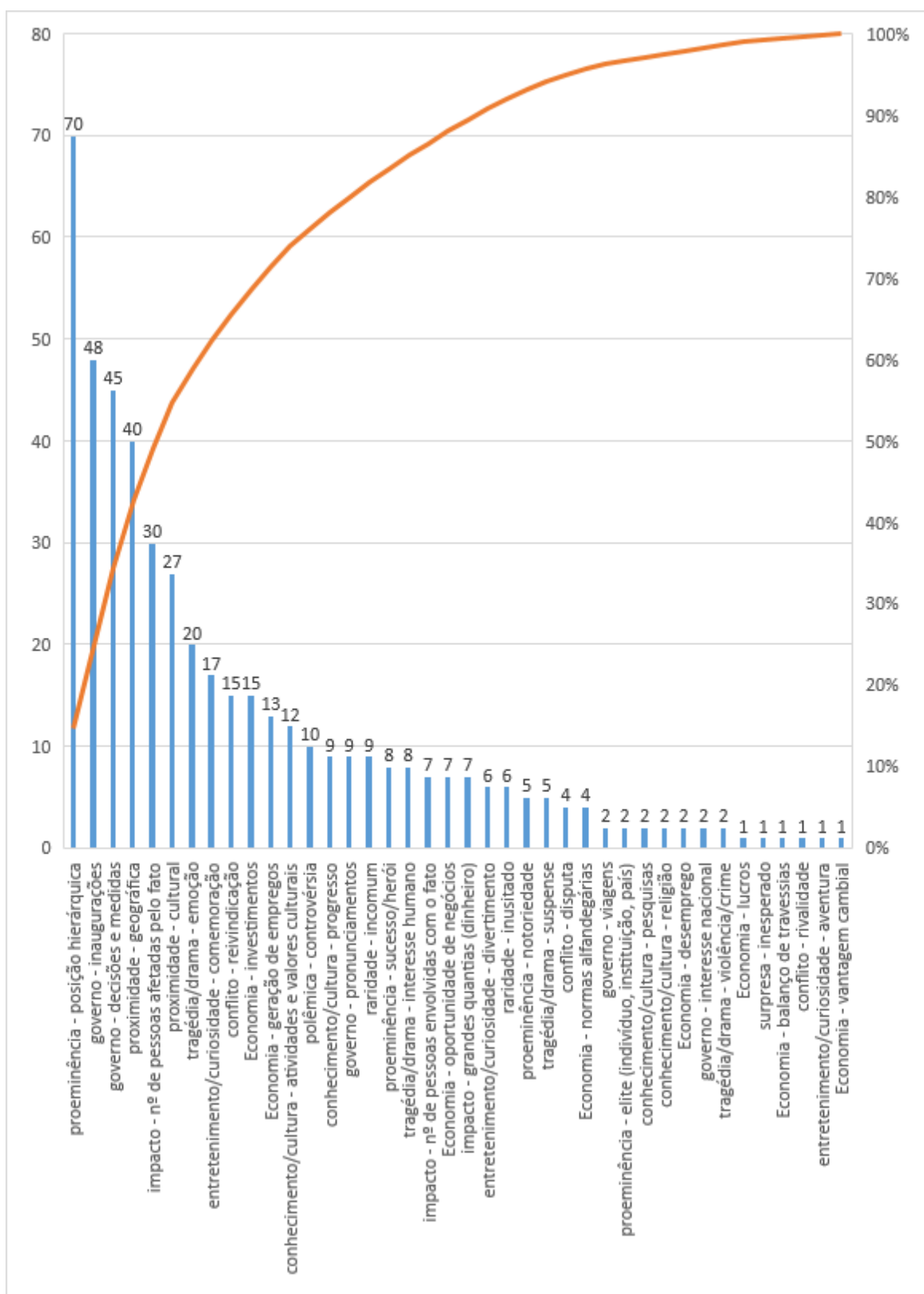
Na comparação entre os períodos analisados, há essa recorrência de consulta às fontes associadas ao poder público e à iniciativa privada. Essa tendência pode ser associada a alguns fatores. Primeiro, à intensidade das relações dos jornais com as instâncias de poder no âmbito interiorano, como apontou Dornelles (2004), e à atuação dos periódicos de interior em função de uma unificação da comunidade, como apontou Beltrão (2013), entre outros pesquisadores.

Além disso, nos casos em análise neste estudo, a impressão é que o protagonismo coube a esses atores; eles é que estão informados e agem e reagem de acordo com os trâmites. Isso faz com que sejam fontes necessárias para a apuração dos fatos e de seus desdobramentos. É, também, uma consequência da forma como essas demandas, em geral tidas e anunciadas como sendo da comunidade, foram politicamente organizadas, e anunciadas, a partir dos líderes empresariais, prefeitos e intendentess, legisladores e autoridades das esferas estadual/provincial e federal.

A presença de nove casos em que documentos serviram de fontes aciona a função de memória dos jornais, uma vez que notícias anteriores foram a base para esses textos, que recuperaram informações como que a traçar uma linha do tempo sobre as dificuldades da licitação para a ponte, os principais entraves e suas soluções. O *Folha de São Borja* empregou mais vezes esse recurso, notadamente nos encartes especiais. A intenção principal parece ser a de registrar para o futuro o status daquele empreendimento. Sem dúvida que, em geral, os encartes são também oportunidades de lucro, mas nos parece que é preciso que exista uma expectativa de utilidade para o conteúdo ali publicado. Tendo em vista a importância conferida à construção da ponte internacional, a ideia de acompanhar e registrar os avanços ganha sentido de acordo com o interesse comunal; é então que os jornais interioranos cumprem seu papel de envolvimento nos assuntos locais (BELTRÃO, 2013; DORNELLES, 2004). O Gráfico 14 expõe os valores-notícia observados no período 1996-1997.



Gráfico 14 – Valores-notícia observados – Ponte



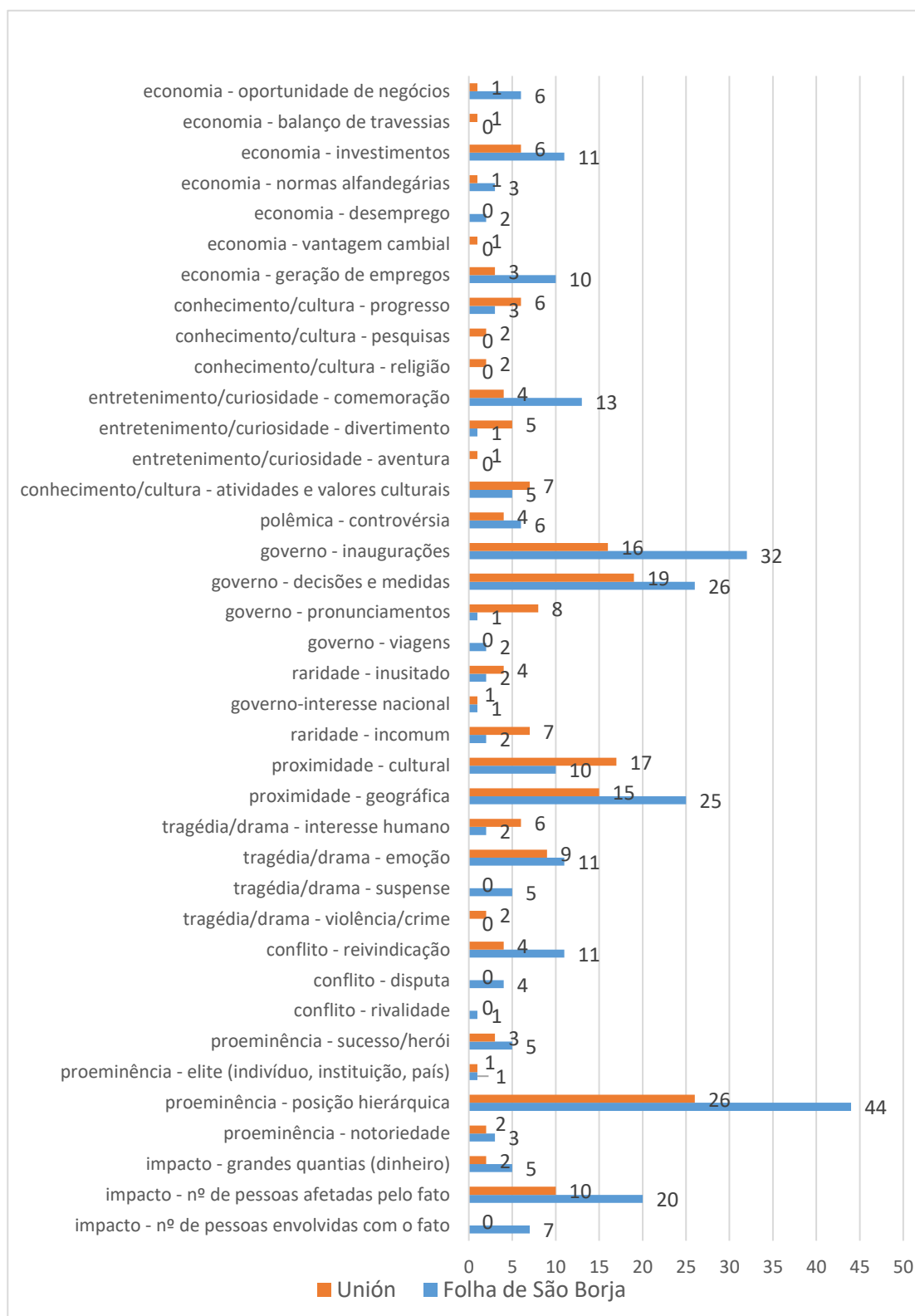
Fonte: o autor (2016).

Quanto aos valores-notícia observados, nota-se um expressivo aumento das categorias “proeminência – posição hierárquica”, com 70 casos, e “governo – inaugurações” (48 ocorrências) e “governo– decisões e medidas”(45), em face da cobertura realizada pré e pós-evento da inauguração da Ponte da Integração nos dois jornais, com a presença de muitas autoridades de ambos os países, culminando com a participação dos presidentes Carlos Menem e Fernando Henrique Cardoso nos atos em Santo Tomé e em São Borja, do acompanhamento das remarcações de datas de inauguração e das novidades que os mandatários nacionais anunciaram ao final da solenidade. A categoria “proximidade geográfica” somou 40 casos, motivados especialmente pelo acompanhamento estreito da etapa final da construção, quase sempre com uma informação do status da obra na outra margem do rio Uruguai. Essas quatro categorias somam 50% do total de valores-notícia observados.

A categoria “impacto – número de pessoas afetadas pelo fato” contou 30 ocorrências, referentes tanto ao número de participantes da solenidade (duas mil pessoas, conforme os jornais) quanto, mais frequentemente, à menção do benefício da ponte para as populações de Santo Tomé e São Borja.

Essa concentração refletiu o aumento da produção de textos sobre o tema da ponte nas edições do período imediato à inauguração, a manutenção da tendência de consultar as fontes oficiais, a forte expectativa pela presença dos dois presidentes no evento, o passo a passo da construção nas duas cidades e a compreensão de que muito mais pessoas teriam benefícios imediatos com a ponte, extrapolando o aspecto meramente comercial da inovação.

Outro indicador da diferente avaliação da ponte em relação ao serviço de balsas é a presença do valor-notícia “proximidade cultural”, com os dois periódicos somando 27 casos. Suas manifestações incluem algumas notícias da edição de 9 de dezembro de 1997 do jornal *Unión*, nas quais lideranças de Santo Tomé apresentam perspectivas futuras com a facilidade de atravessar a fronteira, e as inescapáveis menções à semelhança de costumes e formação dos dois povoamentos. O jornal argentino, por sinal, explorou mais essas outras dimensões que o *Folha de São Borja*, com 17 ocorrências, como exposto no Gráfico 15.

**Gráfico 15 – Valores-notícia percebidos – Ponte**

Fonte: o autor (2016).

Os casos de apontamento do valor-notícia “entretenimento/curiosidade – comemoração” se deveram aos registros do evento promovido pelo consórcio Mercovia para o assentamento da primeira viga da ponte, ao lado da própria inauguração da obra. O valor-notícia “conflito – reivindicação” se associa em alguns casos à categoria “polêmica – controvérsia”, por conta da questão dos nomes sugeridos para a ponte, e também devido a um pedido da prefeitura de São Borja, encaminhado à Comissão Mista Argentina-Brasil e ao consórcio Mercovia, para inclusão de mais um acesso à ponte.

Os apontamentos de “raridade – incomum” se referem às surpresas com as vindas de FHC e Menem a Uruguaiana para assinatura de acordos referentes ao setor de energia, inclusive pela proximidade desse acontecimento com o período de inauguração da ponte, e ao ritmo invulgar que o consórcio Mercovia imprimiu aos trabalhos, concluindo e entregando a obra com oito meses de antecedência em relação ao previsto no contrato. A rapidez com que a ponte foi erigida, mesmo contando com um atraso no lado brasileiro por conta da liberação ambiental para o início dos trabalhos, foi destacada em ambos os jornais.

As oportunidades de negócios foram mais enfatizadas pelo jornal *Folha de São Borja*, em parte por conta da iniciativa da prefeitura gaúcha para erguer um complexo comercial próximo à ponte, que acabou não se concretizando. Já as categorias de valores-notícia mais associadas às emoções tiveram presenças residuais, porém relevantes. A categoria “tragédia/drama – emoção”, com 20 ocorrências, ficou concentrada nos momentos do assentamento da primeira viga, da inauguração da obra e, dias depois, da liberação do trânsito pela ponte. Foram apontados como correspondendo à categoria “tragédia/drama – suspense” os motivos do suspense sobre o início da obra no Brasil, por conta do procedimento de licença ambiental, a vinda dos presidentes à solenidade oficial e as atualizações sobre as remarcações da data da inauguração, devido às agendas presidenciais. Essas duas categorias foram mais exploradas no jornal *Folha de São Borja*.

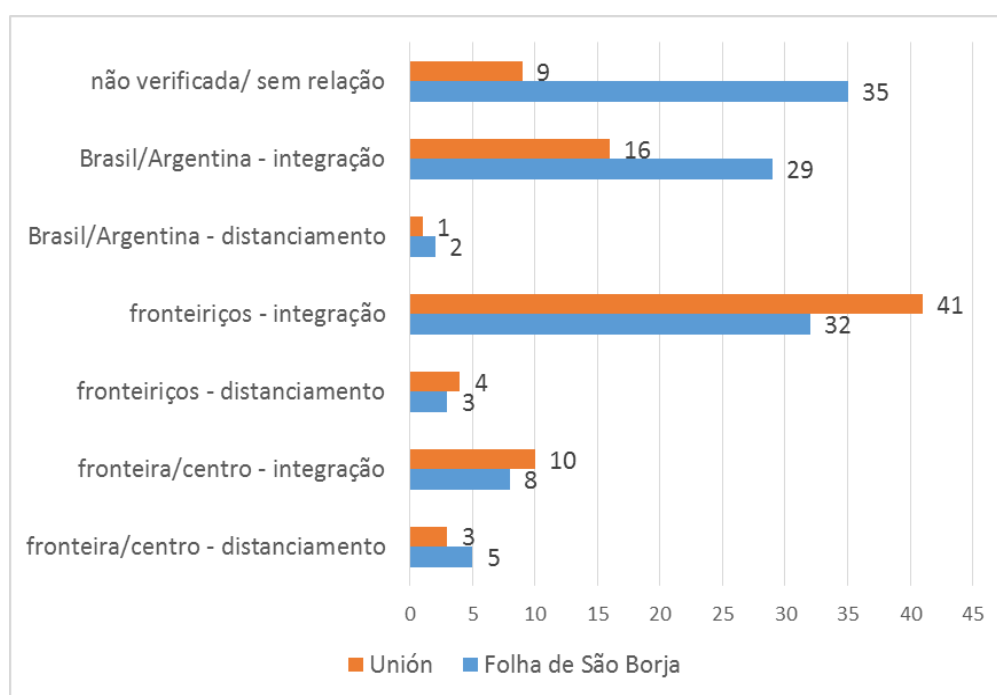
Já o *Unión* enfatizou em alguns textos os trabalhadores da obra, em especial os diretores, e pessoas das duas cidades que se empenharam durante anos para que a obra fosse licitada, gerando as anotações da categoria “tragédia/drama – interesse humano”. É o caso da notícia sobre a Associação de Produtores e Empresários

de Santo Tomé e São Borja (APESS), agremiação binacional que participou de diversas reuniões nos dois países para pressionar pela definição da obra.

De forma geral, enquanto o *Folha de São Borja* apresentou uma cobertura mais estruturada em função do acompanhamento da obra e das solenidades oficiais, com uma competente recuperação do histórico do empreendimento, o jornal *Unión*, aparentemente por conta da característica de empreendimento individual e do toque pessoal que Zapata dava ao seu noticiário, explorou outras facetas dos acontecimentos, fossem elas mais ligadas ao divertimento, ao foco nas pessoas, na combinação de perspectivas e aspectos culturais do cotidiano da fronteira. Não se pode pensar, porém, que essa diferença signifique que o impacto da obra foi subestimado em um jornal e corretamente apontado no outro. Até mesmo porque se trata de duas empresas jornalísticas configuradas de formas muito distintas, com suas capacidades e limitações.

O Gráfico 16 mostra os casos de acordo com o status relacional fronteiriço.

**Gráfico 16 – Status relacional fronteiriço – Ponte**



Fonte: o autor (2016).

Na avaliação dos posicionamentos desde a fronteira, é notável a maioria das

ocorrências ser positiva ao movimento integrador, marcadamente entre as populações fronteiriças (73 ocorrências) e entre os dois países (45 casos). Nos recortes do período 1996-1997, o jornal *Unión* apresenta uma cobertura mais enfática na integração entre as duas cidades, e o jornal *Folha de São Borja* realça a cooperação entre Brasil e Argentina. A tendência do jornal argentino de buscar referir sempre a cidade vizinha deve ser compreendida em função dos assinantes e anunciantes que ali viviam, resultado de sua maneira de trafegar pelo espaço fronteiro, e também pela liberdade da qual usufruía Zapata na sua redação.

A série de textos nos quais a relação fronteiriça não aparece, ou ao menos não se exprime com clareza, compreende diversas notícias factuais referentes aos preparativos, ao potencial de desenvolvimento que cada cidade vai experimentar com a ponte. Essas ocorrências podem ser interpretadas como resultado normal do foco na cidade, traço comum aos dois jornais, e não como um desmerecimento do espaço fronteiriço. O negócio de ambos é primordialmente focalizado no que é relevante para o município onde circulam. Naturalmente, dada a circulação do jornal *Unión* em São Borja, o número de casos desse tipo naquele periódico é necessariamente menor que o observado no jornal brasileiro.

Os casos em que a relação aparece negativa entre fronteira e centro chamam a atenção. Nos itens do jornal *Unión*, trata-se de relatos de comunicadores santotomenhos sobre suas experiências na cobertura da inauguração. Apesar de ser algo inusitado que um meio de comunicação abra espaço para comunicadores de outras empresas, a situação por trás desse franqueamento das páginas do *Unión* parece justificar a medida.

Três emissoras de Santo Tomé, a FM Sol, a Integración FM e a Sin Fronteras FM, foram impedidas de instalar equipamentos necessários para a transmissão ao vivo durante a solenidade, não obstante alegassem ter encaminhado os pedidos em tempo hábil. Com isso, apenas a sucursal da Rádio Nacional de Buenos Aires pôde gerar conteúdo no local e na hora dos acontecimentos. Diante da situação, as emissoras se viram obrigadas a solicitar transmissão em cadeia. Curiosamente, a transmissão em cadeia foi providenciada pelas rádios Cultura AM e Fronteira FM, de São Borja, do grupo empresarial Andres, procedimento que foi referido como atencioso e tranquilo pelos radialistas.

Outro caso de distanciamento entre fronteira e centro ocorre na notícia do

“Encuentro Argentino Brasileño”, de 16 de julho de 1997, no *Unión*. No evento dedicado à melhoria das relações internacionais, o vice-intendente de Santo Tomé, Reginaldo Brandán, fala da necessidade de uma “cidadania comunitária” no Mercosul, de modo a acabar com o “sentido fechado de soberania”. Ele critica as atitudes dos centros de decisão política e econômica do Brasil e da Argentina por fecharem grandes acordos ao mesmo tempo em que impedem ou atrasam iniciativas e melhorias das condições de vida nas comunidades fronteiriças, sob o pretexto de eventuais conflitos. É uma referência às respectivas legislações restritivas para as áreas de fronteira, e um apelo em prol da evolução constante das relações fronteiriças, por tratarem de problemas comuns que se resolvem com a decisiva participação de instâncias e pessoas que vivem e conhecem o cotidiano dessas áreas.

### 5.3 Discussão dos resultados

Em atenção ao objetivo geral do estudo, cabe lembrar a sua formulação: “analisar como e a partir de quais visões e relações desde a fronteira os jornais *Folha de São Borja* e *Unión* noticiaram as mudanças nas formas de travessia do rio Uruguai e avaliar as conexões entre as práticas noticiosas dos dois periódicos, além de qualificar o que aqui é designado como status relacional fronteiriço, ou seja, o conjunto variável das conexões de dependência e interação individual e coletiva das comunidades fronteiriças entre si, com seus respectivos centros de poder político e administrativo e com a organização estatal do país vizinho”.

Tratou-se de analisar, por meio do estudo da produção dos dois jornais a respeito de dois adventos na travessia do rio Uruguai (balsas de alta capacidade em 1982 e ponte internacional em 1997), fragmentos da produção da imprensa do ponto fronteiriço São Borja-Santo Tomé sobre a sua convivência na fronteira. Decidiu-se confinar o olhar sobre a produção e os dados que permitem recompor ao menos uma parte das práticas produtivas de dois jornais impressos. Com isso, se tomarmos os objetivos específicos elencados, é possível verificar o quanto foi concretizado. Após essa checagem, se pode avançar uma discussão acerca dos achados.

O primeiro objetivo específico tratava de **recuperar e sistematizar dados sobre os dois jornais no que tange aos processos produtivos da notícia nos períodos analisados**. As informações obtidas nas etapas de coletas de dados permitiram uma organização razoável do histórico dos dois jornais, subsidiando as seções de contextualização histórica e as análises. No caso do jornal *Unión*, não é do conhecimento deste autor outro estudo que tenha compilado um histórico ou análise.

A produção dos jornais, enquanto um dos temas das entrevistas semiestruturadas, ficou clara o suficiente para estabelecer características dos dois jornais interioranos. Com base nos históricos, nas informações sobre as empresas jornalísticas e nas leituras das edições das épocas pesquisadas, foi possível também desvendar os principais critérios organizacionais influentes no processo noticioso de cada jornal, bem como notar como em algumas ocasiões houve mudanças na hierarquização desses fatores para o atendimento de demandas consideradas especiais pelos editores-proprietários.

Sobre os textos analisados, bem como sobre outras informações coletadas em buscas nos acervos, foram feitas análises que reuniram a adaptação de critérios de noticiabilidade de seleção a uma variável criada para esta pesquisa, o status relacional fronteiriço, que visa indicar os posicionamentos relacionais nas notícias de interesse para este estudo. Os dados ajudaram a apontar distinções e aproximações entre *Folha de São Borja* e *Unión* em suas produções noticiosas, bem como as ênfases transparentes em cada um dos jornais acerca das relações a partir da fronteira.

No entanto, pela impossibilidade de realizar um acompanhamento do tipo etnográfico no âmbito desta pesquisa, não foi possível verificar minúcias das rotinas e gerar evidências dos procedimentos adotados em cada caso. Se possível, essa medida teria enriquecido ainda mais o processo analítico. Entende-se que essa carência, embora seja relevante, não invalida as considerações sobre os dados da pesquisa.

**Identificar e discutir os usos de critérios de noticiabilidade e de valores-notícia nos textos analisados sobre a abertura do serviço de barcas e a inauguração da ponte internacional nos dois jornais** era o segundo objetivo específico. Como resultado da aplicação da Análise de Conteúdo, foi possível confirmar algumas regularidades e rupturas entre os dois jornais interioranos e fronteiriços.

Algumas das continuidades são a forte presença de notícias e declarações de



peças detentoras de cargos governamentais, eleitas ou delegadas, e a reduzida presença de outras fontes de informação; a tendência de picos de produção à medida que os aduentos se aproximam da concretização, um resultado do acompanhamento constante e do caráter noticiável dos eventos; a avaliação similar, entre os jornais, das importâncias dos fatos da liberação dos portos para balsas de alta capacidade e da ponte internacional, comprovável pelas coberturas que os jornais fizeram desses acontecimentos; e a tendência a valorizar a integração em geral.

Entre as diferenças, destacam-se a quantidade de textos pertinentes encontrados, fato que se atribui às distintas periodicidades e estruturas produtivas; a variação dos textos quanto ao teor principal; as diferentes abordagens do valor-notícia de proximidade, com o *Unión* tendendo à proximidade cultural e a *Folha de São Borja*, a enfatizar a proximidade geográfica; a tendência do jornal argentino a enfatizar a integração entre povoados fronteiriços, enquanto o jornal brasileiro destaca os sentidos de integração entre Brasil e Argentina; a atenção maior (em termos quantitativos) do jornal *Folha de São Borja* às vantagens e possibilidades econômicas das inovações.

O terceiro objetivo mencionava a intenção de **propor, testar e refinar categorias que deem conta da complexidade nos relatos noticiosos a partir da fronteira São Borja e Santo Tomé, contemplando a ligação entre os conceitos de critérios de noticiabilidade, valores-notícia e status relacional fronteiriço**. A partir de uma tipologia de valores-notícia de seleção (SILVA, 2014), foi necessário providenciar uma nova variável que englobasse as motivações de ordem econômica, então ausentes. Como na tipologia em questão havia ao menos duas possibilidades de indicar aproximações do tipo cultural, e o aspecto financeiro e comercial é inerente a uma ordem das trocas possíveis em uma área limítrofe, isso facilitou a ideia de uma comparação entre aspectos da ordem da cultura (que podem englobar associações de sentidos ligadas à história, ao folclore, aos costumes de culinária, à indumentária, à arte etc.) e da economia (comércio, câmbio, empregos, investimentos). É uma segunda conexão envolvendo um sentido da cultura, sendo a primeira a existência de duas categorias do valor-notícia de proximidade, a geográfica (neste caso, algo relacionado com a extensão do localismo em cada jornal) e a cultural.

Outros conceitos importantes são os que se referem aos critérios organizacionais (SILVA, 2014), influentes nas escolhas de temas e ângulos das notícias a partir da conformação empresarial: existência e organização dos recursos humanos, periodicidade e capacidade produtiva.

Essas variações em termos de valores-notícia de seleção se conectam com as oposições contidas nas variáveis previstas para indicar o status relacional de cada texto dos dois jornais. É a partir dessa conexão que se concluiu que o *Unión* se referiu mais vezes à integração entre as duas cidades e que a proximidade que enfatizou é equilibrada entre os aspectos econômicos e culturais. O *Folha de São Borja*, por sua vez, mencionou mais vezes a integração entre Argentina e Brasil, ou seja, uma aproximação entre os países, e realçou a dimensão econômica dos adventos como impulsionadores de desenvolvimento socioeconômico do município. Os anúncios e análises foram predominantemente feitos por fontes do tipo governamental, em uma tendência a destacar as informações de origem oficial.

Sempre se deve levar em conta que essa indicação de status se refere ao que a imprensa manifestou, não podendo servir como baliza para interpretar o posicionamento da comunidade A ou B a respeito das relações existentes. No máximo, sabe-se que determinados assuntos foram veiculados de certas maneiras pelos jornais, contribuindo para as discussões e reflexões das pessoas em um dado momento e lugar, como afirma Darnton (2010).

**Com base no diagnóstico proposto no item anterior, discutir a atuação dos dois jornais interioranos e fronteiriços em relação ao status relacional fronteiriço local e propor ajustes editoriais** foi o objetivo específico seguinte. No que tange à segunda parte do objetivo, as propostas serão expostas no Capítulo 7, de modo a separar os momentos de reflexão e de proposição.

Sobre a atuação dos dois jornais, pode-se avançar uma reflexão que parte da constituição e da atuação de cada empresa. Nota-se que os diferentes modelos de negócios (uma condição escolhida) e tradições de imprensa (uma herança cultural e profissional) influíram diretamente em aspectos como periodicidade, estilos de redação e projeto gráfico. A circulação do jornal *Unión* (um “jornal quase artesanal”) pelo espaço fronteiriço São Borja-Santo Tomé (em um movimento que o *Folha de São Borja* não realizou) mostrou que a dimensão de uma empresa não é necessariamente relevante. A linha editorial, a construção de um posicionamento intelectual em

relação ao espaço compartilhado pelos municípios vizinhos e os esforços práticos para conhecer e convencer anunciantes nas duas cidades fronteiriças pareceram ser mais importantes para essa diferença.

Esse posicionamento empresarial no caso do *Unión* certamente se viu refletido na composição dos textos acerca da liberação dos portos (de modo tímido) e da ponte internacional (de maneira mais intensa). O fato de escrever com total liberdade e a periodicidade quinzenal davam a Zapata flexibilidade na seleção dos aspectos a enfatizar. O fato de ter anunciantes e assinantes na outra margem do rio influía claramente na sua produção; daí deriva, talvez, a sua ênfase nas relações entre as duas comunidades e nas afinidades culturais.

O jornal *Folha de São Borja*, ao se constituir em uma parte de um grupo de mídia, obteve algumas vantagens em relação ao *Unión*, como a capacidade de produzir mais edições no mesmo período de tempo, o que também significava mais receita e mais custos. Seu foco editorial e comercial foi definido em torno do município-sede, e isso parece ter conformado a avaliação de possibilidades na cidade vizinha. Em consequência disso, é provável que o jornal tenda a enfatizar a integração Brasil-Argentina com mais frequência que o jornal argentino. Embora ambos os jornais evidenciem interesse nos aspectos econômicos e financeiros em cada novidade na travessia do rio Uruguai, é no jornal argentino que a proximidade cultural aparece mais vezes.

Importante notar que a produção de ambos os periódicos na cobertura da ponte permitiu também identificar alguns pontos de tensão a partir da fronteira. Ao todo, 18 textos continham alguma das variações de distanciamento, fosse entre as comunidades vizinhas, entre os dois países ou entre as comunidades e os governos centrais dos estados/províncias ou federais (a mais numerosa, com oito casos). A diferença entre os dois jornais nesse quesito é mínima e se coaduna, de certa forma, a uma visão relativamente próxima sobre a convivência entre as comunidades: pacífica, aberta a variações nas vantagens cambiais e nos movimentos de aproximação e de afastamento.

Isso leva a indagar sobre a possível diferença de expectativas entre o que se espera encontrar em um jornal fronteiriço, especialmente por parte de acadêmicos, e o que esse jornal interpreta como sendo relevante para publicar, o que entende

que possa integrar a gama de assuntos sobre fronteira que seu veículo deve compartilhar e noticiar à sua audiência.

Talvez se espere demais de jornais que muitas vezes enfrentam dificuldades para seguir produzindo, com equipes enxutas e escassez de soluções para as crises que o jornalismo enfrenta nos campos ético, tecnológico, profissional e comercial. Talvez se imagine que bastaria que fizessem mais pautas sobre um assunto A ou a partir de um ponto de vista B. Talvez se ignore, por vezes, que a atividade jornalística custa dinheiro, tempo e requer um repertório variado de experiências e expertises, e que as empresas interioranas, em sua maioria, fazem o melhor que podem com os recursos disponíveis.

Os altos índices de presença do valor-notícia “proeminência – posição hierárquica” possuem correlação direta com a grande quantidade de fontes ligadas à esfera governamental ou, então, às direções de empresas e associações, e refletem uma tendência da imprensa em geral, e da interiorana em particular, a buscar informações e opiniões junto a pessoas que detêm cargos e que exercem liderança em seus âmbitos de atuação. Há uma ligação importante entre a escolha das fontes e o ângulo pelo qual um dado assunto será abordado. É possível, assim, que talvez outras motivações ou visões sobre a relevância dos serviços das balsas de alta capacidade e da ponte internacional disputassem primazia caso mais pessoas fossem ouvidas na construção dos relatos. Porém, para isso teria de haver primeiro a decisão de ampliar as pautas a respeito das inovações, saindo do acompanhamento mais usual; depois, essa decisão implicaria outros esforços para levar as pautas adiante e afetaria as rotinas já estabelecidas, já com pouca margem de manobra devido às circunstâncias de cada empresa.

Isso não aponta um problema insolúvel, mas sim o começo de questionamentos úteis para a melhoria do jornalismo nas cidades interioranas e fronteiriças: de que fronteira se está falando nos jornais? Do que não se fala? De qual fronteira se quer falar? Que diferenças isso faz? O que seria uma mudança positiva, em termos de aperfeiçoamento do trabalho jornalístico? Como fazer essa mudança acontecer?

O último objetivo delineado se propunha a **construir reflexão sobre o jornalismo interiorano enquanto dimensão da atividade jornalística, e acerca da ligação entre empresa jornalística e localidade onde atua.**

Ao articular as contribuições de diversos autores (ASSIS, 2013; BELTRÃO,

2013; BUENO, 2013; DORNELLES, 2004; 2010; 2013; FERNANDES, 2013), pode-se avançar a seguinte síntese: a imprensa interiorana é uma manifestação empresarial da atividade jornalística, geográfica e culturalmente localizada em cidades que não as capitais, podendo ser no território mais interno, nas fronteiras ou nas bordas litorâneas de um país. Como tal, encontra-se editorial e comercialmente vinculada a uma área geograficamente restrita ao município ou a uma microrregião, conforme se situe no contínuo formado entre os tipos-ideais da imprensa “quase artesanal”, “local” (pouco estruturada ou consolidada) ou “regional”. Essa tipologia não serve para criar juízos de valor a respeito dos jornais, mas sim para identificar aspectos da empresa jornalística, de suas condições produtivas e de seu produto, o jornal, dando a ver as diferentes formas possíveis da imprensa nas pequenas e médias cidades do Brasil, variáveis conforme o contexto cultural, socioeconômico e político de cada lugar.

Em geral, a imprensa interiorana tende a se posicionar em prol da comunidade, oscilando entre uma defesa algo conservadora de valores com elevados graus de consenso e a busca de meios para o desenvolvimento social e econômico da cidade. Ao agir em um espaço mais exíguo, os jornais interioranos estão em um jogo mais intenso de forças com outras instituições e empresas, fazendo com que a cautela no trato de acontecimentos potencialmente escandalosos seja uma regra, em especial se envolverem autoridades e lideranças. A atenção para com a imagem da cidade é uma constante. Em um contraponto interessante, os jornais do interior buscam aderir e praticar os valores do jornalismo e replicar práticas da imprensa dos grandes centros, dentro de suas possibilidades e circunstâncias.

Na linha editorial desses veículos, os acontecimentos locais prevalecem na produção noticiosa, com maior ou menor grau de predomínio sobre notícias regionais, nacionais e internacionais de acordo com o porte empresarial. De qualquer modo, existe um forte envolvimento do jornal de interior com a história, a cultura, o cotidiano e a mentalidade vigente na comunidade. Deriva daí uma tendência comunal a valorizar a empresa e os responsáveis pelo jornal, seja ao cobrar soluções para problemas diversos e corrigir erros de informações, seja ao defender a empresa e o produto perante acusações.

Ao articular essa síntese com as leituras realizadas e com alguns dos achados da pesquisa, encontram-se algumas informações adicionais. Em relação ao cuidado

com a imagem da cidade para si mesma, os jornais produzem relatos do espaço que cobrem, ou, como escreveu Certeau (2014, p. 189), “feituuras de espaço”. Em uma perspectiva construcionista sobre o jornalismo – o relato do mundo possível descrito por Alsina (2005) –, há coerência na proposta: as notícias ajudam a gerar uma compreensão mais imediata das ações, relações, atores e atributos no cenário local – uma espacialidade, um sentido existencial resultante de ações de sujeitos históricos em um lugar. Essa espacialidade gerada pela imprensa do interior, embora certamente não seja a única, é marcada pelos relatos fixados no jornal, pelas escolhas de ângulos, de fontes de informações e opiniões, de argumentos e de associações entre pessoas, fatos e contextos. Provavelmente, tal como as espacialidades geradas em outros pontos do mesmo espaço praticado, essa espacialidade noticiada também vai acrescentar e retirar aspectos ao longo do tempo, por conta das inovações no cotidiano e também por alterações nas práticas de produção noticiosa.

Assim, na imprensa interiorana e fronteiriça, cabe verificar que espacialidades os veículos desenvolveram e alimentaram com seus relatos. As escolhas feitas na seleção e na produção das notícias, dos relatos sobre o espaço, resultam em contribuições aos estratos de sentidos acumulados em relação a um ponto fronteiriço. Em um viés retrospectivo, quando Darnton (2010) recomendou que os jornais devem ser consultados para saber o que e como se falou a respeito dos acontecimentos noticiados, ele chamou a atenção para o que está em torno da produção de notícias, o que as faz serem como são; poder-se-ia cogitar a adição de que há aspectos desse entorno que são próprios de um dado período e de um local específico.

Um ponto que ficou expresso na análise é que a circulação no ponto fronteiriço não é necessariamente ligada ao porte da empresa jornalística ou a outros critérios organizacionais de noticiabilidade. Com a estrutura mais enxuta dentre os dois jornais, o *Unión* conseguiu transitar entre as duas cidades, inclusive comercialmente, ainda que não perdesse seu foco voltado para Santo Tomé. Aproveitando o fato de famílias serem constituídas por argentinos e brasileiros e o interesse comercial de empresários de São Borja, bem como manobrando com uma operação produtiva de custos mais baixos, o jornal argentino estabeleceu interesses no outro lado do rio Uruguai por meio de assinaturas, venda de espaços publicitários e impressão, durante muitos anos, em firmas brasileiras, notadamente a gráfica da família Andres

(Artes Gráficas São Borja). Essa facilidade de transitar no ponto semiconurbado parece ter mais a ver com uma visão acerca do cotidiano fronteiriço, no qual a travessia para diversos fins (comércio, afetos, lazer etc.) é um componente histórico das duas cidades. Há, também, indícios de certa independência em relação a verbas do poder público, o que pode ser um fator favorável a essa postura mais aberta, mas que talvez tenha restringido o crescimento do veículo.

No caso do jornal *Folha de São Borja*, as investidas na cidade vizinha esbararam primeiro nas dificuldades burocráticas do poder público argentino, no caso do caderno alusivo ao aniversário de Santo Tomé, e depois em um receio do mercado anunciante são-borjense quanto ao favorecimento de firmas santo-tomenhas em períodos de vantagem cambial para o real, como relatou Andres sobre o episódio da reação da associação comercial da cidade aos anúncios de firmas da cidade vizinha. Entende-se que o foco local do jornal se limitou aí ao território da cidade, e que por vezes adota um olhar securitário a respeito da travessia. Não se interpreta isso como sendo um fato exclusivo da *Folha de São Borja*, pois há notícias no *Unión* que abordam também certos problemas, como o roubo de gado, a partir da possibilidade de cruzar o limite entre os territórios nacionais. No entanto, o jornal são-borjense focaliza especialmente a cidade e aproveita pouco o potencial de circulação na área de fronteira, o que parece provocar certa recursividade entre o alcance comercial e o editorial.

Sabe-se, também, que o jornal *Folha de São Borja* e as emissoras de rádio do grupo, até mesmo pela condição de serem os únicos veículos habilitados para tanto, regularmente disputam e vencem licitações para contratos de publicidade institucional e legal da prefeitura do município. Esses recursos, que de resto são lícitos e constituem alentos financeiros para muitas empresas jornalísticas interioranas Brasil afora, podem permitir alguns investimentos ou, ao menos, aumentar a margem de lucro diante dos custos de impressão, mas podem também gerar outros tipos de cuidados diante de oportunidades e dilemas, como autocensura e restrição de caixa em momentos de crise financeira do setor público, como ocorre no cenário brasileiro desde 2014. Uma empresa tem seus custos de produção conectados à folha de pagamento, manutenção de equipamentos, aquisição de insumos, entre outras despe-

sas. O custo de impressão, com o papel-jornal importado, também restringe a margem de lucro.

Ademais, as empresas interioranas no Brasil estão igualmente sujeitas a fatores como condições socioeconômicas da população, hábitos de consumo de mídia, meios de produção e recursos humanos disponíveis, entre tantos outros. Em ambos os jornais analisados, nota-se que as tiragens poderiam chegar a parcelas maiores das respectivas comunidades.<sup>54</sup> Isso é um indício de que as situações que tornavam alguém apto para o consumo de jornal foram sempre restritas nessas cidades.

Com os objetivos atendidos, pode-se partir para uma resposta analítica às perguntas contidas no objetivo geral.

Os adventos na mudança da travessia no ponto São Borja-Santo Tomé foram cobertos pelos jornais *Unión* e *Folha de São Borja* de tais formas que se percebem continuidades e rupturas. Entre as continuidades, destacam-se as visões positivas, pró-integração, sem indícios de nacionalismo ou xenofobia, em uma postura que corrobora a noção de convivência cotidiana entre fronteiriços. Essa integração é mais enfatizada no aspecto econômico em termos gerais, com o jornal *Unión* tendo mais textos que evocam as afinidades culturais, e com a maior parte dos textos que mencionam os aspectos da proximidade cultural entre os dois povoamentos situados na cobertura sobre a construção e a inauguração da ponte internacional.

A ênfase na dimensão econômica e comercial, tanto no período de 1981-1982 quanto no de 1996-1997, não deve servir para um desmerecimento do sentido de integração. Quando se considera que tanto São Borja quanto Santo Tomé eram, e são, cidades de pequeno porte e ansiosas por desenvolvimento na economia e na melhoria de condições de vida de suas populações, é mais fácil compreender o motivo desse destaque. Ademais, também em corroboração a estudos anteriores sobre o tema da comunicação sobre e nas áreas limítrofes do Brasil com países vizinhos, as semelhanças de costumes, as trocas e práticas linguísticas e outros índices de aproximação e de diferenciação na dimensão cultural estão presentes no ponto São

---

<sup>54</sup> O *Unión* chegou ao número máximo de 500 exemplares, distribuídos em Santo Tomé, São Borja e outras cidades da Argentina, quando Santo Tomé possuía uma população por volta dos 18 mil habitantes (1991). Já o *Folha de São Borja* hoje faz circular cerca de 3,5 mil exemplares em uma cidade com mais de 62 mil habitantes.



Borja-Santo Tomé, de forma que talvez os jornais os percebam como um fato normalizado, relativamente infenso às lógicas jornalísticas – ou seja, não são novidades; não viram notícia; ao menos na maioria das seções do jornal.

A cobertura dos dois adventos na travessia do rio Uruguai teve marcante diferença na extensão, uma variação quantitativa na razão direta da ruptura provocada em cada caso e da abrangência de utilização do novo meio, e com intensa influência dos anseios históricos de cada cidade. A liberação dos portos para exportação e importação em 1982 envolveu esforços de empresas e poderes públicos para facilitar a solução de problemas de comércio exterior, para reduzir custos com transporte de cargas e também para aproveitar uma via fluvial extra para entrada e saída de produtos na região. As motivações primeiras foram dirigidas para o atendimento de demandas empresariais e governamentais binacionais. Isso resultou no aperfeiçoamento de um serviço existente pelo menos desde 1946, com um bônus: permitir o reforço ocasional no transporte de carros de passeio entre as duas cidades, o que significou a melhoria de uma via de trânsito, e não uma nova forma de passar para o outro lado dos limites do território nacional.

A cobertura da ponte, por seu turno, reuniu influxos culturais e históricos (a promessa dos presidentes Vargas e Justo, a vontade das populações, a evocação de um destino solidário para os povos irmãos) e o caráter de um grande investimento internacional, em um momento histórico no qual os potenciais e os desafios das ligações entre os países estavam no topo das discussões internacionais. Após a Queda do Muro de Berlim, a globalização – que já ocorria há tempos – emerge como tema de debates e discussões, nem sempre bem informados.

A conexão da ponte com o impulso globalizante, na cobertura dos dois jornais, se concretiza com a ideia da construção do Corredor Bioceânico, por meio do qual a Argentina acessaria mais facilmente o Oceano Pacífico pelo Chile através de uma obra futura. A ligação seca entre Santo Tomé e São Borja aliviaria as outras ligações, como Paso de los Libres-Uruguiana e Puerto Iguazu-Foz do Iguaçu, completando a conexão de países integrantes do Mercosul aos oceanos Atlântico e Pacífico. Essa menção ocorre apenas durante o evento da inauguração, durante os discursos dos presidentes Carlos Menem e Fernando Henrique Cardoso. Uma marca especial da cobertura é o foco predominante na união entre Brasil e Argentina e entre as duas

idades. Mesmo o Mercosul é pouco citado ao longo da cobertura, numa evidência de que os impactos imediatos da obra foram compreendidos, mas a origem, o sentido das decisões e a conexão da construção da ponte foram pouco contextualizados. Não se pôde, provavelmente por conta das circunstâncias e das limitações de cada jornal, observar e especular a respeito do que mais era ligado pela Ponte da Integração. Um dos riscos que a imprensa interiorana corre é justamente o de noticiar um mundo à parte.

Ainda assim, mesmo com a indicação de limitações, é de se considerar que houve uma cobertura favorável à integração – mesmo que não se definisse muito bem de que integração se tratava, ou que fosse mais imediatamente associada ao aproveitamento das flutuações do câmbio entre as moedas brasileira e argentina. *Folha de São Borja* e *Unión*, cada qual em sua capacidade produtiva e experiência na circulação e na cobertura do espaço fronteiriço, entregaram o material que podiam produzir, com as lentes que empregavam para olhar para as suas cidades e os fluxos materiais e simbólicos por sobre as águas do rio Uruguai. Essa compreensão estimula a oferta de ideias para a ação junto à imprensa interiorana fronteiriça, como se discutirá na seção a seguir.

## 5.4. Propostas

A partir dos resultados informados e discutidos na seção final do capítulo anterior, é possível adiantar algumas reflexões a título de encerramento desta pesquisa. Para simplificar a exposição, será feita referência aos objetivos expostos na Introdução e serão apresentadas as considerações pertinentes a uma série de proposições. Entende-se que são provisórias em face do próprio caráter evolutivo do trabalho científico, das escolhas que são feitas para viabilizar uma pesquisa em nível de mestrado e da natureza mutável de tudo quanto se refere ao ser humano e suas interações e produções sociais, culturais, políticas e econômicas.

Na seção “Propostas”, o autor apresenta algumas sugestões derivadas da pesquisa. Essa seção adicional é um primeiro passo dado em direção a uma atitude que se pretende permanente de oferecer algo em retorno para a sociedade, enquanto bolsista parcial pela Capes e pelo PPGCOM da Famecos/PUCRS, servidor

público federal e aspirante a pesquisador. Ao lado de ideias para futuras pesquisas sobre a comunicação e a imprensa das regiões limítrofes do território brasileiro, apresentam-se propostas de teor genérico voltadas para veículos de imprensa situados naquelas áreas do Brasil. Opta-se por adotar um tom genérico e humilde por se ter consciência de que cada empresa tem suas circunstâncias e está instalada e operante em um dado contexto, o que requereria um estudo particularizado para a confecção de soluções sob medida, sem contar a necessidade de outros saberes profissionais para chegar a tanto. Todavia, acredita-se na validade das ideias expostas como pontos de partida e de questionamento, seja para a adoção de medidas por parte das empresas, seja para subsidiar a atuação de profissionais na criação de novas iniciativas empresariais jornalísticas em contextos fronteiriços.

O cenário para o jornalismo, enquanto atividade de relevância pública, uma interface cotidiana entre os indivíduos e o que se passa nas esferas política, social, econômica e cultural com base em um modelo de negócios, é desafiador no momento atual. A dureza das provações aumenta ainda mais para as empresas jornalísticas operantes em cidades interioranas localizadas nas áreas dos limites dos territórios nacionais.

Neste estudo, embora o foco estivesse na busca de respostas sobre como dois jornais fronteiriços noticiaram e opinaram a respeito de inovações nas formas de travessia do rio Uruguai, o olhar dirigido ao assunto buscou ir além das constatações possíveis, alcançar e superar as críticas. Adere-se à corrente que julga importante que os estudos na área do jornalismo assumam um viés propositivo com base nos dados coletados e na expertise, capaz de devolver algo de valor para a sociedade, seja em termos de interação com as empresas já existentes no mercado, na criação de iniciativas voltadas para a educação ou de novas empresas, novos formatos, novos modelos de negócio, novos padrões de conduta, novas adições ao *ethos* do jornalista. Sem esse movimento, a academia se confina aos seus muros ideológicos (e, por vezes, partidários), o mercado avança sem poder contar com uma importante contribuição reflexiva e a sociedade como um todo perde duplamente: nos recursos públicos investidos em pesquisa que não se converte em oportunidade de progresso e nas melhorias que não surgem no mercado das notícias locais.

Na ideia de oferecer propostas às empresas jornalísticas interioranas, é preciso ter em mente outro prejuízo derivado do isolamento acadêmico, o causado à democracia. É a carência de informações completas e contextualizadas acerca das condições da cidade: seus recursos naturais, seus problemas ambientais e sociais, sua matriz econômica e os potenciais a realizar, a educação ofertada, a realidade financeira da prefeitura e dos serviços públicos, entre tantos temas locais, de alta relevância, que impactam no cotidiano das pessoas. É o tipo de informação que ajudaria a sopesar as prioridades, a escolher demandas e, em última análise, a decidir os votos. Ainda que possa soar utópico querer que uma empresa ajuste seu proceder em prol de uma coletividade, tem-se, de um lado, a mítica da imprensa como cão de guarda que vigia o poder – visão um tanto desacreditada atualmente – e, de outro, o entendimento pessoal de que a profissão de jornalista, bem como a empresa jornalística, tem uma parte da solução de suas crises na mescla de retomada de “comportamentos virtuosos” (apuração bem-feita, desvinculação e ceticismo responsável em relação a partidos políticos, equilíbrio entre linha editorial e interesse comercial) e na reinvenção de sua ética, sua técnica e sua gestão de negócios. A notícia e a análise do cenário local são, talvez em um grau máximo, informações valiosas o bastante para serem produzidas com a maior qualidade que se possa imprimir ao trabalho.

As propostas que se seguem são algo genéricas, articulantes e por vezes extrapolam o papel dos veículos de comunicação como prestadores de serviço público, depositando ainda outras expectativas.

A condição genérica se deve ao intuito de fazer com que possam inspirar aplicações de fato em diferentes cenários interioranos e fronteiriços, nos quais fatores como a conformação dos centros urbanos, o nível de desenvolvimento local e os laços entre as comunidades vizinhas variam bastante. O aspecto de articulação se deve à natureza vicária do produto jornalístico. Como uma forma de conhecimento em algum ponto entre o senso comum e o saber sistematizado, uma maneira de saber o que se passa no mundo, uma estrutura modelar textual, um registro histórico sobre como se falou dos acontecimentos passados, a notícia é um fator de articulação entre esferas da atividade humana, classes sociais, concepções políticas, ramos de conhecimento, lugares, espaços e pessoas. A tarefa do jornalismo como construtor de “relatos de um mundo possível”, como afirma Alsina (2005), é fornecer algo

sobre o que falar, pensar, saber e, até mesmo, fazer. A ideia de articulação também se reflete na concepção de que cada sugestão acaba por presumir a adoção das demais, uma vez que as mudanças na condução das empresas jornalísticas não se dão apenas no setor da redação ou na área comercial. Para poder oferecer um anúncio ou outra forma de publicidade on-line relevante em mercados onde isso é relativamente pouco empregado por empresas locais e altamente explorado por iniciativas transnacionais e nacionais, o jornal interiorano precisa agir de forma mais dinâmica no ambiente Web, por exemplo.

Quanto à dicotomia entre a empresa jornalística e o papel eminentemente comunal de vigilante do poder e defensor do direito e das pessoas, essas propostas veem complementaridade onde há quem aviste incompatibilidade. É preciso buscar a saúde financeira em um mercado no qual já começa a perder espaço o modelo tradicional de publicidade e novas táticas devem ser desenvolvidas. Esse objetivo parece ser intimamente ligado ao que um jornal, revista, site, programa ou canal oferece em termos de valor para o seu público. Se em um âmbito temático é possível falar em uma acirrada competição pelo prestígio em um determinado nicho (moda, humor, política etc.), as cidades de interior sempre conferirão valor às informações sobre o que acontece em seu território. Ocorre que muitas empresas jornalísticas interioranas, sofrendo dificuldades e preconceitos, nem sempre conseguem entregar informações de alta qualidade. É comum a dependência das assessorias de comunicação, a equipe reduzida e a periodicidade espaçada.

Acredita-se que exista um ponto de equilíbrio que permita uma melhoria da saúde financeira e uma boa prestação de serviço público nos jornais do interior. Esse ponto, em nosso ver, depende de inovação na tecnologia, aprimoramento de práticas produtivas e aprofundamento dos laços comunitários que esses veículos estabeleceram, ou querem estabelecer, com seus leitores, a um tempo consumidores e cidadãos. É no rumo da melhoria dos serviços, de uma visão mais ampla e proativa a respeito das circunstâncias, demandas e potencialidades locais, que se imagina que os jornais interioranos, e, entre eles, os situados nas regiões limítrofes do Brasil, possam se reerguer.

Sem perder a ênfase voltada aos veículos de fronteira, após as sugestões voltadas para a organização dos jornais (uma lista sem pretensão de ser exaustiva

nem definitiva), compila-se uma outra pequena lista dirigida a essas empresas em relação à potencialidade específica dessas localidades.

#### 5.4.1 Propostas genéricas

1. *Criar, quando não houver, e estreitar, quando houver, relações com os cursos de Comunicação Social existentes nos arredores*

Se a academia deve superar o sectarismo em relação ao mercado jornalístico, é bem verdade que a imprensa interiorana também precisa contornar atitudes defensivas. Ambos os lados podem colher benefícios em projetos de parceria. Há projetos de pesquisa, ensino e extensão que podem colaborar para que uma empresa jornalística repense e melhore em diversos aspectos, e um jornal e uma emissora de rádio ou de televisão são espaços importantes para a aquisição de experiência pelos futuros comunicadores e comunicólogos.

Se um jornal pode oferecer espaços para o estágio de graduandos (e, por que não, de pós-graduandos), um projeto acadêmico pode buscar melhorias, como o desenvolvimento de um novo *website* e uma nova mecânica de funcionamento rotineiro, ajudando a pensar em investimentos. Entende-se que esse tipo de parceria exige a construção de um ambiente de confiança e de convergência de intenções, bem como a clareza de propósitos de cada parte, o abandono de visões rançosas e a formalização contratual, o que abre caminho para projetos mais sofisticados e interdisciplinares. Pode-se dizer que as demais sugestões a seguir envolvem, com certeza, esforços de investigação científica que somente um convênio com uma universidade pode possibilitar a um dono de jornal interiorano, em termos de custo e de conhecimento.

2. *Aprofundar a consciência de que a atuação do veículo constitui sua reputação*

A exemplo de experiências que estão sendo realizadas em grandes grupos de imprensa, o jornal interiorano e fronteiriço deve prestar atenção ao fato de que a sua produção ao longo do tempo gera a sua reputação em sua área e abrangência, estruturando não apenas a acumulação de registros sobre fatos e opiniões da comunidade, mas também a concepção que essa comunidade alimenta sobre o jornal.

Assim, propõe-se a realização de dois movimentos. O primeiro é voltado a

coletar e analisar informações sobre a imagem que a comunidade mantém sobre o jornal: sua apresentação, conteúdo, periodicidade, o que poderia ser oferecido, como diferentes coberturas são avaliadas por ela (política, economia, cultura, polícia, esporte etc.). O segundo é comparar esses resultados com uma pesquisa similar feita junto aos produtores do jornal, incluindo proprietários e funcionários. Esse contato de visões pode enriquecer a compreensão das equipes e das direções dos jornais a respeito de quem são seus leitores e do que eles pensam a respeito. Fortalecer os vínculos entre jornal e leitor deve ser o foco. Nesse sentido, a parceria com as equipes dos cursos de Comunicação Social existentes na própria cidade ou nas localidades próximas pode ser bastante útil, em vista de que nem todas as empresas podem custear esses serviços especializados.

*3. Avaliar e repensar serviços que o veículo presta à comunidade – e quais pode passar a prestar*

Embora essa percepção possa ser incluída na pesquisa sugerida no item anterior, é importante enfatizar quais serviços o jornal está oferecendo, e quais poderia oferecer que são do interesse do público. Muito por conta das condições estruturais da empresa e mesmo da região, a imprensa do interior certamente carece de tempo e expertise para essa leitura; por outro lado, a depender do contato com os leitores, pode ocorrer de a redação já ter indícios de que algumas mudanças precisam acontecer. Nos casos em que há versões impressas e digitais, o modo como a empresa concilia os diferentes ritmos de produção (quando existe mais de um) indica algumas possibilidades de ajuste. Da mesma forma, a equipe existente e os recursos financeiros são fatores organizacionais relevantes. Como o caso do jornal *Unión* demonstra, a flexibilidade do jornal depende bastante da visão da direção, talvez mais do que dos ativos à mão.

Pautas sobre problemas da cidade, por exemplo, poderiam ser trabalhadas com mais calma para ouvir também especialistas e cidadãos, e fornecer não só a informação factual, mas análise, dados técnicos e as vozes da comunidade. Isso é um serviço não só para as pessoas, mas para as lideranças da cidade.

*4. Criar, quando não houver, e organizar a presença no ambiente digital*

Os custos de produção do jornal impresso, especialmente o do papel-jornal, são parte considerável das despesas dos veículos de imprensa. Talvez de forma

mais dramática que os jornais dos grandes centros, os jornais interioranos precisam trabalhar com a nova realidade que a Web e as plataformas de redes sociais na Internet impõem ao ramo jornalístico. Isso porque as suas bases de leitores e assinantes são majoritariamente, se não totalmente, circunscritas às suas cidades ou, em menor número de casos, a microrregiões, e suas linhas editoriais seguem essa conformação geográfica; as diferenças geracionais no consumo de mídias apontam para um progressivo abandono do formato impresso. Para tornar ainda mais aflitiva a situação, trata-se de jornais com equipes já pequenas e que muitas vezes já acumulam funções.

No caso exposto na pesquisa, o jornal *Folha de São Borja* está entre os veículos que ainda segue um modelo de transposição da produção dirigida para a versão impressa para a Web, situação na qual talvez esteja a maior parte das empresas jornalísticas interioranas brasileiras. Mesmo conscientes da premência de aprimorar sua presença digital, encontram dificuldades para focalizar esse esforço e gerar mudança de rotina. Há ainda as empresas que não possuem sites, operando somente com a edição impressa.

Esse processo de criação e transição para o ambiente digital é também uma mudança de uma plataforma com modelo de negócios funcional por outra na qual não existem mais “fórmulas mágicas”. Tudo muda: a publicidade, a produção noticiosa, o tempo de preparo de edições se acelera, e o leitor pode se sentir convidado a falar em público. Acompanhar essa mudança em jornais interioranos, dada a natureza de sua conexão com a cidade ou a região onde circula, talvez precise mesclar a inovação com certos valores que a coletividade preze. Achar esse ponto de equilíbrio é algo que, entende-se, varia a cada caso específico: o tamanho da empresa, a margem de crescimento de leitores e assinantes, a constituição etária da população atendida e hábitos de consumo de mídia são algumas das informações que se entendem como relevantes para chegar a conclusões úteis e decisões informadas.

##### 5. *Diversificar fontes de receita*

É importante que os jornais interioranos comecem a experimentar com outras fontes de receita a partir do seu trabalho jornalístico, iniciando com o setor comercial, valorizando as transações para publicidade on-line, testando essa nova forma de anúncio sem priorizá-la em detrimento da experiência do leitor. Belda (2014), ao relatar parte dos resultados de pesquisas com cinco jornais de interior de São Paulo,



Rio de Janeiro e Mato Grosso, aborda os aspectos comerciais dessa transição para o veículo on-line. Na lista constante do texto, aparecem dez sugestões que implicam uma postura mais assertiva no conhecimento e na inovação dos veículos. O texto abordou as ações estratégicas para a área comercial da imprensa interiorana sem adentrar na gestão produtiva da redação.

Sem dúvida, é uma etapa conectada a mudanças na estrutura da empresa jornalística, nas rotinas, e traz consigo os ajustes na redação, que também vai ter de ser reorganizada e reforçada para dar conta da configuração de produto e equipe que a direção defina. Um ponto importante para a busca de novas fontes e o aumento da receita é que, de forma anticíclica e pensando nos jornais de interior brasileiros, é preciso investir em reforço de equipe, e não na redução, caso se decida por ampliação da presença e da produção on-line.

#### 5.4.2 Propostas acerca da fronteira

Para gerar propostas específicas, é preciso considerar em cada caso alguns dos fatores que foram apontados no estudo: forma da conurbação; o que impacta no peso da economia, da proximidade cultural no relacionamento entre as cidades; histórico das cidades-gêmeas; desenvolvimento socioeconômico local; status atual do relacionamento (oficial e cotidiano) entre as cidades.

Por isso, as ideias que aqui seguem se baseiam em alguns achados do estudo, como a existência de uma iniciativa semioficial de representação diplomática e o limite que cada veículo define para suas ações em relação a novas ideias para a comunidade.

*1. Realizar cobertura que amplie a atenção a respeito das dimensões da fronteira e da proximidade (segurança, comércio, cultura, cooperação)*

Em suma, além da notícia factual, explorar assuntos que abrem a possibilidade de discussão sadia sobre as trocas, sejam elas comerciais, sociais ou culturais. No caso da *Folha de São Borja*, a cobertura sobre a travessia do rio demonstrou

algumas ênfases, como o balanço estatístico periódico do cruzamento do rio, a passagem de argentinos para o veraneio e o transporte de valores, principalmente. Sabe-se, ainda, que eventualmente apreensões de produtos de contrabando, abigeato e outros crimes relacionados à fronteira são pautas comuns no jornalismo brasileiro, seja nas metrópoles, seja nas cidades das linhas limítrofes. Por isso, em um jornal interiorano fronteiro parece importante acompanhar a travessia em um sentido mais amplo que o apontado nos balanços periódicos de controle de passagem. Pautas que podem ser cobertas: festas comunitárias, shows, feiras setoriais; datas de celebração (aniversários de fundação, de independência nacional etc.); reuniões de trabalho entre gestores e lideranças municipais das duas cidades; músicos locais, apresentações, resenhas de bares e restaurantes. Há, ainda, outras possibilidades em termos culturais, como a divulgação de artigos baseados em estudos acadêmicos sobre essas cidades e suas origens entrelaçadas.

## *2. Apoiar a criação de espaços e funções voltadas a aproximar as cidades*

Um exemplo seria a criação das figuras dos consulados honorários, mencionados por Carlos Zapata. É preciso verificar a viabilidade legal e orçamentária para esse fim. Os cônsules podem ser os fomentadores de oportunidades para socialização, negócios e eventos conjuntos. A exemplo dos relatos sobre Miguel Centeno, os cônsules podem ser promotores de contatos e de relacionamentos de negócios e divulgadores de eventos.

Essas são funções que, até certo ponto, poderiam ser abrangidas pelas respectivas secretarias municipais de turismo. Uma vantagem dos consulados é a ênfase no contato entre as duas cidades, extrapolando o escopo da promoção turística. No entanto, com cônsules ou secretários de Relações Internacionais, reitera-se que o jornal tem uma possibilidade de cobrar, e cobrir, uma agenda destinada ao reforço e ao aperfeiçoamento das relações internacionais nos casos em que esteja situado em um ponto fronteiro. Desde manifestações simbólicas, como a ida de comitivas para os eventos e solenidades referentes a datas magnas de cada país e cidade, até a organização de acordos, eventos e associações voltadas para estruturar facetas do espaço fronteiro, como o comércio, o lazer, o compartilhamento de arte e de pesquisas, há muito o que fazer. Entende-se que é preciso fomentar outras dimensões menos exercitadas da integração, à guisa de uma “fisioterapia da convivência”.

### *3. Firmar laços de cooperação com os veículos de comunicação da cidade vizinha*

É preciso que esses laços de cooperação respeitem determinados limites, que podem ser abertamente negociados entre as empresas de comunicação e os mercados de anunciantes locais. Como ocorreu no relato de Roque Andres, por vezes a venda de publicidade para estabelecimentos da cidade vizinha pode provocar entraves e mal-entendidos.

Há diversos fatos que evocam essas oportunidades de cooperação, além das pautas citadas no item 1. Por exemplo, ambas as cidades são afetadas pelas cheias do rio Uruguai, provocadas em importante parte pela gestão das represas instaladas rio acima. Que pontos são mais comumente atingidos pelas águas? Como cada cidade reage e se prepara para enfrentar essas situações recorrentes? Há vantagem em uma organização conjunta de preparativos? Que experiências os poderes públicos, suas redes de defesa civil e demais instâncias (ONGs, moradores) podem trocar em prol de melhoria da capacidade de enfrentar as cheias e de mitigar esses danos? Que composições políticas conjuntas podem pressionar os governos federais para melhorar a situação de alguma forma?

Essas pautas poderiam ser discutidas entre os veículos das duas cidades como balizas para apurações próprias e produções conjuntas, com a finalidade de levar determinados temas a serem examinados a partir das situações vividas em cada município. Isso ampliaria a noção vigente do localismo nos veículos de comunicação de um ponto fronteiriço.

Embora as pautas ambientais se prestem especialmente para esse aspecto, outros temas podem ser objeto de colaborações: lazer, turismo, segurança, demandas coletivas, as condições da própria travessia pelo rio Uruguai.

#### 5.4.3 Observações sobre as propostas

Essas ideias de cooperação e integração a partir das empresas de mídia podem parecer irreais, impossíveis, matéria de sonho. Houve um tempo em que a

Ponte Internacional da Integração também foi um sonho. Como se espera que os veículos jornalísticos possam alterar as relações entre as comunidades fronteiriças, aproximar e reunir instituições e associações de dois países?

Trata-se de compreender, no âmbito da proposta da construção da notícia, conforme Alsina (2005), que a imprensa contribui para a percepção da realidade com o seu noticiário e outros conteúdos, como as informações de serviço e as opiniões, por exemplo. Concebem-se essas propostas mais como um incentivo à sementeira de ideias enquanto ação participativa do jornal na busca de soluções para os temas de relevância da comunidade, papel que a imprensa interiorana em geral tende a assumir (DORNELLES, 2004).

Seria cobrar demais de empresas que, em diversos casos, mantêm suas operações com pequenos lucros ou mesmo com prejuízos, em um momento histórico de crise do modelo tradicional do negócio, que realizem esforços imensos e investimentos acima de sua capacidade apenas para que se satisfaça um interesse intelectual. As ideias antes sugeridas buscam claramente que a empresa jornalística, sem perder de vista sua sobrevivência, altere o seu modo de funcionamento, investindo quando e o quanto puder, e forme alianças, em especial com as universidades e seus cursos de Jornalismo e Comunicação Social, sem prejuízo de parcerias com outros ramos do saber.

Cada espaço (sempre no sentido que Certeau deu ao termo), em sua própria construção, detém riquezas e potenciais, e não apenas problemas. Nos casos das empresas jornalísticas que estão próximas geograficamente de cursos superiores de Jornalismo, a oportunidade de firmar parcerias deve ser vista não como um meio de obter mão de obra, e sim como o acesso a novos saberes a respeito de sua área de atuação, e a chance de trocar experiências. Isso é também, como já se disse, um convite extensivo aos comunicólogos para que, dentro dos limites éticos e profissionais, busquem esse contato com o mercado de trabalho. Dentre outros possíveis resultados, essa aproximação abrirá mais vagas de estágio para os estudantes, o que é uma necessidade premente, e fomenta o aperfeiçoamento, o experimento e a inovação da imprensa interiorana.

Finalmente, essas sugestões são algo genéricas porque cada empresa dedicada ao jornalismo é um caso específico, e também porque a base de informações a partir das quais essas ideias tomaram forma não contém dados detalhados de cada

jornal, emissora de rádio e televisão ou site que estejam sediados na linha ou na faixa de fronteira. O intuito é que essas propostas possam servir como um retorno diferente para as empresas jornalísticas, muitas vezes estudadas e criticadas sem que se aponte ao menos como corrigir seus problemas, e sem que ocorra um diálogo proveitoso, que devolva conhecimento útil. Ainda que genéricas, as sugestões são apresentadas de boa-fé, na intenção de exercitar, por parte do autor, a disposição de oferecer um retorno útil à imprensa em retribuição aos dados e acessos concedidos, e de buscar soluções, ou ao menos propor os caminhos até elas, como prática de pesquisador.

## 5.5 Considerações finais

Ao propor esta pesquisa, uma curiosidade inicial estava balizada pelas leituras sobre os relatos da ambivalente *hermandad* entre argentinos e brasileiros, como Jacks, Machado e Müller (2004) demonstraram no estudo de notícias sobre o veraneio dos vizinhos nas praias catarinenses. Embora com pouca definição sobre os temas, o olhar focalizado nas diferenças orientou o projeto inicial.

Com o decorrer do percurso pelas aulas, com as leituras sobre o tema fronteira e com as orientações recebidas, a curiosidade foi se transformando em perguntas mais e mais claras. A fronteira, para a qual se lançava o olhar em busca da diferença, passava a mostrar as nuances da similaridade, da familiaridade. Ao mesmo tempo em que a fronteira entre Argentina e Brasil se mostrava um espaço capaz de conter o encontro entre nacionalidades diversas, matizadas pela convivência e pelas mesclas culturais, passou-se a perceber como os centros decisórios dos dois países mantêm uma similaridade entre si: a tendência ao descaso para com essas regiões. Esse desprezo está manifesto na cobertura jornalística metropolitana, que reserva às fronteiras os problemas do crime, da violência e da pobreza e os atrativos flutuantes do câmbio, e nas políticas nacionais, tendentes a conservar as regiões limítrofes abaixo de normas restritivas nascidas nos regimes militares. Talvez a fronteira seja pouco valorizada pelas metrópoles porque, além de próxima de outros países, é interiorana, pouco desenvolvida. É um ciclo que possivelmente esteja a caminho

de se romper. Ao menos, é o que se espera com base nos estudos da Comunicação Social.

Da gama de leituras sobre os processos comunicacionais e veículos atuantes nas áreas fronteiriças, um ponto relativamente subjacente passou a se destacar: as relações que poderiam estar presentes nas notícias que tratassem das localidades enquanto limítrofes dos territórios nacionais. Como Grimson (2002) aponta, o atravessamento da fronteira é o momento de vivência não só de uma nova cultura, de um novo idioma, mas também de um novo modo de viver, sob as regras de um outro Estado nacional. Há o contato com o cidadão de outro país, com a economia do outro lado da aduana, com as autoridades investidas do poder de polícia. A travessia do limite convencionalizado entre os territórios nacionais envolve diversos contatos, marcas de relações estipuladas entre pessoas, instituições, países, desde o comércio para fins domésticos até a cooperação, a negociação, a disputa e as políticas de relações exteriores.

Isso originou a concepção do status relacional fronteiriço enquanto um indicador dessa multiplicidade de contatos que as cidades nas bordas dos países oferecem. Indo além do interesse em saber como os jornais “registraram” opiniões sobre os vizinhos de outro país, o uso desse conceito buscou aumentar o entendimento dos posicionamentos que transpiram dos textos jornalísticos. Abrangendo desde o eixo “doméstico”, por assim dizer, quando se trata dos contatos entre pessoas e instituições dos dois municípios, até a dimensão internacional, foi possível vislumbrar como cada jornal relatou essas modificações na travessia. Parafraseando Alsina (2005), o status relacional fronteiriço ajudou a ver um aspecto dos “mundos possíveis” que o *Folha de São Borja* e o *Unión* expuseram aos seus leitores quando cobriram a abertura dos portos em 1982 e a ponte internacional em 1997. Pode-se aprimorar o conceito, por certo, mas em sua fórmula atual, medir o status relacional a partir de jornais dos municípios ajudou a expor as modulações na visão que cada periódico escolheu para narrar as mudanças na travessia do rio Uruguai.

Naturalmente, não se pretende com isso afirmar qualquer posicionamento das comunidades. Os objetos selecionados para esta análise se prestam antes para mostrar e inferir o modo como essas relações foram referidas na imprensa dos municípios de São Borja e de Santo Tomé em dois períodos históricos de alteração nos meios de realizar a travessia. Isso permitiu estabelecer inferências acerca de como

a imprensa de cada município noticiou as obras, e também sobre que outros aspectos da mudança foram destacados.

Em um movimento paralelo, também se coletaram dados sobre os dois jornais, de modo a estabelecer um histórico, ainda que breve, dos dois veículos e de suas produções, enquanto jornais interioranos circulantes em cidades fronteiriças. O estudo revelou algo das diferenças de condições de trabalho em cada periódico, o que também influenciou na escolha das táticas empregadas para dar conta da missão de informar suas audiências. Enquanto o jornal *Unión*, em termos de porte, era quase um empreendimento solitário, obteve leitores e anunciantes brasileiros. Com isso, acabou por desenvolver um olhar mais pessoal e voltado para a ligação entre as duas cidades fronteiriças. O jornal *Folha de São Borja*, sem ingressar no cenário de Santo Tomé, constituiu uma forma de observar os adventos das balsas e da ponte em que se enfatiza o potencial de desenvolvimento que a cidade pode realizar em cada momento. O periódico gaúcho valoriza a confraternização a partir do viés da integração entre Argentina e Brasil com maior intensidade.

Algumas observações, portanto, devem ser apresentadas a partir do cruzamento das informações obtidas por meio de entrevistas com os editores dos jornais e dos resultados da Análise de Conteúdo. Notou-se que a cobertura acerca da mudança na travessia se mostra diferente entre os dois jornais na razão direta da circulação de cada veículo no espaço fronteiriço. A dimensão da empresa jornalística parece menos relevante para determinar essa circulação do que a dinâmica de produção adotada. A visão mais variada sobre as vantagens culturais e econômicas com a mudança de travessia e o foco mais dirigido ao relacionamento entre os municípios vizinhos no jornal *Unión*, em relação ao jornal *Folha de São Borja*, estão conectados com o êxito que o editor Carlos Zapata obteve em captar leitores e anunciantes em São Borja, e também com o fato de o quinzenal argentino ter sido impresso no Brasil durante muitos anos.

Ao seu turno, o jornal *Folha de São Borja* tende a destacar os aspectos econômicos que interessam à cidade e a enfatizar as relações entre Brasil e Argentina. Isso não parece ocorrer por desinteresse, mas pela natureza de sua ligação com a sua área de abrangência comercial e de audiência, coincidente com o município no

qual circula. A ligação editorial intensa que o jornal interiorano tem com sua comunidade (seja do tamanho de uma pequena cidade ou uma microrregião) diz também respeito ao alcance e ao volume de seus negócios. Sem o mesmo êxito do *Unión* para chegar ao mercado de leitores e anunciantes de Santo Tomé, o periódico brasileiro optou por fortalecer sua conexão com os interesses da cidade gaúcha.

O entendimento do autor é de que o tipo de conurbação, o histórico de relações internacionais entre as cidades e a inclinação ou decisão editorial podem contribuir para definir o grau de atenção concedido a uma cidade fronteiriça vizinha. A concepção do que importa ao local, ou se a noção de “local” inclui o povoamento vizinho em alguns assuntos, pode variar de uma redação a outra, assim como de um gabinete de prefeito a outro.

Um segundo ponto de reflexão, por seu turno, refere-se justamente à diferença de porte dos dois jornais, no que se recupera o papel dos critérios organizacionais na definição da notícia possível, como apontado por Guerra (2014). Um resultado que não se esperava, a inserção do jornal *Unión* no cenário são-borjense, ainda que em quantidade pequena, e a captação de publicidade de firmas brasileiras por um empreendimento jornalístico de pequeno porte, chamou a atenção por evidenciar que o porte empresarial certamente afeta a seleção noticiosa, mas as táticas usadas para ampliar a circulação e aproveitar a porosidade da fronteira também influíram no tratamento. Em termos de periodicidade, o jornal *Folha de São Borja* tinha mais chances de explorar a atualidade, o frescor de certos acontecimentos, ao passo que o *Unión* tinha de adotar uma lógica produtiva mais lenta, facilitando por vezes a reflexão e a expressão de análises e opiniões sobre temas em voga em Santo Tomé.

Empregando os tipos-ideais de imprensa interiorana de Bueno (2013), como visto anteriormente, percebe-se o *Unión* mais próximo do tipo-ideal de “jornal quase artesanal”, uma vez que Zapata acumulava diversas funções, contando com a ajuda da família e, mais tarde, de pessoas encarregadas da digitação e diagramação. O jornal quinzenal era o seu meio de obter receitas, além de realização profissional. Já o *Folha de São Borja* se aproxima do tipo de “imprensa local consolidada”: desde o



início estruturado com uma equipe, distribuição de trabalho, e, mais tarde, empresa componente de um grupo de comunicação, ao lado de duas emissoras de rádio.

Essa distinção entre os dois periódicos não apenas explica a diferença de representação no corpus analisado, mas também as abordagens sobre o que mudaria para as cidades com a abertura dos portos e, principalmente, com a ponte internacional. O jornal argentino, operação de menor porte e com periodicidade mais espaçada, contava com mais tempo para o preparo das edições e registrou os acontecimentos com tom mais autoral e reflexivo. Porém, dispunha de menos recursos produtivos próprios, e a periodicidade quinzenal lhe impôs escolhas no tratamento de fatos de alta relevância para a comunidade.

Já o bissemanal gaúcho replica em sua equipe (guardadas sempre as proporções) algumas lógicas de produção de jornais grandes, como um rol de colaboradores fixos, distribuição de tarefas especializadas e influências de jornais de referência na edição de seus textos, o que conferiu a eles um padrão impessoal. Sua estrutura permitiu a produção planejada de materiais suplementares às edições, lançando mão de seu próprio arquivo como base de informações para registrar os principais momentos da construção da ponte.

Essa retomada das diferenças entre jornais dos dois lados de uma fronteira é uma estratégia útil para ajudar a entender determinados aspectos do noticiário que produzem sobre o cotidiano ou, como no caso desta pesquisa, acerca das grandes alterações na vida das comunidades em regiões limítrofes do território nacional.

O fato de que se estudou a produção noticiosa em períodos prévios à presença atual da Internet comercial no Brasil deve servir para lembrar que os fluxos informacionais se tornaram mais complexos, mas que talvez algumas barreiras ainda afetem a circulação midiática nos espaços fronteiriços. A organização dos negócios da empresa jornalística pode ser uma delas; o modo como cada comunidade vive a relação com o povoamento vizinho pode ser outro obstáculo; talvez o idioma seja o menor dos problemas. Mentalidade comunal, espacialidade, imaginário: esses conceitos abordam, por vieses diferentes, o fato de que há fatores que conformam estrategicamente o viver em um espaço determinado, e de que se pode agir nesse cenário de forma tática. No caso da fronteira São Borja-Santo Tomé, pode-se dizer que o “mundo possível” de cada jornal no que tange às mudanças na travessia do

rio Uruguai se ajustou ao escopo dos negócios que cada empresa firmou. Isso levou a distintas dinâmicas produtivas, e parece ter origem em percepções singulares sobre o espaço fronteiriço.

Os relatos sobre as mudanças na travessia se distinguiram conforme o jornal e também de acordo com a dimensão da mudança. A abertura dos portos de São Borja e de Santo Tomé para exportação e importação entre si, em 1982, parece ter significado inicialmente um fato estritamente econômico-comercial, facilitando o transporte de cargas entre a Argentina e o Brasil, pelo que se depreende das notícias publicadas nos jornais analisados. A dimensão desse processo em termos de obras físicas demandou um trabalho mais rápido e menos dispendioso, e em se tratando da preparação burocrática foi mais ágil, quando se compara a abertura dos portos aos preparativos e investimentos direcionados à construção da Ponte Internacional. Essa diferença se refletiu ao longo dos períodos selecionados, indicando o vivo interesse que as comunidades vizinhas alimentavam pela instalação de uma via sólida sobre o rio Uruguai.

O desejo pelo aperfeiçoamento da forma de atravessar a fronteira, por mais que os aspectos do comércio, da circulação de dinheiro e de bens e do prestígio político dos que se empenham na concretização da ponte transpareçam nas narrativas, é alicerçado na convivência secular dos povoamentos e ganha impulso em tempos de aceleração do processo globalizante. É compreensível, em se falando do Brasil, que a obra tão prometida tenha sido viabilizada sob governos estadual e federal que, sem oferecer juízo de valor, se caracterizaram pelo ímpeto de favorecer a inserção de suas áreas de abrangência no circuito de intensificação das trocas e fluxos comerciais.

É ainda mais compreensível que essa dimensão mais ampla, da relevância que a Ponte da Integração entre São Borja e Santo Tomé tem para além da circulação de bens dentro do Mercosul, tenha sido pouco explorada em sua complexidade pelos dois jornais. Como jornais interioranos, seus focos estiveram voltados para o interesse de suas audiências, para informar seus públicos sobre essas mudanças, com as já bem discutidas dificuldades nas rotinas produtivas e em contato direto com autoridades e lideranças dos municípios. Deriva dessa condição, de jornais fortemente vinculados aos acontecimentos locais e de intensos vínculos com instituições da cidade, a alta presença de fontes oficiais como origens das novidades, os que

vão contar e opinar sobre o que se passa. São pessoas que, ocupando cargos eletivos ou delegados, e pela posição de liderança em instâncias ou em processos em andamento, detêm os dados relativos a obras, trâmites e reuniões. Ao passo que a consulta a essas fontes facilita o registro dos fatos ao longo de uma cobertura, esse acesso pode se tornar preferencial e inibir a busca de outros pontos de vista. As condições de trabalho de equipes pequenas levam a essas escolhas que matizam a prática jornalística desses periódicos.

É necessário, também, compreender que a melhora na economia local é um fator de alta relevância em cidades pouco desenvolvidas, penalizadas por suas posições nos territórios nacionais. O predomínio dessa dimensão da vida em sociedade sobre as manifestações ligadas à conexão cultural é, no entendimento do autor, um reflexo do grau de restrições e baixo desenvolvimento econômico desses municípios. E, se as demandas por empregos, investimentos e oportunidades são destacadas na comunidade, por certo que o jornal local vai priorizar esses temas, talvez até os promovendo à categoria de “lentes” com as quais irá perceber o “mundo de referência” (ALSINA, 2005).

Essa constatação acerca da imprensa de interior é relevante para entender como os jornais *Folha de São Borja* e *Unión* falaram a respeito das balsas e da ponte, com que elementos construíram suas narrativas sobre as travessias e seus impactos na espacialidade fronteiriça. Até hoje, por exemplo, o jornal gaúcho publica os registros periódicos da passagem de bens e pessoas pela aduana. Os números permitem saber se houve aumento ou redução de veranistas, de cargas importadas e exportadas, mas pouco permitem inferir sobre outros tipos de trocas, como as culturais e mesmo afetivas, familiares. Há uma fatia do cotidiano, da ocupação e circulação táctica pelo espaço, que não é vista pelos jornais em geral. Ao mesmo tempo, a imprensa do interior pode se alimentar do imaginário da comunidade que atende, buscando no reservatório de sentidos e memórias o material para entender determinados acontecimentos, e, conseqüentemente, realimentar o imaginário com mais sentidos. Porém, a imprensa só consegue agregar novos elementos ao reservatório do imaginário na exata medida da combinação entre sua capacidade produtiva, seu direcionamento intelectual e sua circulação no espaço, ao longo do tempo. Em termos

de fronteira, essa circulação envolve atravessar ou não o limite dos territórios municipais e nacionais, contatar ou não o estrangeiro, experimentar a alteridade fronteiriça, enfim.

A indicação do status relacional fronteiriço na produção analisada aponta para tendências gerais de valorização da convivência com a cidade vizinha e de iniciativas que visem à integração. É notável que há poucos casos que sugerem o distanciamento entre fronteiriços e entre os países. O caso da disputa pelo nome da ponte internacional faz lembrar que a história da formação dos territórios nacionais na América do Sul, em especial no que se refere ao espaço brasileiro, pode conter diversos episódios delicados que cada povo interpreta à sua maneira. Cada povoamento fronteiriço tem o seu passado na relação com o outro, o povo vizinho. Essa memória eventualmente vem à tona durante movimentos de aproximação ou de distanciamento, e pode ser captada pelo noticiário local. O mesmo parece ocorrer com o relacionamento entre a cidade de fronteira e os centros estaduais e federais de governo. Na análise dos indicadores desse tipo de relacionamento, as insatisfações dos fronteiriços apareceram mais em relação com os seus respectivos governos do que entre si. Há, repete-se, a valorização dessa proximidade e, por vezes, a crítica contra a autoridade distante, que é capaz de normatizar uma parte tão relevante do cotidiano das áreas contíguas dos países – a travessia – e de frequentemente ignorar os interesses dos moradores desses espaços.

Os baixos números das tiragens dos dois jornais, mesmo se consideradas as dimensões de cada população, indicam a situação socioeconômica das duas cidades e respectivas regiões. Esses números também fazem supor que os públicos que consomem as notícias contêm as lideranças locais e uma fatia pequena do total de leitores de cada município, sugerindo que a publicidade agrega a maior parte da receita desses veículos. Historicamente, o *Unión* teve menos acesso a recursos de publicidade legal e institucional que o *Folha de São Borja*. A proximidade e a facilidade de contato entre o proprietário do jornal, o leitor ou assinante e as pessoas dotadas de algum tipo de autoridade em um cenário exíguo como o das cidades interioranas (DORNELLES, 2004) tornam mais difícil escapar da atenção dedicada ao poder público e às associações da iniciativa privada, e o advento das assessorias de comunicação, ao ampliar a quantidade de informações disponíveis, aumenta a

presença de fontes e notícias oriundas de prefeituras, câmaras de vereadores, associações empresariais e sindicatos rurais, entre outras lideranças presentes em cada localidade.

Essa seleção de pontos de vista e de fontes, aliada à percepção de que os registros feitos pela imprensa devem ser lidos apenas como indicadores de como os jornais contribuíram para as discussões de assuntos em um dado momento e espaço (DARNTON, 2010), sugere cuidado na leitura dos dados e fomenta ideias sobre como contribuir para enriquecer a forma como a imprensa interiorana e fronteiriça olha para sua área de abrangência. Tais ideias foram discutidas ao longo das seções 6.4.1 e 6.4.2 como uma forma de contribuir, ainda que de maneira singela, para a reflexão e ação por parte da imprensa interiorana situada nas fronteiras.

**Tabela 2 – Síntese dos achados**

<b>INDICADORES</b>	<b>FOLHA DE SÃO BORJA</b>	<b>UNIÓN</b>
<b>Quanto aos critérios organizacionais</b>	<p>Principal limitador é a capacidade produtiva, com uma equipe organizada em funções distintas, porém em quantidade exígua. A periodicidade bissetimanal faz com que alguns assuntos candentes tenham de ser tratados na edição seguinte.</p> <p>Postura empresarial não obteve êxito na circulação na cidade vizinha, motivo pelo qual optou por fortalecer a cobertura na cidade de São Borja.</p> <p>Durante bastante tempo, manteve gráfica própria, aumentando a flexibilidade de produção e também os custos.</p> <p>Bastante intensa a dependência do mercado local de anunciantes, em face das baixas tiragens.</p>	<p>Principais limitadores foram a estrutura produtiva, na maior parte do tempo reduzida a uma pessoa, e a periodicidade quinzenal. O tempo entre uma edição e outra, embora concedesse mais tempo de produção, teve na capacidade produtiva o seu contrapeso. Postura empresarial levou ao contato comercial com empresas e leitores brasileiros, o que gerou outra fonte de cuidados na produção e veiculação de conteúdo.</p> <p>Decisão de não investir em equipamento próprio de impressão controlou a flexibilidade dos horários de produção e o aumento dos custos. Baixas tiragens e poucos assinantes aumentaram a ligação com o mercado anunciante.</p>
<b>Quanto aos valores-notícia encontrados</b>	Grande atenção a fontes oficiais (protagonismo governamental e de lideranças), e re-	Grande atenção a fontes oficiais (protagonismo governamental e

INDICADORES	FOLHA DE SÃO BORJA	UNIÓN
	<p>duzida presença de outras fontes de informações nos textos; ênfase nos aspectos de potencial de desenvolvimento econômico da cidade, na atuação de lideranças em prol dos adventos; leve desequilíbrio entre a proximidade geográfica e a cultural, com vantagem para a proximidade geográfica.</p>	<p>de lideranças), e reduzida presença de outras fontes de informações nos textos. Ênfase na proximidade cultural, menos atenção ao desenvolvimento econômico da cidade de Santo Tomé. Mais atenção a valores-notícia como “conhecimento”, “raridade”.</p>
<p><b>Quanto aos tipos-ideais de imprensa interiorana</b></p>	<p>Enquadramento próximo ao tipo-ideal “imprensa local consolidada”, devido à estrutura produtiva, ao pertencimento a um grupo empresarial de comunicação, à abrangência municipal, à periodicidade bissemanal.</p>	<p>Enquadramento próximo ao tipo-ideal “imprensa quase artesanal”, devido à exígua estrutura produtiva, à periodicidade espaçada (quinzenal), à simplicidade operacional. Destoa um pouco por sua abrangência extrapolar por vezes o município de Santo Tomé.</p>
<p><b>Quanto ao status relacional fronteiriço</b></p>	<p>Tendência favorável à integração; ênfase no aspecto de ponto de integração entre Brasil e Argentina, em número levemente superior ao da integração entre povos fronteiriços. Nota-se pequena quantidade de críticas aos centros de decisão (distanciamento fronteira/centro) quando comparada aos indícios de boa relação fronteira/centro.</p>	<p>Tendência favorável à integração; ênfase no aspecto de ponto de integração entre as comunidades fronteiriças, em índice superior ao da integração entre Brasil e Argentina. Maior quantidade de críticas aos centros de decisão (distanciamento fronteira/centro) comparada ao número de indícios de boa relação (integração fronteira/centro).</p>
<p><b>Quanto à circulação no espaço fronteiriço</b></p>	<p>Restrita, editorial e comercialmente, à cidade de São Borja. Produção sempre realizada no Brasil. O local considerado em termos editoriais e comerciais é o município de São Borja. Tentativas de expansão foram frustradas por questões administrativas (âmbito nacional incidindo na realidade local) e receio do mercado de anunciantes de São Borja quanto à publicidade de empresas de Santo Tomé na imprensa local.</p>	<p>Venda de assinaturas e publicidades, impressão dos exemplares no Brasil durante vários anos; publicações de notícias a respeito de São Borja. O local considerado extrapolou, editorial e comercialmente, o município de Santo Tomé, abrangendo a cidade de São Borja conforme a pertinência editorial e aproveitando o interesse comercial. As notícias de Santo Tomé eram o ativo para leitores brasileiros, e a indicação de marcas para os consumidores argentinos era o</p>

INDICADORES	FOLHA DE SÃO BORJA	UNIÓN
	Fatos da cidade fronteiriça podem ser notícia, desde que tenham impacto direto ou alguma função útil para a comunidade local.	objetivo dos anunciantes brasileiros.

Fonte: o autor (2016).

Certamente que em outros estudos, em outros pontos de fronteira e na análise de outros suportes comunicacionais e de outros veículos jornalísticos, se possam perceber posicionamentos diferenciados da imprensa local em relação à fronteira. É importante ter em mente, nos estudos sobre a comunicação da imprensa dessas áreas, a configuração das empresas jornalísticas; ter atenção para com o tamanho e a condução do empreendimento, além do estudo sobre a produção noticiosa, é uma medida para articular a investigação e melhorar a crítica. Em um dado ponto fronteiriço, é bastante provável que o cenário midiático local contenha veículos de propriedade de moradores locais e sucursais de redes de emissoras de abrangência regional ou mesmo nacional. Nesses casos, é lícito supor que as pressões no contato com os poderes locais, a detecção dos interesses comunais e as “lentes” adotadas em relação à fronteira serão diferentes em cada situação. Como o emprego da Hipótese do Newsmaking se destina ao estudo do emissor da notícia, é um ponto inicial de investigações que podem e devem incluir também o produto, o receptor e o contexto geral de circulação e consumo de notícias.

Retomando um pensamento manifestado no Capítulo 3 a partir de Certeau (2014), cada ponto fronteiriço é especial porque é espacial. É estruturado pelo Estado em seus diversos níveis, e consiste em um lugar habitado pelo ser humano em face da organização estratégica desse espaço. No caso das fronteiras, a alteridade se manifesta nos âmbitos interpessoal e internacional, com as trocas culturais e comerciais fazendo parte das táticas das quais o fronteiriço lança mão para viver. Essa espacialidade é também organizada, significada e alterada pelos relatos noticiosos que a imprensa distribui para a sua audiência. Recursivamente, diria Morin (2011), a mentalidade comunal tende a influir na atuação da empresa jornalística, que se organiza, conforme sua capacidade, para servir informações à sua comunidade, dentro de sua área de abrangência.

Sobre o status relacional fronteiriço, entende-se que é uma proposta conceitual apta a ser aperfeiçoada. Por exemplo, nesse estudo, ao considerar a natureza multiescalar (do municipal ao estadual, ao federal e ao internacional) e variável das relações estabelecidas a partir da fronteira, investigou-se a produção noticiosa. Que outras características, quais outras dinâmicas podem ser acrescentadas a essa definição a partir de outras pesquisas que se debrucem sobre as etapas da recepção e da circulação das informações noticiosas? Além disso, empregou-se um parâmetro pendular, em aderência à metáfora empregada pelos observadores das Relações Internacionais a respeito das interações entre a Argentina e o Brasil. Em outros contextos fronteiriços, pode haver outras dinâmicas relacionais em ação, tanto no âmbito local quanto entre as nações. É possível verificar a utilidade desse conceito em investigações de outros cortes sobre a comunicação na fronteira e a partir dela.

Cabe ressaltar que o autor não crê que somente a movimentação da imprensa de fronteira em prol de mudanças na forma de tratar questões próprias da convivência seja capaz de realizar essas transformações, nem que a imprensa consiga definir claramente o que precisa ser transformado e como fazê-lo. Também não se pretende que os jornais locais se transformem em jornais binacionais, embora isso seja uma ideia interessante.

Acredita-se, sim, que a imprensa interiorana e fronteiriça, portanto, na medida em que interage (ou não) com a espacialidade complexa e rica da fronteira e conforme ofereça sua versão de “mundo possível” com ou sem a alteridade do vizinho estrangeiro, pode semear e valorizar outras compreensões sobre a fronteira, ajudar a discutir temas de interesse comum, abrir novas perspectivas para a sua atuação e criar um olhar próprio e mais complexo sobre o espaço que se dispõe a cobrir.



## REFERÊNCIAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 2005.

ANDRES, Roque Auri. **Histórico do Jornal Folha de São Borja** [20 set. 2016]. Entrevistador: Heleno Rocha Nazário. São Borja, Rio Grande do Sul, Brasil.

ASSIS, Francisco de. (Org.). **Imprensa do Interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, José d'Assunção. História, Região e Espacialidade. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 95-129, Verão, 2005.

BELDA, Francisco Rolfsen. Ações comerciais estratégicas para jornais do interior. **Observatório da Imprensa**, edição 816, 16 set. 2014. Disponível em: <[http://observatoriodaimprensa.com.br/grande-pequena-imprensa/\\_ed816\\_acoes\\_comerciais\\_estrategicas\\_para\\_jornais\\_do\\_interior/](http://observatoriodaimprensa.com.br/grande-pequena-imprensa/_ed816_acoes_comerciais_estrategicas_para_jornais_do_interior/)>. Acesso em: 7 dez. 2016.

BELTRÃO, Luiz. O Jornalismo interiorano a serviço das comunidades. In: ASSIS, Francisco de. (Org.). **Imprensa do Interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013. p. 23-43.

BRANDALISE, Roberta. A representação positiva do Uruguai e a reafirmação do estereótipo da amizade uruguaio-brasileira no telejornalismo e no imaginário fronteiriço. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2015a. Disponível em: <[http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/indiceautor.htm#R/Brandalise\\_Intercom\\_2015](http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/indiceautor.htm#R/Brandalise_Intercom_2015)>. Acesso em: 12 maio 2016.

BRANDALISE, Roberta. As relações interculturais da fronteira Argentina-Brasil mediadas pelo consumo da televisão brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2015b. Disponível em: <[http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/indiceautor.htm#R/BRANDALISE\\_COLÓQUIO\\_BR\\_AR\\_2015-MT/](http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/indiceautor.htm#R/BRANDALISE_COLÓQUIO_BR_AR_2015-MT/)>. Acesso em: 12 maio 2016.

BRANDALISE, Roberta. Comunicação e diversidade cultural na fronteira Brasil-Argentina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1918-1.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2015.

BRANDALISE, Roberta. Diversidade cultural e apropriação de bens simbólicos na

fronteira Brasil-Argentina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2027-1.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2015.

BRANDALISE, Roberta. Ficção e realidade às margens do Rio Uruguai: Um olhar fronteiriço sobre A Casa das Sete Mulheres. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0018-1.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2015.

BRANDALISE, Roberta. Futebol e Rivalidade na Fronteira Brasil-Argentina: Pelé e Maradona na Televisão Brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012a, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0094-1.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2015.

BRANDALISE, Roberta. Futebol, Memória e o Estereótipo da “Fronteira da Paz”: Brasileiros, Uruguaios e a Final Copa de 50 na Televisão Brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2012b. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0094-2.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2015.

BRANDALISE, Roberta. Gaúchos e gauchos: um pampa, duas nações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2002. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002\\_Anais/2002\\_COMUNICA-COES\\_BRANDALISE.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_COMUNICA-COES_BRANDALISE.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2015.

BRANDALISE, Roberta. Televisão brasileira nas fronteiras paraguaio-brasileira, argentino-brasileira e uruguaio-brasileira: identidade e diferença, aproximação e distanciamento ou colaboração e conflito entre povos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37., 2014, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2188-1.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2016.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo do interior: conceitos e preconceitos. In: ASSIS, Francisco de (org.). **Imprensa do Interior: conceitos e contextos**. Chapecó, SC: Argos, 2013. p. 45-64.

CARNEIRO, Elenise de Oliveira; RADDATZ, Vera Lucia Spacil. “Projeto Fronteiras” recupera a memória do rádio regional. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 7., 2009, Fortaleza (CE). **Anais Eletrônicos...** Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Memoria%20do%20Radio%20Regional%20na%20Fronteira%20Noroeste%20do%20Rio.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y Poder**. Madrid: Alianza, 2009.

CEPAL. **Boletín Demográfico Nº. 75**. América Latina: Urbanización y Evolución de la Población Urbana, 1950-2000. Santiago de Chile: CELADE, 2005. Disponível em: <<http://www.cepal.org/cgi-bin/getProd.asp?xml=/publicaciones/xml/6/21806/P21806.xml&xsl=/celade/tpl/p9f.xsl&base=/tpl/top-bottom.xslt>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 22ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

COLVERO, Ronaldo Bernardino; MAURER, Rodrigo Ferreira. **Missões em Mo-  
saico: da interpretação à Prática: Um conjunto de experiências**. Porto Alegre: Faith, 2011.

CORRÊA, Gilson César Pianta; OLIVEIRA, Tatiana Souto Maior de. Cooperação política entre cidades nas fronteiras do Mercosul. **Revista Organização Sistêmica**, v. 1, n. 1, p. 64-88, jan.-jun. 2012.

DARNTON, Robert. **A Questão dos Livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DORNELLES, Beatriz Corrêa Pires. **Jornalismo Comunitário em Cidades do Interior: uma radiografia das empresas jornalísticas**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2004.

DORNELLES, Beatriz Corrêa Pires. O Futuro do Jornalismo nas cidades do Interior. In: ASSIS, Francisco de. (Org.). **Imprensa do Interior: conceitos e contextos**. Chapecó, SC: Argos, 2013. p. 67-85.

DORNELLES, Beatriz Corrêa Pires. O Localismo nos jornais de interior. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 237-243, set.-dez. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/8191/5880>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

DORNELLES, Beatriz Corrêa Pires; MODENA, Sandra. Critérios de noticiabilidade distorcem a realidade de bairros que recebem cobertura da imprensa diária. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 14, n. 33, p. 97-105, ago. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3440/2702>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

EMERIM, Cárilda; OLIVEIRA, Gabriella Souza de; SOLARES, Márcia Martins. Percursos históricos e modos de produção: uma análise sobre a emissora TV Uruguai-ana no Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8., 2011, Guarapuava (PR). **Anais Eletrônicos...** Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/8o-encontro-2011-1/artigos/Percursos%20historicos%20e%20modos%20de%20producao%20uma%20analise%20sobre%20a%20emissora%20TV%20Uruguai-ana%20no%20Rio%20Grande%20do%20Sul.pdf/view>>. Acesso em 31 mar. 2015.

EMERIM, Cárilda; PIPPI, Joseline. (Org.). **Memórias sobre a Imprensa em São Borja**. Santa Maria: UFSM, Pró-Reitoria de Graduação, 2007.

FERNANDES, Mário Luiz. A proximidade como valor-notícia na imprensa do interior In: ASSIS, Francisco de. (Org.). **Imprensa do Interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013. p. 103-136.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. **A Vila de “São Francisco de Borja das Missões” (1834-1887): elementos da história e da geopolítica na formação dos limites meridionais do Brasil**. Santa Maria: UFSM, 2012.

FRESINGHELLI, Daiane; RIBEIRO, Mara Regina Rodrigues. O golpe da publicidade: as marcas discursivas da ideologia autoritária. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 7., 2009, Fortaleza (CE). **Anais Eletrônicos...** Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontrosnacionais/7o-encontro-2009-1/O%20golpe%20da%20publicidade.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo Lins. (Orgs.). **Argentinos e Brasileiros - Encontros, Imagens e Estereótipos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. The Structure of Foreign News. **Journal of Peace Research**, v. 2, n. 1, p. 64-91, ago. 1965. Disponível em: <[http://www.formazione.unimib.it/DATA/Insegnamenti/10\\_2226/materiale/aa\\_2014-2015\\_galtung-ruge-newsvalues.pdf](http://www.formazione.unimib.it/DATA/Insegnamenti/10_2226/materiale/aa_2014-2015_galtung-ruge-newsvalues.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2015.

GRANATO, Leonardo. As Relações Bilaterais Argentino-brasileiras no Quadro da Integração Regional: de um Quadro de Rivalidade ao Despertar de uma Efetiva Cooperação. **Revista Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, v. 1, n. 2, 69-95, ago.-dez. 2012.

GRIMBERG, Daniela de Seixas. **Territorialidades da imprensa: estudo da noticiabilidade sobre as fronteiras sul-rio-grandenses em veículos de diferentes escalas de circulação**. 2014. 179f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10923/5890>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

GRIMSON, Alejandro. Vivências do Estado como alteridade: imagens cruzadas na fronteira argentino-brasileira. In: FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo Lins. (Org.). **Argentinos e Brasileiros - Encontros, Imagens e Estereótipos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUERRA, Josenildo Luiz. Uma discussão sobre o conceito de valor-notícia. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. (Org.). **Crítérios de Noticiabilidade: Problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 39-50.

HILTON, James. **Horizonte Perdido**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HOHLFELDT, Antônio. Hipóteses Contemporâneas de Pesquisa em Comunicação. In: HOHLFELDT, Antônio; FRANÇA, Vera Veiga; MARTINO, Luiz C. (Org.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 187-240.

IBGE. Nota Técnica: Estimativas da População dos Municípios Brasileiros com data de Referência em 1º de Julho de 2014. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/pdf/analise\\_estimativas\\_2014.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/pdf/analise_estimativas_2014.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2016.

JACKS, Nilda; MACHADO, Márcia Benetti; MÜLLER, Karla Maria. **Hermanos, pero no mucho**. El periodismo narra la paradoja de la fraternidad y rivalidad entre Brasil y Argentina. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

JACKS, Nilda; MÜLLER, Karla; MACHADO, Márcia Benetti. Os argentinos “invadem” o Brasil: a representação dos “hermanos” no discurso jornalístico sulino. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2JACKS.PDF>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

LISBOA FILHO, Flavi Ferreira et al. Resgate da História da Publicidade e Propaganda na Região de São Borja – RS. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 6, 2008, Niterói (RJ). **Anais Eletrônicos...** Porto Alegre: UFRGS. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontrosnacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Resgate%20da%20Historia%20da%20Publicidade%20e%20Propaganda%20na%20Regiao%20de%20Sao.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros Jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. (Org.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 23-41.

MORIN, Edgar. **O Método 4**: as ideias: habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MÜLLER, Karla Maria. A participação dos jornais fronteiriços no processo de integração latino-americano. **E-Compós**. São Paulo, v. 8, abr., 2007. Disponível em <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/150/151>>. Acesso em: 07 abr.2015.

MÜLLER, Karla Maria. Cenários para pensar a comunicação fronteiriça: Uruguiana-Libres e Livramento-Rivera. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2001. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/COLOQUIO\\_MULLER.PDF](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/COLOQUIO_MULLER.PDF)>. Acesso em: 13 jan. 2016.

MÜLLER, Karla Maria. Entrelaçamentos entre mídia local, identidade e cultura fronteiriça. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2003a. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP02\\_muller.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP02_muller.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2015.

MÜLLER, Karla Maria. Inserções de Árabes-Palestinos na Fronteira e na mídia impressa local. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2004. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/resumos/R0421-1.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015.

MÜLLER, Karla Maria. Mídia e Fronteira: jornais locais em Uruguaiana-Libres e Livramento-Rivera. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2003b. Disponível em: <<http://www.midiaefronteira.com.br/tese/conc.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2015

MÜLLER, Karla Maria. Mídia Local Fronteiriça. In: RADDATZ, Vera Lúcia Spacil; MÜLLER, Karla Maria. **Comunicação, Cultura e Fronteiras**. Ijuí: Unijuí, 2015. p. 117-138.

MÜLLER, Karla Maria. Práticas Comunicacionais em Espaços de Fronteira: Os casos do Brasil-Argentina e Brasil-Uruguai. In: MARTINS, Maria Helena. (Org.). **Fronteiras Culturais: Brasil-Argentina-Uruguai**. Porto Alegre: Ateliê Editorial, 2002.

MÜLLER, Karla Maria. Relações socioculturais na linguagem da mídia de fronteira: Ponta Porã/Brasil-Pedro Juan Caballero/Paraguai. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0704-2.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

MÜLLER, Karla Maria; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado. Identificação de elementos da cultura e da identidade apresentados pela mídia impressa na região de fronteira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0727-1.pdf>>. Acesso em: 2 jan.2016.

MÜLLER, Karla Maria; RADDATZ, Vera Lúcia Spacil. Práticas socioculturais em Uruguaiana-Libres: marcas da integração no espaço binacional. In: HAUSSEN, Doris Fagundes; CIMADEVILLA, Gustavo; MORAIS, Osvando. (Org.). **A Comunicação no Mercado Digital: 1º Colóquio Brasil-Argentina**. 1. ed. São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/dc279caa429f681e52af50c1584d4c75.pdf>> Acesso em: 6 fev. 2015.

NAZÁRIO, Heleno Rocha. Caracterização de estudos sobre mídia de fronteira Brasil e Argentina nos Encontros Nacionais de História da Mídia. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto

Alegre: UFRGS, 2015. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-do-jornalismo/caracterizacao-de-estudos-sobre-midia-de-fronteira-brasil-e-argentina-nos-encontros-nacional-de-historia-da-midia/at\\_download/file](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-do-jornalismo/caracterizacao-de-estudos-sobre-midia-de-fronteira-brasil-e-argentina-nos-encontros-nacional-de-historia-da-midia/at_download/file)>. Acesso em: 13 dez. 2015.

NAZÁRIO, Heleno Rocha; HAUSSEN, Dóris Fagundes. Guerra das Malvinas (1982) nos jornais fronteiriços *Folha de São Borja* (Brasil) e *Unión* (Argentina). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/indiceautor.htm#H>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

OLIVEIRA, Verônica Macário de; MARTINS, Maria de Fátima; VASCONCELOS, Ana Cecília Feitosa. Entrevistas “em profundidade” na pesquisa qualitativa em Administração: Pistas teóricas e metodológicas. 2012. In: XV SIMPOI. **Anais eletrônicos.** São Paulo: POI - Departamento de Administração da Produção e Operações da FGV-EAESP. Disponível em: <[http://www.simpoi.fgvsp.br/arquivo/2012/artigos/E2012\\_T00259\\_PCN02976.pdf](http://www.simpoi.fgvsp.br/arquivo/2012/artigos/E2012_T00259_PCN02976.pdf)>. Acesso em: 12 maio 2016.

OTA, Daniela Cristiane. Mapeamento da mídia fronteiriça em Mato Grosso do Sul. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1778-1.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2016.

OTA, Daniela Cristiane. Representação histórica das cidades fronteiriças de Mato Grosso do Sul. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3634-1.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2016.

OTA, Daniela Cristiane; LINHARES, Gladis. Jornalismo local nas fronteiras do Brasil, Paraguai e Bolívia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2004. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/resumos/R1575-1.pdf>>. Acesso em: 4 jan.2016.

OTA, Daniela Cristiane.; RODRIGUES FILHO, Lairtes Chaves. Geografias da Comunicação na pesquisa sul-mato-grossense: fronteiras, territórios e perspectivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013, Manaus. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1285-1.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

PIPII, Joseline. Ciência & Tecnologia na Imprensa de Fronteira do RS: Reflexões sobre Discurso Noticioso e Singularidades Produtivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37., 2014, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2006-1.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

RADDATZ, Vera Lúcia Spacil. As Representações da Identidade Cultural no Rádio de Fronteira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0709-1.pdf>>. Acesso em: 7 mai. 2015.

RADDATZ, Vera Lúcia Spacil. Identidade cultural e comunicação de fronteira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/92916302868364899553507602469803936940.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2015.

RADDATZ, Vera Lúcia Spacil. Produção cultural na mídia fronteiriça Brasil-Argentina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2001, Recife. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2147-1.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2015.

RADDATZ, Vera Lúcia Spacil. **Rádio de Fronteira: da cultura local ao espaço global**. 2009. 187f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <[http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15868/000690226.pdf?sequence=1&locale=pt\\_BR](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15868/000690226.pdf?sequence=1&locale=pt_BR)>. Acesso em: 7 maio 2015.

ROMANCINI, Richard. História e Jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. (Org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007, v. 1. p. 23-47.

SANTOS, Darlan Roberto dos; CASTRO, Juliana Monteiro de. Jornalismo do Interior: Características, estigmas e seu papel na sociedade. ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro Preto. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/jornalismo-do-interior-caracteristicas-estigmas-e-seu-papel-na-sociedade>>. Acesso em: 8 maio 2015.

SCHIMIDT, André; MORAIS, Leonardo de. De margem a margem. O Infoscópio - Revista-laboratório de Jornalismo Digital III. Disponível em <<http://oinfoscopio.blogspot.com.br/2011/07/de-margem-margem.html>>. Acesso em: 24 set. 2016.

SEIBT, Micheli; SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. O surgimento da TV local e artesanal nas Terras de Fronteira do Brasil Meridional. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2., 2004, Florianópolis (SC). **Anais Eletrônicos...** Porto Alegre: UFRGS, 2004. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontrosnacionais-1/encontros-nacionais/2o-encontro-2004-1/O%20surgimento%20da%20tv%20local%20e%20artesanal%20nas%20Terras%20de%20Fronteira%20do%20Brasil%20Meridional.doc>>. Acesso em: 31 mar.



2015.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. (Org.). **Crítérios de Noticiabilidade: Problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 51-69.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado. A Espacialidade na cobertura jornalística: Mapas e percursos nas fronteiras nacionais. In CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37., 2014. Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2014a. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0034-1.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado. A malha de comunicação local-internacional do Brasil Meridional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP10\\_silveira.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP10_silveira.pdf)>. Acesso em: 9 mai. 2015.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado. Comunicação e Estado: políticas e zonas de intervalo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0005-1.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2015.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado. Fronteiras da globalização: polifonia, identidade, estado-nação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0268-2.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2015.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado. O nome do outro. Heterotopias e interações fronteiriças. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37., 2014, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2014b. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1719-1.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado. Problematizando a política de identidade: narrativas securitárias e imunização contra a diferença. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2467-1.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado. Terras de Fronteira: a variedade das estratégias de comunicação no Brasil Meridional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., Campo Grande, 2001. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP9SILVEIRA.PDF>>. Acesso em: 8 mai. 2015.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado et al. Mídia e discursividade: o concerto polifônico das fronteiras brasileiras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0686-1.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

SIMI, Gianlucca; SILVEIRA, Ada Cristina Machado. O Enquadramento Jornalístico sobre a Tríplice Fronteira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2131-1.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

VIANA, Bruno César Brito. **A imagem do Brasil na mídia impressa portuguesa**. Um estudo do caso Público e Diário de Notícias. 2014. 179f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em: <[http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/16424/1/BrunoCBV\\_DISSERT.pdf](http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/16424/1/BrunoCBV_DISSERT.pdf)>. Acesso em: 6 jun. 2015.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **A Política externa do regime militar brasileiro**. Multilateralização, desenvolvimento e construção de uma potência média (1964-1985). Porto Alegre: UFRGS, 2004.

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. 5ª ed. Lisboa: Presença, 1999.

ZAMIN, Ângela Maria; RADDATZ, Vera Lucia Spacil. A Rede da Legalidade no Interior gaúcho. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 3., 2005, Novo Hamburgo (RS). **Anais Eletrônicos...** Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005-1/A%20REDE%20DA%20LEGALIDADE%20NO%20INTERIOR%20GAU-CHO.doc>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

ZAMIN, Ângela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 918-942, set-dez. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/16716/12570>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

ZAPATA. Carlos Segundo. **Histórico do jornal Unión** [19-20 set. 2016]. Entrevistador: Heleno Rocha Nazário. Santo Tomé, Corrientes, Argentina.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas

### **Histórico do jornal e do editor**

- 1) Qual a sua formação profissional?
- 2) Quando o senhor entrou na atividade jornalística? O que o motivou a escolher a produção do jornal?
- 3) Como foi a criação da empresa, do jornal? Com que recursos e estrutura a empresa nasceu?
- 4) O senhor já tinha alguma experiência no ramo antes de assumir a direção?
- 5) No início, como ocorria a divisão de tarefas? Qual o tamanho da equipe na redação no começo? De 1982 a 1997, o que mudou no tamanho e nas tarefas da equipe do jornal? Que mudanças o senhor destaca como relevantes na produção das edições, e por que motivos?
- 6) Para o deslocamento dos encarregados de apuração, o jornal contava com algum carro, moto? Que recursos eram usados para a movimentação da reportagem?
- 7) Como o jornal era feito e em que cidade e empresa o jornal era impresso em 1982? E em 1997?
- 8) Houve alguma mudança de sede desde a compra do jornal?
- 9) Que equipamentos eram usados na redação? Em algum momento houve impressão própria? Se sim, por qual método, quais equipamentos eram usados?
- 10) Quantas pessoas trabalhavam na produção do jornal em 1982?  
Em quais funções?
- 11) Quantas pessoas trabalhavam na produção do jornal em 1997?  
Quem fazia o quê?
- 12) O que mudou no processo produtivo em termos de equipamentos, número de pessoas, tempo de produção?

13) Como era feito o envio da edição, como os exemplares impressos eram transportados para a redação, e como eram distribuídos?

14) Como era a obtenção de receita em 1982 e em 1997? Teve mudanças na composição das receitas? Quantos exemplares eram impressos? Quantos iam para a venda avulsa, quantos iam para assinantes?

15) Qual era, nessas épocas, a função do seu jornal para o senhor? E hoje, permanece a mesma função? Algo mudou nessa sua percepção?

16) Como o senhor identifica a relação do público local com o seu jornal? Algo mudou de 1982 para os dias atuais?

17) Como o seu jornal se relacionava com associações, instituições e o poder público de 1982 até hoje? Como era o tratamento dado ao jornal por essas instâncias? O senhor considera que algo mudou de lá para cá?

18) Como era a relação do jornal com os partidos políticos na cidade em 1982? E em 1997, o que mudou?

19) O seu jornal teve alguma vez que tratar algum assunto com uma autoridade do país vizinho? Como foi o tratamento dispensado ao jornal?

20) Durante o regime militar, o jornal alguma vez foi constrangido ou censurado? Como era produzir o jornal nesse período?

21) Como é hoje o contato do jornal com fontes da outra cidade?

22) Houve algum processo de atualização da equipe para trabalhar com computadores, para selecionar notícias ou para outra tarefa da produção? O senhor e a equipe leem livros técnicos sobre jornalismo ou sobre alguma etapa especializada da produção de notícias?

23) Houve alguma mudança na equipe do jornal na época da abertura dos portos e do serviço de barcas, em 1982?

24) Nos últimos cinco anos, houve alguma renovação da equipe da redação ou de outra área do jornal? Como o senhor avalia essa questão? (Somente para *Folha de São Borja*)

25) Qual a sua avaliação sobre o jornalismo feito na cidade para a Internet?

### **Percepção sobre a travessia e a fronteira**

26) Como o senhor descreve as relações entre os cidadãos de São

Borja e os de Santo Tomé com base na sua experiência profissional?

27) Como o senhor avalia a relação entre os poderes públicos das duas cidades?

28) E sobre a relação entre as populações das duas cidades, o que o senhor tem a dizer?

29) Há/houve leitores do seu jornal que moram/moraram na cidade vizinha?

30) Em algum momento o senhor cogitou, ou tentou produzir, algum conteúdo para o público da cidade vizinha? E em vender ou entregar exemplares na cidade vizinha?

31) O senhor costumava acompanhar notícias da cidade vizinha? E hoje, o senhor acompanha as notícias daquela cidade?

32) Quando ocorreram as mudanças na travessia do rio, em 82 com as barcas e em 97 com a ponte, o que chamou sua atenção em cada mudança? Como o senhor avalia que o seu jornal cobriu cada um dos dois acontecimentos?

33) Como o senhor avalia a participação da comunidade no processo de abertura dos portos, em 82? Que expectativas, ações, personagens foram importantes nessa inovação?

34) Ao longo da primeira metade dos anos 90, a cidade viu se aproximar a construção da ponte da integração, inaugurada em 1997. Que personagens da cidade o senhor destaca? Quais eram as expectativas de mudança que a ponte traria?

35) Que vantagens o senhor via na mudança da travessia do rio? E que problemas?

36) O que as barcas trouxeram de novidade para a cidade?

37) Como o senhor avalia as mudanças trazidas pela ponte internacional? Como o senhor avalia a relação entre São Borja e Santo Tomé hoje?

38) Que instituições o senhor considera que devem conduzir o relacionamento entre as duas cidades? Como o senhor avalia essa atuação em 1982, 1997 e hoje? Houve mudança? O que mudou?

39) Que diferença faz para o seu jornal estar situado em uma cidade

de fronteira? Vantagens e desvantagens.

40) O senhor já cogitou produzir notícias no idioma do país vizinho e relacionadas a fatos da cidade vizinha? Se já pensou em produzi-las, o que impediu essa produção? Que impactos o senhor imagina que produzir notícias em outro idioma e ligadas a fatos da cidade vizinha teriam para a produção, ampliação da base de leitores, arrecadação de publicidade?

### **Noticiabilidade e decisões editoriais**

41) Em sua experiência, quem é o público leitor do seu jornal?

42) Na sua opinião, que tipo de notícias o seu jornal tem que dar aos leitores? Que assuntos não podem faltar? O que é relevante para noticiar pelo seu jornal?

43) O que um acontecimento tem que ter para virar notícia em seu jornal?

44) O seu jornal pode atrasar o fechamento da edição para que tipos de notícia?

45) O senhor acha que o seu jornal mudou no que se refere à escolha das notícias que seus leitores têm que receber? Em quê?

46) Como eram definidas as notícias que iam para cada edição em 1982? Que preocupações apareciam nesses momentos do trabalho? Como era o contato com as instituições? Essas instituições enviavam *press releases*, telefonavam, vinham à redação?

47) Como se decidia o que era notícia em 1997? Como funciona hoje?

48) O jornal recebia sugestões de pauta de leitores em 1982, em 1997? O jornal recebe sugestões de leitores hoje? Como isso funcionava naquelas épocas e como funciona hoje?

49) Os leitores enviam reclamações? Do que reclamam?

50) O seu jornal recebia releases em 1982, em 1997? Como esse material era enviado para a redação? Quais eram os principais remetentes? O que mudou de 82 para cá nesse aspecto: quantidade, qualidade, uso?

51) O senhor considera que os leitores de seu jornal se interessavam, em 1982 e em 1997, por notícias ou informações da cidade vizinha?

Quais?

52) Hoje, o senhor acha que seus leitores se interessam em saber o que se passa na outra cidade? Já se interessou em pesquisar a respeito?

53) Na sua experiência, que tipo de acontecimento da cidade vizinha pode interessar e ser notícia para os leitores do seu jornal hoje?

54) Com sua experiência, como o senhor avalia a opinião de seus conterrâneos sobre o país vizinho e a cidade vizinha? Fale a respeito.

55) Os veículos de imprensa local podem influir no relacionamento entre setores e lideranças das duas cidades? O que o senhor pensa sobre essa questão?

## APÊNDICE B – Ficha de Análise de Conteúdo

(campos transpostos para o aplicativo SPSS)

Identificação do item/jornal: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Página: \_\_\_\_\_

Manchete/título:

---

---

---

Tema:

---

---

---

Teor do texto:

( ) informativo ( ) opinativo ( ) serviço ( ) interpretativo ( ) outro: \_\_\_\_\_

Fontes presentes no texto (1): ( )

Fontes presentes no texto (2): ( )

Fontes presentes no texto (3): ( )

Valor-notícia (1): ( )

Valor-notícia (2): ( )

Valor-notícia (3): ( )

Valor-notícia (4): ( )

Status relacional fronteiroço (1): ( )

Status relacional fronteiroço (2): ( )



## APÊNDICE C – Ficha de Codificação de AC

Ficha de codificação de Análise de Conteúdo

(Notação para inserção dos dados no formulário SPSS)

Identificação do item/jornal:

Usar “fsb01, fsb02, fsb03...” para recortes do jornal *Folha de São Borja*

Usar “uni01, uni02, uni03...” para recortes do jornal *Unión*

Data:

Usar formato “AA/MM/DD” (ano, mês, dia)

Página:

Indicar número da página

Manchete/título:

Copiar a manchete ou título do texto em análise.

Tema:

Inserir indicação do tema abordado no texto em análise.

Teor do texto:

Informar o teor do texto conforme o código numérico:

1 = informativo

2 = opinativo

3 = serviço

4 = interpretativo

5 = outro

Campos “Fontes presentes no texto” (1-3):

Indicar conforme o código numérico:

1 = governamental

2 = iniciativa privada

3 = cidadão

4 = testemunhal

5 = especializada

6 = documental

7 = oculta

8 = sem menção a fontes

Campos “Valor-notícia” (1-4):

Informar conforme o código numérico:

1,1 = impacto - número de pessoas envolvidas com o fato

1,2 = impacto - número de pessoas afetadas pelo fato

1,3 = impacto - grandes quantias (dinheiro)

2,1 = proeminência - notoriedade

2,2 = proeminência - celebridade

2,3 = proeminência - posição hierárquica

2,4 = proeminência - elite (indivíduo, instituição, país)

2,5 = proeminência - sucesso/herói

3,1 = conflito - guerra

3,2 = conflito - rivalidade

3,3 = conflito - disputa

3,4 = conflito - briga

3,5 = conflito - greve

3,6 = conflito - reivindicação

4,1 = tragédia/drama - catástrofe

4,2 = tragédia/drama - acidente

4,3 = tragédia/drama - risco de morte e morte

4,4 = tragédia/drama - suspense

4,5 = tragédia/drama - emoção

4,6 = tragédia/drama - interesse humano

5,1 = proximidade - geográfica

5,2 = proximidade - cultural

6,1 = raridade - incomum

6,2 = raridade - original

6,3 = raridade - inusitado

7,1 = surpresa - inesperado

8,1 = governo - interesse nacional

8,2 = governo - decisões e medidas

8,3 = governo - inaugurações

- 8,4 = governo - eleições
- 8,5 = governo - viagens
- 8,6 = governo - pronunciamentos
- 9,1 = polêmica - controvérsia
- 9,2 = polêmica - escândalo
- 10,1 = justiça - julgamentos
- 10,2 = justiça - denúncias
- 10,3 = justiça - investigações
- 10,4 = justiça - apreensões
- 10,5 = justiça - decisões judiciais
- 10,6 = justiça - crimes
- 11,1 = entretenimento/curiosidade - aventura
- 11,2 = entretenimento/curiosidade - divertimento
- 11,3 = entretenimento/curiosidade - esporte
- 11,4 = entretenimento/curiosidade - comemoração
- 12,1 = conhecimento/cultura - descobertas
- 12,2 = conhecimento/cultura - invenções
- 12,3 = conhecimento/cultura - pesquisas
- 12,4 = conhecimento/cultura - progresso
- 12,5 = conhecimento/cultura - atividades e valores culturais
- 12,6 = conhecimento/cultura - religião
- 13,1 = Economia - vantagem cambial
- 13,2 = Economia - lucros
- 13,3 = Economia - perdas
- 13,4 = Economia - geração de empregos
- 13,5 = Economia - desemprego
- 13,6 = Economia - normas alfandegárias
- 13,7 = Economia - cálculo de travessia de cargas
- 13,8 = Economia - investimentos
- 13,9 = Economia - oportunidade de negócios

Campos “Status relacional fronteiriço” (1-2):

Informar conforme o código numérico:

1,1 = fronteira/centro - integração

1,2 = fronteira/centro - distanciamento

2,1 = fronteiriços - integração

2,2 = fronteiriços - distanciamento

3,1 = Argentina e Brasil - integração

3,2 = Argentina e Brasil - distanciamento

4,1 = População fronteiriça X autoridades estrangeiras – integração

4,2 = População fronteiriça X autoridades estrangeiras – distancia-  
mento

5,0 = sem relação/ausente

## APÊNDICE D – Lista de recortes coletados e analisados

Para identificação dos itens, adotou-se uma notação que identificasse o jornal do qual o recorte foi coletado e a sua ordem na sequência de análise. Escolheu-se a notação “fsb” para identificar os recortes encontrados no jornal *Folha de São Borja* e “un” para os recortes achados no jornal *Unión*. Para ordenar os itens, usou-se numeração que começa no período 81-82 e persiste até o final do período 96-97.

Entre os itens apresentados a seguir, há quatro recortes que foram empregados no pré-teste do formulário de AC. Esses itens não constam dos resultados finais e constam tachados nas tabelas a seguir.

<b>INAUGURAÇÃO DO SERVIÇO DE BARCAS (1981-1982)</b>			
<b>ITEM</b>	<b>DATA</b>	<b>PÁGINA</b>	<b>MANCHETE</b>
Fsb01	02/05/1981	Contracapa	Exportações por S. Borja
Fsb02	23/05/1981	8	Porto
Fsb03	05/08/1981	10	Lideranças vão analisar a vinda da Cacex e do porto
Fsb04	08/08/1981	Contracapa	Decidido: porto tem prioridade
Fsb05	14/11/1981	6	Técnico vem para acelerar nosso intercâmbio comercial
Fsb06	06/02/1982	6	Importações pelo porto local a partir de março
Fsb07	13/03/1982	Capa	Amfro em Brasília. E Sidney viaja representando o município
Fsb08	13/03/1982	2	O porto, afinal – coluna Sete Notas
<del>Fsb00</del>	<del>28/04/1982</del>	<del>Capa</del>	<del>Malvinas não mudam o porto</del>
Fsb09	12/05/1982	Contracapa	Concurso seleciona equipe que trabalhará no porto
Fsb10	29/05/1982	Capa	Porto de São Borja abre para importação
Fsb11	29/05/1982	9	Importações e exportações com a Argentina agora são por São Borja
Fsb12	29/05/1982	9	Porto vai mudar a rotina da cidade
<del>Un00</del>	<del>20/05/1981</del>	<del>4</del>	<del>Soja por Puerto Hormiguero</del>
Un01	17/12/1981	Capa	Traficos bilaterales de cargas
Un02	01/04/1982	Capa	Presencia de um despegue
Un03	01/04/1982	3	Baracat: Apesar de la seca estamos listos a pasar el rio Uruguay

Un04	05/06/1982	3	Puerto Hormiguero: histórico momento
Un05	05/06/1982	3	Declaración del gobernador
Un06	05/06/1982	4	Entrevistas en Puerto Hormiguero
Un07	05/06/1982	5	Elevados conceptos del Ing. Pont. Verges
Un08	05/06/1982	7	Declaración de Santo Tomé

<b>INAUGURAÇÃO DA PONTE INTERNACIONAL (1996-1997)</b>			
<b>ITEM</b>	<b>DATA</b>	<b>PÁGINA</b>	<b>MANCHETE</b>
Fsb13	07/12/1996	6	Burocracia do Ibama entrava obras da ponte em São Borja
Fsb14	11/12/1996	Capa	Direção da Mercovia manteve reunião na Delcom
Fsb15	14/12/1996	Capa	Ferro e concreto formam a ponte do próximo milênio
Fsb16	14/12/1996	Caderno especial, p. 2	Um ano de contrato
Fsb17	14/12/1996	Caderno especial, p. 2	Homem experiente à frente das obras
Fsb18	14/12/1996	Caderno especial, p. 3	Centro de Fronteiras
Fsb19	14/12/1996	Caderno especial, p. 3	Quase 300 operários trabalhando
Fsb20	14/12/1996	Caderno especial, p. 3	Famílias retiradas ganharam casa nova
Fsb21	14/12/1996	Caderno especial, p. 3	O apoio das autoridades
Fsb22	14/12/1996	Caderno especial, p. 4	Santo Tomé já começa a mudar
Fsb23	14/12/1996	Caderno especial, p. 4	Em São Borja adequação continua
Fsb24	14/12/1996	Caderno especial, p. 4	O licenciamento ambiental
Fsb25	31/12/1996	4	Prefeito trata de desapropriações de terrenos para acessos da ponte
Fsb26	31/12/1996	16	Mercovia dá folga a trabalhadores da ponte
Fsb27	04/01/1997	6	Começam obras no lado brasileiro
Fsb28	08/01/1997	4	Prefeitura registra início das obras da ponte internacional no lado brasileiro
Fsb29	08/01/1997	6	Ponte Internacional: aumenta número de operários trabalhando
Fsb30	08/01/1997	16	Prefeito visita obras da ponte
Fsb32	19/04/1997	16	<del>Lançadas as primeiras vigas da ponte</del>
Fsb31	03/05/1997	Encarte ponte internacional, p. 2	Depois de muitas etapas ponte internacional recebe primeiras vigas
Fsb32	03/05/1997	Encarte ponte internacional, p. 2	Lançamento do edital de seleção

<b>INAUGURAÇÃO DA PONTE INTERNACIONAL (1996-1997)</b>			
<b>ITEM</b>	<b>DATA</b>	<b>PÁGINA</b>	<b>MANCHETE</b>
Fsb33	03/05/1997	Encarte ponte internacional, p. 2	Definição do consórcio vencedor
Fsb34	03/05/1997	Encarte ponte internacional, p. 2	Assinatura do contrato da construção
Fsb35	03/05/1997	Encarte ponte internacional, p. 2	Máquinas chegam a Santo Tomé
Fsb36	03/05/1997	Encarte ponte internacional, p. 3	Assinatura do ato de concessão de áreas
Fsb37	03/05/1997	Encarte ponte internacional, p. 3	Concretado primeiro pilar
Fsb38	03/05/1997	Encarte ponte internacional, p. 3	Primeiro pilar em solo brasileiro
Fsb39	03/05/1997	Encarte ponte internacional, p. 4	APESS – símbolo de luta e integração na fronteira
Fsb40	03/05/1997	Encarte ponte internacional, p. 4	Entidade visualiza novo horizonte
Fsb41	03/05/1997	Caderno fim de semana, p. 4	São Borja não está se preparando para receber a ponte internacional
Fsb42	26/07/1997	Caderno fim de semana, p. 6	Com a ponte, Embratel promete melhorar serviços em São Borja
Fsb43	30/07/1997	Contracapa	Obras continuam em ritmo acelerado
Fsb44	06/08/1997	Contracapa	Comitê de fronteira será instalado hoje em São Borja
Fsb45	16/08/1997	Capa	Última viga da ponte será colocada amanhã
Fsb46	16/08/1997	Contracapa	Mercovia prepara-se para colocar a última viga da ponte
Fsb47	20/08/1997	Capa	Colocada a última viga da ponte internacional
Fsb48	20/08/1997	Contracapa	Ponte Internacional: Clima de festa marcou a colocação da última viga
Fsb49	23/08/1997	Contracapa	Padilha e Britto vistoriam obra da ponte São Borja/Santo Tomé neste sábado
Fsb50	27/08/1997	Contracapa	Ministro dos Transportes visita a ponte confirmando obras em São Borja e região
Fsb51	20/09/1997	12	Condições operacionais do Centro de Fronteiras serão testadas na próxima quarta-feira



<b>INAUGURAÇÃO DA PONTE INTERNACIONAL (1996-1997)</b>			
<b>ITEM</b>	<b>DATA</b>	<b>PÁGINA</b>	<b>MANCHETE</b>
Fsb52	04/10/1997	6	Ponte deve apressar internacionalização da Feira
Fsb53	15/10/1997	Capa	Visita de Fernando Henrique a Uruguaiana mobiliza São Borja
Fsb54	15/10/1997	6	Maurer organiza excursão a Uruguaiana para recepção a FHC
Fsb55	<del>29/10/1997</del>	<del>Especial (p. 11)</del>	<del>Complexo comercial junto à ponte internacional</del>
Fsb55	05/11/1997	6	Chuvvas atrasam obras da construção da ponte
Fsb56	12/11/1997	2	O nome da ponte: um pouco de história
Fsb57	12/11/1997	2	Nome [nota]
Fsb58	12/11/1997	4	Prefeito em Porto Alegre para tratar nome da ponte
Fsb59	12/11/1997	5	Cardinal defende nome de Jango para a ponte
Fsb60	15/11/1997	Capa	FHC e Menem confirmam visita a São Borja em 8 de dezembro para inaugurar Ponte Internacional
Fsb61	15/11/1997	Contracapa	Confirmada Inauguração da ponte para dia 8 de dezembro
Fsb62	15/11/1997	Contracapa	Complexo comercial tem investidores interessados
Fsb63	19/11/1997	2	Um grande acontecimento
Fsb64	19/11/1997	3	Começam preparativos para encontro dos presidentes
Fsb65	19/11/1997	16	Firmado protocolo para construção do complexo comercial
Fsb66	22/11/1997	2	A ponte da Integração
Fsb67	22/11/1997	2	Represália
Fsb68	22/11/1997	2	Complexo Comercial
Fsb69	22/11/1997	8	Inauguração da Ponte: Cerimoniais ainda preparam encontro dos presidentes
Fsb70	22/11/1997	12	Câmara aprova projeto do Complexo Comercial
Fsb71	26/11/1997	Capa	Inauguração da Ponte: Ibrahim preside comissão dos festejos
Fsb72	26/11/1997	2	Programa

<b>INAUGURAÇÃO DA PONTE INTERNACIONAL (1996-1997)</b>			
<b>ITEM</b>	<b>DATA</b>	<b>PÁGINA</b>	<b>MANCHETE</b>
Fsb73	26/11/1997	3	João Luiz apoia nome de Jango para a ponte
Fsb74	26/11/1997	6	Inauguração da ponte será dia 09 de dezembro
Fsb75	26/11/1997	Contra-capa	Vicente Bogo reafirmou interesse do governo na construção do complexo
Fsb76	29/11/1997	12	Começam a ser distribuídos convites para inauguração da ponte
Fsb77	03/12/1997	2	Convites
Fsb78	03/12/1997	2	Revista
Fsb79	03/12/1997	2	Ponte
Fsb80	03/12/1997	16	Ponte deve entrar em operação a partir do dia 11
Fsb81	06/12/1997	Capa	Chegou a Hora!
Fsb82	06/12/1997	2	Mercovia
Fsb83	06/12/1997	4	Programa oficial da inauguração da ponte
Fsb84	06/12/1997	4	Pista do aeroporto sofreu reparos
Fsb85	06/12/1997	5	Percy não gostou de negarem nome de Jango para a Ponte
Fsb86	06/12/1997	12	Intensificam-se preparativos para inauguração da ponte
Fsb87	11/12/1997	Capa	Sonho de décadas acaba se concretizando
Fsb88	11/12/1997	2	Ponte Internacional
Fsb89	11/12/1997	2	Revista da Ponte conta a história de uma luta vitoriosa
Fsb90	11/12/1997	3	Ex-deputado Ibsen Pinheiro volta à terra natal para a festa da ponte
Fsb91	11/12/1997	4	São Borja em ritmo de festa
Fsb92	11/12/1997	16	Inaugurada a ponte da Integração São Borja-Santo Tomé
Fsb93	11/12/1997	16	Festa trouxe mais de mil pessoas
Fsb94	17/12/1997	Capa	Reunião vai debater se a ponte entra em operação domingo
Fsb95	17/12/1997	2	Omissão
Fsb96	17/12/1997	2	Santo Tomé

<b>INAUGURAÇÃO DA PONTE INTERNACIONAL (1996-1997)</b>			
<b>ITEM</b>	<b>DATA</b>	<b>PÁGINA</b>	<b>MANCHETE</b>
Fsb97	17/12/1997	Caderno IN, p. 7	Na esteira da ponte, Santo Tomé prepara o maior carnaval de sua história
Fsb98	17/12/1997	Caderno IN, p. 10	A ponte da Integração
Fsb99	17/12/1997	Contracapa	Curiosidade
Fsb100	17/12/1997	Contracapa	Reunião vai definir se a ponte entra em operação no domingo
Fsb101	20/12/1997	2	Complexo
Fsb102	20/12/1997	12	Ponte será aberta ao tráfego neste domingo
Fsb103	24/12/1997	2	Ponte
Fsb104	24/12/1997	2	Placas
Fsb105	24/12/1997	20	Movimento de 1.600 carros pela ponte no primeiro dia de trânsito livre
Fsb106	27/12/1997	8	Na história
Fsb107	31/12/1997	2	A ponte internacional
Un09	19/04/1997	Capa	Escuela de frontera Argentina y Brasil
Un10	19/04/1997	2	Gendarmeria se prepara para el cambio
Un11	19/04/1997	3	Navegar com precaución por la zona del puente
Un12	19/04/1997	4	Flamea una bandera argentina en plena frontera
Un13	03/05/1997	Capa	El avance del puente
Un14	03/05/1997	3	Oficialmente se colocó la primer viga
Un15	03/05/1997	4	El puente en septiembre
Un16	22/05/1997	5	Familiaridad del puente distintos puntos gráficos
Un17	22/05/1997	5	Mercovia. Presencia en la ciudad
<del>Un18</del>	<del>07/06/1997</del>	6	<del>Puente de la amistad</del>
Un18	07/06/1997	6	La seguridad en la obra internacional, derivada del Mercosur
Un19	25/06/1997	2	Carta abierta
Un20	25/06/1997	5	Camara binacional Santo Tomé San Borja
Un21	25/06/1997	7	La Alvear es mas viable que la Sarmiento
Un22	25/06/1997	8	La obra mas esperada desde hace 40 años

<b>INAUGURACIÓN DA PONTE INTERNACIONAL (1996-1997)</b>			
<b>ITEM</b>	<b>DATA</b>	<b>PÁGINA</b>	<b>MANCHETE</b>
Un23	16/07/1997	Capa	Un regalo por el 134 aniversario de Santo Tomé
Un24	16/07/1997	4	Mercovia en el Turismo, por el puente
Un25	16/07/1997	4	Mercovia construye puente e hace amigos
Un26	16/07/1997	5	Recorrieron las obras del puente con cejales y vereadores
Un27	16/07/1997	5	Encuentro Brasileño-Argentino
Un28	16/07/1997	5	Sugerencia para el nombre del puente internacional
Un29	30/07/1997	5	Visitan el Puente el 04 y 05 de agosto
Un30	30/07/1997	8	Conformar el sub comité de frontera
Un31	13.08.1997	6	Señales de tránsito en Portugués y en Castellano
Un32	13.08.1997	7	Intendente Municipal recibió al cónsul Vasquez
Un33	27/08/1997	Capa	Menem viene el 26, dijo la intendenta Farizano
Un34	27.08.1997	6/7	Puente Internacional Santo Tomé/San Borja
Un35	27.09.1997	2	Club Casino Santotomeño. "Ocho el negro!"
Un36	09/12/97	2	Llegó el gran día del puente
Un37	09/12/97	3	Jefe de policía de corrientes: habló del puente. De las visitas presidenciales. De seguridad y de la virgen patrona
Un38	09/12/97	3	Recorriendo el centro de frontera
Un39	09/12/97	4	Docencia: firmes y claras definiciones por la integración
Un40	09/12/97	4	Cultura. Reconocimiento a las instituciones
Un41	09/12/97	6	Banco de la Nación Argentina en el puente
Un42	09/12/97	6	ACA: Un lugar de Turismo
Un43	09/12/97	7	Puente: ciudad grande, progreso y desafío difícil
Un44	09/12/97	8	El impacto del puente Santo Tomé-San Borja en la salud de nuestra comunidad

<b>INAUGURACIÓN DA PONTE INTERNACIONAL (1996-1997)</b>			
<b>ITEM</b>	<b>DATA</b>	<b>PÁGINA</b>	<b>MANCHETE</b>
Un45	09/12/97	9	Santo Tomé celebra y vive su hora más gloriosa
Un46	19/12/97	2	Santo Tomé y San Borja unieron Argentina com Brasil
Un47	19/12/97	3	Del presidente Menem “eslabón de enlace que faltaba”
Un48	19/12/97	4	Crónicas del periodismo santotomeño: FM sin Fronteras
Un49	19/12/97	4	Es tiempo de integración
Un50	19/12/97	4	Comunicación e integración
Un51	19/12/97	4	Fue inaugurado el puente da la integración
Un52	19/12/97	5	Crónica con una simple y auténtica vivencia televisiva
Un53	19/12/97	5	Puente Internacional. Curiosidades
Un54	19/12/97	6	El nombre del Puente
Un55	30/12/97	2	Regalo de navidad
Un56	30/12/97	2	Despedida del Año
Un57	30/12/97	3	Cortas municipales
Un58	30/12/97	3	Mensaje de navidad del presidente del concejo deliberante
Un59	30/12/97	4	Puente de la integración, inaugurado y habilitado: un comun amigo
Un60	30/12/97	4	Badaracco: intendente y santotomeño de cuna
Un61	30/12/97	5	García: jefe aduanero en Santo Tomé
Un62	30/12/97	5	Pionero por el Puente
Un63	30/12/97	6	Las imágenes [nota]
Un64	30/12/97	6	Fuimos buscar la noticia [nota]
Un65	30/12/97	9	Festejo internacional [nota]

## APÊNDICE E – Entrevista com Roque Auri Andres, editor do jornal Folha de São Borja

Entrevista concedida no escritório do jornal Folha de São Borja, na tarde do dia 20 de setembro de 2016.

ENTREVISTADOR: Seu Roque, estava conferindo o roteiro e as informações que o senhor passou, e vou perguntar sobre algumas informações a mais. O senhor nasceu em que cidade e ano?

ROQUE AURI ANDRES: Nasci em Caibaté, em 20 de abril de 1946.

E: A família Andres é de Caibaté?

R: Não, na verdade a família Andres é de Lajeado, a minha mãe é que era de Caibaté. Meu pai veio para Caibaté não sei mais o porquê. Meu avô tinha casa de negócios, um armazém, e veio morar em Caibaté. Talvez exatamente por isso, para colocar uma casa de comércio ali. Na época, meu pai conheceu a mãe em por lá, coisa e tal, nasci lá. Mas cedo saímos de lá. Acho que eu tinha uns cinco anos quando fomos para Santa Rosa, onde o meu pai se associou com alguém que tinha rodoviária lá. Depois, de lá fomos para Canoas, onde o meu pai também se associou com alguém que tinha empresa de ônibus na cidade. De lá voltamos para Santo Ângelo, onde o meu pai plantou trigo durante alguns anos. Depois veio para São Borja plantar arroz. Eu me formei em Santo Ângelo, como administrador de empresas, e vim para cá, para trabalhar com ele.

E: Pelo histórico de envolvimento familiar com empresas, pode-se dizer que há uma veia empreendedora. Esse ímpeto de começar um negócio. Mas foi a geração do senhor e de seus irmãos que se voltou para a comunicação.

R: O Renato nem tanto, mas o Valdir foi quem fundou um jornal em Santo Ângelo, o Tribuna, e me chamou para trabalhar com ele. Acabamos entrando em uma concorrência para disputar uma [concessão de sinal para emissora de] rádio lá. Mas nesse meio tempo, eu vim embora para cá. Trabalhei com ele uns dois ou três anos e vim para cá. Aqui surgiu um jornal para vender, que é a Folha de São Borja. E ao mesmo tempo, surgiu uma gráfica em Três de Maio para vender, que tinha um perfil que se adequava a cidade de São Borja, para serviço gráfico, e tinha uma impressora Solna, que podia imprimir o jornal. Aí, compramos a gráfica de Três de Maio e compramos o Folha de São Borja. E nesse meio tempo, tb começamos a participar da concorrência para a rádio. Era um processo, o governo abriu um edital de licitação para uma rádio, um canal, a gente participou e tal, reunimos mais umas nove pessoas da comunidade, participamos e ganhamos.

E: Esse processo aqui do jornal, a compra foi em 75, 76?

R: 76.

E: O senhor comprou o jornal do senhor José Grisólia, que também era outra pessoa que esteve por aqui fundando jornais na região.

R: Ele fundou A Notícia em São Luiz Gonzaga, fundou a Folha de São Borja, e acho que comprou, não fundou, a Plateia, em Livramento, e editou durante um tempo. Depois se desfez da Plateia e da Folha.

E: A Plateia hoje está com os Badra, a família Badra, não é?

R: Isso mesmo.

E: Nessa época lá no jornal Tribuna, que funções o senhor exercia lá? Como foi esse início no Jornalismo?

R: Lá eu fazia como todo mundo faz em um jornal do interior: de tudo um pouco. Eu redigia, tinha duas colunas que eu produzia, redigia matéria, reportagem, ia para a rua, vendia assinatura, auxiliava na correção do jornal, enfim, não tinha função que a gente... só não entregava jornal, o resto fazia de tudo. Pagamento de duplicata, controle de caixa.

E: Foi uma boa escola?

R: Certamente, uma boa escola, fazia de tudo.

E: Então, o senhor já sabia fazer e podia ensinar.

R: Certamente, certamente, quando eu peguei o jornal aqui, foi assim, como entrar num time sabendo onde ia jogar.

E: Nesse meio tempo, em 76, quando o senhor comprou o jornal, como era a equipe? Já havia uma equipe que estava trabalhando, e que seguiu trabalhando com o senhor?

R: Não.

E: A equipe mudou?

R: Eu até não sei como funcionava a equipe dele. Tinha duas meninas que cuidavam do jornal. Não tenho conhecimento profundo, mas acho que elas produziam as notícias e levavam para São Luiz Gonzaga, onde o Grisólia imprimia, e elas depois traziam o jornal. Elas tinham um carrinho na época, acho que elas iam lá, faziam o jornal e vinham embora. Acho que não tinham equipe nenhuma, faziam sozinhas. Era um jornal de 12 páginas, com algumas colunas, acho que era uma vez por semana, um jornal fácil de fazer. Eu acho que eram só as duas que faziam, não tinham equipe nenhuma. Aí, quando eu comprei, aí eu me organizei, quer dizer, me organizei... no início, eu também fazia praticamente meio sozinho o jornal. Tinha alguém que fazia a composição.

E: Claro.

R: Composição, na época era feito numa linotipo. Tu, eu acho que não...

E: Eu não cheguei a pegar essa fase.

R: Fica até complicado te explicar, porque a máquina formava as letrinhas, e derretia o chumbo que preenchia essas letrinhas, e ...

E: ... e formava os tipos móveis.

R: Isso, formava os tipos móveis, e ia juntando as pecinhas ali. É ruim de explicar, porque eu também não sei exatamente como funcionava. Mas tinha pessoas... tinha um redator, que redigia as notícias, e também ajudava na reportagem, esse pessoal da linotipo, alguém que montava isso numa página, o montador, montava na página que depois ia para a impressora. Primeiro, a gente tirava provas em uma máquina manual, para fazer correção. E no fim é que ela ia para a máquina para ser impressa.

E: Um processo intenso.

R: Complicado.

E: Nesse período de 76, como era o cenário aqui em termos de contato de instituições com o jornal? Imagino que naquela época não havia ainda assessoria de comunicação.

R: Na verdade, a gente fazia quase um jornal local. Pelo menos, enquanto o jornal era uma vez por semana, era essencialmente local. Era muita pouca coisa que a gente aproveitava de releases, essas coisas. A gente recebia muito pelo correio. Mas o mais era local, a gente até nem produzia notícia. Se queria alguma coisa, vamos supor, do INSS, tu tinhas que ligar lá para saber. Se queria alguma coisa da prefeitura, eles não tinham nem assessoria.

E: Tinha que produzir do zero?

R: Tinha que produzir do zero, tinha que ligar lá para o chefe de gabinete, para o secretário, para o prefeito, e colher notícia. Nem tinha setor de comunicação. E assim a maioria das empresas, instituições, órgãos, e tal, não tinha. A gente produzia praticamente tudo.

E: Eu estava olhando aqui, pelo que o senhor estava falando, mudou muito pouco a equipe. O que mudou em termos de composição da equipe que fazia o jornal?

R: Eu acho que na época, era um pouco mais reduzida. Porque praticamente éramos eu e o Albery Cogo, que fazia duas coisas: produzia notícias e ao mesmo tempo fazia a composição. Aí nós já tínhamos uma composer IBM, e a gente já estava produzindo em offset. No início, nós não tínhamos offset... [*hesita*] não, também era offset, porque eu comprei a gráfica. Só que era diferente, a composição era por linotipia. A partir de 1979, mais ou menos, nós passamos a usar a composer. Você redigia o texto que você queria, e aí você programava o espaço, o tamanho da fonte, e aí apertava um botãozinho e ela pá!, te produzia um texto justificado, alinhado à esquerda. E então, ele ia para uma linha de diagramação, onde tinha uma moça que recortava esses textos e montava um espelho. Ela montava tudo ali, com as manchetes e tal, isso era fotografado e depois revelado em uma



chapa de alumínio, que ia para a impressão em offset. A chapa era montada naqueles rolos da [máquina] offset, e era produzido. Então, o que mudou basicamente? De hoje para aquela época, temos mais um repórter, um repórter policial, temos duas pessoas que trabalham na diagramação, na montagem do jornal, um contador, duas pessoas que atuam no escritório e na recepção, contra uma na época.

E: Uma mudança muito conectada com o processo produtivo, tecnológico.

R: Isso aí, sim.

E: Naquele período, o senhor contou que naquele primeiro momento, o jornal não tinha um automóvel. A apuração era pelo telefone ou a pé mesmo.

R: Isso.

E: Até 92, o jornal era impresso na gráfica que a família comprou. Quem era o diretor da época? Em 82, da direção constavam os três irmãos, Renato, Roque e Valdir. Quem é que estava dirigindo a Folha nessa época?

R: Era eu mesmo. O Renato só participou da direção de 84 até 93, ele que dirigiu o jornal. Eu me afastei porque tinha comprado a Brahma, uma distribuidora. E também comprei uma rádio em Itaquí, e eu andava de lá para cá. Aí, eu deixei ele na direção do jornal. Eu me afastei assim, quase que completamente. Aliás, dá para dizer completamente. Reassumi em 1993. Mas em 92 ele vendeu essa gráfica, essa máquina impressora, e passou a imprimir em Santo Ângelo. E também reduziu a tiragem para uma vez por semana. O jornal regrediu um bocado, passou quase lá para o início, produzindo 12 páginas, uma vez por semana. Reassumi em 93, ficamos quase um ano assim, depois voltamos a fazer duas edições por semana de novo. E nós funcionávamos lá em baixo, onde era a Brahma antigamente, onde hoje é a Felice, e depois viemos para cá.

E: O senhor disse que ao todo houve seis sedes do Folha de São Borja. O senhor consegue lembrar mais ou menos o trajeto pelo mapa da cidade?

R: Lembro, sim. Começou onde é a Obino hoje. Tinha um casarão bem nos fundos, um pátio vago na frente e um casarão nos fundos. Dali, nós fomos aqui para a [loja] Favorita. Da Favorita, fomos para onde é a [agência do banco] Sicredi hoje. Da Sicredi, lá eu me afastei. Lá tinha um casarão, não sei se tu lembras, um casarão alto, com as portas bem grandes. Bom, dali eu me afastei, comprei a [distribuidora da] Brahma, comprei a rádio de Itaquí, e fiquei envolvido com outras coisas, a rádio daqui, a recém tinha inaugurado. Aí o Renato saiu de lá e veio para cá, onde é o Getulinho Baglioni. Hoje tem uma academia ali, do lado tem a ótica Righi. Na esquina tem a [loja de departamentos] Total, acho. Uma loja de departamentos... Três Passos? Bom, não sei. Mas é ali, tu sabes onde que é, né?

E: Sim.

R: Bom, dali fomos para a Brahma, [*que se situava*] onde hoje é a [*concessionária de automóveis*] Felice. E dali viemos para cá, onde estamos até hoje. Já tem 22 anos.

E: Aqui já é de vocês mesmo?

R: Não, o prédio é alugado.

E: A questão da distribuição dos exemplares, como o senhor fazia? Quantos exemplares saíam em 82, mais ou menos?

R: 800 a 1000, mais ou menos

E: Isso para cerca de 3,5 mil a 4 mil exemplares hoje.

R: Isso, uns 3,5 mil na quarta a 4 mil no sábado.

E: Na época, de 800 a mil também variava conforme a edição? Circulavam os 800 na quarta e mil no sábado?

R: Não sei se nós já tínhamos implantado, isso me foge um pouco da memória. Mas quando era uma vez só na semana era essa variação. E depois, na quarta-feira [*a tiragem*] era sempre uns dez, quinze por cento a menos que no sábado.

E: E na época o sr tinha já assinantes? Quantos?

R: Eu acho que nós tínhamos um 500, 600. A maior tiragem era dos assinantes. A venda era 250, 300 jornais, algo assim.

E: Hoje eu vejo que o jornal está nas bancas e nas mãos dos vendedores ambulantes. Já era assim naquela época?

R: Já. Só tinha menos bancas disponíveis. Hoje temos mais bancas, tem jornal no mercado. Temos mais pontos de venda. E assinaturas, umas 1.800, mais ou menos. A assinatura hoje é cerca de 30% do total de venda.

E: Bom, eu imagino que a publicidade represente a maior parte da receita, a venda avulsa seria a menor e a receita da assinatura fica no meio.

R: É. Eu acho que entre venda e assinatura fique em algo de 20%, 25%.

E: Mais ou menos, quanto representa o custo de impressão. Se eu fosse fazer uma vinculação do total de custo de produção do jornal de papel, que que representaria em percentual?

R: Acho que uns 20%... eu teria que conferir esse dado, teria que te passar depois, quando vais concluir o trabalho?

E: Eu vou até dezembro trabalhando nisso.

R: Ah, então depois tu me liga. Eu vou anotar aqui, porque eu vou viajar na quarta de manhã e não vou ter tempo de ver. Mas eu vou passar um e-mail para mim mesmo, quando eu volto eu vejo isso. Isso é bem fácil de ver.

E: Sabe porque eu pergunto isso? Há algum tempo atrás eu li uma entrevista do Frias, do dono da Folha de São Paulo, ele falava que pra ele.... isso é uma conta que eu imagino que varia para cada um... mas ele dizia que para ele, 40% do custo de produção era o papel.

R: Acho que pode ser. Como isso é em dólar, e sobe e tal. Eu consulto, eu tenho um balanço, poderia até fazer o cálculo e tal. Mas eu acredito que possa ser, como é em dólar, e tá, o dólar disparou muito, poder que hoje até represente isso. Eu tinha uma ideia de que representava 30%.

E: Quando o senhor pensa na função que a Folha de São Borja tem que ter para a cidade, digamos assim, a importância que a população de São Borja tem que enxergar no jornal.

R: Eu penso que cada tipo de negócio tem a sua importância na cidade. E o nosso negócio é de divulgar, participar, de estimular. Eu vejo por esse lado, não vejo tanto pelo lado de que o jornal precisa ficar criticando, sensacionalizando. A ideia é ser meio que um espelho, sabe? O que a cidade está fazendo, o que a população está sentindo...

E: Levantar possibilidades, demandas, o que falta, o que pode ter?

R: Isso, de ajudar a cidade. Se podemos, né, se podemos ajudar a cidade. Será que fazendo o que estamos fazendo estamos ajudando? Mais nesse sentido. O foco da empresa é mais se colocar ao lado do que as pessoas querem, a comunidade quer, os órgãos...

E: Esse contato, essa confiança...

R: Exatamente, estabelecer esse parâmetro de confiança.

E: O senhor estava me falando da relação do público de São Borja com a Folha de São Borja. O senhor percebe que nesse período de 1970, 1980 para cá, houve mudanças nessas relações?

R: Eu percebo que o jornal adquiriu mais conceito, mais aceitação, mais respeito, credibilidade. Acho que foi um crescendo. Porque os meios de comunicação no passado não eram muito aceitos, de certa forma, eram até desconsiderados. E eu sinto que hoje a Folha tem um conceito sólido, as pessoas têm respeito e até muita credibilidade naquilo (sic) que nós informamos. Acho que isso foi uma coisa básica no comportamento da população em relação ao jornal.

E: A aceitação mudou?

R: Mudou bastante.

E: O pessoal naquela época participava mais, sugeria mais pauta, dava mais dicas? Hoje acontece mais?

R: Acho que hoje acontece mais.

E: Naquela época, não muito?

R: Naquela época não muito. Até porque as comunicações eram diferentes.

E: E até porque de repente o momento político não estimulava muito?

R: Não... é, por aí a coisa. E hoje, com a internet, com essas coisas que acontecem, com a proliferação de redes de comunicação, surgem mais assuntos, mais pautas para a gente discutir.

E: O pessoal sugere mais?

R: Sim, sugere mais.

E: Mais por e-mail, telefone, o senhor tem esses dados?

R: E-mail, telefone, na rua. Está lá com o cara... "faz tal coisa"...

E: "Tal coisa tá errada..."

[risadas]

R: Eles gostam de falar... "hein, tchê... por que não falam disso aqui?"

E: Isso me chama atenção. Agora há jornais que usam o whatsapp, a pessoa manda uma foto, manda informações. Mas pelo que eu percebi, tem que ter mais gente ou, pelo menos, mudar a rotina para poder dar conta.

R: Tem que ter alguém para atender esse tipo de coisa. Internet, por exemplo, eu diria que estamos atendendo mal e porcamente. Porque precisava de uma pessoa para isso. E no jornal, nós estamos trabalhando este ano com prejuízo, não sei se em função da crise. Este ano não conseguimos equilibrar nenhum mês, todos os meses trabalhando com um pouquinho de prejuízo, 2 mil, 3 mil. Todo os meses com um pouquinho de prejuízo.

E: A publicidade caiu?

R: Caiu.

E: Na assinatura e na compra avulsa, o senhor notou diferença para menos também, seu Roque?

R: Na compra, eu acho. A venda caiu, alguma edição caiu um pouco mais do que deveria. Em outra já teve algum acontecimento, alguma coisa policial que chama a atenção, daí já equilibrou de novo. Eu diria que, se fosse fazer uma média, diria que caiu uns 5%.

E: Quando eu perguntei em relação ao modo como as instituições da cidade tratavam o jornal no começo, e se mudou de lá para cá: em 82, como era?

R: Eles não davam muita importância para o jornal, acho que até pela circulação, 800 jornais, uma coisa assim. Talvez antes até menos, antes de eu assumir, não sei. Mas a importância era bem pequena. Tu notas isso pelos convites, "ah, foi convidado para ir lá". Hoje não, hoje o jornal está presente em todos esses eventos. E

antigamente não era tanto, o jornal circulava menos, não dava tanta repercussão. Hoje, de uma tiragem de 4 mil jornais, e segundo uma média mundial, um jornal atinge sete, oito pessoas... então já são 30 mil pessoas, praticamente metade da cidade. Então, uma nota que saia no jornal tem uma repercussão. Isso é fundamental, talvez por isso antes as próprias instituições não dessem muita importância, como dão hoje.

E: Hoje não pode não sair?

R: Não pode não sair. Hoje a gente não fica fora de nada.

E: Uma coisa que me chama a atenção... não é o foco da minha pesquisa, naturalmente... mas como estou falando de 82, 97... Époça de regime militar, democracia, é uma questão incidental, era uma questão da época. Em 82 como era? Então tínhamos o bipartidarismo, a Arena e o MDB, mas já começávamos a ter outros partidos.

R: Eles eram muito desconfiados, né? Quando eu vim para São Borja, meu irmão era muito ligado à Arena.

E: O Valdir?

R: Sim. Tinha sido vereador, presidente da câmara, essas coisas e tal. Então, no início, as pessoas me enxergavam muito como...

E: Associavam diretamente?

R: Associavam diretamente. Então o pessoal da Arena me tratava muito bem. Já o pessoal do MDB tinha uma desconfiança comigo. E tiveram por muito tempo. Hoje, eu acho que um ou outro ainda tenha, mas não sei se tem. Acho que hoje me aceitam um pouco mais, tanto situação quanto oposição me aceitam como tendo uma postura independente. Durante muito tempo, a ideia era de que eu fosse vinculado a determinados partidos.

E: Como se fosse um jornal oculto do partido? Eu estava olhando... no jornal, eu notei até que tinha uma previsão em 82 do Lula vir falar com o pessoal do PT que estava formando aqui, daí formou diretório, desformou diretório, formou de novo. Claro que estou olhando de um ponto privilegiado. E estou olhando anos depois, sem ser ligado a partido político, com um pouco mais de isenção, e não estou envolvido. Mas eu vi que tinha edições em que se notava uma igualdade de atenção.

R: Foi sempre uma preocupação nossa: não privilegiar. Eventualmente tu és obrigado a privilegiar porque um determinado acontecimento... uma pessoa fez. Então, tu tens que privilegiar aquilo, agora, se aquela pessoa pertence a um partido, paciência. Às vezes, pode ter algum privilégio. Mas o foco, a orientação do jornal é o mesmo espaço para todo mundo, ou não negar espaços. Um deputado chegou aqui, nos visitou, nós vamos tirar foto, e tal visitou, tal e coisa. Um deputado vem, não aparece, não vai a parte nenhuma, tu às vezes tu não ficas nem sabendo, não vai ter cobertura. Porque, também, nós temos um problema de pessoal. Não posso

mandar o Arce em uma sexta-feira ir lá no aeroporto, que está chegando um deputado lá. O deputado que venha visitar a empresa, fica muito mais fácil para ele.

E: Até porque é uma realidade da empresa, não é?

R: Claro, exatamente. Se tivesse dois três repórteres para mandar, tudo bem. Mas temos que ficar dentro do que podemos fazer.

E: Uma coisa que não deve ter mudado muito: a relação é relativamente tranquila fora de período de eleições, e durante as eleições ocorrem essas guerrinhas?

R: Continuamente.

E: E semana passada, quando eu cheguei aqui, eu observei aquela polêmica da pesquisa.

R: O próprio prefeito saiu dizendo que a empresa estava comprada pelo adversário.

E: Eu vi isso. E vinha pensando nisso, porque se for fazer uma busca em todas as edições, desde o início da carreira do Farelo, vai ver que teve sempre atenção...

R: Sempre teve cobertura. E ele mesmo, cobertura como prefeito, cobertura imensa. A gente não cortava nenhuma notícia da assessoria de imprensa dele, nada. Se manda 12 notícias, saíam as 12. Mandava 15, saíam as 15. Nunca negamos nada para ele.

E: O que será que aconteceu?

R: Eu acho que ele perdeu... ele viu a minha filha passando com o marido, e aí tomou o microfone do Cadó... não sei se quis fazer uma brincadeira... Disse "Ah, aí tá o pessoal da imprensa, imprensa vendida, comprada, vendida... mas nós vamos ganhar igual a eleição (sic), eles vão ver..."

E: Eu perguntei ao senhor antes, se alguma vez o senhor teve que tratar com autoridade do país vizinho, ou alguma fonte. O senhor respondeu que não, que não tratou com autoridade argentina. Houve alguma matéria ou algum acontecimento que foi cobrir que teve que falar com alguém da Argentina? Já aconteceu?

R: Acho que o Bosco, que era gerente da rádio, mas era da rádio, não era do jornal. Houve alguma coisa por lá, não lembro o que foi por lá, que ele foi fazer alguma coisa. O Bosco morreu, não consigo me lembrar o que que é, Heleno. Mas o jornal não, nunca houve contato oficial. Fizemos uma edição especial do aniversário de Santo Tomé, uma vez. Fomos lá, vendemos, fizemos uma edição bonita, tchê. Deixa eu localizar essa edição para ti. Eu guardava uns 10 jornais por edição.

E: Sim?

R: É, mas o Renato, quando assumiu, botou tudo fora.

E: Ele não se deu conta?

R: Não, disse que era bobagem guardar. Botou fora tudo, botou 10 ou 12 [edições]. O que tempo que ele ficou, colocou fora. E aí se perdeu muita coisa. Eu tinha feito

uma edição da chegada do Brizola, uma edição bonita que fizemos do Brizola entrando aqui a cavalo, fizemos 12 páginas com ele, com companheiros que vieram de fora, uma cobertura linda, linda. Foi fora. E esse caderno de Santo Tomé, se foi nesse período, foi fora também, vou perguntar para a Rose, se consigo uma edição para ti.

E: Será que ainda existe?

R: Ah, nos arquivos é capaz de ter. Vou falar com a Rose. Nós já estávamos aqui, acho que sim.

E: Eu vi aquela edição da ponte, que riqueza de informações.

R: Tem bastante coisa. Aquele ali eu acho que tenho uma edição para te dar, se tu quiseres.

E: Eu aceito, claro.

R: Na quarta-feira eu não vou estar aí, mas tu vens e falas com a Rose. Na mudança, eu vi uma ilha daqueles exemplares ali.

E: Que beleza, e que coisa linda que ficou. E o trabalho que deu para fazer aquilo ali e reunir as informações?

R: Muito trabalho.

E: No período do regime militar, alguma vez houve problema?

R: Lá em Santo Ângelo eles prenderam nosso redator-chefe porque ele era vereador. E porque ele era muito comunista, era um guri de 22, 25 anos, muito ligado a esses movimentos estudantis, e muito porra louca. Aí, lá eles prenderam ele em 76, 77. Mas aqui, em 76, quando eu assumi... ainda tinha [o regime], acho que era o Figueiredo o presidente em 76.

E: Em 1976, não sei se não era o [presidente e general] Geisel, e depois veio o Figueiredo. Acho que foi o Geisel, porque o Geisel estava assumindo naquela época, e em 79 passou [a presidência] para o Figueiredo, acho que é isso...

R: Ah, então, é uma coisa assim... mas não tinha nada, ao contrário, me dava bem com o pessoal, sem problema.

E: Não incomodavam em nada?

R: Nada, zero. Nunca pediram para olhar nada, nunca me chamaram para conversar, nada.

E: E alguma vez alguém chegou para falar para o jornal “ó, está acontecendo tal coisa, fulano não sei o quê”, nunca aconteceu?

R: Não, nunca aconteceu. Com esse enfoque da revolução?

E: Sim, ou relativo a preso político, já teve?

R: Já tinha passado a época, assim...que no [*tempo do presidente*] Geisel já ninguém mais prendia ninguém. Mas eu sei que teve uns vereadores que tinham sido presos, o Pêrsio foi preso... houve mais um ou dois que foram presos, mas já para trás do meu período...

E: Eu tive que ler algo sobre o período ditatorial. Há quem fale que havia duas linhas, os castelistas, do Castelo Branco, os moderados...

R: Que queriam devolver o país...

E: E depois vieram o Dutra e o Médici, não sei se é nesta ordem...

R: Primeiro vem o Costa e Silva.

E: Costa e Silva.... Aí vem essa sequência de três “linha-dura”, e depois começam os castelistas de novo, com o Geisel e o Figueiredo.

R: O Figueiredo queira dar tiro, dizia que o povo tem cheiro de cavalo.

E: Bom, mas não houve nada?

R: Não houve nada.

E: O jornal não tem contato com fonte de Santo Tomé, não chega a acompanhar nenhum assunto?

R: Nada, nada... antes eu coloquei ali, houve um temporal, uma vez, depois houve uma prisão de umas maconhas ali, envolvendo o Brasil, então esse tipo de coisa a gente dá uma cobertura.

E: Ah, sim.

R: Foi um temporal muito grande.

E: Foi após esse temporal, seu Roque, que veio o [presidente] Menem?

R: Não sei, não sei.

E: Foi algo assim, o Menem veio visitar, mas teve que pousar aqui em São Borja e depois passar para lá.

R: Sabe que não me lembro disso?

E: Quem me chamou a atenção para isso foi o senhor Zapata. Ele me disse assim, que houve uma vez que o presidente Menem teve de aterrissar em São Borja para poder passar e chegar a Santo Tomé, porque não tinha um aeroporto mais próximo.

R: De repente o jornal estava desligado, eu estava viajando em férias, não me lembro disso.

E: Eu vou dar uma olhada, mas tenho o recorte lá do União que fala desta história. Tem umas histórias muito bonitas. Bom, eu perguntei sobre a atualização da equipe com computadores, seleção da notícia, se consultam um livro técnico, como é a etapa de atualização. O senhor me respondeu que quando os computadores



chegaram teve que ter um treinamento. Em que época o senhor instalou os computadores aqui? Em que ano?

R: Acho que em 91, 92.

E: Isso ainda antes da internet comercial, que foi em 95.

R: Naquela época, o computador só era usado mesmo para redação.

E: Não tinha função de pesquisa, só produzir textos?

R: Não tinha google, não tinha nada. Era só produzir notícias e imagens. Já tinha esse programa de imagens, como é o nome?

E: Corel?

R: Corel. Se usava este para criar publicidade, era uma ferramenta, né? Mas o computador somente era usado para isso.

E: O senhor teve que contratar alguém para treinar o pessoal, como foi o processo de aclimatação?

R: Eu contratei uma moça, que fez um curso... depois ela casou e foi embora... ela fez um curso de computação por aí, e era só ela que tinha computador. E depois alguém deu um curso para nós, mas era o básico. Teclado...

E: Ligar, escrever...?

R: Sim, o básico, nada muito custoso. Veio um cara de Porto Alegre e deu um curso para o pessoal. Até me lembro disso porque o cara teve leucemia e ficou com uma sequela, os olhos dele secavam. Então, a cada 10, 15 minutos ele tinha que pegar um colírio e pingar nos dois olhos. Trabalhava 10, 15 minutos e de novo. Uma coisa assim, que me deixava angustiado de ver aquilo, sabe? E esse cara veio dar um curso para nós. Eu não estava junto, eu aprendi depois no dia-a-dia. Naquela época, também, o pai tinha falecido, e eu era o inventariante.

E: Estava muito envolvido.

R: Muito envolvido, então não acompanhei essa parte. E o Renato, eu tinha comprado a parte dele.

E: Nesse meio tempo, o senhor estava dirigindo o jornal, mas tinha alguém lhe ajudando ou não?

R: O pessoal do escritório, a Teresinha, a Rose... tinha o Miguel, era nosso redator, esse tu não conhecestes.

E: Não, não conheci.

R: Depois tinha essa menina que fazia o que a Fabiana faz hoje, montagem no computador.

E: Mas nessa época, ainda não havia internet para mandar as páginas para a gráfica. Ainda tinha alguém para montar o jornal?

R: Sim.

E: Então, ainda tinha que montar, imprimir a página, fotografar, e mandar o fotolito para Santo Ângelo. Nessa época, o senhor só aposentou a compositora da IBM?

R: Só, porque o resto nós continuamos trabalhando daquele jeito por um período, até chegar a [*conexão com a*] internet.

E: Sim.

R: E quando chegou a Internet... internet com capacidade, né? Porque era muito grande, a página de um jornal é muito potente (sic), né? Então, no início, tu não tinhas como mandar. Não tinha sistema que aguentasse o tamanho de uma página. Então, até chegar nisso, a gente ainda fazia assim, fotografava, mandava o fotolito a Santo Ângelo, com aquele fotolito do tamanho assim da página... tu fotografavas com todas as páginas, e eles “queimavam” as chapas para a máquina de off-set.

E: O senhor lembra o ano em que começou a transmitir o arquivo para ser impresso por e-mail?

R: Não sei se não foi por perto de 2000. Já estávamos por aqui [*nesta sede*]. O processo de computador começou ainda lá embaixo na Felice, e a transferência por internet começou por aqui, não sei, entre 1996 e 2000, não sei se mais para menos ou para mais, mas entre 1996 e 2000.

E: Em termos de atualização do pessoal: se o pessoal se atualiza, como a empresa não oferece curso de atualização, o que a equipe faz?

R: Eles buscam muito na internet mesmo, sabe? Buscam no google, e tal. E como esses programas que usamos tem atualização, a gente vai atualizando os programas.

E: Hoje, praticamente é o Edson Arce o principal redator.

R: É o redator. O Arce faz a redação, capta notícia. Hoje eu acho que ele está captando pouco porque está meio sem tempo, então a gente está dependendo muito das assessorias de imprensa... hoje todo mundo tem, né... associação comercial, Acisb, câmara, todo mundo, né?... INSS, todo mundo tem... caixa federal... essas áreas educacionais, regionais, de saúde... então, na realidade, o serviço dele hoje é mais de coletar informações...

E: Coletar e selecionar, quase como um curador. “Isso aqui vai e isso aqui não”?

R: Isso. E se tem algum assunto ali que repercute na cidade, como uma resolução do INSS sobre, sei lá, aposentadoria. Daí ele liga para o cara aqui, “qual a repercussão que nós vamos ter aqui na cidade, quantos vão ser atendidos, que que representa em percentual”? Ele dá uma localizada na notícia.

E: Aqui o senhor está preparando alguém, ou pensando em preparar alguém para dar um reforço para o Arce, daqui a algum tempo?

R: Estou pensando. Até já pedi para o Deco falar com o pessoal da faculdade, para ver se aparece um guri lá, que queira fazer um trabalhinho pequeno. Em um dia faz uma reportagem sobre o lixão, noutro dia vai... ou fica três dias para fazer uma reportagem, ou vai a outro lugar. Que não seja um sujeito muito caro para mim. O Arce quase foi candidato a vereador e eu não tinha ninguém para substituí-lo

E: [risadas] Ia ser complicado.

R: Se ele fosse vereador, não sei se eu o deixaria trabalhar. Não tenho uma coisa formada ainda, como a ZERO HORA, não tem político que trabalha lá. Mas tem alguns órgãos de comunicação que não se importam. Não sei como eu iria lidar com isso.

E: Tanto politicamente quanto produtivamente?

R: Exatamente, as duas coisas, não saberia como lidar de início. Até pedi para o Deco, “vê se tu não descobres lá, com os professores, de repente aparece uma pessoa que eles indiquem, ‘esse guri... tem feeling para a coisa’ e tal”. Duas coisas que eu preciso aqui: uma pessoa na internet, alguém que administre a internet, que diga assim: eu também vou ganhar dinheiro com a internet. ‘Eu vou ajeitar o site da Folha, vou organizar isso, com as colunas, com fóruns, não sei o que’, que eu entendo muito pouco de internet. ‘Vou organizar, vamos organizar a parte comercial, vamos vender, eu quero, sei lá, 30%, 40%, mas eu vou administrar tudo’, me faz uma proposta, te serve? Me serve, então vamos fazer.

E: E mais alguém de redator?

R: E mais alguém de redator. Não sei se é viável aqui para nós de São Borja, isso da internet.

E: Se conseguir gerar uma receita a partir desse canal, aos poucos ela vai mudando. O jornal consolidou uma marca na cidade, Folha de São Borja é uma marca na cidade. Mas aí temos um público novo que já está crescendo sem lidar com papel, que já prefere ler no celular...

R: Esse público vai chegar amanhã. E com esse público eu não sei como lidar. Por isso que me importa, me interessa muito esse negócio da internet, mas eu conheço pouco, precisava conhecer mais. Eu falo para o Beto, o meu filho, ‘tchê, vocês precisam começar a estudar isso, para ver isso aí, pode ser um caminho para depois’.

E: Claro.

R: Pode o jornal ir diminuindo e indo para esse caminho a receita, não é? Um jornal tem uma vantagem sobre um sujeito que colocar uma página na internet, um site, pois um jornal já tem uma credibilidade.

E: Já tem uma marca.

R: Só que eu tenho medo de concorrer comigo mesmo, né? Se eu começo a antecipar muito a edição...

E: ...começa a derrubar o jornal de papel que, por enquanto, ainda obtém a maior parte da receita?

R: É.

E: Esse é o mesmo drama de muitos jornais por aí.

R: Muitos devem ter, né?

E: Sim, é o mesmo drama. O mesmo dilema, porque tem um ganho de velocidade, maravilha. Mas aí pode desvalorizar o jornal impresso, de onde ainda vem a maior receita.

R: Pode concorrer comigo, mas não me dá receita.

E: O problema é que está se saindo de um modelo que se sabe que funciona.

R: Funciona.

E: E funcionou por muito tempo, e está deixando de funcionar tão bem como funcionava. E estamos indo para um canal que não tem uma fórmula. Ninguém achou uma fórmula mágica para a internet.

R: Não.

E: Bom, nós falamos de internet. O senhor me disse assim que não acompanha muito o jornalismo online e que tem uma desconfiança de que possa ser contaminado por questão pessoal, por boato, fofoca. Pode falar mais a respeito?

R: Eu vejo a internet assim como uma... como vou te dizer... um canal que serve para qualquer coisa.

E: Sim.

R: Se você é uma pessoa que resolve de repente incendiar a cidade, pregar qualquer tipo de coisa, sei lá, tira da cabeça qualquer coisa, é um cara que é recalcado com a cidade, começa a colocar o que quer ali, né? Então, eu acho que desmoraliza muito a internet perante a população, esse tipo de desconfiança perante a população. Às vezes, eu chego em casa e minha mulher me diz "ah, na internet deu tal coisa", e eu digo para ela "olha, só depois de sair na tevê, no jornal, na rádio, eu vou te dizer se isso é verdade. Até lá não vou te dizer nada, não vou dar nem opinião".

E: Não vai discutir?

R: Não vou discutir. Então, é dentro disso aí que eu raciocino. Eu acho que a internet ainda não tem... claro, algumas pessoas têm credibilidade suficiente. Mas como um todo, eu ainda acho que se deve desconfiar daquilo que ela posta.

E: É muito instável?

R: isso aí, muito instável, inconsequente às vezes. Então acho que ela ainda não se firmou como um veículo confiável.

E: Uma pergunta que fiz sobre o relacionamento entre as duas cidades, o senhor me disse que está frio, distante, pouco se conhecem. É uma impressão que o senhor tem agora, é do momento atual, é do conjunto?

R: Não, é do conjunto.

E: No conjunto, desde há muito tempo?

R: Nunca teve uma aproximação. A maior aproximação foi durante a ponte. Ali as pessoas se visitavam – tudo isso falando do pessoal da comissão da ponte. Depois disso, deve ter um resquício de amizade do seu Ibrahim com o seu Laponte, com não sei quem, que era o presidente de lá. Mas da população, eu vejo muito pouco.

E: O senhor percebe que deu uma esfriada? O senhor Zapata me disse que "enfrió".

R: Enfrió.

E: Ele falou uma coisa interessante. Houve um período que teve um cônsul honorário daqui lá, e um cônsul de lá aqui.

R: Esse Léo Centeno eu não conheci, mas dizem que era um sujeito assim, formidável, amigo, que levava as pessoas para lá, para cá. Esse Sanchez eu não conheci, mas do Centeno dizem que era um cara espetacular. Até hoje falaram nele, no tempo dele. Mas como ele disse, 'enfrió' de lá para cá. Isso aí [*época dos consulados honorários*] acho que até foi antes de eu chegar. Era uma coisa interessante descobrir que fim levou isso.

E: De repente, se podia retomar, podia ser uma saída?

R: É mesmo, vou tomar nota disso.

E: Seu Zapata me falou maravilhas desse período.

R: Pois é, eu não peguei esse período. Quer dizer, se peguei, não participei. Mas ouvi falar muito.

E: Mas que coisa interessante. Foi uma experiência, e agora não tem o cônsul, tem a ponte, não há mais o inconveniente das lanchas, da barca... e o relacionamento esfriou.

R: Uruguaiana tem consulado, Libres tem consulado.

E: O senhor me falou "está frio, já teve uma aproximação". A mesma situação que o senhor Zapata me contou. Na época desses cônsules, por exemplo, iam brasileiros para o dia da ...

R: Da independência deles...

E: Da independência deles, vinham eles para cá. Havia eventos, festas, carnaval. Então, havia um esforço. Quando ele falou dos cônsules, eu pensei que era uma coisa de uma geração. Me parecia que teve uma geração que estava no comando

dessas cidades, ali por 1970, 1980, que já tinha uma coisa de chegar, se aproximar, de buscar. Esses cônsules trabalhavam para fomentar oportunidades, eles criavam oportunidades.

R: Eu acho que, até, vou te dizer mais... esses consulados eram bancados pelas prefeituras, nem era oficial, do governo federal.

E: Mesmo?

R: Eram uns consulados tipo compadresco (sic), sabe ... bota um lá, e a prefeitura banca para aproximar as cidades.

E: Bom, vou seguindo. O senhor me disse que não tem conhecimento de leitores da folha em Santo Tomé?

R: Não, não tenho notícia.

E: O sr. nunca fez um esforço para levar o jornal para lá?

R: Não.

E: Por que não?

R: A gente sempre trabalha em cima de números, né? Eu ia aumentar as despesas sem ver a possibilidade de ter um retorno.

E: Corria riscos?

R: Eu corro dois riscos. O primeiro é de não ser bem recebido, de as pessoas não quererem. Para eu pegar (sic) um tradutor, eu vou ter que investir. Se eu não pegar um tradutor, eu tenho risco de errar alguma coisa, o risco de não ter aceitação por não ser espanhol, de não falar a língua deles. E o outro risco é o dos meus anunciantes aqui não gostarem. Na época em que está bom para comprar lá, o pessoal daqui pode não gostar, porque o cara de lá pode anunciar no meu jornal, aí de repente começar a deslocar clientes para lá. Porque na rádio eu já tive esse problema.

E: Ah, sim?

R: Na rádio, quando estava bom para comprar lá - isso foi há alguns anos atrás, porque depois eu não aceitei mais publicidade de Santo Tomé. Mas quando estava bom do brasileiro ir lá, algumas firmas me procuraram aqui para anunciar, e algumas anunciaram. E a comunidade reagiu muito negativamente - comunidade que eu digo os empresários. E eu suspendi, não vendi mais propaganda para lá.

E: O sinal já foi de "não gostamos"?

R: "Não gostamos". Fizeram uma reunião, na associação comercial, deram esse sinal. Daí eu parei de vender, não aceitei mais propaganda. Só aceito do Cassino porque não tem concorrência. Mas de empresas eu parei de aceitar. E aí também me arrefeceu ... como dizer... a Folha invadir lá, ou tentar... me tirou a tesão.

E: O senhor comentou sobre uma dificuldade burocrática deles lá de faturarem...

R: Também, a prefeitura... no aniversário da cidade, eu fiz uma edição. Eles compraram duas páginas, vendi para o prefeito, tudo direitinho. Mas quando fui receber, me disseram, “olha, não temos como pagar, não dá para aprovar isso, não podemos gastar no exterior, a prefeitura não pode gastar”. E a prefeitura era o maior anunciante, comprou duas ou quatro páginas. E aí, ficou, não pude receber. Era o maior anunciante.

E: Poderia ser uma possibilidade, se não houvesse esses entraves.

R: Poderia.

E: E essa questão do comércio é uma coisa interessante de pensar, porque, também, o pessoal começa a achar negativo esse movimento.

R: Talvez devesse ignorar isso, mas não dá para ignorar. O que que vou vender lá, 5% do faturamento, e vou arriscar a receita daqui?

E: Bom, o senhor acabou de me falar sobre a sua experiência de produzir conteúdo, vender conteúdo e trabalhar lá. Que lástima que não deu certo.

R: A gente desistiu, a gente tentou fazer. Fizemos essa edição do aniversário de Santo Tomé, levantamos a história, fizemos uma edição até bonita. O pessoal gostou, né... ficamos nisso aí.

E: Eu perguntei antes e o senhor estava comentando antes, se o senhor acompanha notícias da cidade vizinha. O senhor me respondeu que “não, só algum acontecimento inusitado, temporal, algo muito fora do normal. Cotidianamente, nada?”

R: Não.

E: Nada?

R: A guria da polícia tem duas páginas para preencher, e nem sempre a nossa polícia produz o suficiente. Então, ela consulta na internet a delegacia de Itaquí, de Santiago, São Luiz, Santo Antônio das Missões, e coloca alguma coisa.

E: Mas dali de Santo Tomé, nada?

R: Nada, dali nada. A não ser que tenha alguma coisa aqui na ponte, quando prendem um carro de Santo Tome na ponte, com maconha, por exemplo.

E: Sim, sim, eu vejo que tem algumas pautas que são recorrentes: veraneio argentino, balanço da ponte, uma que outra reunião que acontece, tipo, de secretarias de saúde.

R: Quando tem repercussão local aqui, a gente dá cobertura. Agora ir lá cobrir alguma coisa deles lá, não.

E: Lógico, tem que ter algum sentido. Eu achei interessante que, quando colocaram a barca para transportar caminhão, teve cobertura no Union, cobertura na Folha de São Borja, mas naturalmente a cobertura da ponte foi grande, como era uma demanda antiquíssima. Eu achei em 1978 ali no Union uma mensagem cobrando a

ponte, "tem que ter ponte". Aqui na Folha de São Borja achei também, em vários momentos. E claro, nos anos 1990 começou a ter o processo com o Fernando Henrique...

R: O Britto foi um cara que acelerou bastante a ponte, acho que 1996 o Britto... não tenho certeza.

E: Pode ter sido. Se não me engano, foi em 1995 que assinaram o documento para abrir a licitação. As duas primeiras tentativas falharam, a terceira que valeu.

R: Eu me lembro que o Britto esteve ali na rádio, estava numa sala com umas sete ou oito pessoas. Aí ele me disse: "Roque, quero ver o que que tu vais falar, agora que eu vou fazer a ponte aqui", e eu respondi: "qual é o assunto que tu vais anunciar?". E ele se comprometeu: "a ponte eu vou fazer, eu não saio do meu lugar sem fazer a ponte". E de fato, foi ele que fez a ponte, a inauguração acho que foi ele.

E: Foi ele sim.

R: Sim, foi ele, o Menem, o Fernando Henrique...

E: Sim, ele foi bem acompanhado. Bom, tem algumas pessoas que o senhor destacou: o prefeito, que na época era o Heinze, o presidente da comissão da ponte, que era o seu Paulo Maurer... que depois foi prefeito, não?

R: Foi.

E: Depois do Heinze, seu Ibrahim Mahmud, que é conhecidíssimo, e tem mais outras pessoas ali.

R: É, tem uns quantos. Tem o José Munró, o joalheiro ali, o Marco Teló... a ponte tem bastante gente, eu acho que não botei todos ali, porque não lembrei... isso tu vais pegar nos jornais ali.

E: Sim, sim, eu vi. Até o senhor Zapata me mostrou um desenho, uma gravura que ele mandou fazer. Era a ponte, e nos pilares da ponte tinham quatro nomes argentinos e quatro nomes brasileiros.

R: Eu vi esse desenho.

E: Ele me deu de presente, mas enfim. Aqui, o senhor já me falou sobre as mudanças na travessia do rio, que cada possibilidade foi melhorando a questão da economia. E o engraçado que teve melhoras na economia, teve melhoras no emprego, e as relações... deram uma melhorada em termos oficiais, mas culturalmente...?

R: Pouco, pouco significativo.

E: Pois é.

R: É engraçado, é estranho, mas é isso aí. Parecia que a ponte ia acelerar esse tipo de coisa.

E: Bom, estamos chegando perto do final, senhor Roque. Falamos de integração, e aí veio o assunto dos cônsules, que a ponte trouxe mais comércio, mas pouca integração. E aí surge uma questão interessante, da ligação dos órgãos públicos. O



senhor falou aqui que eles estão mantendo contatos. O senhor acha que tem outras instituições que podem se conectar entre as duas cidades, de outros setores?

R: Eu estava falando do que a Medicina estava querendo. Acho que no setor de ensino tem bastante coisa para trocar experiência. Educação, cultura, acho que há muita coisa para fazer nesse sentido. E o comércio também, nossa associação comercial aqui. O problema do comércio é que sempre há uma rivalidade, né? Quando lá está baixo o preço, o pessoal daqui fica chateado porque vão comprar lá, quando acontece o inverso, o de lá. Mas eles podiam conversar e chegar a fazer alguma coisa nesse sentido. Eles poderiam, de repente, se entrosar melhor para enfrentar essas situações. De repente, pressionar os governos para limitar o número de compras, ser mais rigoroso na ponte. Enfim, não sei o que poderiam fazer, mas eles poderiam se entrosar mais nesse sentido. E a parte de cultura, carnaval, que o carnaval deles é muito melhor que o nosso, de repente fazer um intercâmbiozinho (sic), a gente ir lá, eles virem aqui, acho que em algum momento isso já aconteceu. E essa área de músicas, também, que eles têm o nativismo deles e nós temos o nosso, né? Vem em uma sexta-feira, no Al Manara, um grupo deles, canta aqui, depois nós vamos lá. Tem muita coisa para aproximar as cidades, muita coisa. Agora, precisa haver criatividade e alguém que saiba fazer isso, que saiba e que queira fazer. Não pode eu ter a ideia e eu ir fazer. Tem que ter um governo, uma secretaria de turismo que se interessasse em fazer, do outro lado também uma secretaria de turismo, e abrir esse intercâmbio. O secretário de turismo faz uma reunião com os proprietários de bar daqui, depois faz uma lá. Depois faz uma semana argentino-brasileira, sei lá, tanta coisa dá para fazer!

E: Quando perguntei para o senhor se fazia diferença para o jornal estar numa cidade fronteira, se mudava alguma coisa ou não, o senhor respondeu que tem um potencial que pode ser explorado no futuro, mas tem que ter uma desburocratização. É aquilo de que falamos, 'como é que eu vou aproveitar oportunidade de comércio lá se corro o risco de não receber'? O senhor escreveu: "de resto, é igual a qualquer cidade de nosso porte, diria, a qualquer cidade interiorana". Tem mais alguma vantagem, alguma desvantagem no fato de estar na fronteira, algo que favoreça, que lhe ocorra agora?

R: É pouca coisa, se não há esse trabalho de que estamos falando. Quer dizer, por isso que eu digo que é um potencial futuro, porque tudo isso aí pode ser feito, e tudo isso pode trazer bons resultados, até em termos de aumentar a população, aumentar o serviço de turismo, a oferta de emprego. Mas é um potencial que não está sendo explorado, não é? Agora, se não explorar isso, fica uma cidade igual às outras, porque não está sendo aproveitado. Eu diria que São Borja tem mais futuro que São Luiz Gonzaga, que está ali apertadinho, não é? Nós temos esse potencial, desde que se explore.

E: Vou comentar aqui uma resposta: quando eu perguntei quem é o público leitor da Folha de São Borja. O senhor me respondeu que é "quem gosta de se manter informado sobre a cidade; preferencialmente, na classe mais privilegiada financeira

e culturalmente, aposentado, comerciante, profissional liberal e outros”. Esse é o perfil que o senhor identifica hoje?

R: Eu acredito que nós estamos situados dentro dessa faixa aí, 80%. Claro que temos outros tipos de leitores, mas o nosso leitor é mais ou menos isso, é o cara (sic) que tem profissão definida, professor, aposentado, empresário, bancário. Eu acho que é por aí. A pessoa tem que estar mais ou menos estabilizada para ler o jornal. Não é um aventureiro. Esse cara que não tem estabilidade funcional ou financeira, ele eventualmente lê o jornal ali na banca, vai ali e dá uma olhadinha, o jornal tá ali em cima do balcão. É um leitor eventual, mas não é um leitor cativo nosso.

E: E não é um leitor que ajuda a manter e que contribui para a empresa.

R: Eu acho que o nosso leitor é dentro mais ou menos disso aí. Claro que tem alguma coisa que eu esqueço, mas tu entendeste o perfil, né? Esse é o perfil do nosso leitor.

E: Claro. Em termos de faixa etária, o senhor acha que seria um pessoal de 30 anos de idade para cima?

R: Acho que até mais de 30, de 40 para cima, uns 70% nessa faixa.

E: E o pessoal mais jovem, o que o senhor imagina, de repente, para captar?

R: Pois é, gostaria de saber.

E: Mas o senhor costuma pensar a respeito disso. Que aspectos o senhor costuma refletir a respeito?

R: Como atrair esse pessoal, não é? A gente tenta. Nós temos umas colunas jovens, o Deco foca bastante aniversário de 15 anos, 18, 20 e casamentos, que atrai um público jovem, mas não exatamente esse público jovem descolado, que a gente não sabe como atrair, né? Eu não tenho elementos para isso, não tenho gente para fazer isso... talvez na internet fosse mais fácil de atrair esse pessoal, né? Esse garotão descolado, e tal, que gosta de carrão, né?

E: De uma certa forma também, um dia esse sujeito vai ser empresário ou vai entrar no mercado de trabalho.

R: Acredito que ele vai vir para o nosso público, para o nosso perfil.

E: Eventualmente ele migra?

R: Eu acho que não tem muito o que fazer para atrair esse tipo de leitor, não é muito atento. Ele, se alguém disser ‘tu viste que saiu a tua irmã no jornal?’, ‘ah, onde é que está’, aí ele vai lá e compra. Fora isso, não sei como trazer, sinceramente. A Zero Hora tem bastante coisa, tem gente, né? Bota uma seção de games, e tal, e acaba tendo como atrair esse tipo de leitor. Mas nós, aqui no interior, é difícil.

E: Perguntei ao senhor que tipo de notícia que o seu jornal tem que dar, que tem que servir para o leitor essa notícia, que tipos de assuntos não podem faltar. E o

senhor me disse que ‘política, iniciativas de melhorias da cidade, esportes, sociedade, polícia’.

R: Eu acho. Política e polícia são fundamentais, esses dois. E claro, eu tenho que mostrar o que está acontecendo na cidade, o que a prefeitura está fazendo, o que os órgãos públicos estão fazendo. Essas coisas têm que ter. Futebol o pessoal gosta também, essas coisas assim que não diferem muito de outras cidades. Se você pegar uma cidade e perguntar o que interessa ali, o cara vai te dizer a mesma coisa que eu estou te dizendo: polícia, política, futebol. A mesma coisa, não muda muito o perfil.

E: Em termos de cultura, de cobertura da cultura local. A Folha de São Borja, ali no seu período, teve um pessoal fora de série. Moarci Sempé, Apparício Silva Rillo...

R: Bira Fontoura...

E: Tinha um time que tinha uma cultura geral abrangente, e uma ligação com as letras que era notável. E hoje, como o senhor vê o cenário cultural? O que mudou daquele período para cá?

R: Eu acho que meio que empobreceu. Nós perdemos essas figuras aí, e não conseguimos repor. Também, tu não repões uma figura como o Rillo, como o Sempé, um cara de uma cultura. Ele não era tão conhecido como o Rillo, mas era extremamente culto. Até eu diria mais culto que o Rillo. Menos inventivo, menos criativo, mas mais culto em termos de história, principalmente do Rio Grande do Sul. Ele tinha uma cultura extraordinária.

E: Eu fotografei toda a série que ele produziu de artigos sobre a moção plebiscitária.

R: Ele tinha uma cultura extraordinária. O Bira Fontoura era um cara muito inventivo, muito bom desenhista. E também tinha umas incursões pela história farroupilha e tal, alguma coisa assim. Mas ele era mais artista gráfico, tinha mais disso. Quem mais nós tínhamos ali? Tinha um time grande, nós fazíamos um caderno de cultura, e esse pessoal todo participava. Eles participavam mais, eles ajudavam muito a produzir isso, para produzir isso precisa de gente. Era um caderno assim, absolutamente sem retorno financeiro nenhum, não tinha nada de publicidade. Isso era no tempo do Renato, que ele produzia isso, que ele era dos Angueras, e os Angueras ajudavam a produzir isso. Depois, ele [Renato] mesmo parou e eu não reativei mais aquele caderno. Mas eu vejo que a nossa cultura empobreceu.

E: Aqui na cidade?

R: É, não tem mais aquele brilho. Hoje, é o Festival da Barranca, os Angueras ali com o museu deles, acho que virou nisso. O centro cultural também quase não tem atividade nenhuma. Eu vejo assim, meio empobrecida. Porque a cultura é uma coisa que se você não está sempre cutucando, por si só não aparece.

E: Eu perguntei 'o que um acontecimento tem que ter para virar notícia'. O senhor respondeu 'tem que mexer com os leitores, tem que repercutir na cidade'. Ou ao menos, com a maior parte deles.

R: Tem que ter impacto, ajudar, ou esclarecer alguma coisa.

E: Quando perguntei se o seu jornal pode atrasar o fechamento para qual tipo de notícia, o senhor respondeu 'uma boa notícia, relevante, de impacto, posso esperar um pouquinho'. Tem mais alguma?

R: Não, não. Causa impacto pode ser em vários tipos de notícia.

E: Uma notícia boa para o jornalismo pode boa ou ruim, né?

R: Uma morte é uma boa notícia para o jornal... não é boa notícia para a cidade e nem para família...

E: Bom, perguntei ao senhor se havia feito alguma mudança no seu processo de seleção, no seu processo de selecionar o que vai e o que não vai. O senhor respondeu "acredito que não, pelo menos não na essência. Pode ter mudado algo na forma de comunicar, mas de resto é como sempre foi feito".

R: Jornalismo é a mesma coisa sempre, não é? Historicamente, o jornalismo é a mesma coisa: tu vais noticiar, tu vais selecionar aquilo que tu achas que tem mais empatia com o leitor. Então, isso não muda nunca, né? Daqui a 20 anos o cara vai escolher do mesmo jeito a notícia.

E: O senhor não nota uma mudança no consumo, na discussão das notícias dos anos 80 para cá? Do que chega ao seu conhecimento, o senhor percebe uma mudança?

R: Eu diria que há mais assuntos para serem discutidos. Quer dizer, hoje o lançamento de um game aí, que atinge milhões de pessoas é um fato que há 20 anos atrás não existia. Mas a seleção, o processo de seleção ainda é o mesmo, né? O game é notícia porque ele atingiu pessoas e causou um impacto, quer dizer, muda o assunto, mas ainda a seleção é o mesmo processo, pela importância.

E: Então, vendo aqui uma outra pergunta que o senhor respondeu. Definir as notícias, que aqui também já disse que não mudou nada. 'A definição sempre obedeceu a mesma ordem de importância: primeiro as locais mais importantes, depois as estaduais, depois as nacionais de importância extrema, talvez até internacionais de grandíssima repercussão e, de resto, cobertura local'. Em relação com instituições é normal, considerados os contatos tanto pessoal por telefone e release.

R: É mais ou menos isso o que eu quis dizer. A notícia local importante é a que nos dá mais retorno. Claro, se morre o papa, a notícia internacional importante já passa na frente da local importante. Mas teoricamente é isso aí, na razão da importância. Mas também precisa ser importante a notícia. Queda de presidente e tal, senão a gente passa por cima e dá mais local. A ênfase é mais local.

E: Bom, eu perguntei sobre 1997 e o senhor me disse que funcionava do mesmo jeito. Quando eu perguntei sobre a sugestão de pauta do leitor em 82 e 97, se tem

sugestão hoje, o senhor respondeu "vai do feeling do repórter. Tem muitas sugestões, mas nem tudo é acatado. Tem um filtro para separar o que tem proveito ou não, mas é comum aceitar sugestão para matéria". Que tipo de sugestão vocês aproveitam mais?

R: Vamos supor que o sujeito liga lá do Passo "seguinte, a gente viu umas famílias aqui juntando pedaços de lixo, com criança e tal". É uma matéria que a gente acata. Vamos fazer essa matéria. Vai ter que dar um pulo lá. Às vezes não dá tempo. Às vezes ligam da vila, estourou um bueiro, a água está invadindo umas casas, vamos lá. Virou uma carreta perto da rodoviária e tal, aí a guria da polícia, pá!, manda vir uma moto, vai lá, tira umas fotos e tal. É esse tipo de coisa, de sugestão. Mas não é qualquer tipo de sugestão também, né? Sugestão de que tem um buraco lá no [bairro do] Passo, não vamos fazer isso, né? Por isso que eu disse, não é todas que se acata. Por importância, né?

E: Releases, o senhor me falou que recebia bastante de origem governamental. Normalmente via correios, hoje chega pela internet. Eu peguei uma fase, quando estava estagiando em jornalismo numa revista lá em Pelotas, de chegar um despacho do Piratini, um envelopão assim...

R: Eu recebia também, normalmente, ia tudo para o lixo. Dava uma olhadinha assim, só algumas manchetes, ia tudo para o lixo. Até hoje, a gente faz isso, porque do governo recebe bastante, mas se utiliza pouco. Até porque aquilo que interessa eles não divulgam, que é as vezes a notícia polêmica, e a notícia polêmica não vem por eles, vem pelos jornais, pela internet. Quando eles mandam alguma coisa, já mandam assim maquiada. Agora, a gente usa também quando tem interesse para a sede, alguma verba para a saúde. Tem coisas que nos interessam, a gente publica.

E: Perguntei se o senhor considerava que os seus leitores se interessavam, em 82, 97, e até hoje também, por notícias da outra cidade. O senhor respondeu: 'acredito que muito pouco. O que diferencia o jornal do interior dos grandes jornais da capital é o foco na cidade. Alguma coisa importante da cidade vizinha pode ser noticiada, mas não é prioridade'. Voltamos aquele outro ponto lá...

R: Se for alguma coisa importante, a gente publica. Mas não é o foco, nosso foco é local.

E: Outra questão: 'o senhor acha que o pessoal se interessa em saber o que se passa em outra cidade? Já tem uma pesquisa a respeito?' O senhor respondeu: 'eu acho que não, mas não temos pesquisa'. O senhor considera que seria válido realizar uma pesquisa a respeito?

R: Olha, a minha experiência de anos aí já me provou que nas cidades, o pessoal se importa pelas suas cidades. Se largar um jornal de Santiago aqui nas bancas, só se tiver 20 famílias de Santiago, talvez comprem o jornal, mas fica entre eles.

E: Ou seja, melhor seria enviar por assinatura.

R: Não tem a menor repercussão na cidade, a menos que o pessoal conheça, ou que seja um caso que possa se adaptar aqui. Vamos supor que a cidade adote um comportamento, que a prefeitura adote uma coisa lá, e que se pense que aqui seria bom também. Sei lá, estacionamento rotativo, que São Borja acabou fazendo, mas vamos supor que não tinha, mas tinha em Santiago. De repente, coloca uma notícia "Em Santiago rendeu isso, rendeu aquilo".

E: Ou seja, volta sempre àquele foco local.

R: Isso, o foco local. Quer dizer, pega a notícia de lá, do que eles fizeram lá...

E: Pode até olhar alguma coisa do outro lado, mas na lógica 'se aplica ou não se aplica, interessa ou não interessa'.

R: Isso.

E: Isso dentro da margem de decisão do editor.

R: Porque aí você pensa o seguinte, de repente o vereador lê essa matéria ...

E: ...e abraça a causa?

R: Abraça. Ele vai apresentar uma sugestão. Uma coisa assim da área da Saúde, um sistema de vacinação, sei lá. Porque nós recebemos alguns jornais da região, e sempre damos uma olhada (sic).

E: Sim.

R: Quando eu acho uma ideia interessante, eu encaminho para o Arce. 'Arce dá uma olhada, de repente fala com o vereador, para ver se tem uma possibilidade de fazer aqui'. Ele me acompanha.

E: Bom, vamos ver aqui. A gente acabou de falar nisso, e eu fazia a conexão com o tempo de hoje. Eu perguntei que tipo de acontecimento da cidade vizinha pode interessar e ser notícia. O senhor respondeu 'um fato que possa repercutir na cidade. Fato policial, político, exemplo de administração pública, alguma coisa assim'.

R: É, isso aí. Claro que, se um político lá, morre, mata em plenário, só para dar um exemplo, renuncia, claro que isso seria uma notícia. Renuncia o prefeito de Santiago, claro que seria notícia para nós. Agora, aquilo que é usual da cidade, não.

E: Com a sua experiência, como o senhor avalia a opinião de seus conterrâneos sobre a cidade vizinha. O senhor respondeu: "os são-borjenses de modo geral falam pouco sobre Santo Tomé. Acompanham a variação cambial, se está bom para comprar lá, que tipo de mercadoria, coisas assim". O foco ficou assim, muito comercial, pouco de convivência, pouco de cultural.

R: Quase nada... aquilo que a gente falou mais atrás. Tem muita coisa para fazer. Acho que eles também podem ter vontade de fazer isso. Mas também lá, um cara assim como eu não resolve a situação, que depende de alguém bancar isso, de ter um orçamentozinho para isso. Isso custa dinheiro. Convoca o fulano lá para secretário de turismo e dá uma verba para ele, dá cem mil, 200 mil, para ele poder ir lá

em Santo Tomé, ir a Posadas. Vamos organizar alguma coisa, um carnaval bipartidário, fazemos uma noite aqui, outra lá. Na área administrativa também, o que deu certo lá? Eu sei que eles asfaltam com cimento ali em Santo Tomé, não sei se tu observaste isso. Eles usam o cimento para asfaltar ali. Será que isso é bom, é ruim, mais caro, mais barato?

E: Dura mais?

R: Durar mais eu sei que dura, mas é mais barato, mais caro, podemos trazer o cimento deles? De repente é mais barato que o nosso, que o nosso vem lá de São Paulo, da Votorantim, sei lá. De repente tem aqui. E essa indústria de pellets que eles vão montar aqui. E a Argentina que vai fornecer o material, porque eles têm um horto florestal muito grande ali. E a importação para essa fábrica que vai ter aqui é dali. E isso está bem avançado já, vão criar uns 200 empregos diretos, vários indiretos. Vai ser exportado para a Europa, principalmente, que é grande consumidora por causa do frio deles lá, para calefação.

E: A última pergunta que coloquei aqui. "Os veículos da imprensa local podem influir no relacionamento entre setores e lideranças, o que o senhor pensa a respeito?" O senhor respondeu "é provável que eles possam ter papel relevante nisso, um assunto para o futuro. Tem como descobrir como fazer isso compensando financeiramente, senão seria adicionar custos a um ramo de negócio que luta com muita dificuldade". O senhor considera que a Folha de São Borja pode fazer a sua parte para fomentar esse retorno essa retomada da integração?

R: Eu acredito que possa dentro daquilo que é a nossa missão. Servir de veículo. Nós não podemos é provocar a coisa. Até poderia com um esforço maior, provocar, se eu me dispusesse a liderar uma comissão, como aquela da ponte e tal, se o veículo se dispusesse. Mas não é o nosso papel, nosso papel é servir de veículo. Então, criaram a comissão da ponte? Vamos criar a comissão de integração dos dois municípios. Aí o veículo pode ajudar a fomentar isso, evidentemente que pode. Como que se diz, criando na comunidade uma mentalidade nesse sentido. Não sei se eles têm jornal ali do outro lado, não tem, né?

E: Agora não têm. O que tem são os diários digitais, webjornal mesmo, e as emissoras de rádio.

R: Eu acho que nosso papel é importante aqui, do nosso lado. Do lado de lá, dependeria de se criar um caderninho especial, em espanhol, com esse tipo de mensagem, de congraçamento, de integração, mas daí com um orçamento de alguém, de uma comissão, de um órgão, de uma secretaria de turismo, que bancasse isso, porque o jornal também vive com muita dificuldade.

E: Sim, o senhor me falou.

R: Nós estamos fechando com prejuízo todos os meses. Este ano não teve um mês que nós fechamos com lucro.

E: Nenhum?

R: Nenhum.

E: Mas historicamente o jornal consegue fechar uns meses no azul?

R: A maior parte desses 40 anos, 30 e poucos com prejuízo, mas eu bancava com a rádio.

E: Atenuava.

R: Os 4 ou 5 últimos anos nós conseguimos fazer sobrar dinheiro. Mas este ano não. E gastamos aqui nessa reforma... não sei se tu conhecesse o prédio antes?

E: Eu estive aqui antes, ficou muito linda a reforma.

R: Nós tínhamos uma gordura, nesses últimos 5, 6 anos, e agora estamos apertados.

E: Agora estão numa instalação bonita.

R: É, ficamos bem, mas queimamos a nossa gordura e agora estamos nos vendo. Mas agora, todos esses assuntos aí, esse principalmente da influência que poderia ter, a gente pode ter, mas temos que ser acionados, Heleno. Não compete a nós chefiar o bando, né? Nós temos que ser um veículo, nós temos que ser acionados, ser usados.

E: No máximo, o senhor considera lançar a ideia, plantar?

R: No máximo isso, mas tomar a frente dela é impossível.

E: Sim, financeiramente seria proibitivo. Interessante que agora, por exemplo, o senhor está com seus filhos encaminhados para a comunicação. A Anelise está na rádio... ela é diretora na rádio?

R: Ela é diretora na rádio junto com uma outra filha minha, a Raquel.

E: Então Anelise e Raquel na rádio e o Humberto aqui com o senhor, na função de diretor, vice-diretor.

R: Vice-diretor, gerente... uma coisa assim.

E: Mas já estão todos encaminhados na comunicação, formando um clã na comunicação.

R: Vou deixar essa bomba para eles. Agora passa a ser mais difícil. Não sei se vai ser mais difícil, porque eu peguei o jornal muito tempo com prejuízo, mas eles têm mais desafios pela frente.

E: Agradeço muito a atenção e a paciência do senhor, e a gentileza de me disponibilizar o acesso ao arquivo do jornal./



## APÊNDICE F – Entrevista com Carlos Segundo Zapata, editor do jornal Unión

Entrevistas concedidas na residência de Carlos Zapata, em Santo Tomé, Corrientes, Argentina, nos dias 19/09/2016 e 20/09/2016.

Entrevistador: Bom dia, senhor Zapata.

Carlos Zapata: Bom dia.

E: Eu inicio a entrevista perguntando em que cidade e ano o senhor nasceu?

Z: Eu nasci em Paraná, na província de Entre Rios, em 20 de dezembro de 1935.

E: Como começou no periodismo? Teve alguma formação, ou foi por meio da prática? Como se encantou pelo jornalismo, e como começou, nesta atividade?

Z: Correto, entendido. Eu tenho uma formação docente, de professor de escola. Trabalhei quatro anos como professor de escola. Passou um tempo, e eu gostava de escrever, então trabalhava para outra província, em Posadas. Em 71, passei a escrever para um jornal de Posadas. Em 72, me contrata um jornal da capital de Corrientes ... Posadas é de Misiones, e Corrientes é capital de Corrientes. Então, eu mudo, mas sempre morando em Santo Tomé. Então, aqui, em relação a São Borja, do Rio Grande do Sul, não havia telefone, era difícil, não tinha estrada.

E: Em termos de transportes, comunicações?

Z: Tudo era difícil, por ar e por terra. Então, estive ali oito anos trabalhando no O Litoral, um jornal grande da província. E ali aprendi, como vou dizer, como se ganhava dinheiro. Ali havia uma agência que atendia Santo Tomé e toda a região, então fazia publicidade e matéria jornalística. E aí comecei a fazer, até que no ano de 1977 eu disse "não, vou fazer um para mim, que se chamará Unión". E então, em 24 de setembro, agora, de 1977, nasce o jornal Unión. E vai abranger toda a região próxima da província de Corrientes.

E: Por que o nome Unión?

Z: Porque aqui, Santo Tomé era uma localidade que tinha uma desunião, não tinha união. Eram maus uns com os outros, brigavam, então busquei união para ver se se uniam. Então criei Unión porque em Santo Tomé havia desunião. Me entendes?

E: Sim. Então era para que a comunidade se unisse?

Z: Correto, era para isso. Buscando, pensando em que podia aportar para que se unissem. E com o nome Unión mantive o jornal por quase 40 anos, trabalhando e me relacionando muito bem com o Brasil, com São Borja, com Itaqui, sempre como

jornalista. E então governador, presidente, todos de Brasil ou de Argentina, se passavam por aqui, passavam pelo Unión.

E: Como foi o processo para investir na criação do Unión? Como produzia o jornal? O senhor trabalhava sozinho, tinha funcionários, ajudantes?

Z: O que aconteceu é que quando criei o Unión, eu já tinha oito anos de experiência em outro jornal. Então, no outro jornal, já não era só uma função de correspondente, de fazer matéria, mas eu saía para fazer tudo, saí para vender publicidade, fazer matéria, cobrar. Então, eu fui me capitalizando, até que em uma oportunidade tive o suficiente para comprar um carro zero quilômetro, para que eu pudesse me deslocar. Tive oito anos de experiência, praticando para outro jornal, até que formei o meu jornal, Unión.

E: Como e onde era impresso o Unión? O Unión era quinzenal, então tinha um período de produção, mas onde era impresso? E o senhor, além de vender publicidade, tinha mais alguém trabalhando ou era o senhor trabalhando sozinho no jornal?

Z: Tinha pessoal, tinha pessoal. Havia formado uma pessoa que cuidava da parte esportiva principalmente, um que era repórter que cobria não só Santo Tomé, mas São Borja, de todas as localidades vizinhas, mas não muitas. Duas ou três. E depois, eu contratei duas pessoas exclusivamente para digitar, porque começava a digitar. O jornal comum era com máquina de escrever somente, então quando vem o computador, então aí sim, contrato duas pessoas para digitar.

E: Mas isso foi lá pelos anos 2000, quando surgiu o computador. Mas antes do computador, o senhor fazia todo o processo sozinho para produção do fotolito, impressão e tudo o mais.

Z: Sim, sim. Tinha uma seção de trabalho manual, era porque eu não tinha máquina, eu ia e alugava, ia com tudo feito e imprimiam em outra parte. Eu ia a outra cidade e imprimia, porque não tinha máquina impressora. Então, eu evitava ter empregados e custos. Eu sabia que era o custo do jornal era alto, então não tinha pessoal para trabalhar.

E: Então a parte editorial era somente sua, e para impressão se alugava as máquinas. Onde se imprimia o Unión?

Z: Primeiramente, em Corrientes, capital, a 400 km. Depois, em Posadas, a 150 km. E também imprimi o jornal em São Borja, com a Folha de São Borja. Cruzava o rio, e já era conhecido, não tinha problema com ninguém, e me davam a licença para ir e imprimir o jornal no Brasil. Já trazia pronto, a máquina impressora em São Borja já imprimia.

E: Na própria firma da Folha de São Borja. Em que período houve essa impressão na gráfica de Folha de São Borja? Se lembra?

Z: Em 1990, estive quase dez anos imprimindo em São Borja. E depois, foi em Santo Ângelo, pois então a Folha de São Borja se imprimia em Santo Ângelo. Então, mandava por ônibus, com tudo feito.

E: E isso de imprimir em Santo Ângelo foi até 2010?

Z: Não, acabou antes.

E: Então, logo antes de sua aposentadoria, se imprimia em Santo Ângelo ou mudou novamente?

Z: Não, voltei a imprimir na Argentina, porque o câmbio, o valor do peso, já não me convinha. Economicamente ficava muito caro, então fiquei com um serviço aqui da Argentina.

E: Aqui mesmo?

Z: Em Paso de Los Libres.

E: Então, historicamente, se imprimia as primeiras edições em Corrientes...

Z: As primeiras edições em Corrientes.

E: Depois em Posadas...

Z: Sim.

E: Depois um bom tempo no Brasil, em São Borja, depois Santo Ângelo e, por último, Paso de Los Libres. Sabe dizer de que ano a que ano se imprimia em Corrientes, depois em Posadas?

Z: Mais ou menos, oito ou dez anos na Argentina, entre Corrientes e Posadas.

E: E depois no Brasil?

Z: E depois no Brasil.

E: Então foi um bom tempo. A maior parte do tempo de existência do jornal Unión, ele foi impresso no Brasil?

Z: E depois, por último, por muito tempo, em Paso de Los Libres.

E: Em Paso de Los Libres, começou quando a impressão?

Z: Tem que ver, mas pelo menos uns seis anos.

E: Então, por volta dos anos 2000?

Z: Sim.

E: Então, a única mudança de tamanho da equipe no período de 82 a 97 foi que, quando teve o computador, teve que contratar duas pessoas para digitar. Como o senhor fazia com as fotografias, o senhor as tirava?

Z: Sim, claro. Eu fazia todo o jornal. Primeiro a entrevista, depois degravava, e depois fazíamos o fotolito, e depois jogava na impressora, já com tudo feito.

E: Para o início, o senhor contava com o seu próprio carro para o deslocamento. Lembro que uma vez que o senhor me contou que teve uma história, uma reportagem, na qual o senhor teve que ir até Posadas pegar um avião para ir até o local do fato. Pode contar esse episódio?

Z: Sim, sim. Como a mim me deram uma agência com amplitude de custo, eu não tinha problema de gasto. Um estabelecimento muito grande, a uns 100km de Santo Tomé, teve um incêndio onde se fazia erva-mate. Então, aluguei um avião. Eu pagava no ato e depois a empresa me ressarcia. No mesmo dia o jornal de Corrientes já tinha a matéria. E assim, quando sucediam coisas, eu pegava um avião. Carro não, porque sempre tive carro particular. Mas quando era um caso urgente, pegava um avião, e a empresa me ressarcia todo o dinheiro que gastava.

E: O jornal sempre foi feito aqui nesta casa, do início ao final?

Z: Correto. A notícia saía daqui, deste lugar onde estamos sentados agora. Sempre saiu para todos, igualmente, durante mais de 40 anos. A notícia, eu a formava, a armava aqui. E depois, eu alugava a máquina. Criei uma relação muito importante com o pessoal da Folha de São Borja.

E: Sim, pois quando disse que viria aqui para falar com o senhor, me disseram que lhe dissesse que eles têm boas lembranças do senhor, e me pediram que lhe trouxesse dois jornais, e que dissesse que gostam muito do senhor por lá.

Z: Muito amigos, tivemos muita relação e confiança. Eu ia lá, e eles vinham aqui. Compartilhamos, tínhamos muito respeito, muito séria e responsável a equipe da Folha.

E: Como se fazia a distribuição dos jornais? O senhor punha nas bancas, como fazia?

Z: Quando chegava o pacote, tinha os meninos, as pessoas que vendiam nas ruas. Deixava algo nos quiosques [bancas]. E depois, ia de carro entregar aos assinantes, os que pagavam mensalmente. Ia atirando os exemplares, atirando.

E: E sobre as receitas do jornal. Se fosse me dizer em percentuais a receita do Unión, quantos por cento vinha da publicidade, quanto vinha dos quiosques? O jornal tinha assinantes?

Z: Sim, tinha assinantes, que pagavam o preço de capa. Os quiosques e os meninos da rua recebiam 20% do preço de capa. Tudo conforme as regras.

E: A maior parte da receita do Unión vinha de publicidade?

Z: Sim, publicidade, muito de Santo Tomé, e do Governo da Província.

E: E tinha, por acaso, publicidade de São Borja?

Z: Tinha uma página de São Borja, quase sempre. E com isso pagava a maior parte do custo que tinha.

E: E isso ocorria sempre ou era esporádico?

Z: Era firme. Vinha às casas e às lojas. Como não punham preço, então a loja fazia o investimento. Um intercâmbio muito bom, muito bom.

E: Qual era a função que o senhor designou para o jornal, quando o criou?

Z: Primeiramente, vou dizer que era paixão. Eu tinha paixão, gostava, adorava. Lhe dedicava horas, dias. A minha esposa, meus filhos... em primeiro lugar estava o jornal. Eu ia, saía, ficava um dia, outro. Não tinha hora de regresso. De sair, sim, mas de regresso não sabia se voltava hoje ou amanhã. Trabalhei muito, gostava muito, e a gente me respeitava e me conhecia muito, era muito conhecido, era o único que andava na região.

E: E para a cidade? Que função o senhor pensa ou crê que o Unión tinha para a comunidade santotomenha?

Z: Tinha todas, porque eu não fazia nenhuma distinção. Se era uma sociedade rural, se era uma banca, se um armazém pequeno ou um supermercado, para mim era o mesmo, eu dava-lhes a mesma atenção. Era amigo de todos, a tal ponto que, bom, observaste, fiz uma galeria de recordações, e ali estão todos, políticos, desportistas, gente da cultura, escolas, estão todos. Resulta que há tantas fotos, que desde que me retirei, faz uns três anos, as fotos estavam a se perder. Então eu as peguei e montei uma galeria de recordações.

E: Temos no jornal os fatos que estou estudando, a barca e a ponte. Além deste fato, alguma vez o senhor teve que tratar com autoridades brasileiras? Como foi o tratamento, como ocorreu?

Z: Em relação aos brasileiros tenho um grande respeito e grande recordação, porque tanto no trabalho como jornalista quanto como cidadão, sempre me tinham em conta, me convidavam para festas em São Borja, ia sempre a São Borja. Era próximo de militares, da polícia, do comércio e da sociedade rural, tudo. E do lado da Argentina, o mesmo, porque então era sozinho, não havia outro, de modo que não podiam dizer que era bom ou mau, não havia outro, era o único.

E: Não havia outro jornal impresso na cidade, só o Unión?

Z: Só o Unión.

E: E nessa época, que emissoras de rádio haviam? Ou não haviam?

Z: Tinha uma, pequena, era a Municipal. E depois, faz uns 50 anos, a Rádio Nacional, de Buenos Aires, instalou a base atual, grande. Assim que tínhamos uma emissora pequena, a Municipal, e depois veio a radio grande, da Nacional.

E: Em que ano foi a vinda da rádio Nacional?

Z: Isso faz uns 50 anos. E depois, contando com a FM, creio que existam umas seis rádios aqui. Mas antes, havia um jornal e uma rádio, apenas.

E: O União foi criado em um período político que era delicado, do regime militar. Era algo que se passava também no Brasil. Como foi conduzir o jornal, oferecer informação de política e de economia nesse período que foi tão delicado? Como o senhor conduzia isso?

Z: Eu tive a sorte de que... bom, o jornal nasce na época de um estado militar.

E: El Proceso.

Z: El Proceso. Eu sempre tive na cabeça que os militares estão preparados para outra coisa: para lutar, para defender a pátria, mas com armas. E o jornalista se defende com o lápis. Sempre escrevendo. Nunca tive problemas com os militares porque eles viam a mim e me convidavam, eu via como se comportavam, era amigo. Mas não posso dizer que o jornalismo e os militares não eram coisas distintas, eles se prepararam para a guerra, para matar, e o jornalista só para usar o lápis, não mata ninguém. Então me aceitavam, como jornalista me aceitavam. E eu era de confiança, a tal ponto, que por vezes perguntavam situações muito difíceis que ocorriam com a gente da comunidade de Santo Tomé, contra os militares, quando o assunto era a guerrilha, situações nada fáceis. Nunca tive problema. E se tive problema, foi com militares de baixa categoria, nunca com os chefes. E se tive, uma vez com o chefe, lhe chamaram à chefatura e lhe deram uma bronca porque se meteu com o que não devia, se meteu com o jornalismo. De modo que me defenderam dos próprios militares.

E: Lembro de ter lido sobre uma polêmica por conta do carnaval, e era um militar que coordenava o orçamento da festa. Houve um cidadão que criticou uma decisão, e isso deflagrou uma polêmica. O senhor lembra disso, pode falar?

Z: Sim, é verdade. Era um carnaval, porque deixavam entrar pessoas que não tinham motivo para passar como grandes senhores, entravam sem pagar a entrada. Eu vejo isso e escrevo a respeito. E aí, um saiu contra mim, mas quando os chefes superiores se inteiraram do fato, o fizeram me pedir desculpas porque tinha se equivocado. Eu defendia. Não é que eu fosse um defensor, eu escrevia o que para mim era uma realidade, porque o que estavam fazendo então os militares não era correto. Mas eu nunca os atacava, sempre dizia algo com altura, classe. E depois, quando se inteiram os de cima, a chefatura em Buenos Aires se inteira do que ocorreu, o próprio chefe que tinha falado mal de mim me pediu perdão, porque tinha se equivocado.

E: Ocorriam algumas formas de abusos, se apontava e se falava disso, mas com altura, com classe. Eu vou pular algumas perguntas porque o jornal não está mais circulando. O senhor tinha fontes de informação, fazia entrevistas com pessoas em São Borja, era comum? O senhor acha que as pessoas de Santo Tomé em 82, 97 tinham interesse em saber do que ocorria em São Borja?

Z: Não, a comunidade de Santo Tomé era mais fechada. O povo de São Borja era mais cavalheiro, mais aberto, as festas que faziam. Não tinha nada a ver. Em São Borja havia, naqueles anos, os que compartilhavam, mas não era uma realidade compartilhada aqui. Agora, depois com o assunto da ponte, se fazem reuniões de

sociedades lá e cá. Eu digo, tem mais de 150 anos da criação de São Borja e Santo Tomé. Então, aqui há famílias que montam seus lares, casados, e hoje isso continua.

E: Em 82, não teve mudanças na equipe do jornal, o senhor já tinha respondido. Perto dos anos 2000, o senhor contratou duas pessoas para digitar as matérias. Como funcionava? O senhor passava as matérias datilografadas para digitar, como fazia?

Z: Não, já tínhamos aqui o computador para digitar, e levava toda a matéria para a impressora, para preparar para a fotocópia, fotolito. Levava todas as matérias e depois passava para outra seção, para fotocopiar o material. Não tocávamos nessa parte, tudo se fazia tal qual estava na página.

E: O senhor acompanha o jornalismo digital de hoje? Tem alguma opinião, análise?

Z: O jornalismo de hoje... eu não partilho de que isso seja jornalismo, porque pelo menos aqui na Argentina, parece que o jornalismo não se embasa em algo real, parece que tudo é uma coisa fictícia. Porque o mesmo jornalista escreve em um artigo o contrário do que disse outro. E disso não partilho, a notícia é uma só. A notícia que diz que vê "A", tem que ver "A" para todos. Brasileiro, argentino, uruguaio. Há que se respeitar isso. Mas hoje, aqui na Argentina... Não me agrada o jornalismo de hoje, porque... não há definições exatas sobre este fato, de um ladrão, de um que mata. São coisas. Há uma verdade, e essa verdade é muito ocultada.

E: O senhor acompanha algum dos diários digitais de Santo Tomé?

Z: Não, não saio mais, me aposentei, por um problema de saúde de minha mulher, me dedico a cuidar dela e não saio mais, não faço mais nada.

E: Temos um pouco mais de tempo. Quando o senhor se sinta cansado, queira interromper e então retomamos em outro dia, peço que o senhor me avise. Em 82, acerca das relações entre os cidadãos de São Borja e Santo Tomé, o senhor me disse que tinha uma diferença: os santotomenhos eram mais fechados, introspectivos, menos abertos para as relações. O senhor crê que algo mudou? O que mudou?

Z: Bom, o que mudou, e que, todavia, ainda não está em prática, é o famoso Mercosul. Nós somos fronteiriços, precisamos ter um pouco mais de liberdade de compra e venda de pequenas coisas, e de mudar a forma de ser, de pensar e de agir social e culturalmente. Agora sim, há mais carinho, mais respeito, se fazem reuniões de sociedade científica. Vamos convidar os brasileiros. Se há um colégio na Argentina, e em Santo Tomé em particular, muitos jovens que estudam Medicina se encontram muito bem, se integram muito bem e são muito respeitados aqui. É um povo tranquilo, assim que entendo que a cultura avançou.

E: Mudou para melhor?

Z: Mudou para melhor, é verdade.

E: E em relação aos órgãos públicos, o senhor acha que melhorou, evoluiu?

Z: Sim, há uma evolução. Ainda mais agora. O prefeito de São Borja, para nós de 80 anos, é um jovem, e o de Santo Tomé também é jovem. São respeitosos, se visitam, se reúnem lá e aqui. Melhorou muito, há mais sinceridade, não é mais "político contra político", se ajudam.

E: Em seu tempo de atividade, o senhor acompanhava jornais de São Borja? Acompanhava as notícias da cidade vizinha?

Z: Eu tinha a Folha de São Borja como um jornal argentino, e depois um jornal de Porto Alegre, os que vinham, de modo que sempre estava muito ligado nas notícias do Brasil.

E: Com que frequência o senhor lia jornais brasileiros?

Z: Eu diria que semanalmente.

E: Se punha a par do que passava?

Z: E se tinha havia algo especial, eu ia e comprava o jornal para ler o que me interessava. Ou escutava o que diziam na rua.

E: O senhor encontrava o jornal aqui ou tinha de passar para o outro lado?

Z: Passava para o outro lado ou ia à aduana e pedia a alguém que comprasse para mim. Um fato muito importante de soma de rádio, jornal e televisão, foi quando o Papa veio ao Brasil. Ele vinha à América e veio ao Brasil primeiro. Nesse dia, fui a São Borja para ver como estavam, porque aqui na Argentina estava um alvoroço, porque o Papa estava na América, no Brasil. Fiz a viagem e falei com o Dr. Getulino, que me falou a respeito. Ele era acertado em tudo o que dizia, com o rico, com o pobre, com o doente. Então, eu quis ir e ver pessoalmente e escutar o que era, o que ele pensava. Porque o que disse agora não saiu nos jornais dessa intimidade que tinham. Me encantou que os são-borjenses destaquem ao Papa, e isso faz pouco. Então estamos bem, estamos bem, na América estamos bem.

E: Houve algum momento que o senhor percebeu que poderia ter assinantes em São Borja? Tinha leitores e assinantes, ou o jornal não chegava ao outro lado do rio?

Z: Tinha assinantes. Tinha e eu ia com os jornais nas mãos e ia entregando nas casas.

E: O senhor mesmo entregava?

Z: Era eu mesmo, porque também era um passeio, eu não tinha jornaleiros, eu ia e entregava nas casas.

E: Em quantas casas?

Z: Mais de 40 casas.

E: Era um roteiro de entregas que também era um passeio.



Z: Domicílios e comercial. Tinha uma boa quantia.

E: Durante quanto tempo?

Z: Anos, muito anos.

E: Até o final do União?

Z: Quase até o final, aí eu comecei a diminuir o ritmo.

E: Quando houve a mudança de impressão?

Z: Sim, mais ou menos por aí. Não tinha parado de todo. É que eu tinha que buscar a publicidade, cobrar, então eu comecei a tranquilizar-me, até que me aposentei.

E: Que mudanças o senhor destaca do período de 82, das barcas para os caminhões?

Z: Na cidade só, não, porque a mudança é tão forte, desde Rio de Janeiro até Buenos Aires.

E: Não, digo desde Puerto Hormiguero até o porto de São Borja. O que mudou na cidade com essas barcas em 82?

Z: O que mudou é que antes se ocupava minimamente [a via], se podia ir e vir em meio dia, porque iam e vinham tantos argentinos e brasileiros que a barca ia cheia, ia uma e, era constante, tinha às 8, às 9, às 10. E não podíamos nem sequer dizer que horas voltaríamos, era meio dia de viagem, primeiro eram duas horas de viagem; a primeira barca saía às 8h, então tinha que estar às seis horas, duas horas antes, para poder passar. E para voltar, a mesma coisa, estar lá duas horas antes, e tinha fila, fila, fila. Era muito incômodo. E muitos ficavam lá para dormir, porque às seis horas da tarde fechavam... diziam 'às seis é a última', e não importava se havia ficado.

E: Se tinha ficado fora do país?

Z: Não importava. Às seis, fechavam, e alguém ficava na obrigação de ficar [*no outro lado*].

E: Me lembro de um editorial, do qual inclusive fiz uma análise, um editorial de 82, no qual o senhor mencionava a parábola do cão do hortelão, pois então a Gendarmeria parava os brasileiros que tinham ido para abastecer os carros, e tirava o combustível, a gasolina. Pode comentar?

Z: Pode ser, pois que antes e agora sempre há os vivos, os que se escapam às leis. Hoje tem os que param os coletivos e tiram o dinheiro, também. Isso foi antes, sacavam o combustível e se iam. Tenho isso na conta de um mau costume.

E: Passando aos anos 90, o processo de luta e negociações e de busca pela ponte. Que expectativas o senhor tinha para a ponte?

Z: Bom, expectativas... que posso dizer? Não me animava tanto pela expectativa, porque não sabia que com a ponte ia se fazer uma mudança tão grande. Quando isso começou, foi bem devagar, com caminhões de terra e areia. Mas quando se terminou, e se instalaram agências de câmbio, de turismo, controle de alimentos, técnicos, oficinas aqui e em São Borja... então eu não tinha uma preparação de futuro, da importância de progresso e da economia que a ponte ia deixar.

E: E em termos de convivência, de cultura, de trocas culturais e pessoais, o senhor esperava uma evolução?

Z: Sim, mais que tudo, porque agora já não se respeitava mais a água do rio, a água foi superada pela ponte. Por exemplo, para o carnaval vêm brasileiros em quantidade, porque vêm e se vão, têm como voltar. E antes não podia vir, porque teriam que dormir aqui, teriam que ter dinheiro, isso custava. Assim que eu não tinha essa imaginação de dizer que [a ponte] seria tão importante e de tantos ganhos econômicos para a nação e para os vizinhos, ainda que estejamos um pouco apertados. Quer comprar dois quilos de batata, mas só pode levar um, essas pequenezas. Mas, em grande escala, cada país pôs um banco. Se colocam um banco, é porque há ganho. Assim que mudou totalmente.

E: A presença do Estado na aduana, presença de serviços, principalmente segurança, controle de migração, e serviços agregados, o senhor acha que evoluiu muito?

Z: Isso era desconhecido para nós. Mas isso que [os criminosos] faziam de contrabando, do mau viver, eles têm que cuidar, mudar para outro local onde não os controlem tanto, enquanto que na ponte se controla tudo. Assim que em termos de segurança aqui é total, muito boa.

E: No que diz respeito às relações entre São Borja e Santo Tomé, que instituições o senhor acha que devem ser protagonistas, que instituições e setores o senhor considera que devem agir para evoluir as relações entre as duas cidades?

Z: Neste momento democrático, isso deve ser trabalhado pelos políticos. Os políticos que devem fazer todo o movimento para que a sociedade se beneficie. Porque eles, os políticos, pedem o voto, mas não devolvem nada. Penso que a parte democrática é a principal. E a outra, seria a pecuária, seria a sociedade rural. A sociedade rural de São Borja é um exemplo, os conheço tanto, tantas vezes visitei. Aqui não temos evoluído tanto como no Brasil, a mentalidade pecuarista é outra. Eu tenho participado de remates, de reuniões sociais, também em São Borja, com um gado de primeiro nível e aqui, não sei por que, estamos longe como instituições privadas. Outra coisa, o futebol é uma coisa comum, nós temos que fazer um intercâmbio nem que seja uma vez por ano, no aniversário de Santo Tomé, no aniversário de São Borja, mas não há. Estão separados. E bailes... não sei se se fazem bailes, acho que vão a barzinhos, aí vão os jovens, mas bailes grandes, não creio. Não sei, mas vão pessoas com outro poder aquisitivo.

E: O senhor pensa que, para fomentar o pensamento fronteiriço, o intercâmbio, buscar uma integração, os jornais, as rádios, as tevês podem ajudar, podem propor algo nesse sentido?

Z: Sim, sempre se pode dar um passo adiante. Mas os jornalistas não têm uma mentalidade de chefe ou o diretor, que diga "fico com isso". Não há uma transmissão, como seja, de um aniversário local, aniversário de São Borja, que uma rádio de Santo Tomé vá e transmita. Não, e o mesmo de lá para cá. Esse relacionamento é ausente. Digo mais: anos antes, vinha o Internacional de São Borja, tinha outras coisas. Isso está frio. Há muitos anos que não escuto que haja um intercâmbio desportivo.

E: O senhor disse agora um verbo, "esfriou". Estive falando com o senhor Roque e ele me passou um conceito similar. Ele me disse que a ele "parece que hoje as relações estão frias, paradas". Me parece que há uma concepção comum entre os senhores, que as relações estão paradas. Um pouco como que pararam, que foi uma geração que uniu forças pela ponte e por outras demandas, como as barcas, e isso passou. Pessoas dessa geração buscaram, se uniram, e agora que se completou o trabalho de construção de uma ponte...

Z: Verdade, é muito verdade, isso que falou Roque. Eu sinto que estão mais frias, não tem entusiasmo, até mesmo o Rotary Club, o Lions, que aparentemente são compostos por pessoas inteligentes, desprendidas, que não são mesquinhas, e isso mostra todo o contrário, não são inteligentes, são mesquinhas. Pois como que não vão comer uma janta com brasileiros, com argentinos, que venham aqui, que vamos para lá? E isso há anos atrás existia.

E: O sr. acredita que isso é uma questão geracional, também?

Z: Sim, é. E por culpa dos atuais dirigentes que temos, que mudaram, que se globalizaram pela televisão, na qual não creio muito. Não creio muito na televisão.

E: Por quê?

Z: Porque não existe objetividade entre eles. Há um assalto, e qual foi o motivo? Não buscam a razão própria do choque, mas sim chocam e buscam o escândalo, o choque da morte. Não há objetividade. Eles dizem o que veem, e esse jornalismo está muito capitalizado, há pessoas que pagam para que os jornalistas falem.

E: Que diferença fazia para o União estar em uma cidade fronteiriça? O senhor pensava nisso como um diferencial, ou não?

Z: Como?

E: Para o sr que conduzia o União, o fato de estar situado, circulante em uma cidade fronteiriça fazia uma diferença?

Z: Não. Diferença com a comunidade? Se tem algo que sempre destaque, é que nunca fiz diferença entre o empresário, o comerciante, o dono de banca e o que

varria a rua, para mim era um ser humano, para mim a notícia era o que fazia o empresário, o que varria a rua, eu contava tudo.

E: Talvez não tenha me feito claro. O fato de estar na fronteira, próximo dos vizinhos brasileiros, para o senhor era um aspecto particular, ou não era?

Z: Se havia um certo respeito com Union? Havia. Eu tinha, por meio do Union, contato com clubes sociais, desportivos, bochófilos, pecuaristas, comerciantes... era amigo deles. E os brasileiros me chamavam Don Carlos, e eu nunca fiz distinção, ao ponto que passavam anos em que eu ia com minha senhora e meus filhos, depois quando tive netos os filhos foram para a capital, ficamos os dois sós. E íamos a São Borja, passávamos um fim de semana lá, e vinham passar um fim de semana aqui, eles dormiam em minha casa, e dormíamos na casa deles. Me chamavam Don Carlos, então eu tinha que me cuidar.

E: Havia alguma vantagem, ou desvantagem, no fato do Unión circular em uma cidade fronteiriça? Isso importava?

Z: Não, não é que não importava. A mim me importava muito, porque o Unión tinha assinantes que recebiam pelo correio a toda a Argentina, Buenos Aires, Entre Rios. E também tinha os assinantes do Brasil, de São Borja. Eu ia lá e despachava os jornais a Santo Ângelo, São Paulo, porque lá tinha conhecidos, e por isso não cobrava deles.

E: Então o senhor tinha consciência de que era lido por brasileiros?

Z: Sim, sim.

E: Isso por certo o fazia pensar "opa, esse assunto importa por este ângulo, aquele ângulo, este motivo", não?

Z: Um contexto muito amplo; por isso, ao Brasil eu admiro e respeito, e sempre seguirei tendo amigos como agora.

E: Eu não vi no jornal, e por isso entendo que no Unión, embora tivesse publicidade de empresas brasileiras, não tinha notícias redigidas em português. Alguma vez o senhor pensou em produzir notícias ou seção em português no Unión?

Z: Não é que não ocorreu, é que não praticava. Conhece o engenheiro Brunelli, da ponte?

E: Sim, sim.

Z: A mulher do engenheiro Brunelli, era uma castelhana, falava o castelhano. E ela ia e me fazia matéria em português, e depois me traduzia em castelhano. E saía nos dois, em castelhano e em português.

E: No Unión?

Z: Sim. Saíam os dois, em Unión.

E: Em que época isso, pelos 90?

Z: Sim, já tinha a ponte.

E: Vou procurar, porque não tinha visto isso. Mas isso não foi uma prática comum no Unión?

Z: Não, não. Era periodicamente que fazia isso. A senhora Brunelli era uma mocinha muito ativa, muito movediça, que mandava a matéria, ou, caso contrário, me dava matéria em português.

E: Vou procurar. E era publicado nos dois idiomas?

Z: Sim, quando a notícia era sumamente importante, porque Brunelli era uma pessoa muito preparada. E era convidado a falar, a dar palestra, em colégios, e ele vinha.

## INICIA 2ª PARTE DA ENTREVISTA - DIA 20/09/2016

Entrevistador: Don Carlos, algumas dúvidas que ficaram da entrevista de ontem. Quantos exemplares o Unión tinha a cada edição?

Carlos Zapata: Quinhentos exemplares.

E: Este número foi constante?

Z: Sim, sim.

E: 500 exemplares a cada 15 dias?

Z: Sim. E esse número se dividia, ou se vendia, em Santo Tomé, e todas as localidades próximas. Tinha umas 5 ou 6 localidades próximas. E também tinha assinantes em São Borja. Saíamos e levávamos a São Borja também. O carro circulava em Santo Tomé e São Borja. Repartindo, ademais que em São Borja tinha publicidade e tinha assinantes.

E: Como o senhor decidiu por esse número de 500 exemplares? O que o fez decidir por esse número?

Z: Como começamos? Começamos por 300 exemplares. E depois se foi inteirando o pessoal de Buenos Aires, de Corrientes, de Córdoba. Então, por meio dos parentes que viviam aqui, enviava-se a edição por correio. Então saia para Buenos Aires, Córdoba, Santa Fé, Terra do Fogo... a todas as províncias argentinas chegava o Unión.

E: Então começou com 300 exemplares. E por interesse das pessoas e parentes, se foi ampliando?

Z: E chegou a 500. Diziam alguns santotomenhos: “ao invés de escrever uma carta aos filhos, envio o Unión”. Então isso mesmo me dizia o quão importante era para eles. Já não escreviam, mandavam o Unión.

E: Então esse era o número máximo?

Z: Sim, sempre fizemos 500 e aí paramos.

E: Em sua experiência, quem formava o público leitor do Unión?

Z: Era humilde, rico, peão, pobre, era de todos, chegava a todos os lares, não importava a vida social.

E: Não importava nem a classe social?

Z: Não importava nem a classe, nem o dinheiro. Porque para mim, o ser humano é um só. Tem dinheiro ou não tenha dinheiro, o mais importante é a educação, que éramos amigos, então entrava Unión. A casa não importava, ali chegava o Unión. Sempre tive em conta a amizade e a cultura, e a cultura não se compra, não se vende, não se demonstra. Então, eu era amigo de todos, não importava a vida social.

E: Então, o senhor considera que o Unión foi um jornal comunitário?

Z: Exatamente, um jornal comunitário, para todas as classes sociais. Político, não político, de um partido e de outro, não tinha diferença. Mas vou repetir, era só um, era o único. Então tinha que ter a responsabilidade de que era um para todos. Então, da mesma forma que trato a você, tinha que tratar ao prefeito, ao estabelecimento, ao peão, ao que varria a rua, tinha que abraçar a todos, porque todos eram leitores do Unión.

Z: Que notícias o Unión tinha que ter?

E: As notícias eram gerais. Comércio, economia, porque cada um tinha seu espaço. No caso da literatura, eu tinha literatos que colaboravam, tinha docentes, e escola, e eram bilíngues, porque tinha docentes que eram de São Borja e vinham a Santo Tomé, também cobriam as matérias. Todas as políticas, de pecuária, econômica, industrial, tudo, eu não fazia diferença com ninguém.

E: Não tinha então nenhuma resistência a ter notícias de um partido e de outro? Tinham espaço igual?

Z: Eu tinha todos iguais. Porque ia fazer uma nota, eu sempre lhes dizia, eu não sou ninguém, um jornalista é um jornalista, um jornalista não mente. O que pode me mentir é o entrevistado. Então, eu digo, o Herrera era o entrevistado. Quem me mentia, se havia mentira, era o entrevistado. Não era minha, porque não fazia comentário, "isso tal coisa, aquilo tal coisa". Dava sempre nome e sobrenome. Para que soubessem quem havia dado a notícia. Então não podiam dizer "o Unión mente", quem mente é o entrevistado. E quando eu sabia que podia ser mentira, tirava uma foto da pessoa. Era quem me havia dito aquilo. E eu sabia que não era assim, mas eu colocava. Então eu não tinha esses problemas, que esses problemas políticos, os políticos que se resolvam. Mas eu colocava "fulano de tal falou tal coisa de outro", eu colocava. E o outro queria responder, respondia.

E: A prefeitura, o conselho, faziam publicar editais?

Z: Mais ou menos. O prefeito, naquela época... não era um período democrático. Então, para ser prefeito não era preciso ter estudos, é preciso ser amigo dos militares. E nisso tinha problemas: não me davam, eu não pedia, e me deixavam à margem. Agora, em democracia, é o povo que elege. Se enganam se querem esquecer do povo. No tempo, tivemos durante muitos anos intervenção, elegiam um com o dedo, "serás o prefeito". Então, elegiam um, e eu não partilhava disso, estava sempre contrário a isso, que não podia ser que elegessem assim e que ordene. E por isso durante muitos anos tive muitos problemas com o prefeito.

E: Que tipos de problemas?

Z: De problemas? De início, que eu não o visitava, ele tampouco me recebia, porque queria impor a sua verdade, e a verdade do prefeito não era a do povo. Na democracia, é o povo que se engana, não o prefeito, e então era o prefeito que se enganava. Por isso tive muito problema com essa classe de político.

E: Mas era problemas de tentar censurar, ou de impedir que dissesse algo?

Z: Não, ele podia falar de tudo. Mas eu dizia que não era assim no jornal, que ele não podia, que era uma coisa muito distinta. Na democracia, muito ampla, muito grande, se pode falar. E então era ordem, e na ordem não, não se pode mandar por matéria. E esse era um problema que eu tinha, eu tinha uma educação política que superava a dele. Porque eu não aceitava que me mandasse escrito, se queria me dar uma entrevista sim, mas pronto não.

E: Não aceitava que mandasse material pronto?

Z: Não, não aceitava porque eu sabia que não era representante do povo, era um que não estava preparado para ser prefeito. Não estava preparado, o colocaram ali porque era bom para os militares, e contra o povo. Tive muitos problemas.

E: Como era, depois, no período da democracia? Como ocorria quando empresas, pessoas, prefeitura, conselho, o procuravam nos anos 90? Mandavam material pronto?

Z: No período da democracia me mandavam material pronto, e eu aceitava e publicava. Ainda que, antes, na época dos militares, não o prefeito, mas os militares me mandavam material pronto. E eu publicava tal qual vinha pronto. Os militares não estavam preparados para publicar jornal, e era aí que dava fuzilamento, matavam todos. Então, diziam "isto tem que publicar", publicava, senão podiam a me castigar. E eu teria um problema, porque a um jornalista ninguém defendia. O governo militar mandava "faça tal coisa", se fazia. Então, eles mandavam, o prefeito não, mas os chefes militares mandavam material pronto e eu publicava.

E: Mas mandavam pelo correio, por envelope?

Z: Não, vinha com um militar.

E: Trazia na mão?

Z: Trazia na mão, dizia "isto lhe envia o chefe". Então, eu colocava "comunicado oficial". Colocava a manchete, em fonte pequena, "comunicado oficial pelo chefe fulano de tal..." o que mandavam dizer ali, publicava.

E: Se pagava por isso?

Z: Por isso, não.

E: Mas por editais, se pagava?

Z: Às vezes, mas isso já na parte democrática. Quando um político te pedia, queria uma matéria, aí eu cobrava. Porque ele estava pedindo, que tu faças alguma matéria, dizendo tal e tal coisa, então, ele que estava inseguro. Eu não mentia, quem mentia era o entrevistado.

E: O sr. colocava a notícia, com um "a pedido", ou alguma marca que dizia que não era uma pauta sua?

Z: Não, não dizia, não dizia que me pagavam para isso. Mas sempre colocava a foto, que ele falou, que ele dizia, que ele dizia. Assim que sempre era o jornalista que manejava, que montava o jornal. E se não gostavam de alguma coisa, o político, o chefe dizia alguma coisa, era ele o responsável. Eu não buscava, eles é que me pediam.

E: Bem, falávamos de como havia essa integração em tempos passados, 80, 90. Lhe parece que isso esfriou, também me disse isso o senhor Roque. Que pensa que seja o motivo desse esfriamento?

Z: O que ocorre é que já estou aposentado há alguns anos, então não estou em ação, mas não é a mesma integração de antes, que faziam o Rotary, o Lions, os clubes de futebol, o exército, que me convidavam muito, como jornalista, e andava muito por aí. Os aniversários... havia mais integração. E agora não, não sei o motivo. Mas com a ponte, se faz mais fácil, se vai e se vem. Mas essa parte de partilhar, de festa familiar grande, me parece que parou um pouco. Não é o mesmo de antes da ponte. Antes se dava mais importância, antes da ponte, porque tinha que embarcar e voltar.

E: Isso é um tanto estranho, porque a ponte facilitou a passagem.

Z: Mudou a mentalidade. Antes eram mais unidos, tinha mais sentimento, essa necessidade, essa curiosidade e o fato de ter que respeitar a hora da barca. Eu digo, há mais amizade, mas não há participação, não vejo que seja como antes, antes era mais frequente, e mais amplo. E essa é a palavra, "mais fria", que define o agora.

E: Em seus anos como editor do Unión, que tipo de acontecimento, em sua rotina de produção de cada quinze dias, que tipo de acontecimento podia fazer com que atrasasse a edição um pouco mais para ter a matéria?

Z: O que ocorre é que os jornalistas de diário fazem a matéria de hoje. E os periódicos que tinham a semana para pensar, a fazem mais ampla. É como uma revista, é mais ampla, a notícia se dá com mais exatidão, é mais exato o que estão fazendo.



E: Com mais calma?

Z: Claro, com mais calma, e o mais brabo já teria passado, porque é uma coisa rápida, e o diário dá notícia do que ocorreu hoje. E o jornalismo de semana faz isso e mais o agregado, o porquê, onde e como ocorreu isso que virou notícia. Por isso o interesse que tem um semanário, é mais ampla a informação. O diário diz qual é a notícia, mas amanhã pode trocar.

E: Pode ter algo diferente?

Z: Sempre a notícia é uma coisa, e depois vem 10 comentários de uma notícia. E podes ter uma semana para pensar como é a coisa.

E: Para perguntar mais, fazer uma análise.

Z: Sim, mais frio.

E: Sim. Em algum momento o Unión mudou o processo de decisão das notícias que tinham que ir. O senhor lembra de algum momento que teve que mudar o processo, o critério de seleção de notícia?

Z: Não, eu tinha muita paixão por escrever no jornal. E Graças a Deus não troquei, viste que veio uma professora em busca o que se havia feito em 91. E essa era a verdade, não mudou, porque em 91 já tinha 20 anos de experiência, e quando comecei, era correspondente de outros jornais. Eu lhes mandava a notícia, e cortavam aquilo, aquilo outro. E às vezes ficava mal, porque enviava uma notícia de 10 centímetros e saia uma de 3 centímetros. Então, tudo isso eu fui aprendendo. Então dava a notícia e depois o porquê da notícia. E isso, bem, estive 6, 7 anos trabalhando em jornais grandes e o porquê da notícia sempre cortavam. E colocavam a notícia, e eu não, fazia o completo. Dizia o onde, o porquê, o quando. Fazia completa.

E: No processo produtivo, quando tinha que arrumar as pautas que o senhor percebia necessidade de construir, de sua própria criação, eu creio que devia ocorrer algumas sugestões: "Don Carlos, tem tal e tal assunto". Em relação aos materiais que enviavam pessoas, empresas, como fazia para decidir? Quais eram os critérios para decidir, dentre tantos materiais?

Z: Bom, isso é uma coisa pessoal, que eu creio que até hoje não se pode eliminar, mas tem que aclarar: quem é que faz a matéria? Então essa era a liberdade que sempre tive. Uma pessoa me mandava o material e não pensava que eu ia publicar, e eu publicava. Então isso abrandava o pessoal para que não fossem tão maus comigo. Eu publicava, não cobrava nada, e punha nome: "este vem de tal, tal e tal". Então, se ele falava mal de mim, e dizia, "como?" e "por qual culpa?" Eu nunca eliminei, nunca disse "esse não", mesmo o que falava mal de mim, eu punha, fulano falava mal de mim. Mas eu tinha apoio majoritário do povo, então eu ficava tranquilo. O maior caso que eu me lembro, uma pessoa importante como um prefeito, um conselheiro, um militar, vieram dizer "Carlos Zapata, me perdoe, me equivoquei". Mais de um me disse "me equivoquei no ano 2000, disse tal coisa de

ti". Isso me pediam. Eu punha o que pediam. Era ruim para mim, era contra mim, publicava mesmo assim. Eu nunca eliminei, e isso o que foi me fazendo dar um passo à frente, eles acreditavam que iam me fazer mal, e não. Eu dava um passo à frente.

E: Ao colocar as críticas ao Unión no jornal, pensavam que iam lhe fazer mal.

Z: Pensavam que iam fazer mal, que eu ia fechar, mas eu colocava, e acabava que eles é que ficavam mal.

E: Os materiais que vinham para o senhor publicar no Unión, vinham datilografados, vinham por telefone, por correio, as sugestões e os materiais prontos?

Z: Isso era um grau de amizade que tínhamos. Por telefone, seria um amigo que diria "está ocorrendo algo". Alguém mais próximo de mim, como jornalista, não um parente. Dizia "veja, em Virasoro ocorreu tal coisa". Me passavam os dados, e se a coisa era muito brava, já tinha todos os fios comigo. Se era policial, chamava a polícia; se era comercial, chamava um comerciante; se era de esportes, chamava um desportista. Me davam o fio para puxar a meada, para desenvolver tudo. Assim começava. Me avisavam, tinham muita confiança em mim, me avisavam. Isso eu ganhei com o tempo. Com tempo, e por isso eu dizia, eu não tenho inimigos. Eu não sou inimigo de ninguém, há quem seja meu inimigo, mas eu não sou inimigo.

E: Falamos há pouco de reclamações. Os leitores reclamavam do Union para o senhor?

Z: Quando não gostavam de uma matéria?

E: Quando não gostavam de uma matéria, ou quando havia algo de que não gostavam. De que reclamavam?

Z: Veja, ninguém é perfeito no que faz. Assim que certamente que muitas coisas me foram perdoadas em silêncio. E em outros casos, claro, escutava "estiveste mal, não devias ter feito isso", mas foram poucos casos. Eu não era inimigo de ninguém, e isso foi consequência e chave do meu êxito de 40 anos no jornalismo. Falavam mal de mim e eu não levava em conta, deixava passar. E o tempo me deu razão, porque esses que falaram mal de mim me pediram perdão, porque há 20 anos falaram mal de mim. Por isso tenho um grande conceito e sou feliz com o que fiz. E sigo demonstrando, és uma testemunha, estive aqui uma professora para buscar uma notícia de 91, faz muito anos. Estive aqui também uma outra senhora, buscando outro material do ano 2000.

E: Dos materiais e das dicas que lhe davam de fatos, e somando a isso os pedidos de publicação de materiais, quem eram os principais interlocutores? Os principais que lhe pediam para publicar algo, e que lhe informavam?

Z: Da parte social?

E: Não, da parte social não. Instituições e pessoas que lhe contatavam para lhe pedir que investigasse algum dado ou que publicasse alguma coisa.

Z: A mim davam os dados as pessoas que conhecia e tinha amizade. Vinham e diziam "fulano de tal fez tal coisa", então eu investigava. Então eu ia e sabia onde perguntar se era verdade. Então nunca tive esse problema, porque a gente me conhecia, era muito conhecido, e sabiam que eu ia publicar. E se me falava, havia quem queria que eu publicara algo, tinha muitos que diziam "não diga que eu te disse". E comigo não, comigo não, eu digo quem me disse. Tinha muito isso "veja, te dou um dado mas não diga que fui eu".

E: Queriam, como se diz, plantar algo?

Z: Queriam falar mal de outro, mas como se não me tivesse dito, como se eu tivesse me inteirado. E eu dizia "fulano de tal disse".

E: Em visitas anteriores, o senhor me disse que o Unión é uma fonte de informação sobre o passado, que as pessoas da comunidade têm segurança de que vão encontrar informação sobre um fato, uma pessoa. Quantas procuras por ano, numa estimativa? Quantas pessoas vem procurar no arquivo do Unión por ano?

Z: Mais ou menos, 50 pessoas. É um número importante. Quando se aproxima o carnaval, vem a gente de carnaval procurar matéria. Depois, quando chega o festival de folclore, vem procurar como era antes os artistas. Depois, vem a carrera de bicicleta, tem mais de 50 anos a carrera de bicicleta, regional, vêm ao arquivo ver como era. O arquivo, e agora que tenho digital, depois de 2000 tenho em digital. Antes era só em papel, tinha que procurar em papel.

E: Esse arquivo digital se preparou depois de sua aposentadoria?

Z: Um pouco antes.

E: Foi a prefeitura?

Z: Não a intendência, mas um senhor da prefeitura naval, tinha um equipamento. Ele me disse "veja, vou fazer um arquivo digital para mim". E o Unión tinha já os arquivos impressos. E me deu o arquivo em 4 cds. Foi a prefeitura naval. Esse senhor levou o arquivo de papel, tinha o equipamento, tinha a gente, tinha tudo.

E: E hoje, quem queira pesquisar o arquivo de Unión, tem que vir aqui obrigatoriamente, ou há outros pontos? Porque sei que o senhor tem o arquivo impresso, e em digital. Pode procurar em outros locais, ou somente aqui?

Z: Na prefeitura naval. Eles têm uma parte do arquivo, e eu tenho todo. Essa é a diferença. Porque um chefe, amigo meu de tantos anos, do que ele fez de dois anos, eu fiz de todo o arquivo. Ele me disse que ia me dar de presente o arquivo digital inteiro, e lhe dei o arquivo de papel, e eles começaram a copiar. Assim que sei que tenho o digital completo.

E: Há cópia do arquivo de Unión em outra parte de Santo Tomé? Ou ao menos uma parte, em outro local de Santo Tomé?

Z: Somente aqui.

E: Somente aqui?

Z: Sim. E depois eu dei de presente para a biblioteca, para o colégio. Mas não há segurança nessas instituições, porque sempre se encontra entre eles, pode se cortar e estragar o material. Pode haver em colégio, e outras instituições, que eu dei de presente, mas doe sem encargos. Todos os números sem encargos, para instituições como a polícia, sem encargos. Porque era sem encargos por eu não cobrar, mas tinha a devolução porque me davam matéria, porque era para o Unión.

E: Lhe davam informações em troca?

Z: Sim, e eu lhes dava o Unión. E para outras instituições.

E: Acaso o senhor já pensou em colocar o arquivo da Unión na Internet?

Z: Não, não, creio que não, ainda mais agora que tenho um problema de saúde.

E: E não tem interesse?

Z: Não, todavia não. Não tenho interesse.

E: O senhor pensa que no passado, em 1982, 1997, as pessoas de Santo Tomé tinha interesse em saber do que ocorria em São Borja?

Z: Tanto assim, nesse ano, em Santo Tomé, que havia um cônsul brasileiro aqui. E era uma pessoa que andava muito, muito respeitada e querida, que era Miguel Centeno, cônsul honorário do Brasil. Então ele fazia muito para que houvesse essa integração, como o 7 de setembro, as festas, e era um brasileiro. Faleceu o senhor cônsul, e também se freou, se esfriou, como dizia.

E: Os Centeno não são aquela família de brasileiros que vieram aqui para ajudar na refundação de Santo Tomé?

Z: Sim, eram os pais dele que vieram para Santo Tomé. Pois Santo Tomé foi fundado quase por brasileiros, eram um braço de São Borja que vieram para cá, esses Centeno. E quando, na vinda do cônsul que tinha aqui, meio que fiz a pergunta que faltava, que consulado que havia em Santo Tomé? Porque era uma pessoa dada, tinha fazenda e tudo em Santo Tomé, tinha muito dinheiro. E gostava de fazer união. Então, que ocorria? As festas de Brasil se festejavam em Santo Tomé porque tinha um consulado. E o cônsul era uma pessoa aberta, que gostava da festa, da união.

E: Tinha nessa época uma contraparte, um cônsul de Santo Tomé em São Borja?

Z: Sim, teve também, um cônsul de Santo Tomé em São Borja.

E: Quem era?

Z: Ele se chamava Fan Sanchez.

E: Ivan Sanchez?

Z: Não, Fan, F, A, Fan Sanchez.

E: Fan Sanchez?

Z: Sim, ele vivia em São Borja, e era de Santo Tomé.

E: Que fazia ele?

Z: Era do consulado.

E: Sim, mas além de ser cônsul? Pecuarista?

Z: Não era nada mais, foi nomeado pelo governo.

E: Mas era pecuarista, algo?

Z: Mais certo, era comerciante. Depois, quando começou na política, se fez político, abandonou o negócio, foi nomeado cônsul no Brasil.

E: Então Miguel Centeno aqui, Fan Sanchez lá, colaboravam, trabalhavam juntos?

Z: Penso que sim, porque então andávamos todos bem. Eu conhecia mais o cônsul do Brasil, porque vivia aqui, e todo, e o outro vivia do outro lado, e era mais difícil, tinha que pegar a barca ou a lancha para ir, não tinha como ir e vir.

E: Não tinha a comodidade que temos hoje com a ponte.

Z: Claro, com a ponte, vai e vem. E antes levava meio dia, e ia tanta gente que não sabia a que horas ia passar, se ia na primeira balsa, na segunda ou na terceira, e para voltar a mesma coisa.

E: Que tipo de fato, de acontecimentos em São Borja poderia ser importante para União?

Z: Para mim o mais importante, e que já passou, quando se uniu a comissão pró-ponte. Nesse papel se colocou a comissão pró-ponte. 4 argentinos, 4 brasileiros, 4 de São Borja, 4 de Santo Tomé. Isso se teria que fazer na parte desportiva. Antes vinha o Internacional, vinha o Grêmio, vinham todos estes. Agora não vem mais. Não sei o que ocorreu. Antes tinha outras reuniões; no 25 de agosto, que é o aniversário de Santo Tomé, vinham muitos brasileiros, agora não. O que vem em si, pela ponte, para as noites de carnaval. Teria que ter mais interesse das autoridades.

E: Como lhe parece que os santotomenhos de hoje pensam de São Borja? Como avalia a relação hoje?

Z: Digo que hoje há uma grande relação, um grande respeito, e até é reconhecido que São Borja tem mais intelectuais que Santo Tomé, tem mais interesse, mais integração. Antes tinha professores daqui que iam dar aulas em São Borja, creio que agora não vão mais. Mas sempre existe essa boa relação. A tal ponto que faz pouco que houve um casamento de um jovem de São Borja que se enamorou de uma menina daqui de Santo Tomé. E foram viver em São Borja. E até hoje, de forma que há uma boa relação, o que ocorre é que com a ponte também não se vem tanto, porque antes com a barca voltavam porque estavam aí, e falavam. E

hoje, há uma boa relação, mas o conceito que Santo Tomé tem de São Borja é excelente.

E: Mas a relação mudou, se diz que esfriou um pouco.

Z: Se esfriou um pouco, quase que toda. Agora no aniversário de Santo Tomé não veio nenhum brasileiro, antes vinham mais. Antes vinham, agora não teve um que veio. Não sei do outro lado como está, mas não existe. Mas de qualquer forma, se tem um bom conceito da gente, da indústria, de progresso total, social, esportivo, comercial de São Borja, muito bom, muito bom.

E: Lhe parece que os veículos de imprensa podem influir na melhoria das relações entre as duas cidades? Lhe parece que os jornais, as rádios podem influir tanto para bem quanto para mal nesses relacionamentos?

Z: Lhe agradeço essa pergunta que fazes. As rádios de Santo Tomé estão a serviço de radialistas de São Borja. De Santo Tomé para lá não tenho certeza. Mas de São Borja tem. Há rádios de Santo Tomé que tem programas exclusivos de São Borja.

E: Ah é? Qual? Tem algum nome de programa?

Z: Sim, sei que a rádio Sol, que fica daqui a duas quadras, sempre teve programas especiais de brasileiros, que vinham radialistas brasileiros e falavam. Sempre, durante muitos anos. Agora não posso te dizer, porque não acompanho mais.

E: E jornais, não?

Z: Não, jornais não. O que tinha era uma relação pessoal que tinha com Roque, mas intercâmbio escrito, não.

E: Lhe parece que se os jornais locais começam a tratar mais de temas fronteiriços, começam a propor temas, lhe parece que podem influir, podem ajudar?

Z: Poder, podem. E lhe digo o porquê. Porque em Santo Tomé há muitas famílias brasileiras, e sua língua original é o português. Que venham aqui e, se tem que fazer assinantes, venham e coletem todas as semanas. Há muitas famílias do Brasil.

E: Lhe parece que pode ser um negócio rendoso e que pode ajudar a integração?

Z: Sim, total. Sobre o negócio, não sei o comércio, mas pelas famílias lhe digo que sim, porque há muitos brasileiros que vieram adultos para Santo Tomé, com filhos e netos em Santo Tomé, com 60, 70 anos. Que recebam jornal de São Borja, não creio. E eu fazia isso com o Unión e me acertava.

E: Sim, porque eu penso que os jornais podem ajudar, mas não tenho a experiência de criar um jornal local, interiorano, fronteiriço. Por isso é importante a análise de quem criou um jornal.

Z: Isso tens que ter, em qualquer jornal de São Borja, estamos mais próximos da Folha, temos que investigar e entrevistar aos brasileiros, que tem muitos. Dizer que

vai chegar toda a semana a folha. Mas como fazer, esse trabalho editorial? Eu pegava o carro e ia. E isso poderia ser enviando aqui para coletar assinantes, e pagar por mês.

E: Então acredita que a imprensa pode influir, mover lideranças, prefeitos, conselheiros para que trabalhem em prol da integração?

Z: Que nomeiem um correspondente, que venda a Folha, que traga a Santo Tomé 15, 20 jornais. Há brasileiros de boa posição econômica, e não perdem a língua, por nasceram com o português, nasceram e se criaram com o português, dominam bem. Assim que de lá para cá pode ser importante, assim como era de cá para lá, sabia que tinha 30 assinantes, comércio e casas, eu levava. E aí chega no comércio daqui, faz a publicidade. Tudo depende de uma condução comercial.

E: Bom, muito obrigado Don Carlos, pela entrevista.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria Acadêmica  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [proacad@pucrs.br](mailto:proacad@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br/proacad](http://www.pucrs.br/proacad)